

LETRAS NO SUL PESQUISA, ENSINO, EXTENSÃO

TEXTOS EM HOMENAGEM
A ÉRICO VERÍSSIMO

Organização:

Anselmo Peres Alós e Taís da Silva Martins



Letras no Sul:
pesquisa, ensino e extensão
Textos em homenagem a Érico Veríssimo

Reitora: Martha Bohrer Adaime

Vice-reitor: Tiago Bandeira Marchesan

Diretor do Centro de Artes e Letras: Gil Roberto Costa Negreiros

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras:

Raquel Trentin

Avaliação técnica: Equipe Estúdio Editorial PET Letras

Preparação de originais: Ana Cláudia Dias Moreira, Isadora Hoppe, Alessandra Soares Farias, Laura Giséli CeolinMess, Natália Uriarte Fauro, Yasmin Garcia Marques e Vitória Carolini Ferraz Oliveira, Marina Boeira Chaves, Jaíne de Fátima Machado da Silva.

Revisão: Leonardo Castro de Lima, Marina Pacheco Rocha, Sabrina Franz, Vitória Carolini Ferraz Oliveira, Jennifer Sophia Borba Koester.

Apoio:



**Anselmo Peres Alós
Taís da Silva Martins
(Orgs.)**

**Letras no Sul:
pesquisa, ensino e extensão**
Textos em homenagem a Érico Veríssimo

E-book



São Leopoldo
2026

© Dos autores – 2026

Editoração: Oikos

Revisão: Dos autores

Capa: Juliana Nascimento

Diagramação e arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Conselho Editorial:

Ana Silvia Volpi Scott (IFCH/NEPO – UNICAMP)

Avelino da Rosa Oliveira (Pesquisador UFPel)

Danilo R. Streck (Universidade de Caxias do Sul)

Elcio Cecchetti (GPEAD/FURB)

Eunice S. Nodari (UFSC)

Haroldo Reimer (UEG)

Ivoni R. Reimer (Bolsista de Produtividade CNPq)

João Biehl (Princeton University)

Luiz Inácio Gaiger (Pesquisador Ciências Sociais)

Martin N. Dreher (IHSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raúl Fornet-Betancourt (Intern. Schule für Interkult. Philosophie Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (Centro Universitário São Camilo)

Samira P. Moretto (UFFS e UFSC)

Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – B. Scharlau

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848 / 9 81149642

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

L649 Letras no Sul: pesquisa, ensino e extensão. Textos em homenagem a Érico Veríssimo. [E-book]. / Organizadores: Anselmo Peres Alós e Taís da Silva Martins. – São Leopoldo, RS: Oikos, 2026.

301 p.; il.; color.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-65-5974-377-3

1. Literatura – História e crítica. 2. Ensino – Pesquisa – Literatura. 3. Érico Veríssimo – Estudos. I. Alós, Anselmo Peres. II. Martins, Taís da Silva.

CDU 82.09

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Sumário

Apresentação – Notas sobre um trabalho coletivo	9
<i>Profa. Dra. Taís da Silva Martins</i>	

PARTE I – Dossiê de Érico Veríssimo

Letras no Sul, narrativas do sul: dossiê em homenagem aos 120 anos do nascimento e aos 50 anos da morte de Érico Veríssimo	12
<i>Anselmo Peres Alós</i>	
Érico Veríssimo: editor, tradutor e traduzido	20
<i>Nícollas Cayann</i>	
Três gatos pretos: Érico Veríssimo em tradução	42
<i>Nícollas Cayann</i>	
A literatura sul-rio-grandense e a questão das elites crioulas	66
<i>Nícollas Cayann</i>	

PARTE II – Percursos e Vivências: ações do PET Letras Laboratório Corpus

2017 – Mas... O que o PET faz? As oficinas, palestra e pesquisa	86
<i>Grupo PET 2017</i>	
2018 – Novo ano, novas ideias, novos percursos	97
<i>Grupo PET 2018</i>	
2019 – Percorrendo caminhos já conhecidos	105
<i>Grupo PET 2019</i>	
2020 – Um ano atípico e a reinvenção e adaptação dos projetos	115
<i>Grupo PET 2020</i>	
2021 – E a continuidade de um ano em rede	143
<i>Grupo PET 2021</i>	
2022 – Os desafios do retorno às atividades presenciais: o pós-pandemia ...	160
<i>Grupo PET 2022</i>	
2023 – O fim do percurso ou um novo percurso? Um grupo renovado ..	169
<i>Grupo PET 2023</i>	

2024 – Ressonâncias de um trabalho coletivo	184
<i>Grupo PET 2024</i>	

PARTE III – Percursos e memórias: identidades petianas

Encontros, percursos e permanências: o papel do PET na construção do <i>eu</i> e do <i>nós</i>	202
---	-----

Alessandra Stefanello

Eduarda Figueiredo Rodrigues

A identidade petiana e a construção de um percurso ativo na universidade pública: experiências de uma ex-petiana do PET Letras da UFSM	211
--	-----

Camila Machado Cruz

Como o PET Letras colaborou para o desenvolvimento de nossa vida acadêmica? Ser petiano é ser inspiração	220
---	-----

Gabriela Gonçalves Ribeiro

Jaíne da Silva

Evolução e contribuição	225
-------------------------------	-----

Guilherme Hatwig Piper

Programa de Educação Tutorial: um espaço de formação acadêmica e profissional dos discentes dos cursos de Letras	229
---	-----

Laura Valerio Sena

Práticas coletivas no PET Letras: o trabalho e conhecimento compartilhados entre o individual e para coletivo	236
--	-----

Robson Severo

Cinco anos de PET Letras: contribuições do Programa de Educação Tutorial à formação acadêmico-profissional discente	241
--	-----

Vitória Carolini Ferraz Oliveira

PARTE IV – Percursos e projetos: relatos de experiências

Os fazeres de pesquisa, ensino e extensão (entre)laçados na/pela iniciação científica: vivências acadêmicas de impacto	254
---	-----

Caciane Souza de Medeiros

Uma parceria de sucesso: muitos projetos e muitos afetos	259
--	-----

Rosaura Albuquerque Leão

As literaturas africanas ao longo do século XX: um olhar panorâmico e comparatista	262
<i>Anselmo Péres Alós</i>	
<i>Laura Valerio Sena</i>	
<i>Marina Boeira Chagas</i>	
<i>Sabrina Franz</i>	
<i>Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos</i>	
Arquivo e memória na construção de um projeto coletivo: História do Conhecimento Linguístico	278
<i>Ysadora Pereira Rangel</i>	
<i>Bibiana Souza Reis</i>	
<i>Isadora Hoppe Chielle</i>	
<i>Raquel Michels Ilha</i>	
<i>Taís da Silva Martins</i>	
Ensino de Literatura: práticas de letramento literário	291
<i>Andrea do Roccio</i>	
<i>Gabriel Dall’Agnol</i>	
<i>Paloma Stein</i>	

Apresentação

Notas sobre um trabalho coletivo

Letras no Sul: Pesquisa, Ensino e Extensão – textos em homenagem a Érico Veríssimo é uma obra coletiva que apresenta a diversidade de pesquisas, trabalhos e ações desenvolvidas por docentes e discentes dos Cursos de Letras da Universidade Federal de Santa Maria.

Este trabalho está dividido em 4 partes. São elas:

Parte I – *Dossiê de Érico Veríssimo* – que traz textos sobre a obra deste importante escritor gaúcho, no ano em que comemoramos os cento e vinte anos de nascimento e os cinquenta de morte do autor, um dos mais importantes romancistas brasileiros do século XX. Anselmo Peres Alós e Nicollas Cayann. Cabe destacar que o professor Anselmo é um parceiro de longa data do Grupo PET Letras (inúmeros petianos e ex-petianos foram orientados por ele) e que a temática abordada neste dossiê foi apresentada em oficinas organizadas pelo PET.

Parte II – *Percursos e Vivências: ações do PET Letras Laboratório Corpus Letras* – que traz à tona um conjunto de atividades desenvolvidas pelo Grupo PET Letras, no período compreendido entre 2017 e 2024. Tais atividades são resultados de ações dos projetos de ensino, pesquisa e extensão, planejados, organizados e realizados pelos petianos e petianas e pela professora-tutora do grupo. Há ainda o relato de um expressivo número de atividades realizadas em parceria com outros professores dos Cursos de Letras que ao longo deste período foram parceiros do PET Letras orientando projetos e pesquisas.

– Parte III – *Percursos e memórias: identidades petianas* – que apresenta tanto relatos de experiência produzidos por ex-petianos e ex-petianas, relatos esses que evidenciam o papel do PET na formação acadêmica e profissional do graduando em Letras.

Parte IV – *Percursos e projetos: um fazer científico – composta por artigos científicos escritos por professores parceiros do grupo PET Letras individualmente ou em co-autoria com petianos e ou ex-petianos. Os docentes que aqui figuram como autores, são aqueles que se estabeleceram como colaboradores do grupo nestes últimos anos cinco anos, como por exemplo, a profa. Andrea do Roccio Souto e a profa. Rosaura Albuquerque Leão, que sistematicamente tem se colocado como parceiras do grupo, organizando eventos, orientando projetos e pesquisas e participando das seleções de membros do grupo.*

Por fim, cabe salientar, que ao apresentar neste livro o percurso trilhado nos últimos anos de trabalho do Grupo PET Letras, que em 2025 completa 15 anos de fundação, buscamos trazer à tona a importância do Programa de Educação tutorial na formação do acadêmico em Letras, sendo eles integrantes vinculados ao PET ou acadêmicos que vivenciam as atividades propostas pelo grupo. Nesse viés, é importante salientar que o Grupo PET Letras – Laboratório Corpus, assim como os demais grupos PET, segue o preceito da indissociabilidade entre a tríade ensino, pesquisa e extensão.

Profa. Dra. Taís da Silva Martins

Professora-tutora do Grupo PET Letras – Laboratório Corpus
Santa Maria, 21 de dezembro de 2025

PARTE I

Dossiê de Érico Veríssimo

Letras no Sul, narrativas do Sul: dossiê em homenagem aos 120 anos do nascimento e aos 50 anos da morte de Érico Veríssimo¹

Anselmo Peres Alós

O autor, seu tempo e sua obra

Em 2025, comemoram-se simultaneamente os cento e vinte anos de nascimento e os cinquenta de morte de Érico Veríssimo, um dos mais importantes romancistas brasileiros do século XX. Essa coincidência de datas oferece uma ocasião privilegiada para revisitar a trajetória de um escritor cuja obra, embora profundamente enraizada na cultura do Rio Grande do Sul, alcançou dimensão universal pela amplitude de suas inquietações éticas, históricas e existenciais. Autor de uma ficção que transita entre o romance psicológico e a saga histórica, Veríssimo construiu uma literatura marcada por uma consciência humanista que atravessa guerras, revoluções, crises ideológicas e dramas íntimos. A reflexão sobre sua vida e sua obra, à luz do duplo marco de 2025, permite compreender não apenas o percurso singular de um artista, mas também os impasses e as esperanças de uma época que ainda ressoam no presente.

Érico Veríssimo nasceu em 17 de dezembro de 1905, em Cruz Alta, pequena cidade do interior gaúcho que seria, mais tarde, transfigurada em seu universo literário sob o nome ficcional de Santa Fé. Filho de Sebastião

¹ Reflexões construídas sob o âmbito do projeto *Veríssimo e a Tradução Perdida: a black cat on a field of snow*, por mim coordenado, no qual atua, sob minha supervisão, Niccolas Cayann. Projeto financiado pela FAPERGS, Edital 07/2022, o projeto está alocado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, junto à linha de pesquisa Literatura, Cultura e Interdisciplinaridade.

Veríssimo da Fonseca, farmacêutico e comerciante, e Abegahy Lopes Veríssimo, o escritor cresceu em um ambiente de classe média provinciana, marcado por certa rigidez moral e por frequentes instabilidades econômicas. Desde cedo, demonstrou inclinação pelas artes e pela leitura – especialmente pelos romances de aventura e pelas traduções de escritores europeus e estadunidenses que chegavam, com atraso, às livrarias do interior. A infância em Cruz Alta deixou marcas profundas em sua sensibilidade narrativa. Em suas memórias, publicadas sob o título *Solo de clarineta*, Veríssimo rememora a ambiguidade daquele espaço: ao mesmo tempo, cenário de encantamento e confinamento, de sociabilidade e repressão. O desejo de escapar do horizonte limitado da província, de abrir-se para o mundo, já se insinua nesse menino leitor que pressente a vastidão do tempo e a precariedade do destino humano.

Em 1927, após dificuldades financeiras que levaram à falência do pai, Veríssimo transferiu-se para Porto Alegre, onde iniciou sua carreira profissional como professor de inglês, tradutor e, mais tarde, funcionário da Editora Globo. Esse período foi decisivo para sua formação intelectual. Na capital gaúcha, aproximou-se dos círculos modernistas locais e do ambiente editorial em expansão. A partir de 1930, sua atividade na Globo – primeiro como tradutor e, posteriormente, como editor – colocou-o em contato direto com a literatura internacional e com o debate cultural sobre a modernização do Brasil. O primeiro livro, *Fantoches* (1932), uma coletânea de contos, já revela domínio técnico e observação psicológica. Mas é com *Clarissa* (1933) e *Caminhos cruzados* (1935) que se consolida a voz do romanista. Essas narrativas urbanas, ambientadas em Porto Alegre, exploram os conflitos de uma classe média em transição, dividida entre valores tradicionais e o ritmo acelerado da modernidade. A jovem Clarissa, figura de sensibilidade e esperança, simboliza a pureza diante da corrupção do mundo adulto; já *Caminhos cruzados* representa a maturidade estrutural e estilística do autor, ao articular múltiplos personagens e perspectivas – prenúncio do olhar coral e polifônico que caracterizaria sua ficção posterior.

Desde os anos 1930, Veríssimo firmou-se como um escritor empenhado em pensar o homem em sociedade. Diferentemente de outros modernistas, não se alinhou a vanguardas estéticas ou a programas ideológi-

cos rígidos. Sua literatura funda-se antes em um humanismo laico, que se expressa na defesa da liberdade individual, da tolerância e da justiça social. É um humanismo crítico, consciente das contradições da modernidade, mas ainda confiante na possibilidade de regeneração moral. Durante o Estado Novo, essa postura adquiriu contornos éticos e políticos claros. Em romances como *O resto é silêncio* (1943) e *O Senhor Embaixador* (1965), o autor problematiza o autoritarismo e as formas sutis de opressão. Em *O resto é silêncio*, o suicídio de um personagem serve de ponto de partida para uma reflexão sobre a hipocrisia social e a solidão nas grandes cidades. Já *O Senhor Embaixador* – publicado em plena ditadura militar – adota um tom alegórico para denunciar as contradições do poder e o desencanto político das elites latino-americanas. Em ambos os casos, Veríssimo articula o drama pessoal ao contexto histórico, evidenciando que a crise do indivíduo é também a crise de um mundo em transformação.

A consagração definitiva de Érico Veríssimo dá-se com *O tempo e o vento*, trilogia monumental publicada entre 1949 e 1962 (*O continente*, *O retrato* e *O arquipélago*). Essa obra, que percorre mais de duzentos anos da história do Rio Grande do Sul, é ao mesmo tempo um épico regional e uma reflexão sobre o processo de formação nacional. Através da rivalidade entre as famílias Terra e Cambará, o escritor constrói uma narrativa que combina história, mito e memória coletiva. *O continente* cobre o período das lutas de fronteira e das guerras civis, apresentando personagens que encarnam a dureza e o heroísmo da colonização. *O retrato*, ambientado no início do século XX, centra-se na figura de Rodrigo Cambará, político carismático e contraditório que simboliza a modernização ambígua do país. Por fim, *O arquipélago*, escrito já sob o impacto das transformações políticas do pós-guerra, revisita o tema da liberdade e da responsabilidade individual em meio à decadência das elites tradicionais.

Do ponto de vista formal, *O tempo e o vento* é também uma síntese da evolução narrativa de Veríssimo. O autor combina técnicas realistas e experimentações modernas – alternância de vozes, saltos temporais, introspecção psicológica – sem romper com a clareza comunicativa que sempre o caracterizou. Ao fazê-lo, aproxima-se da tradição do romance histórico ocidental, mas imprime um ritmo brasileiro, atento à oralidade e ao mosai-

co de etnias e culturas que compõem o país. Mais do que um relato histórico, a trilogia é uma meditação sobre o tempo como força modeladora da existência humana e sobre o vento como metáfora da mudança incessante. Nessa dialética entre permanência e transformação, Veríssimo propõe uma filosofia da história que reconhece tanto a tragédia quanto a esperança. O autor, que viveu as duas guerras mundiais e os períodos de ditadura e de democracia, projeta no ciclo familiar dos Cambará uma leitura moral da história: a busca pela liberdade, embora precária, é o que define o ser humano.

A década de 1940 marca também a internacionalização de Érico Veríssimo. Entre 1941 e 1945, o escritor viveu nos Estados Unidos, convidado pelo Departamento de Estado para realizar conferências sobre o Brasil. Essa experiência ampliou seu horizonte cultural e consolidou sua imagem como intelectual cosmopolita. O resultado mais imediato dessa estadia foi o livro de memórias e ensaios *Gato preto em campo de neve* (1941), no qual registra suas impressões sobre a sociedade norte-americana com humor, ironia e sensibilidade observadora. Posteriormente, voltou aos Estados Unidos como professor visitante e, mais tarde, como diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, em Washington. Essa vivência diplomática forneceu material para romances de ambientação internacional, como *O Senhor Embaixador* e *O prisioneiro* (1967). Neles, analisa as tensões políticas e morais da Guerra Fria, demonstrando preocupação crescente com a perda de valores éticos e com o risco da alienação do homem moderno.

O contato com outras culturas, longe de afastá-lo do Brasil, reforçou seu senso crítico em relação ao país. Em entrevistas e artigos, Veríssimo insistia na necessidade de um Brasil mais educado, mais justo e mais consciente de sua pluralidade. Seu cosmopolitismo não significava evasão, mas ampliação de perspectiva: a partir do mundo, reencontrava o sentido do local. Nos anos finais, dedicou-se à redação de suas memórias, *Solo de clarineta*, cujo primeiro volume foi publicado em 1973. Nesse texto, revisita sua vida com serenidade, ironia e um tom elegíaco que anuncia o fim de um ciclo. Morreu em 28 de novembro de 1975, em Porto Alegre, vítima de um infarto, aos sessenta e nove anos de idade. Sua morte interrompeu a escrita do segundo volume das memórias, publicado postumamente em 1976, em edição organizada pela família.

O falecimento de Veríssimo foi amplamente lamentado no meio cultural brasileiro e latino-americano. Sua figura pública – de homem afável, de convicções democráticas e de moderação intelectual – simbolizava um tipo de escritor que conciliava popularidade e densidade artística. Ao longo da vida, manteve postura ética que o afastou tanto do sectarismo ideológico quanto do oportunismo político, preservando a integridade de sua voz. Cinquenta anos após sua morte, sua obra permanece viva, reeditada e estudada em universidades dentro e fora do Brasil. Sua linguagem clara, seu humor e sua sensibilidade humanista continuam a dialogar com novas gerações. No contexto de um mundo fragmentado e violento, seu ideal de tolerância e compreensão mútua ressoa como herança necessária. A celebração de seu centésimo vigésimo aniversário de nascimento, em 2025, oferece não apenas um tributo histórico, mas também uma oportunidade de reavaliar o papel da literatura como forma de resistência e de empatia.

A integração entre biografia e obra em Érico Veríssimo não se limita a paralelismos superficiais. Sua ficção é, em muitos aspectos, uma autobiografia espiritual – o retrato de um homem em busca de sentido num mundo em crise. A trajetória do autor, do jovem de Cruz Alta ao intelectual cosmopolita, reflete-se na transição de sua narrativa: das pequenas histórias urbanas de *Clarissa* e *Caminhos cruzados* às grandes sínteses históricas de *O tempo e o vento* e *Incidente em Antares* (1971). Este último, publicado poucos anos antes de sua morte, retoma o cenário do interior gaúcho para compor uma sátira política e existencial em forma de alegoria fantástica. Ao narrar a greve dos mortos que se recusam a permanecer enterrados enquanto os vivos mantêm o poder e a corrupção, Veríssimo atinge um ponto de culminância simbólica: o diálogo entre a história e o absurdo, entre o realismo e a fábula.

A coerência entre ética e estética, tão evidente em sua carreira, deriva de um princípio fundamental: a crença na literatura como instrumento de compreensão do humano. Mesmo nos momentos mais sombrios – as ditaduras, as guerras, a alienação tecnológica –, o escritor nunca renunciou à possibilidade de um mundo melhor. Essa convicção confere unidade a uma obra que atravessa quatro décadas e múltiplos estilos, mas que conserva sempre a fidelidade a um mesmo núcleo moral. Revisitar Érico Veríssimo em 2025 implica reconhecer a atualidade de seu projeto literário. Sua escrita, longe de

ser ingênua, entende o humanismo como atitude crítica, fundada na consciência das limitações humanas. Em *Incidente em Antares*, por exemplo, o grotesco e o trágico se misturam para revelar a podridão moral das estruturas de poder.

Do ponto de vista da história literária, Veríssimo ocupa um lugar singular: situado entre o regionalismo de 1930 e o experimentalismo pós-moderno das décadas seguintes, conseguiu conciliar comunicabilidade e reflexão. Sua prosa transparente – tantas vezes acusada de “facilidade” – é, na verdade, fruto de uma técnica apurada, voltada para a clareza como valor ético. Em um país de desigualdades e analfabetismos persistentes, o autor via na legibilidade uma forma de inclusão: escrever bem significava, para ele, falar ao maior número possível de leitores sem perder densidade. Cinco décadas após sua morte, e cento e vinte anos após seu nascimento, Érico Veríssimo continua a ocupar um lugar central na cultura brasileira. Sua obra, ao mesmo tempo realista e simbólica, regional e universal, revela a complexidade de um país em formação e a permanência das questões fundamentais.

Referências primárias: obras de Érico Veríssimo²

Fantoches [1932]

Clarissa [1933]

Música ao longe [1935]

Caminhos cruzados [1935]

Um lugar ao sol [1936]

Olhai os lírios do campo [1938]

Saga [1940]

Gato preto em campo de neve [1941]

O resto é silêncio [1943]

Breve história da literatura brasileira [1944]

A volta do gato preto [1946]

As mãos de meu filho [1948]

Noite [1954]

² As datas entre colchetes são relativas ao ano da primeira edição de cada obra mencionada. Nesta listagem, ainda que tenhamos mencionado a produção voltada ao público infantil e juvenil à parte, não nos interessa diferenciar a obra ficcional da obra biográfica, memorialística ou ensaística do autor.

México [narrativa de viagem, 1957]
O senhor embaixador [1965]
O prisioneiro [1967]
Israel em abril [1969]
Um certo capitão Rodrigo [1970]
Incidente em Antares [1971]
Ana Terra [1971]
Um certo Henrique Bertaso [1972]
Solo de clarineta [2 volumes, 1973 e 1976]
O tempo e o vento (Parte I: *O continente*) [2 volumes, 1949]
O tempo e o vento (Parte II: *O retrato*) [2 volumes, 1951]
O tempo e o vento (Parte III: *O arquipélago*) [3 volumes, 1961-1962]

Obra infantojuvenil

A vida de Joana d’Arc [1935]
Meu ABC [1936]
Rosa Maria no castelo encantado [1936]
Os três porquinhos pobres [1936]
As aventuras do avião vermelho [1936]
As aventuras de Tibicuera [1937]
O urso com música na barriga [1938]
Outra vez os três porquinhos [1939]
Aventuras no mundo da higiene [1939]
A vida do elefante Basílio [1939]
Viagem à aurora do mundo [1939]
Gente e bichos [1956]

Referências secundárias: fortuna crítica acerca do autor

BORDINI, Maria da Glória. Caminhos cruzados e a crítica literária. *Travessia*, Florianópolis, n. 11, p. 22-35, 1985.

BORDINI, Maria da Glória (org.). *Érico Veríssimo: o escritor no tempo*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura; Acervo Literário Érico Veríssimo; CPL/PUC-RS; Sulina, 1990.

BORDINI, Maria da Glória. *Criação literária em Érico Veríssimo*. Porto Alegre: LPM; EDIPUCRS, 1995.

BORDINI, Maria da Glória (org.). *Cadernos de pauta simples: Érico Veríssimo e a crítica literária*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005.

CHAVES, Flávio Loureiro (org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo*. Porto Alegre: Globo, 1972.

FAURI, Ana Letícia. *O pensamento político de Érico Veríssimo: questões de identidade e ideologia*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Porto Alegre, 2005.

FRESNOT, Daniel. *O pensamento político de Érico Veríssimo*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

PESAVENTO, Sandra *et al.* (org.). *Érico Veríssimo: o romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

SILVA, Márcia Ivana de Lima e. *A gênese em Incidente em Antares*. Porto Alegre: Editora PUC-RS, 2000.

SURO, Joaquim Rodriguez. *Érico Veríssimo: história e literatura*. Porto Alegre: D. C. Luzzatto, 1985.

Érico Veríssimo: editor, tradutor e traduzido¹

Nicollas Cayann²

Como foi bem apontado pela primeira *História Literária do Rio Grande do Sul* (SILVA, 1924), João Simões Lopes Neto tem um papel ímpar na literatura do estado; trata-se do pai da literatura gaúcha, declaração esta atestada também por um hall prestigioso de pesquisadores e críticos literários (ZALLA, 2023). Pois se Simões é o pai, Érico Veríssimo é o padrinho da literatura sul-rio-grandense. Nascido aos dezessete dias do mês de dezembro do longínquo ano de 1905, e falecido em 1975 – completando então, em 2025, 120 anos de sua existência e 50 anos de sua partida – Érico Veríssimo teve uma formação interessante que produziu o homem que até hoje é conhecido por seu talento literário.

O autor é costumeiramente lembrado pelo seu trabalho monumental na escrita da “epopeia” gaudéria *O tempo e o vento*. A bem da verdade, esta coleção feita pelo autor é severamente longa e complexa e merece todo o apreço que recebe. Rendeu ao escritor trilha sonora, minissérie, curtas, versões filmográficas, serviu de inspiração para todo um cancioneiro californiano moderno e é um dos principais títulos escolhidos por tradutores ao redor do mundo para levar a literatura de Érico Veríssimo aos seus países e inseri-la em suas culturas. Diz-se que foi também uma das principais leitu-

¹ Este capítulo é uma das produções acadêmicas construídas dentro do âmbito do projeto pós-doutoral *Veríssimo e a Tradução Perdida: a black cat on a field of snow*, sob supervisão do Prof. Dr. Anselmo Peres Alós. Financiado pela FAPERGS, edital 07/2022, o projeto acontece na Universidade Federal de Santa Maria, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, junto à linha de pesquisa Literatura, Cultura e Interdisciplinaridade.

² Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pelotas, Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista Pós-Doutoral pela FAPERGS na Universidade Federal de Santa Maria. Endereço: Av. Roraima, n. 1000, Cidade Universitária, Camobi, Santa Maria – RS, 97105-900. E-mail: nicollascayann@gmail.com.

ras de Garcia Marques ao escrever *Cem anos de solidão*. Esta grande obra literária que é a saga *O tempo e o vento* é também a razão pela qual várias outras áreas da carreira de Érico Veríssimo ficam, muitas vezes, eclipsadas.

Nascido em Cruz Alta, na banda missioneira do Rio Grande do Sul, ao centro-norte do pampa gaúcho, Érico Veríssimo começa a receber sua educação formal em 1912 no Colégio Elementar Venâncio Aires. Em 1914, no estourar da Primeira Grande Guerra, então menino, Érico Veríssimo começa a cair de amores pelo cinema francês. Em 1916, debaixo de uma nespereira no quintal da casa que fora de seu avô no centro de Cruz Alta, próximo à praça General Firmino de Paula, o quase adolescente, lê de Jules Verne a *Eça de Queirós*. Já em 1918, o jovem Érico Veríssimo vê a cidade sendo atingida pelos efeitos da gripe espanhola, sua família é poupada. Em 1922, muito longe dos escritores, artistas plásticos, músicos, compositores e intelectuais do modernismo, o autor enfrenta dramas pessoais, a separação dos pais e, logo na sequência, vê em 1923 a Revolução Constitucionalista a cavalgar pelo pampa. Enquanto a vida passava em Cruz Alta, Érico Veríssimo trabalhava em diferentes frentes, ocupando posições em trabalhos modestos com o pai na farmácia, por exemplo (HOHLFELDT, 1984).

Foi só em 1929, através da *Revista do Globo*, que a estreia literária de Érico Veríssimo chegava ao grande público. Seu conto *Ladrão de Gado* colocava o nome do cruzaltense finalmente nas publicações da editora. Conto este com inclinações regionalistas, temática (ou nicho) na qual o autor foi inserido de fato muito mais tarde com a publicação de sua obra master *O Tempo e o Vento* (1949-1961). Se engana o leitor que imagina que após o primeiro conto o autor jazia consagrado, não foi o caso de Veríssimo (não é o caso de quase ninguém). Em 1931, o autor se transferiu para Porto Alegre no mesmo ano em que se casou com Mafalda, sua companheira de vida. Assumiu então a redação da *Revista do Globo*:

Érico Veríssimo iniciou seus trabalhos na Livraria do Globo em fins de 1930, assumindo a produção da Revista do Globo, uma publicação quinzenal que trazia assuntos variados: propaganda, literatura e também muita fofoca sobre a sociedade porto-alegrense. Ele praticamente produzia a Revista sozinho, dirigia, traduzia contos e artigos de publicações americanas, francesas, inglesas, italianas e argentinas, mandando reproduzir suas ilustrações. Muitas vezes, segundo o próprio Érico, teve de piratear publicações estrangeiras e escrever contos e poemas de última hora (BALZAN, 2016, p. 99).

Logo em seguida, Érico Veríssimo fez uma segunda “estreia” no mundo literário com *Fantoches* (1932) e na sequência *Clarissa* (1933). E foi assim que Veríssimo começou a carreira na editora que, dali em diante, publicaria todos os seus livros (ARBEX, 2002). Em meio à sua carreira de produção literária, Érico Veríssimo também foi secretário do departamento editorial da *Livraria do Globo* e, mais tarde, assumiu o cargo de conselheiro editorial – cargo este que manteve até o fim de seus dias (TORRES, 2012). Nesta posição, Érico Veríssimo tomou diferentes empreitadas editoriais – algumas até mesmo arriscadas, contudo, obteve sucesso (MARTINS FILHO; PAVÃO, 2003). Em 1941, o auditório da Associação Brasileira de Imprensa recebia um número expressivo de personalidades da elite intelectual brasileira para a apresentação de Érico Veríssimo do compêndio *Viagem através da Literatura Americana*. Trabalho que fez parte do projeto editorial de Érico Veríssimo na Livraria do Globo:

Dois grandes projetos editoriais fazem parte da história cultural e comercial do livro no Brasil. De um lado, Monteiro Lobato, na Revista do Brasil e na Companhia Editora Nacional – São Paulo, através da Biblioteca Pedagógica Brasileira.

De outro, Érico Veríssimo, na Livraria do Globo, editor e tradutor que, através de várias coleções, realizou um dos mais consistentes projetos culturais já concebidos e realizados no Brasil em todos os tempos. Revelando-se um editor ousado e atento, ajudou a cunhar um projeto cultural que levou o leitor brasileiro a uma viagem através da literatura de língua inglesa (TORRES, 2012, p. 20).

De acordo com Ledur (2012), Veríssimo foi responsável por construir um aparato que serviu para divulgar a literatura estadunidense no Brasil. Carlos Drummond de Andrade, sob o pseudônimo de *O Observador Literário*, publicou em sua coluna *Conversa Literária*:

Érico Veríssimo levou à Associação Brasileira de Imprensa uma grande assistência, entretendo-a com a sua interessante *Viagem Através da Literatura Americana*. Érico é um romancista cada vez mais acatado. É cada vez mais lido, mais amado do público (TORRES, 2012, p. 7).

Havia uma dependência do mercado livreiro brasileiro em relação ao mercado livreiro europeu, este na época era dominado pela França. Além disso, mesmo nas escassas publicações brasileiras, existia uma enorme influência estrutural, uma fidelidade ao modelo literário e romancista fran-

cês. Foi Simões Lopes Neto um dos primeiros a romper a forte influência da escrita francesa do século XIX.

O autor a quem mais tarde foi atribuído o título de regionalista – hoje considerado um pré-modernista que serviu de inspiração até mesmo a Guimarães Rosa – foi responsável pelo efetivo distanciamento que se deu entre a escrita de inspiração francófona e a mimetização que se aplicava no mundo lusófono, principalmente o brasileiro. Simões Lopes Neto deixou de lado a voz fria e impessoal dos narradores franceses (bastante recorrente em Balzac e Flaubert, por exemplo) e apropriou-se de uma voz narrativa em primeira pessoa em uma narração presente, uma narração de testemunha. Contudo, Simões Lopes Neto não teve reconhecimento imediato em âmbito nacional, nem mesmo na esfera regional.

Há uma falsa ideia de que Simões Lopes Neto serviu como um modelo para os modernistas, ao menos de forma declarada isso é difícil de provar; e no que diz respeito aos gaúchos, nas duas primeiras décadas do século XX, tampouco se percebe a influência do autor. O emprego corriqueiro de estratégias literárias divergentes daquelas empregadas pelo autor (assim como uma distância de vocabulário) exemplifica que não havia unidade estética na prosa regionalista sul-rio-grandense da época, ainda não se podia identificar um denominador comum capaz de englobar a escrita dita gaúcha ou sul-rio-grandense (ZALLA, 2023); veja-se a tabela:

Tabela I: Técnicas literárias na escrita sul-riograndense

Escritores	Narração homodiegética	Linguagem cotidiana	Técnicas de contraponto/ experimentação formal-narrativa
Simões Lopes Neto	Uso generalizado	Uso generalizado	Uso recorrente
Vieira Pires	Uso esporádico	Uso recorrente	Uso esporádico
João Maia	Uso recorrente	Uso recorrente	Ausência do traço
Clemenciano Barnasque	Ausência do traço	Ausência do traço	Ausência do traço
Darcy Azambuja	Uso esporádico	Uso recorrente	Uso esporádico

Estratégias formais “simonianas” no conto sul-riograndense de 1925 (ZALLA, 2023, p. 96).

Como se percebe na Tabela I, mesmo sendo um dos primeiros a desafiar o cânone francófono no que diz respeito ao estilo de escrita, nem

mesmo os conterrâneos do pelotense tomavam por inspiração os efeitos modernos da escrita simoniana. A escrita do Brasil como um todo, mesmo após a Semana de Arte Moderna de 1922, era fortemente influenciada pela escrita francesa do século anterior. É durante os anos 1930 e 1940 que o rumo da escrita brasileira começa a tomar, de forma categórica, inspiração de outras fontes e passa então a ser fortemente influenciado pela escrita estadunidense.

Antes deste feito, o Brasil mantinha, no âmbito do mercado livreiro, uma relação de direitos autorais e permissão de ficção traduzida com Portugal, o que gerava uma certa limitação de circulação e de decisões editoriais. Ademais, ler era um privilégio dedicado apenas à elite da época, elite esta que lia preferencialmente em francês e se concentrava entre Rio de Janeiro e São Paulo majoritariamente (HALLEWELL, 1985). A crise econômica mundial instaurada nas primeiras décadas do século XX causou uma mudança drástica no cenário nacional. O livro brasileiro teve um certo poder de competitividade no mercado interno pela primeira vez desde a criação de um mercado livreiro no Brasil no século XIX. A *Editora Globo* soube tirar proveito da situação (BALZAN, 2016) e assim manteve um grande nome no mercado até pouco mais da metade do século XX. Muito daquilo que inclinou a influência da escrita brasileira para o formato moderno anglo-americano se deve aos esforços de Érico Veríssimo no seio da *Editora Globo*.

A casa editorial mais icônica e memorável do Rio Grande do Sul tem uma história de criação bastante interessante:

As origens da Livraria do Globo remontam ao ano de 1883, com uma pequena papelaria e livraria, fundada por Laudelino Pinheiro Barcellos, na qual foi instalada uma oficina gráfica para realizar trabalhos sob encomenda. No entanto, o negócio prosperou com José Bertaso que, de empregado, fez-se sócio da livraria e, com a morte do fundador, em 1919, tornou-se proprietário. Com a nomeação de Mansueto Bernardi para diretor do departamento de propaganda, ampliou-se o mercado da Livraria, apostando na publicação de alguns títulos traduzidos, principalmente da Itália, França e Espanha, o que tornou a editora conhecida nacionalmente. Pode-se dizer, assim, que a Livraria do Globo iniciou um programa editorial regular apenas em 1928 (BALZAN, 2016, p. 95).

Alguns fatores internos foram responsáveis pela projeção da *Editora Globo*, por exemplo, a chegada de Getúlio Vargas ao poder nacional, o que, por óbvio, projetou o Rio Grande do Sul ao nível de potência regional em

parâmetros nunca antes pensados. A casa editorial gaúcha começa mesmo a se erguer no cenário nacional e se impor como efetivo centro de produção cultural na década de 1930 graças à parceria que se estabeleceu entre Henrique Bertaso e Érico Veríssimo (TORRESINI, 1999). Havia um apelo comercial da produção editorial da *Editora Globo* – como há em qualquer editora, não esqueçamos que o livro não é apenas um artefato cultural, mas um objeto inserido nos processos do capital – Bertaso costumava consultar o *Publishers' Weekly* na busca de possíveis títulos a serem traduzidos e publicados no Brasil, para tanto estabelecia contato com editores estadunidenses (BALZAN, 2016). A parceria entre Veríssimo e Bertaso era também parte importante do bom funcionamento da casa editorial:

A dupla Bertaso-Veríssimo seria, nos anos seguintes, responsável por importantes publicações da editora, em uma fase mais bem sucedida. O impulso inicial se deu com a “descoberta” do autor alemão Karl May, cujas histórias de viagens e aventuras encontrou um vasto público consumidor [...] Essa literatura mais popular possibilitava a criação de uma espécie de fundo para publicação de outros tipos de livros, que contemplassem os grandes clássicos e também o que mais relevante se produzia de literatura contemporânea (ARBEX, 2002, p. 10).

Muito das decisões editoriais que primam pela escrita anglo-americana se deve também à paixão que Érico Veríssimo demonstrava pela literatura anglófona como um todo. Veríssimo acreditava que a escrita moderna anglo-americana teria mais sucesso com o público brasileiro, pois, a seu ver, o romance francês era mais intelectualizado do que objetivo (TORRES, 2012), e os leitores brasileiros pós 1922 tendiam a migrar para uma leitura com menos rodeio. O que Érico Veríssimo fez foi antecipar um apreço pela leitura anglófona em um cenário nacional em que as elites (basicamente o público leitor) ainda estavam sob fascínio do poder estrondoso da forma narrativa francesa do final do século XIX e começo do século XX. Contudo, é importante entender que Veríssimo não era cartomante, mas sim um exímio leitor do cenário e do âmbito internacional, capaz de identificar padrões e entender a amplitude de projeções futuras.

A paixão de Veríssimo pelo mundo anglófono advém, obviamente, de questões pessoais e diz respeito ao seu gosto. Mas esta tendência é muito bem informada pelos giros globais que acontecem em sua época. Érico Veríssimo entendeu, muito antes de muitos intelectuais brasileiros, o que era

*soft power*³ e como os Estados Unidos estavam utilizando esta técnica em escala global⁴, a começar pela América Latina. O grande empenho hollywoodiano na adaptação de livros em filmes também teve grande influência na formação desta tendência anglófona que se via instaurada no repertório de Érico Veríssimo. Este repertório anglófono foi diretamente direcionado para a *Editora Globo*, que investiu fortemente nas traduções de língua inglesa para português brasileiro:

O fato é que com a ajuda de Érico Veríssimo, Henrique Bertaso modernizou e dinamizou o comércio livreiro no Brasil e provou que era possível a editora prosperar, mesmo afastada do centro do país. Entre 1931 e 1950, a editora publicou cerca de 1.063 obras, aproximadamente 30% delas foram de literatura traduzida (BALZAN, 2016, p. 98).

Érico Veríssimo se empenhou e convenceu Bertaso da importância de estabelecer um melhor nível de qualidade para as traduções do Brasil. O mercado livreiro brasileiro apresentava discutíveis traduções de obras europeias e algumas obras norte-americanas, mas na esfera editorial e a título de revisão, as traduções precisavam de um crivo mais afiado. Desde 1937, a *Editora Globo* moveu esforços para manter uma equipe capaz de dar conta da demanda de traduções que a própria casa começava a criar (BALZAN, 2016). Érico Veríssimo ele mesmo, traduziu várias obras do inglês⁵:

A trajetória de Érico Veríssimo como tradutor foi construída devido a evidente necessidade propiciada pelos momentos históricos, editorial e pesso-

³ *Soft power* é um termo anglófono utilizado para descrever o poder de influência de um país soberano sobre outro país ou sobre grupos estatais ou nacionais. A ideia se opõe à ideia de *hard power*, que está mais ligada ao poder bélico de uma nação.

⁴ Sob a iminência da Segunda Guerra Mundial, o presidente estadunidense Franklin Roosevelt se vê em uma situação complexa na qual os Estados Unidos acabam tomando parte nos conflitos bélicos, mesmo com expressão contrária da opinião pública. Para evitar o sentimento isolacionista, o governo cria então, em 1938, um novo departamento que leva o nome de “Division of Cultural Relations” (ROCK, 1994). Este novo departamento apresenta dois objetivos: 1) mudar a opinião pública ao nível doméstico; e 2) projetar uma opinião pública positiva dos Estados Unidos na América Latina. Este departamento apresenta então princípios domésticos e internacionais e, para tal, aplica ações que cobrem os dois extremos (MACCANN, 2018). Um memorando de 1939 enfatiza a necessidade de trazer aos Estados Unidos intelectuais latino-americanos, promovendo colaborações institucionais entre universidades e centros educacionais. Este projeto resultou na ida e vinda de vários intelectuais latino-americanos e na produção de diversos produtos culturais, como filmes e livros. Érico Veríssimo foi um dos intelectuais que usufruiu deste projeto, que foi nomeado Política de Boa Vizinhança.

⁵ Dentre as traduções feitas por Érico Veríssimo, destacam-se: *Mas não se mata cavalo?*, Horace McCoy; *Alemanha Facista ou Soviética?*, Knickerbocker; *Contraponto*, Aldous Huxley; e *Ratos e Homens*, John Steinbeck.

al, inclusive. apesar de não possuir titulação acadêmica, Veríssimo pôde desempenhar a função de tradutor em virtude de ter boas habilidades em várias línguas e ser um leitor voraz das literaturas inglesa, francesa e alemã. Além disso, chegou a exercer a função de professor de língua inglesa na época em que trabalhava na farmácia do pai. Desse modo, o tradutor irrompe quando surge a oportunidade na Editora Globo, aliada a sua capacidade intelectual (SOUTO, 2024, p. 39).

Além disso, encomendou traduções de grandes nomes do cenário literário brasileiro da época:

Além dos tradutores fixos da editora, todos de excelente nível e formação. Érico Veríssimo tratou de se cercar de nomes de expressão da literatura brasileira. Contou com tradutores convidados⁶ do nível de Mario Quintana, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, entre outros (TORRES, 2012, p. 29).

A curadoria editorial de Érico Veríssimo também era aplicada em níveis menos visíveis, como, por exemplo, a formação de leitores. Foram diversas as coleções⁷ que foram organizadas por Érico Veríssimo, mais de 10 (TORRES, 2012), e nestas coleções há o cuidado de mesclar autores ditos “difíceis” para o público leitor, autores de gosto mais popular, autores em voga, e autores que o curador/editor anteviu como nomes literários. Com este cuidado editorial, Érico Veríssimo foi também um dos nomes que moldou o público leitor brasileiro, mesmo estando completamente afastado do eixo central Rio de Janeiro x São Paulo. Deste modo, com cuidado, atenção e talvez até mesmo um pouco de sorte, Érico Veríssimo foi proponente de uma guinada cultural no Rio Grande do Sul e no Brasil, alcançando sucesso acadêmico-intelectual e conseguindo, graças também à parceria com Bertaso, manter um estado financeiro saudável (por muitos anos, próspero) para a *Editora Globo*.

Ao passo que Érico Veríssimo construía uma carreira como editor de uma casa de renome regional e nacional, ele também pavimentou uma ave-

⁶ Dentre as traduções contratadas por Érico Veríssimo, destacam-se: *A Fugitiva*, Marcel Proust (Tradução de Carlos Drummond de Andrade); *A Prisoneira*, Marcel Proust (Tradução de Manuel Bandeira); *Mrs. Dalloway*, Virginia Woolf (Tradução de Mario Quintana); e *Orlando*, Virginia Woolf (Tradução de Cecília Meireles).

⁷ Dentre as coleções organizadas por Érico Veríssimo, destacam-se: *Coleção Amarela* (livros policiais e mistério); *Coleção Nobel* (não apenas os vencedores do prêmio, mas também autores de “valor” literário); *Somerset Maugham* (coleção dedicada ao autor com todas suas obras menos as peças de teatro); e *Biblioteca dos Séculos* (coleção dedicada a grandes clássicos da literatura).

nida sólida para o seu trabalho como tradutor e abriu também possibilidade para tantos outros nomes. Esta empreitada lhe rendeu também uma rede de contatos no mundo anglófono (sumariamente estadunidense) que lhe levou a aventuras intelectuais e pessoais que fugiam ao seu escopo editorial. Em meio ao trabalho como editor, as traduções que fazia e a carreira diplomática que emplacava, Érico Veríssimo era também um escritor. Um ótimo escritor. Seu reconhecimento internacional ganhava espaço no mundo das traduções desde os anos 1940. Vejamos quais foram os pulos do gato preto⁸ entre editor, tradutor e traduzido.

Traduzido

A tradução é uma prática antiga, considerada uma das mais antigas funções desempenhadas pela humanidade. Os assentamentos humanos desde o princípio da história da humanidade foram confrontados com o desafio de entender ou ao menos de comunicar-se com o outro. Estes grupos se estabeleciam com línguas e costumes distintos, e embora não existisse o conceito de nação, podemos dizer que a ideia de estrangeiro já vigorava. É daí que vem a necessidade de comunicação e isso gera integração entre estas distintas comunidades da antiguidade (AZEVEDO; VITTI, 2022).

O conceito de tradução, no mundo ocidental, tem sua fundação no mito bíblico de Babel (COSTA, 2013). A história ocidental garante à tradução diferentes espaços ao longo de sua história, espaços estes muito dinâmicos por vezes: conflitos armados, internacionalismo, desempenho econômico e comercial, e é claro, um enorme espaço no domínio literário. Sendo assim, a tradução sempre estabeleceu aspectos dialéticos e teóricos tanto quanto práticos. Mas a ideia do que é uma tradução pode ser confusa:

No entanto, a maioria das pessoas parece não ter ideia do que é, realmente, o trabalho do tradutor. Muita gente pensa que basta saber falar uma língua

⁸ Aqui cabe mencionar que na reedição de *A Volta do Gato Preto* na consagrada coleção capa dura da Editora Globo dos anos 1990 foi incluída uma nota da edição de 1961, na qual Érico Veríssimo explica que na nota de *Gato Preto em Campo de Neve* ele explica ao leitor que não há relação entre ele, o autor e o gato preto, contudo, o autor diz: “*Os leitores, porém, não aceitaram a explicação, pois pareceram achar que o gato preto era o próprio autor*”. A possível contragosto do próprio Érico Veríssimo, eu utilizo gato preto como uma alegoria para Érico Veríssimo.

estrangeira para que se possa traduzir um livro escrito nessa língua. Outros julgam que não lhes seria difícil traduzir para o português os livros que leem em inglês, francês, espanhol ou italiano. Puro engano. A profissão de tradutor exige, como todas as profissões, longo período de aprendizagem. A técnica da tradução é difícilíssima. Pode-se quase afirmar que cada livro estrangeiro apresenta certos problemas peculiares. Problemas que exigem soluções diversas (SILVEIRA, 1954, p. 9).

Os estudos literários tomam diferentes formas em diferentes culturas e em distintos sistemas literários. As tradições literárias de diferentes culturas afetam também as tradições tradutológicas do ocidente e do dito oriente. O tradutor viaja entre estes espaços e trabalha entre culturas. O tradutor é primeiramente um leitor, mas mais que isso é um mediador cultural. Mais do que encontrar vocábulos correspondentes entre os idiomas em que trabalha, o tradutor encontra contextos culturais para expressar o texto de sua origem ao seu destino. Pode-se dizer também que se ganha na comunicação com o processo de tradução, visto que a transição de histórias, ideias e conceitos se estabelece entre diferentes sistemas através da tradução. Ao tradutor literário, por exemplo, são atribuídas funções e responsabilidades importantes no que cabe executar um trabalho literário de cunho historiográfico que culmina em produção cultural essencial.

Tânia Carvalhal (2003) entende a tradução como uma possibilidade de leitura de um texto, uma forma de expandir horizontes potenciais do texto de origem em sistemas literários estrangeiros. Sendo assim, o texto, seja ele o original ou uma tradução, é inesgotável, não se pode exauri-lo, se pode apenas instigá-lo e expandi-lo. E mesmo este texto traduzido sendo singular, para Arrojo (1993) não é possível que um texto traduzido simplesmente deixe de carregar consigo os referenciais temporais e geográficos que o circundam. Ao mesmo tempo, o autor não considera que o texto traduzido possa ser, ou deva ser, livre de inferências pessoais do tradutor.

Traduzir é uma tarefa. Assim como qualquer outro *métier*, traduzir é um ofício que está composto de prazeres, dificuldades, aventuras e muitos desdobramentos. Traduzir é levar o texto de um lugar a outro, e, ainda que posto desta forma pareça algo simples, um percurso razoavelmente modesto, não o é. A verdade é que traduzir é um ofício interdisciplinar que implica mais do que saber transpor um texto de um idioma para outro. É necessário que se compreenda a cultura de onde o texto parte e a cultura onde o

texto chegará – é uma viagem. Pode parecer que o autor está em um dos vagões do trem e o tradutor é o condutor que mira o destino. No entanto, a verdade é que o trem não tem condutor – autor e tradutor são companheiros de viagem, uma conversa com o outro, e, mais tarde, o tradutor contará lá nos seus pagos, para lá do quintal do autor, as histórias que ouviu no trem.

No livro *Oficina de Tradução: a teoria na prática* (ARROJO, 2013), a autora infere, através dos exemplos e de explicação teórica, que não há atalho para uma boa tradução; o trabalho de traduzir é complexo, garantindo então que não há fórmula secreta que indique a trilha correta a ser percorrida por cada tipo distinto de tradução. Octavio Paz (1971) diz que toda tradução é singular, e, ao mesmo tempo, a referência de um texto já existente. O ato de traduzir é composto por diferentes avenidas a serem percorridas pelo tradutor que resultam no complexo e imbricado processo de troca entre o espaço ocupado pelo texto em sua origem e em seu destino. É uma negociação que toma lugar no plano das ideias, é um processo de permuta, comuta, decisão que é transpassado por questões ideológicas, culturais, políticas e até mesmo por gostos pessoais. O trajeto que a tradução trilha é o da reescrita, o refazer, o rever, o dizer de outro modo, o que implica um número de marcas, detalhes, traços e pistas que podem ser analisadas naquilo que recai sobre as páginas traduzidas (BLUME; PETERLE, 2013).

Em um primeiro momento histórico, as traduções eram alocadas no âmbito filológico (hoje melhor compreendido como campo linguístico) e as traduções literárias em específico, muitas vezes atribuídas ao domínio da literatura comparada (mesmo *avant la lettre*). Até o século XIX, as traduções eram consideradas inferiores aos originais (BASSNETT, 1993); tendo isso em vista, percebe-se que o campo da tradução na condição acadêmica é relativamente mais jovem que outros campos das letras, mas o ato de traduzir não é novo.

A tradução sempre foi um modo de expansão, de reflexão e de crítica, mas isso nem sempre foi regra. O *Modus Operandi* tradutológico foi mudando através dos tempos. De acordo com Trevisani (2007), as últimas décadas dos estudos de tradução fizeram do tradutor um agente cultural. A tradução passa então a ocupar um espaço ainda mais relevante na esfera internacional e o tradutor ocupa um papel cada vez mais pró-ativo e de

maior responsabilidade não apenas na tarefa de traduzir o texto, mas também no empenho editorial de tal artefato, fazendo então às vezes de um agente cultural responsável pela curadoria dos textos que traduz (AZEVEDO; VITTI, 2022).

Ser um autor traduzido apresenta numerosos desafios: para tradutores, para o mercado literário, para os livreiros e para os investidores. Mesmo nos grandes centros literários do mundo, há um jogo sendo executado, uma partida mercadológica, monetária, e é claro que em centros menores os detalhes editoriais que resultam na publicação final de uma tradução têm recursos distintos e problemas diversos. O sucesso ou não de um autor do sul global na tão desejada “república mundial das letras” depende de variantes cujas diretrizes nem sempre são bem especificadas. O ingresso nessa república é demasiadamente custoso, mas para os autores fora do eixo, aqueles ditos de países “exóticos”, o valor é sempre mais alto (MINCHILLO, 2017). Para aqueles que porventura se arriscarem e tiverem sucesso em tal panteão, o crivo avaliativo que garante ou revoga a permanência de seus textos é severamente desproporcional e de sentido questionável (CASANOVA, 2002).

O mundo das traduções é como se fosse uma enorme estação de trem. Dali partem várias histórias e os escritores são passageiros que volta e meia dividem cabine com um tradutor e outro. Érico Veríssimo tomou vários trens e foi companheiro de viagem de grandes nomes da literatura mundial, principalmente norte-americanos/estadunidenses, como Edgar Wallace e Aldous Huxley. Além de escritor, o sul-rio-grandense desenvolveu diversas outras funções: de professor de inglês de fundo de garagem a embaixador cultural. Para autores como Érico Veríssimo, por sua vez brasileiro e, portanto, exótico, os insumos que compõem sua escrita, tal qual aquilo que compõe suas traduções, advêm de diferentes perspectivas: suas ações, seus agentes, seu espaço e sua circulação são regidas por desdobres socioeconômicos muito distintos. A estrutura do espaço de trocas internacionais é crucial ao projeto literário e editorial de Érico Veríssimo e tem reflexos no seu desempenho em âmbito nacional e internacional (SAPIRO, 2009).

No âmbito de suas viagens de 1943 e 1945 aos Estados Unidos, Érico Veríssimo fez serviços editoriais para a *Editora Globo* na compra de maqui-

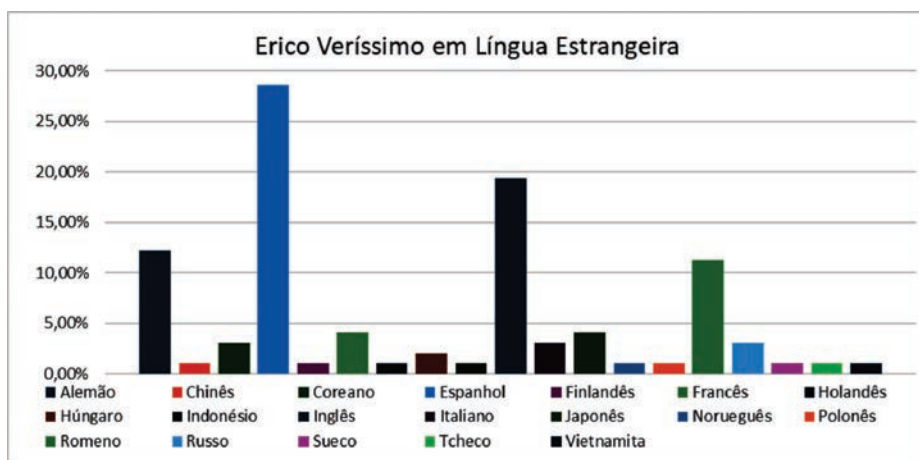
nário e consultoria. Além disso, em solo estadunidense, a Veríssimo foi também oferecido o posto de *Literary Advisor for South American Issues* dentro da editora Macmillan. Esta oportunidade abriu portas que eram bastante impensáveis uma década antes. Em 1940, enquanto o mercado livreiro estadunidense não voltava seus olhos para a América Latina, em um espaço literário em que os romancistas brasileiros não eram lidos ou conhecidos, Érico Veríssimo conseguiu a façanha de ter três títulos lançados em tradução pela Macmillan, um deles – *Crossroads* – financiado diretamente pelos esforços da Política de Boa Vizinhança. O gaúcho foi um dos únicos escritores brasileiros capazes de consolidar uma carreira literária no exterior durante o século XX (MINCHILLO, 2017). Veríssimo se aventurou na utópica república mundial das letras, e obteve certo sucesso. Jorge Amado relata:

No ano de 1948, se não me falha a memória, acabávamos de chegar à Itália e íamos pelas ruas de Milão eu e minha mulher, quando, na grande praça onde está o Duomo, em livraria situada na esquina de uma galeria de lojas e butiques vi exposta na vitrine uma tradução italiana de *Terras do Sem-Fim* [...] e um cartão ao lado onde se lia: “Il più noto scrittore brasiliano”. Fiquei vaidoso, é claro, minha mulher também e continuamos nosso caminho. Apenas alguns passos adiante, na outra esquina da mesma galeria, nova livraria em cuja vitrine se exibia a tradução de *O Resto é Silêncio* [...], também com seu cartão ao lado onde se lia “Il più noto scrittore brasiliano”. Mandeí contar a história a Érico, rimos, temos os dois felizmente a capacidade de rir dessas vaidades, certo que somos os dois orgulhosos e humildes diante de nossa criação, daquilo que fazemos com consciência, responsabilidade e trabalho árduo [...] (AMADO, 1972, p. 29).

É de grande relevância o espaço que ocupa a obra de Veríssimo no universo literário brasileiro, mas além de ser aclamado popular e intelectualmente no Brasil, o escritor também desenvolveu uma carreira significativa no espaço internacional. No decorrer da construção de uma tradição diplomática brasileira, Érico Veríssimo foi um dos grandes nomes responsáveis pelo aparato diplomático e internacional brasileiro na esfera cultural. Quando assumiu tal posição, o autor já era reconhecido em variados gêneros literários, a diversidade e a genialidade do escritor expandiram-se por diferentes ramificações da escrita. Graças ao seu talento e também a robusta rede de contatos que cultivou na condição de editor da casa *Globo*, Érico Veríssimo conseguiu firmar uma carreira internacional nos Estados Unidos.

Érico Veríssimo viveu nos Estados Unidos em mais de uma ocasião; visitou também diversos países em viagens, onde esteve em contato com intelectuais, políticos, literatos e tantos outros homens e mulheres importantes que serviram como corrente de produção política, intelectual e social em suas nações. Esta vasta e rica experiência rendeu ao gaúcho várias produções: quatro livros de literatura de viagem e boa parte de sua autobiografia. Dadas as dimensões internacionais da carreira que teceu Érico Veríssimo, visto também o seu esforço como tradutor e editor, não vem com assombro o fato de que a sua carreira literária projetou-se também na república internacional das letras. Os textos de Érico Veríssimo foram fartamente submetidos a tradução e isso dentro de um escopo de várias línguas:

Gráfico I: Porcentagem de edições em língua estrangeira de livros de Érico Veríssimo



A base de dados é a tabela *Livros de Érico Veríssimo publicados no estrangeiro* (MINCHILLO, 2013, p. 105).

Segundo Minchillo (2013), a obra de Érico Veríssimo foi traduzida para 19 idiomas dentro de um arco de 70 anos: sendo a primeira tradução em espanhol de *Olhai os Lírios do Campo* sob o título de *Mirad los lirios del campo* em 1940, e a mais recente a tradução de *O Senhor Embaixador*, em chinês, sob o título de *Dàshèxiànshèng* ('YnOHQu) em 2009. As traduções de livros de Érico Veríssimo em língua estrangeira contabilizam um total

de 98 traduções. Como se percebe no Gráfico I, há uma diversidade na porcentagem dos idiomas e culturas para os quais Érico Veríssimo foi levado. Os dados seguintes evidenciam o número de traduções em cada língua estrangeira e suas porcentagens no conjunto total: em espanhol são 28 traduções (28,5 %); em inglês são 19 traduções⁹ (19,3%); em alemão são 12 traduções (12,2%); em romeno¹⁰ são 11 traduções (11,2 %); em francês e japonês são 4 traduções para cada um dos idiomas (4,1 % cada); em coreano, russo e italiano são 3 traduções para cada um dos idiomas (3,1 % cada); em húngaro são 2 traduções (2,1%); nos idiomas finlandês, holandês, indonésio, norueguês, polonês, sueco, tcheco e vietnamita consta apenas uma tradução para cada língua (1,1 % cada).

As traduções das obras de Veríssimo podem ser verificadas no acervo do Instituto Moreira Salles através de consulta online. Na Casa Museu Érico Veríssimo em Cruz Alta, há também algumas traduções de livros do autor. A Biblioteca Érico Veríssimo no complexo Casa de Cultura Mario Quintana em Porto Alegre também possui em seu acervo algumas traduções de livros de Érico Veríssimo. Um arrolamento prático e bem detalhado está disponível através do trabalho doutoral de Carlos Minchillo, trabalho este que foi defendido em 2013 e aprovado pela Universidade de São Paulo. Em sua tese, Minchillo disponibiliza uma tabela organizada onde encontram-se detalhes das traduções publicadas de obras de Érico Veríssimo. No livro de Minchillo (2015) – derivação de sua tese – o autor menciona ter feito uma lista “exaustiva das traduções de Érico Veríssimo até 2013” (MINCHILLO, 2015, p. 29). Como base, o autor pesquisou em sites como WorldCat e UNESCO Translation Index e claro no Instituto Moreira Sal-

⁹ Na lista de Minchillo (2013) constam apenas 18 traduções e 1 publicação estadunidense de um livro de Veríssimo em português. Para esta porcentagem, foram contabilizadas as 18 traduções mencionadas por Minchillo (2013) mais a tradução perdida: *A Black on a Field of Snow* (tradução de 2008).

¹⁰ O expressivo número de traduções em espanhol é óbvio por questões geopolíticas que corroboram o espaço que ocupava Érico Veríssimo no conjunto regional e, por conseguinte no espaço sul-americano. O número de traduções em inglês se evidencia também pela carreira do autor e por sua popularidade nos Estados Unidos. As traduções em alemão, embora careçam de pesquisa, podem ser explicadas por conexões editoriais do autor e da comunidade germânica do Rio Grande do Sul. Em 1945, a tradução de *O Continente* vendeu mais 300 mil cópias na Alemanha (DOWDLE, 2008). Já o expressivo número de publicações em romeno se impõe como um mistério que não está no escopo desta pesquisa, mas que deixa uma lacuna a ser investigada.

les. Visto que a lista mencionada é realmente muito completa, foi com surpresa que notei que a tradução *A Black Cat on a Field of Snow* (Veríssimo, 2008) não fazia parte do arrolamento feito por Minchillo e tampouco consta no acervo do Instituto Moreira Salles¹¹. Tomei a liberdade de fazer uma versão atualizada da lista de traduções de Érico Veríssimo em língua inglesa, adicionando apenas um título àqueles elencados por Minchillo (2013), veja-se abaixo uma lista em ordem alfabética:

Tabela II: Lista de títulos em língua inglês de traduções de livros de Érico Veríssimo

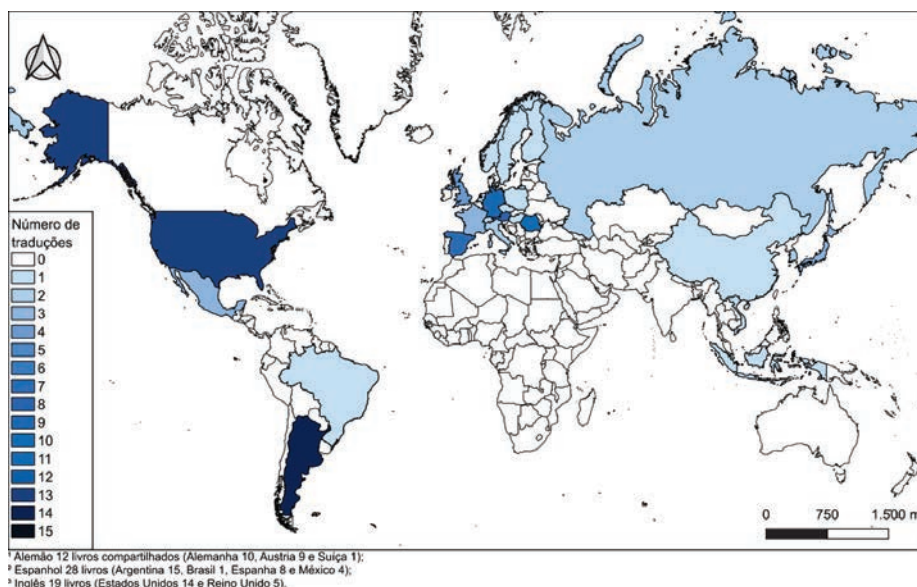
Título	Ano	Tradutor	Editores	País
A Black cat on a field of Snow	2008	Harold L. Dowdle	Holt	Estados Unidos
Consider the lilies of the field	1948	Jean Neel Karnoff	Macmillan	Estados Unidos
Consider the lilies of the field	1969	Jean Neel Karnoff	Greenwood	Estados Unidos
Crossroads	1943	L. C. Kaplan	Macmillan	Estados Unidos
Crossroads and Destinies	1956	L. C. Kaplan	Arco	Reino Unido
Crossroads	1969	L. C. Kaplan	Greenwood	Estados Unidos
Evil in the night	1957	Linton L. Barret	Fawcett	Estados Unidos
His excellency the ambassador	1967	Linton L. Barret e Marie Mac-David Barret	Macmillan	Estados Unidos
México	1960	Linton L. Barret	Orion	Estados Unidos
Mexico	1960	Linton L. Barret	Macdonald	Reino Unido
Mexico	1962	Linton L. Barret	Dolphin books	Estados Unidos
Night	1956	Linton L. Barret	Macmillan	Estados Unidos
Night	1956	Linton L. Barret	Arco	Reino Unido
The rest is silence	1943	L. C. Kaplan	Macmillan	Estados Unidos
The rest is silence	1956	L. C. Kaplan	Arco	Reino Unido
The rest is silence	1969	L. C. Kaplan	Greenwood	Estados Unidos
Time and the wind	1951	Linton L. Barret	Macmillan	Estados Unidos
Time and the wind	1956	Linton L. Barret	Arco	Reino Unido
Time and the wind	1969	Linton L. Barret	Greenwood	Estados Unidos

A base de dados é a tabela *Livros de Érico Veríssimo publicados no estrangeiro* (MINCHILLO, 2013, p. 105) com adição do livro *A Black Cat on a Field of Snow* (Veríssimo, 2008).

¹¹ Entrei em contato com o acervo em algumas ocasiões desde 2022 e o Instituto Moreira Salles não possui uma cópia da tradução e tampouco sabia da existência da mesma.

Como se pode aferir pelo Gráfico I e pela Tabela II, Érico Veríssimo foi profusamente traduzido em língua estrangeira, especialmente em espanhol e em inglês, tanto nas Américas quanto na Europa:

Mapa I: Países que publicaram edições de livros de Érico Veríssimo



A base de dados é a tabela *Livros de Érico Veríssimo publicados no estrangeiro* (MINCHILLO, 2013, p. 105) com adição do livro *A Black Cat on a Field of Snow* (Veríssimo, 2008).

A manifestação de traduções de autores brasileiros em língua estrangeira no âmbito internacional do norte global era, na época de Érico Veríssimo, muito restrita. Até mesmo na América Latina, é difícil imaginar uma predominância do único país lusófono da região. Mesmo hoje, os autores brasileiros são pouco lidos no exterior, algumas exceções são, por exemplo, Clarice Lispector, que sofreu uma internacionalização muito bem arquitetada e estimulada por Gerald Moser. Outro caso é o de Paulo Coelho, que caiu no gosto popular esotérico europeu. Mas se hoje este número é pequeno, em 1940 essa era uma façanha descomunal. Deste modo, a carreira internacional de Érico Veríssimo fortificou-se nos Estados Unidos e houve um momento em que o padrinho da literatura sul-riograndense era o brasileiro mais lido nos Estados Unidos dentre seus contemporâneos

(MINCHILLO, 2015). Mesmo assim, houve uma completa falta de atenção ao autor depois de seu retorno e Gerald Moser, grande nome da crítica lusófona em solo estadunidense, disse que a reação praticamente inexistente dos meios de comunicação em relação à morte de Érico Veríssimo – visto que não houve cobertura midiática – certamente seria outra durante os anos 1940 e 1950, quando Érico Veríssimo era o romancista brasileiro mais conhecido e mais lido nos Estados Unidos.

O destino que Érico Veríssimo teve nos Estados Unidos, no espaço que ocupava como escritor, foi o mesmo de muitos outros brasileiros, o caminho do esquecimento. Todavia, antes de cair no esquecimento norte-americano ou de ser destituído da cadeira que ocupava na tão sonhada república internacional das letras, o gaúcho teve pelo menos 10 de seus títulos traduzidos em língua inglesa. Dentre estes, alguns até mesmo com mais de uma edição, *Caminhos Cruzados* e *O tempo e o vento*, por exemplo, tiveram três editoras diferentes publicando traduções não apenas nos Estados Unidos, mas também no Reino Unido. Mesmo assim, com a dificuldade de manter-se inserido no mercado livreiro norte-americano, com a redução dos esforços da Política de Boa Vizinhança e a mudança do cenário global no qual as obras do autor estavam inseridas, tomou lugar um crescente desinteresse editorial e uma baixa na procura pelos leitores. Estes fatores fadaram as traduções existentes de Érico Veríssimo à descontinuidade, novas tiragens não foram feitas. Nos anos 1960, a Macmillan, principal casa editorial responsável pelo catálogo de traduções e títulos de Érico Veríssimo nos Estados Unidos, foi vendida e descontinuada, se entende que as obras do gaúcho foram descartadas. De todo modo, Érico Veríssimo continua inspirando intelectuais nos Estados Unidos e há professores como o colega Theodore Young que ainda se interessam em pesquisar as obras de Veríssimo.

Palavras finais

O Rio Grande do Sul foi um dos últimos estados a se construir enquanto parte do Brasil. Se criou no Rio Grande do Sul uma narrativa que em alguns momentos, parece uma espécie de rechaço à cultura brasileira como um todo, e, ao mesmo tempo, os movimentos separatistas foram for-

tificados, mas isso são histórias de mais de um século. O que tem menos de um século é a cultura do CTG que celebra, ou pensa celebrar, o gaúcho. Mas além do óbvio, isto é: que o gaúcho é brasileiro; existe mais de um tipo de gaúcho, existe mais de uma possível leitura da psique gaúcha e de seu povo. Érico Veríssimo fez do pampa o mundo, ele usou as narrativas do estereótipo de gaúcho e de vocabulário e recurso literário regional para criar um mundo para *O Tempo e o Vento*, mas este não foi o único tipo de gaúcho que ele narrou. Érico Veríssimo narra vários tipos: gaúchos, brasileiros e globais.

O interesse pela literatura do escritor gaúcho foi muito voltado à sua grande obra. Das 98 publicações em língua estrangeira, 28 títulos são tomos ou trechos (pequenos contos, anedotas, capítulos) de *O Tempo e o Vento*. Isso representa 28,5% do total de publicações em língua estrangeira, e das 19 línguas nas quais obras do autor foram traduzidas, 9 têm versões da obra. Mas Érico Veríssimo é o autor de vários outros livros, e a república internacional das letras bem sabe deste detalhe, afinal existem 10 publicações estrangeiras de *Olhai os Lírios do Campo*, 9 de *O Senhor Embaixador*, 8 de *O Resto é Silêncio* e 8 de *Noite*, e tantas outras mais. O talento e maestria do gaúcho e brasileiro Érico Veríssimo estará para sempre impresso em uma enorme gama de tipos textuais aqui e no mundo.

Editor, tradutor, e por fim, traduzido. Que, em 2025, na efeméride que celebra os 120 anos da existência do autor e que saúda os 50 anos da morte do mesmo, possamos lembrar a importância deste escritor brasileiro que deixou um legado imensurável e que foi responsável também por colocar no mapa do norte global a literatura feita não só no pampa gaúcho, mas também em terras tupiniquins.

Referências

AMADO, Jorge. Érico Veríssimo pelo mundo a fora. In: CHAVES, Flávio Loureiro (org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo*. Porto Alegre, Globo, 1972.

ARBEX, Paula. *Érico Veríssimo, tradutor*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2002, 150 p. Disponível em: https://web.archive.org/web/20230225000114id_/

https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-13012023-155700/publico/2002_PaulaGodoiArbex.pdf. Acesso em: 04 de maio de 2024.

ARROJO, Rosemary. *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 1993.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução, a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 2013.

AZEVEDO, Maria; VITTI, Sylvia. O papel e a função do tradutor e a tradução na atual sociedade globalizada. *Revista Contemporânea*, José dos Pinhais, v. 2, n. 4, p. 314-327, 2022. Disponível em: <https://revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/238/182>. Acesso em: 15 nov. 2022.

BALZAN, Carina. Érico Veríssimo – Editor: Contribuições para a história do livro no Brasil. *Revista Nonata*, Porto Alegre, v. 1, n. 26, p. 94-104, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512454190011.pdf>. Acesso em: 04 maio 2024.

BASSNETT, Susan. From comparative literature to translation studies. In: *Comparative literature*. Oxford: Blackwell, 1993. p. 136-168.

BLUME, Rosvitha; PETERLE, Patrícia. *Tradução e Relações de Poder*. Tubarão: Copiart, 2013.

CARVALHAL, Tania. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

COSTA, Patrícia Rodrigues. *Do ensino de tradução literária*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Brasília, Universidade de Brasília, 2013, 284 p. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15077/1/2013_PatriciaRodriguesCosta.pdf. Acesso em: 13 nov. 2022.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz; Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.

HOHLFELDT, Antônio. *Coleção Esses Gaúchos: Érico Veríssimo*. Porto Alegre: Tchê!, 1984.

LEDUR, Paulo. Prefácio. In: TORRES, Waldemar. *Érico Veríssimo editor e tradutor: viagem através da literatura*. Porto Alegre: AGE, 2012.

MARTINS FILHO, Plínio; PAVÃO, Jadyr. Um grande “inventor”. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*. Encarte n. 16: Érico Veríssimo na Livraria do Globo. Instituto Moreira Sales, nov. 2003.

MINCHILLO, Carlos Cortez. *Érico Veríssimo, escritor do mundo: cosmopolitismo e relações interamericanas*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciên-

cias Humanas). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2013, 388 p. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-14082013-095744/pt-br.php>.

MINCHILLO, Carlos Cortez. *Érico Veríssimo, escritor do mundo: circulação literária, cosmopolitismo e relações interamericanas*. São Paulo: Ed USP, 2015.

PAZ, Octavio. *La traducción: literatura y literariedad*. Barcelona: Tusquets, 1971.

SAPIRO, Gisèle. Comparativism, transfers, entangled history: sociological perspectives on literature. In: BEHDAD, Ali; THOMAS, Dominic. *A companion to comparative literature*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2011. p. 225-36.

SILVA, João Pinto. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924.

SILVEIRA, Brenno. *A arte de traduzir*. São Paulo: Melhoramentos, 1954.

SOUTO, Sheila. *Tradução no contexto da Era Vargas: Érico Veríssimo tradutor de Aldous Huxley*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2014, 108 p. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6296/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 04 maio 2024.

TREVISANI, Ana Paula. Teoria e prática da tradução: o papel do tradutor. *Acta. Sci. Human Soc. Sci.*, Maringá, v. 29, n. 1, p. 35-40, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3073/307324783005.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2022.

TORRES, Waldemar. *Érico Veríssimo editor e tradutor: viagem através da literatura*. Porto Alegre: AGE, 2012.

TORRESINI, Elisabeth W. R. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

VERÍSSIMO, Érico. *A black cat on a field of snow*. Provo: TriQuest, 2008.

VERÍSSIMO, Érico. *Consider the lilies of the field*. Nova York: Macmillan, 1948.

VERÍSSIMO, Érico. *Consider the lilies of the field*. Nova York: Greenwood, 1969.

VERÍSSIMO, Érico. *Crossroads*. Nova York: Macmillan, 1943.

VERÍSSIMO, Érico. *Crossroads*. Nova York: Greenwood, 1969.

VERÍSSIMO, Érico. *Crossroads and Destinies*. Londres: Arco, 1956.

VERÍSSIMO, Érico. *Dàshǐxiānshēng (大使先生)*. 南方家園: Pequim, 2009.

VERÍSSIMO, Érico. *Evil in the night*. Nova York: Fawcett, 1957.

VERÍSSIMO, Érico. *Gato Preto em Campo de Neve*. Porto Alegre: Globo, 1941.

VERÍSSIMO, Érico. *Gato Preto em Campo de Neve*. Nova York: Holt, 1947.

- VERÍSSIMO, Érico. *His excellencytheambassador*. Nova York: Macmillan, 1967.
- VERÍSSIMO, Érico. *Incidente em antares*. Porto Alegre: Globo, 1963.
- VERÍSSIMO, Érico. *Mexico*. Nova York: Orion, 1960.
- VERÍSSIMO, Érico. *Mexico*. Nova York: Dolphin books, 1962.
- VERÍSSIMO, Érico. *Mexico*. Londres: Macdonald, 1960.
- VERÍSSIMO, Érico. *Mirad los lirios del campo*. Buenos Aires: Club del libro, 1940.
- VERÍSSIMO, Érico. *Night*. Nova York: Macmillan, 1956.
- VERÍSSIMO, Érico. *Night*. Londres: Arco, 1956.
- VERÍSSIMO, Érico. *Olhai os lírios do campo*. Porto Alegre: Globo, 1938.
- VERÍSSIMO, Érico. *O Prisioneiro*. Porto Alegre: Globo, 1967.
- VERÍSSIMO, Érico. *O Senhor embaixador*. Porto Alegre: Globo, 1965.
- VERÍSSIMO, Érico. *The rest is silence*. Nova York: Macmillan, 1946.
- VERÍSSIMO, Érico. *The rest is silence*. Nova York: Greenwood, 1969.
- VERÍSSIMO, Érico. *The rest is silence*. Londres: Arco, 1956.
- VERÍSSIMO, Érico. *Time and the wind*. Nova York: Macmillan, 1951.
- VERÍSSIMO, Érico. *Time and the wind*. Nova York: Greenwood, 1969.
- VERÍSSIMO, Érico. *Time and the wind*. Londres: Arco, 1956.
- ZALLA, Jocelito. *Simões Lopes Neto Modernista*. São Paulo, Letras e Voz, 2023.

Três gatos pretos: Érico Veríssimo em tradução¹

Nicollas Cayann²

Frequentemente usada como tema literário, a viagem é insumo de romances, contos e poemas há muitos séculos. A literatura de viagem se tornou um gênero literário popular logo quando nasceu, instigando a curiosidade de cortes e depois do público leitor sobre as descobertas e aventuras de marujos, marinheiros, navegadores, corsários e exploradores mundo afora. Já tem alguns anos, décadas, que a literatura de viagem tornou-se um ponto de pesquisa legítimo, e no mundo letrado inspirou teses, dissertações e outros trabalhos científicos. A literatura de viagem é sempre assimilada aos aspectos utópicos do imaginário do outro, a construção e tradição literária nos escritos de viagem se baseia nestas experiências e encontro com o desconhecido, com o novo (KASSIS, 2015). Utilizar-se da alteridade como utensílio para produção literária é um dos trunfos do gênero.

O exercício da literatura de viagem há muito tempo serve como ponte entre diferentes países e culturas. Segundo Speak (2003) a estrutura da literatura de viagem se mantém muito similar desde Marco Polo, o que ocorreu foi uma mudança no que diz respeito às curiosidades e abordagem dos tópicos de viagem. Mesmo com os fortes efeitos globalizadores, a prática da literatura de viagem não morreu, continua popular em livrarias e

¹ Este artigo é uma das produções acadêmicas construídas dentro do âmbito do projeto pós-doutoral *Veríssimo e a Tradução Perdida: A black cat on a field of snow* sob execução de Nicollas Kayann e supervisão do Professor Doutor Anselmo Peres Alós. Financiado pela FAPERGS edital 07/2022, o projeto acontece na Universidade Federal de Santa Maria junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras.

² Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pelotas, Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista Pós-doutoral pela FAPERGS na Universidade Federal de Santa Maria. Endereço: Av. Roraima, n. 1000, Cidade Universitária, Camobi, Santa Maria – RS, 97105-900. E-mail: nicollascayann@gmail.com.

bancas pelo mundo inteiro. Já no mundo acadêmico, a crítica muitas vezes deixou de lado o campo de estudo, mas desde a virada do milênio isso vem mudando – gradativa e lentamente (BENDIXEN; HAMERA, 2009). Dois dos maiores nomes da teoria da literatura de viagem declararam em 2002:

O tema da viagem emergiu recentemente como tópico de estudos para as humanidades e as ciências sociais, e o número de trabalhos acadêmicos atinge níveis sem precedentes. As disciplinas de literatura, história, geografia e antropologia superaram, todas, a sua prévia relutância em entender a literatura de viagem como um objeto de estudo sério, e começaram finalmente a produzir um *corpus* interdisciplinar de crítica que permitirá que a histórica complexidade do gênero seja finalmente bem apreciada (HULME; YOUNGS, 2002, p. 28, tradução nossa)³.

É claro que já existia um número notável de estudos sobre textos que versavam sobre a viagem, e é verdade que a viagem como tema literário era já recorrente mesmo no mundo da crítica. Mas Hulme e Youngs acertaram ao notar que a virada dos anos 2000 era um forte momento globalizatório e de deslocamento. O interesse por estudos interdisciplinares cresceu muito e nisso a literatura de viagem só teve ganhos, pois é um dos campos de pesquisa mais interdisciplinares já debatidos. À medida em que este campo foi se fortalecendo no norte global ele foi, pouco a pouco, chegando também no Brasil. País que motivou a escrita de literatura de viagem ao longo de tantos anos, agora também ocupando um espaço notável no panteão da crítica literária brasileira.

Por sua vez, estudar obras de viagem também é um mecanismo para entender o outro – o que é também uma função desempenhada pela tradução. A história da literatura e a história da tradução interseccionam-se em mais de um ponto. As funções da literatura de viagem e da tradução literária são muitas vezes complementares ou equiparáveis, mas jamais opostas. A tradução, por si só, é um artefato viajante, e evidentemente é uma ponte entre diferentes culturas. Traduzir é também dar espaço à voz do outro. Tan-

³ “Travel has recently emerged as a keytheme for the humanities and social sciences, and the amount of scholarly work on travel writing has reached unprecedented levels. The academic disciplines of literature, history, geography, and anthropology have all overcome their previous reluctance to take travel writing seriously and have begun to produce a body of interdisciplinar criticism which will allow the full historical complexity of the genre to be appreciated” (HULME; YOUNGS, 2002, p. 28).

to a tradução quanto a escrita de viagem são espaços de alteridade. Assim sendo, este artigo leva em conta esses dois ramos dos estudos literários.

Este artigo se preocupa em analisar a primeira obra de literatura de viagem do escritor gaúcho Érico Veríssimo (1905-1975). O livro a ser estudado aparece em diferentes versões da mesma obra, e a presente pesquisa leva em consideração três das principais versões do livro: a primeira versão a ser estudada é intitulada *Gato Preto em Campo de Neve* (VERÍSSIMO, 1941), publicada no Brasil em português; a segunda versão também se chama *Gato Preto em Campo de Neve* (VERÍSSIMO, 1947), publicado nos Estados Unidos em português; e, finalmente, será estudada a tradução *A Black Cat On a Field of Snow* (VERÍSSIMO, 2013) publicada nos Estados Unidos em tradução para o inglês.

Érico Veríssimo ocupa o espaço de padrinho da literatura sul-riograndense – junto a Simões Lopes Neto, o patriarca da literatura sul-riograndense. Érico Veríssimo tem sua trajetória marcada pela escrita de *O Tempo e o Vento* mas é necessário lembrar que o autor já ocupava um espaço muito importante a nível nacional muito antes desta publicação. Érico Veríssimo era na verdade um autor internacionalmente conhecido por não tratar da mesma temática que boa parte dos gaúchos:

Veríssimo é nativo do Rio Grande do Sul, o estado brasileiro mais ao sul, no qual o autor nasceu em 1905. Enquanto alguns escritores versam sobre o estilo de vida *gaúcho* desta região como a forma mais legítima da literatura da região, Veríssimo sempre mostrou preferência pelo estilo de vida urbano. Ele tem interesse particular na capital do estado, Porto Alegre, onde boa parte das cenas de seus romances se passam⁴ (KASTEN; LEROY, 1947, p. iii, tradução minha).

Em reconhecimento à sua trajetória e carreira, assim como tantos outros escritores latino-americanos, a Veríssimo foi ofertada uma oportunidade dentro do programa de Boa Vizinhança que se desenvolvia nos Estados Unidos nos anos 1940. A tradição diplomática brasileira foi traçada também por estes intelectuais das letras que foram escalados para papéis de

⁴ Veríssimo is a native of Rio Grande do Sul, the southernmost state of Brazil, where he was born in 1905. Whereas some authors from that have turned to *gaúcho* life of this region as most typical of the area, Veríssimo has always shown a preference for urban life. He is particularly interested in the capital city, Porto Alegre, where the scene of many of his novel is laid (KASTEN; LEROY, 1947, p. iii).

peso da esfera internacional. Estes diplomatas, curadores, professores, adidos e agentes culturais que já eram artistas/escritores renomados muito antes de jogarem-se no âmbito internacional, foram também inspirados por estas vivências. Muitos deles recorrem à literatura de viagem como meio de expressão. Foi o caso de Érico Veríssimo.

Aplaudido em mais de um gênero literário, a polivalência de Érico Veríssimo era evidente e o autor manjava romances, contos, ensaios e tinha também um particular apreço pela escrita de viagens. Diz-se que a Literatura de Viagem de Érico Veríssimo é de largo potencial analítico, mas infelizmente pouco estudada (CARVALHAL, 2005); Relata-se ainda que a carreira internacional e cosmopolita pautada pelo escritor não recebe a atenção necessária (BAGGIO, 2015). Visto que o autor deste artigo publicou artigos, uma dissertação e uma tese sobre a literatura de viagem de Érico Veríssimo, seria estranho, em particular à minha pessoa, dizer que a literatura de viagem de Érico Veríssimo não é explorada, mas a verdade é que os esforços acadêmicos que contornam Érico Veríssimo são pequenos perto da amplitude de sua obra, são volumes inesgotáveis de possíveis análises críticas que por alguma razão ainda estão adormecidos. A obra de Érico Veríssimo no que concerne seu fundo de recurso como tema de estudos literários e linguísticos jaz ainda insuficientemente explorada.

Érico Veríssimo morou no exterior em diferentes momentos de sua carreira, visitou também outros países, sendo um verdadeiro viajante. Tendo em conta a dimensão internacional da obra de Érico Veríssimo era esperado que esta fosse, assim como o seu autor, uma viajante. De acordo com Minchillo (2013), os livros de Érico Veríssimo foram traduzidos em 19 idiomas dentro de um período de 70 anos: começando em 1940, com a primeira tradução de *Olhai os Lírios do Campo* sob o título de *Mirad los lirios del campo*, até 2009, findando com a versão chinesa de *O Senhor Embaixador*, sob o título de *Dàshǎxiànshēng* ('YnOHQu)⁵. O excelente trabalho de Minchillo, tanto em sua tese quanto em seu livro, serviu como fonte direta para realização da minha tese e também do meu projeto de pós-doutorado, é

⁵ Produzi um gráfico e uma mapa que demonstram as porcentagem de edições em diferentes idiomas e os espaços geográficos nos quais estas edições surgiram. Este material pode ser acessado em um outro artigo meu chamado: *Érico Veríssimo: editor, tradutor e traduzido*.

uma escrita que surpreende pela qualidade e pelo cuidado com detalhes. Foi com estranheza que percebi que faltava em sua lista de traduções *A Black Cat On a Field of Snow* (VERÍSSIMO, 2008), texto que eu mesmo havia descoberto por mero acaso.

Sarmiento, intelectual e político argentino, em seu livro *Viajes por Europa, África i América* (SARMIENTO, 1997), dá início, ao seu modo, ao *Grand Tour* latino-americano. O argentino dá seguimento a uma prática que se torna comum aos latino-americanos envolvidos na internacionalização de seus países, a conexão entre o mundo das letras e o mundo das relações internacionais. A ligação entre escritores e intelectuais latino-americanos e carreiras diplomáticas ou derivadas da internacionalização foi uma prática que se espalhou pela América Latina ao longo dos séculos XIX e XX. A adjacência que se construiu entre o mundo letrado e o mundo diplomático é resultado das necessidades que são impostas à diplomacia, tais tarefas do discurso acabam por ser performadas pela elite intelectual (embora tenhamos visto no próprio Brasil que nem sempre aplica-se esta regra). A tradição diplomática foi construída na Europa e estes aspectos que lá foram implementados no eixo diplomático acabaram por recair também na América Latina, por esta razão a diplomacia brasileira e latino-americana foi por muito tempo bastante intelectualizada (CAYANN, 2022). Também em função do projeto que exerceu Rio Branco na formação de uma *intelligentza internacionalista* brasileira o mundo diplomático no Brasil foi um espaço muito disputado pelos intelectuais (PEIXOTO, 2010).

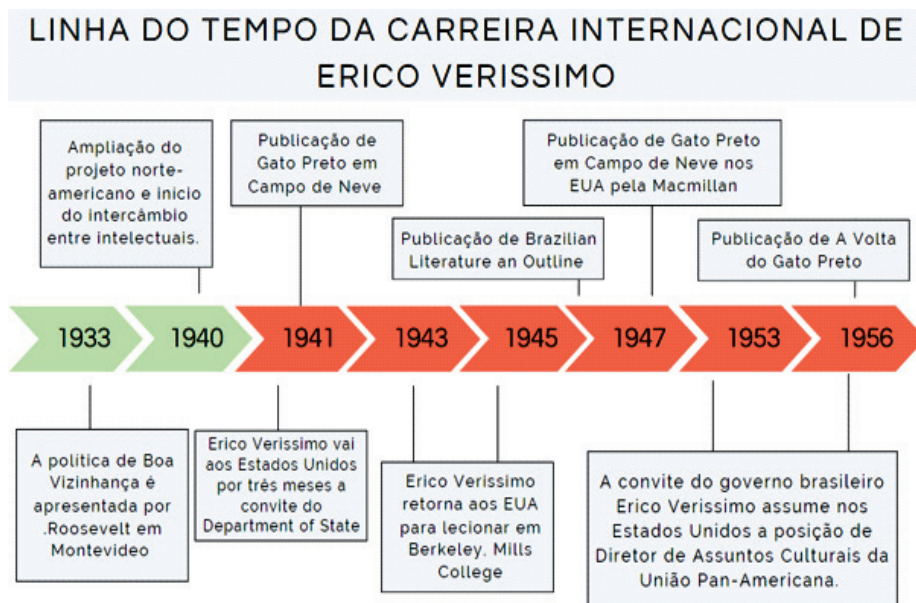
Érico Veríssimo é um destes intelectuais que faz parte da *intelligentsia* internacionalista brasileira, mas a sua entrada nesta esfera é *suis generis*:

Veríssimo é convidado a visitar os Estados Unidos para lecionar e também para tomar parte em palestras informais com o propósito de tirar dúvidas e introduzir o Brasil e seu povo aos americanos; as experiências de viagem e de moradia que o autor teve nos Estados Unidos serviram como base para que ele introduzisse a América e a vida americana ao povo brasileiro⁶ (DOWDLE, 2008, p. xi, tradução minha).

⁶ Veríssimo was invited to come to the United States to give lectures and host informal question and answer gatherings for the purpose of introducing Brazil and its people to the Americans; and he was given travel and residence experiences in the United States that would provide a basis for his introducing America and life in America to the Brazilian people (DOWDLE, 2008, p. xi).

Vejamos uma curta linha do tempo que exemplifica a carreira de Érico Veríssimo nos Estados Unidos:

Imagem I: Linha do tempo da carreira internacional de Érico Veríssimo



Esta linha do tempo foi construída com base nos dados do levantamento histórico do segundo capítulo da minha tese (CAYANN, 2022).

Em verde (1933 3 1940) temos dois eventos do âmbito das Relações Internacionais que são importantes para o surgimento da solidificada carreira internacional do autor gaúcho; em rosa temos os anos das estadias e das principais publicações de Érico Veríssimo que dizem respeito à carreira norte-americana do escritor. Érico Veríssimo foi convidado pelo Ministro de Relações Exteriores do Brasil em 1952, João Neves da Fontoura, para dirigir o Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana. Mas isso se deve a sua já estabelecida carreira internacional que começou em 1941 a convite do governo norte-americano dentro do programa de Boa Vizinhaça. Esta primeira experiência durou três meses e rendeu o livro *Gato Preto em Campo de Neve* (VERÍSSIMO, 1941). Em 1943 o autor foi convidado a retornar aos Estados Unidos como professor visitante:

De junho a agosto de 1944, Érico passa a lecionar no Mills College, em Oakland, na Summer Session, para moças que faziam cursos intensivos de belas-artes, literatura, línguas, ciências sociais, naturais e matemáticas. Num belo parque, de clima delicioso, erguem-se institutos especializados, a Casa Pan-Americana, onde a família Veríssimo fica hospedada, dirigida por Rudolph Schevill, onde o uruguaio Enrique Rodríguez Fabregat, ex-ministro de Educação também dá aulas, a Maison Française, onde Darius Milhaud ensina música e Julian Green fala sobre a arte da ficção, o English Language Institute, onde professores como Domenico Rotunda e Willard Smith tentam ensinar inglês a grupos de mexicanos cheios de razões contra os EUA, e a Casa Chinesa, Ching Kuo Yan, onde se aprende mandarim, cultura e arte chinesa (BORDINI, 2013, p. 86-87).

A oportunidade de lecionar e dar palestras nos Estados Unidos, principalmente em Berkeley e no Mills College é um dos grandes fatores na construção do Érico Veríssimo cosmopolita e internacionalista, a recorrente troca e o frequente intercâmbio do autor com outros intelectuais foram responsáveis por forjar o escritor viajante e fabricar a necessidade de uma carreira internacional para o gaúcho:

Nessa segunda viagem aos Estados Unidos, Érico Veríssimo enfatiza suas concepções anteriores sobre os norte-americanos. Embora admire a fortaleza do homem médio, que suporta as agruras de um tempo de mortes e privações com aparente serenidade, ele percebe que persistem os pontos fracos da civilização americana que observara na viagem anterior. Em cartas dirigidas a suas personagens Fernanda e Vasco Bruno, em que por vezes relata conversas com um imaginário Tobias, além de historiar a formação na nação estadunidense, ele discute as motivações econômicas da guerra, expressando sua indignação pelo preço de vidas jovens cobrado para “alargar impérios econômicos” (BORDINI, 2013, p. 89).

A ascensão da carreira de Érico Veríssimo no plano diplomático influenciou também a projeção de sua obra literária. A rede de contatos do autor ficou severamente mais ampliada depois de sua experiência como promotor da internacionalização brasileira. No seu ofício de embaixador cultural, Érico Veríssimo tomou parte na 10ª Conferência Interamericana de Ministros do Exterior, em 1954, em Caracas; esteve na Conferência Interamericana da Criança no Panamá, no ano de 1955; compareceu à Conferência do Departamento de Assuntos Culturais (DAC) em 1956, em San Juan de Puerto Rico; do mesmo modo que esteve na reunião do Conselho Cultural Interamericano junto a ministros da Educação de 21 países, no intuito de projetar um futuro para o DAC em 1957-58 (BORDINI, 2016). Dentre outras funções:

Também como responsável de assuntos artísticos latino-americanos, fazia acordos e promoções de shows, exposições artísticas e feiras. Na ocasião de 1955, organizou uma exposição do pintor gaúcho Iberê Camargo nos Estados Unidos. Conta ainda nos seus registros conferências na *Northwestern University* e na *University Of Chicago* em 1953; na *Georgetown University* e no *State College*, em 1954. Ademais, há a interessante conferência no México, em 1957, com o título de “Paralelo entre Latinos e Gringos” (que infelizmente carece de fontes, fora a menção no livro *México*, no sexto colóquio com Vasconcelos), além de diversas outras palestras e conferências ministradas por Érico Veríssimo, que também ministrou aulas de história e literatura na *Miami University* (CAYANN, 2022, p. 99).

Além de fazer uso de suas experiências internacionais como fonte literária, como nota-se em *O Senhor Embaixador*, por exemplo, o autor aplicou ainda suas memórias e suas visões de mundo em quatro livros de viagem. Parâmetro este que é central à literatura de viagem: de que modo vê-se o mundo? Na escrita viajante alteridade toma forma de palavra e é através destas narrativas (dependendo do seu poder de importância na república internacional das letras) que descobrimos, definimos, julgamos, enquadramos e damos voz ao outro. O escritor viajante executa um papel de editor na construção da perspectiva da viagem que narra (CAYANN, 2022). Enquanto a viagem, mesmo a mais planejada, se passa em um plano dinâmico de resposta a estímulos e acontecimentos a escrita da viagem se dá em um plano diverso que também é dinâmico, mas de outro modo. A escrita da viagem se passa no plano da memória e depende das lembranças e impressões de quem escreve:

Sua função de narrador por escrito o obriga a tomar decisões sobre como irá contar sua experiência, o que deverá omitir, sob quais critérios, a que dará ênfase, de que modo manterá o interesse de seu leitor, até que ponto poderá emitir juízos de valor sobre o que conheceu, enfim, como efetuará a (re)apresentação de sua viagem na perspectiva da memória, que tanto lembra quanto esquece. O viajante e o narrador de viagens são duas entidades diversas, fundidas pela recordação, mas separadas, uma pela vivência fluente da própria viagem, a cada momento dela, outra pelas injunções de seu projeto narrativo memorial (BORDINI, 2013, p. 79).

O ato de viajar afeta o viajante em diferentes níveis, a ampliação dos horizontes modificam o “eu” do escritor viajante. O deslocamento proporciona o despertencimento e a chance do “eu” de ser o “outro” de uma cultura estrangeira, é neste espaço que nasce a escrita de viagens – há também o leitor viajante, pois a perspectiva do leitor também altera o entendi-

mento do texto. É Sara Viola Rodrigues, que ao tratar de *Gato Preto em Campo de Neve* (1941), comenta: “em minha leitura/viagem, busco perceber como Érico Veríssimo cria no campo discursivo do relato de suas viagens a consciência a respeito do Outro, representado de múltiplas formas nos seus livros” (RODRIGUES, 2005, p. 102).

Nesta parte do texto a pesquisa mostra as relações entre três diferentes versões da mesma narrativa: *Gato Preto em Campo de Neve*. Este livro do Veríssimo será analisado levando em conta a sua versão brasileira, cuja publicação original consta de 1941, contudo, o artigo trabalha com a edição da coleção *Érico Veríssimo* da Editora Globo de 1996 (a 22ª edição) que conta com o prefácio e notas de 1956⁷; a segunda versão analisada é *Gato Preto em Campo de Neve* de 1947, uma publicação estadunidense do texto em português – trata-se de uma adaptação do texto original para um livro didático de aprendizes de português brasileiro; e por fim temos a tradução em língua inglesa, *A Black Cat On a Field of Snow* (2008). Todas as versões mencionadas fazem parte do espesso tecido literário criado por Érico Veríssimo que ajudou a elevar a literatura brasileira a nível internacional.

A literatura brasileira em tradução é até hoje minoritária. Contudo, nos anos 1940 ser um escritor brasileiro e ter seu texto traduzido em uma língua além do espanhol era evidência de sucesso. Em um período em que literatura brasileira era majoritariamente (de certo modo, unicamente) apreciada no mercado interno do país, Érico Veríssimo possuía mais que um título seu traduzido e em circulação nos Estados Unidos. O escritor teve sucesso em sua carreira internacional no meio editorial, no meio diplomático-cultural e também no espaço de escritor das letras internacionais que ocupou.

Como muitos outros escritores, no entanto, Érico Veríssimo caiu no esquecimento. Todavia, antes de ser esquecido ou rebaixado na república internacional das letras, o gaúcho teve pelo menos 10 títulos seus traduzidos ao inglês. Alguns, como *Caminhos Cruzados* e *O Tempo e o Vento*, com

⁷ Embora tenha-se optado pela versão de 1956, pela sua completude e por ser a versão “final” desta obra – até então – o artigo também faz menção à primeira edição, assim como o manuscrito disponível no Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro. Tais usos estão discriminados quando necessário.

pelo menos três editoras diferentes publicando traduções distintas nos Estados Unidos e no Reino Unido. Contudo, devido às baixas vendas e à pouca procura, houve um crescente desinteresse editorial que levou à impossibilidade de novas tiragens das traduções de Érico Veríssimo. No ano de 1960, a editora responsável pelo catálogo de traduções no qual constavam as obras de Veríssimo foi vendida, e as obras do autor gaúcho foram, então, descartadas.

Tendo os títulos de Veríssimo sido descartados junto à Macmillan, não se esperava que outras traduções anglófonas fossem existir tão cedo. Tendo em vista o minucioso trabalho de Minchillo em organizar uma lista com todas as obras já traduzidas de Érico Veríssimo até 2013, tampouco se esperava encontrar algo novo para adicionar ao levantamento. Foi com grande surpresa que, em 2020, na fase em que revisitou o texto de minha tese após a qualificação, graças ao trabalho cauteloso de minha revisora e amiga Helena Rezende Ramires, tive acesso à informação de que existia uma tradução de *Gato Preto em Campo de Neve* sob o título *A Black Cat On a Field of Snow*. Tocar esse livro foi um trabalho árduo que levou cerca de dois anos, muitas encomendas, *e-mails*, mensagens em redes sociais e pedidos de favores a antigos amigos do mundo acadêmico que conheci na minha *Alma Mater*, a Universidade Federal de Pelotas.

O acesso a esta tradução em específico gera de imediato várias questões: como ninguém tem informações catalogadas desta tradução? Foi feita sem consulta às instituições responsáveis pela obra de Veríssimo? Sendo esta uma tradução de uma versão menor do livro original que se preocupa em servir de material didático para alunos de português brasileiro como língua estrangeira, que tipo de abordagem foi utilizada para esta tradução? Foi traduzido como um material didático ou como a obra do autor em si? A curiosa e *suis generis* situação na qual este texto se encontra coloca ele, assim como o material didático, na condição de paratextos do original.

Deste modo, pode-se abordar o texto pela perspectiva de paratexto ou de *comentário* tal qual propõe Gérard Genette (1997). Para Genette, *paratextos* são todos aqueles elementos que acompanham o texto, como por exemplo: título, epígrafes, notas de rodapé, prefácios e posfácios, ilustrações e outros elementos textuais (ou não) que compõem a obra, sendo eles

de outros signos ou meramente acessórios. Estes elementos são, na visão de Genette, responsáveis por gerar comentário, inferir contexto (de perspectiva variada). O paratexto é então um texto que acompanha e é acompanhado do texto original; sendo assim, a tradução pode ser compreendida como uma espécie de elemento paratextual. Walter Benjamin afirma que o processo de tradução é um dos pilares da metaformose que o texto sofre em prol da sobrevivência (BENJAMIN, 1923). É claro que nem todo o leitor de uma tradução vai buscar compreender ou referenciar a obra original, assim como nem todo o leitor vai se influenciar por todos os elementos paratextuais de um livro, e mesmo aqueles que se influenciam serão tocados pelos elementos de diferentes modos: tratam-se de experiências singulares. A tradução como paratexto, me parece mais ligada ao estudo crítico.

Quando uma tradução ocorre, há um exercício de deslocamento. O texto de origem é convidado a fazer uma viagem entre sistemas literários. Atravessa-se um percurso por vezes histórico e geográfico, por vezes são sistemas literários próximos, como é o caso do mundo lusófono e hispanófono, ou podem ser sistemas literários completamente distintos, como é o caso do mundo de fala estoniana e o âmbito anglófono. Independentemente do tamanho da viagem à qual o texto é submetido, há adaptações e modificações entre a origem e a chegada de um texto de um sistema literário ao outro. É neste sentido que o texto original serve como parâmetro referencial.

Além de Genette, vários outros estudiosos do tema sugerem que a tradução pode ser sim compreendida como um formato de leitura referencial. Publicado recentemente, o livro *Histoire des traductions en langue française* diz que o tradutor é de base um leitor, um “*lecteur par excellence*” (MAISON; CHEVREL, 2019, p. 19). Além disso, Kathryn Batchelor (2022) afirma que o uso da técnica de comentário e o uso da tradução como recurso referencial tem sido utilizado em processos tradutológicos recentes. Estes estudos recentes reforçam a ideia de que a tradução é um paratexto do original. Batchelor sugere ainda:

A natureza e o propósito da ideia de comentário e crítica literária tem distintas variações entre diferentes espaços, períodos ou contextos disciplinares [...]. Para que se compreenda o que Genette sugere quando diz que a tradução pode servir como comentário de um texto original, devemos, então, bus-

car entender o que ele acredita que seja a ideia de comentário (BATCHELOR, 2022, p. 49, tradução minha)⁸.

Umberto Eco diz que:

A tradução é uma das formas de interpretação e deve sempre mirar, seja partindo da sensibilidade e da cultura do leitor, encontrar, não digo a intenção do autor, mas sim a intenção do texto, aquilo que o texto diz ou sugere em relação a língua em que é expresso e ao contexto cultural no qual nasce (ECO, 2003, p. 16, tradução minha)⁹.

Eco (1994) ainda estabelece que dos textos sempre se assume duas afirmações: que de um lado se tem a ideia de que o texto original tem uma essência, uma natureza quase divina e formadora, uma espécie de gênese textual que deve ser preservada em suas outras versões, ao mesmo tempo se coloca em contraposição a ideia de que o texto tem múltiplas possíveis interpretações. Entre *I limiti dell'interpretazione* (ECO, 1994) e *Dire Quasi La Stessa cosa* (ECO, 2003), o autor pondera divergentes questões sobre o que considera o ato de traduzir, mas em ambos estudos o autor coloca o tradutor, ou o intérprete, em primeiro plano como um leitor e o texto original como um instrumento referencial, principalmente para o leitor crítico. Deste modo infere-se que as traduções são trabalhos únicos e singulares e, ao mesmo tempo, são trabalhos referenciais de seus textos de origem, e que são trabalhos porosos que são permeados por diferentes questões temporais, geográficas, políticas, sociais e editoriais.

Levando em consideração as possíveis mudanças paratextuais entre as três publicações de Gato Preto em Campo de Neve, vejamos um quadro comparativo de alguns elementos que serão analisados no artigo:

⁸ “Ideas about the nature and purpose of commentary and literary criticism vary significantly from one place, time or disciplinary context to another [...] If we are to understand Genette’s suggestion that translations serve as commentary on the original text, we must therefore first seek to understand what he is taking commentary to be” (BATCHELOR, 2022, p. 49).

⁹ “La traduzione è una delle forme dell’interpretazione e deve sempre mirare, sia pure partendo dalla sensibilità e dalla cultura del lettore, a ritrovare non dico l’intenzione dell’autore, ma l’intenzione del testo, quello che il testo dice o suggerisce in rapporto la lingua in cui espresso e al contesto culturale in cui è nato” (ECO, 2003, p. 16).

Tabela I: Quadro comparativo dos paratextos das publicações de Gato Preto em Campo de Neve

Item de análise	Gato Preto em Campo de Neve (1941)	Gato Preto em Campo de Neve (1947)	A Black Cat on a Field of Snow (2008)
a – Idioma	Português	Português	Inglês
b – Prefácio	Autor	Editores	Tradutor
c – Nota do autor	Consta junto ao prefácio	Consta	Consta
d – Nota biográfica	Não consta	Não consta	Consta
e – Ilustrações do autor	Não constam	Constam	Constam
f – Parágrafos numerados	Não constam	Constam	Não constam
g – Glossário	Não consta	Consta	Não consta

A base para a Tabela I é um estudo comparativo entre as três edições da coleção do pesquisador.

Entre as três edições, como imagina-se, há muitas similaridades, mas há também várias divergências interessantes, como por exemplo o número de páginas: a edição brasileira de 1941 inclui mais de 550 páginas; já a versão americana (em português) de 1947 é editada em 183 páginas – mais glossário; a tradução em inglês, de 2008, foi feita em 176 páginas. Veja-se uma curta comparação dos itens de análise da tabela superior:

a) idioma: a primeira edição é brasileira, em português pela editora Globo, já a segunda é americana, publicada pela dupla editorial Kasten & Leroy junto a University Of Wisconsin através da casa editorial Henry Holt, pensada para um curso de idiomas, e por fim a tradução foi publicada por uma editora chamada TriQuest Book Services nos Estados Unidos.

b) prefácio: todas as versões estão acompanhadas de prefácio, a de 1941 com um prefácio do autor, que foi alterado em 1956; a de 1947 com um prefácio dos editores; e a tradução de 2008 com um prefácio bastante lacônico do tradutor.

c) nota do autor: a edição original brasileira, desde 1956, consta com um prefácio mais longo que inclui novas notas do autor; a edição de 1947 tem a replicação do “bilhete” feito por Érico Veríssimo como prefácio do livro em 1941, que pode-se interpretar neste caso como nota do autor; e a tradução de 2008 conta com uma tradução deste “bilhete”, contudo, o tradutor tomou algumas liberdades como a retirada da frase inicial de Veríssimo “*Está claro que nem agora conheço os Estados Unidos*” (VERÍSSIMO, 1941).

d) nota biográfica: tanto a edição original de 1941 quanto a versão de 1947 não incluem uma nota biográfica sobre o autor, contudo, na edição de 1947 no prefácio dos editores há uma explicação de quem é Érico Veríssimo e de sua relação com os Estados Unidos. A tradução é a única versão na qual realmente consta uma nota biográfica separada dos outros paratextos. Ao final da tradução há também uma pequena nota biográfica sobre o tradutor.

e) ilustrações do autor: a edição original de 1941, assim como suas outras edições brasileiras não contam com ilustrações do autor, contudo, se sabe que Érico Veríssimo fazia ilustrações, pode-se ver por exemplo em *México* (1957) algumas ilustrações que o autor fez junto ao seu diário de viagens e que foram incluídas na publicação do livro. Já na edição americana de 1947 pode-se notar várias ilustrações feitas por Érico Veríssimo que ajudam o leitor a compreender a sua visão dos Estados Unidos; a tradução também inclui estes desenhos. Além disso, a tradução conta com fotografias em preto e branco na contra capa cujas autorias não são devidamente creditadas.

f) parágrafos numerados: ferramenta muito comum em edições de textos reduzidos de acordo com o nível de idioma a ser trabalhado (A1, A2, etc.) a numeração de parágrafos ou linhas não é um recurso presente na publicação original de 1941, mas é uma ferramenta que aparece na edição de 1947 – que, reforço, foi pensada para o ensino de idiomas; a tradução (2008) não inclui as marcações numéricas nos parágrafos do texto.

g) glossário: a instrumentalização do uso de um glossário tem relação com o estranhamento que o uso de linguagem de uma publicação possa causar, como por exemplo a edição de 1949 de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul* de Simões Lopes Neto que havia sido pensada para um âmbito nacional, a não regional, e por isso contém um glossário de gauchismos, a fim de esclarecer alguns termos ao leitor que não é versado nos vocábulos gauchescos. Como o texto de *Gato Preto em Campo de Neve* (VERÍSSIMO, 1941) não faz uso suficiente de uma linguagem que cause estranhamento ao leitor brasileiro, o livro não vem acompanhado de glossário. Já na edição de 1947 o texto traz ao final da publicação um glossário com vários termos lusófonos e com suas traduções em inglês – funcionando como um recurso aos estudantes de língua portuguesa; a tradução de 2008 não conta com glossá-

rio; a edição de 1947 conta também com uma diversidade de notas de rodapé que esclarecem anedotas, comentários idiomáticos e um rico e vasto repertório de personalidades brasileiras, latino-americanas e até mesmo europeias e estadunidenses que aparecem em menção no texto, na tradução não são todas as notas que emergem no texto, contudo, há sim algumas notas explicativas de vocabulário brasileiro, como é o caso de *favela*: “The Favela is the Negro district of Rio de Janeiro” (VERÍSSIMO, 2008, p. 139 – tradução de Harold L. Dowdle). A decisão de quais notas seriam ou não traduzidas e quais seriam editadas parece bastante arbitrária, além disso, o tradutor inclui notas próprias, veja-se uma comparação na tabela que segue:

Tabela II: Comparação de notas de rodapé entre a edição de 1947 e a tradução de 2008

Gato Preto em Campo de Neve (1947)	A Black Cat on a Field of Snow (2008)
Guanabara Bay , <i>Rio de Janeiro</i> . Pão de Açúcar Sugar Loaf, <i>mountain at entrance of Guanabara bay</i> . Gávea Flat topped rock 2575 feet in elevation near <i>Rio de Janeiro</i> . Cara faces , <i>distributivo singular</i> . Pôrto Alegre capital of the State of <i>Rio Grande do Sul</i> (Veríssimo, 1947, p. 140).	Guanabara is the bay on which Rio de Janeiro is located. This name translates as “Sugar Loaf” in English. This unusual mountain is at the entrance of the bay (Veríssimo, 2008, p. 137).

Das 215 notas explicativas que encontram-se distribuídas nas páginas da edição de 1947 algumas estão traduzidas na publicação de 2008, outras estão extremamente alteradas, mas há uma disparidade nos números, pois a tradução de Harold L. Dowdle conta com um total de apenas 30 notas explicativas. Há também uma divergência na quantidade de capítulos. O livro original de 1941 conta com 15 capítulos e um epílogo, mas a versão de 1947 excluiu dois capítulos inteiros, a tradução de 2008 é composta dos mesmo capítulos da versão de 1947:

Tabela III: Capítulos presentes nas três versões de Gato Preto em Campo de Neve

Gato Preto em Campo de Neve (1941)	Gato Preto em Campo de Neve (1947)	A Black Cat on a Field of Snow (2008)
A primeira viagem de Sinbad	A primeira viagem de Sinbad	Sindbad's First Trip
Prelúdio	Prelúdio	Prelude
Washington	Washington	Washington
Baltimore	<i>Não consta</i>	<i>Não consta</i>
Filadélfia	Filadélfia	Philadelphia
Nova York	Nova York	New York
Os Wilders de New Haven	<i>Não consta</i>	<i>Não consta</i>
Boston	Boston	Boston
Chicago	Chicago	Chicago
Rumo ao sul	Rumo ao sul	Heading South
Nova Orleans	Nova Orleans	New Orleans
Horizontes efêmeros	Horizontes efêmeros	Ephemeral Horizons
Pela janela do trem	Pela janela do trem	Out the Train Window
San Francisco	San Francisco	San Francisco
Hollywood	Hollywood	Hollywood
Diálogo sobre os Estados Unidos	Diálogo sobre os Estados Unidos	A dialogue concerning the U.S.

Dos capítulos que estão presentes na edição de 1947 e na tradução de 2008 vários não estão completos. A questão editorial da edição de 1947 também não fica clara, e em alguns momentos parece contraditória. Os editores afirmam em nota não ter produzido nenhuma mudança substancial no texto de Veríssimo. Um dos trunfos mais interessantes deste livro, no que concerne à escrita Verimissiana, é a retomada de Malazarte, personagem de *Fantoches* (Veríssimo, 1932) reinterpretado como um amigo imaginário, alter ego, do autor/narrador. No prefácio dos editores em 1947 há menção a este personagem:

Veríssimo não esteve sozinho nessa viagem. Seu *alter ego*, Malazarte, viajou com ele. Eles visitaram quatorze das nossas principais cidades; eles comentaram sobre o que viram; eles filosofaram; eles sonharam. Eles se encontraram com cidadãos ilustres, figuras literárias, estudantes, trabalhadores, e tipos nativos¹⁰ (KASTEN; LEROY, 1947, p. iv, tradução minha).

¹⁰ Veríssimo was not alone on this trip. His *alter ego*, Malazarte, traveled with him. They stopped in fourteen of our principal cities; they commented on what they saw; they philosophized; they dreamed. They met prominent citizens, literary figures, students, working men, native types (VERÍSSIMO, 1947, p. iv).

Visto que os editores compreendem a importância de Malazarte para a história e para escrita de Veríssimo, foram mantidos na edição de 1947 em sua maioria os trechos em que este personagem aparece, já na tradução de 2008 algumas frases foram excluídas e também optou-se pelo uso de tempos verbais destoantes daqueles da versão de 1947. Além disso, durante alguns trechos em que o texto deixa ambígua a ideia de realidade, optou-se, na tradução, pelo uso de aspas ao invés de travessão dando uma aparência de testemunho mais do que diálogo. Veja-se na tabela abaixo uma seleção textual referente ao subcapítulo *Eu e o Outro* no qual a passagem grifada em itálico foi completamente retirada na tradução:

Tabela IV: Comparação de trechos entre a edição de 1947 e a tradução de 2008

Gato Preto em Campo de Neve (1947)	A Black Cat on a Field of Snow (2008)
Decerto o calor me fez dormir e isto é apenas um sonho. – <i>Não me conhece?</i> É espantoso! [...] – Tenho ainda vinte anos. Gosto de olhar a lua e quando sonho durante a noite não procuro interpretar os sonhos pela manhã (Veríssimo, 1947, p. 3).	Most certainly the heat has put me to sleep, this is only a dream! It is frightening! [...] I was only twenty years old. I like to look at the moon and when I dream, I don't try to interpret my dreams in the morning (Veríssimo, 2008, p. 3).

Ao comparar as três versões fica evidente que a tradução não foi feita com base no texto original, mas sim através da leitura da edição americana de 1947. Este fato sozinho já gera uma certa problemática na função do artefato literário, pois a edição de 1947 foi feita para estudantes de português brasileiro como língua estrangeira, enquanto a tradução de 2008 foi pensada para um público leitor comum. Imagine que *Candide* de Voltaire foi adaptado para diferentes níveis de aprendizado de língua francesa – pois esta é uma realidade na coleção *Lire En Français Facile* da editora Hachette, pode-se encontrar livros de vários autores para uma variedade de níveis entre o A1 e o B2. Agora, imagine que ao invés de traduzir para o inglês o livro original (texto de origem) de Voltaire, um tradutor decida traduzir a

versão *Lire En Français Facile*, certamente isso gera um certo estranhamento e é uma problemática a ser debatida.

O caso de *A Black Cat On a Field of Snow* (VERÍSSIMO, 2008) não é exatamente igual ao caso mencionado no parágrafo anterior. Sabe-se que Voltaire não teve participação da edição das versões niveladas de seu texto, já no caso de Veríssimo não se sabe ao certo o quão grande foi sua participação da edição do livro didático de 1947: “Os editores agradecem ao Senhor Veríssimo por permitir que sejam editadas as seleções textuais de *Gato Preto em Campo de Neve*”¹¹ (KASTEN; LEROY, 1947, p. v, tradução minha). Os editores mencionam ainda no prefácio que não houveram grandes alterações na escrita de Veríssimo, mas que foram estabelecidas algumas normas que fugiam ao texto original, além da adição de notas que não constam no original. Logo, nota-se que houve sim um trabalho editorial no texto de Veríssimo, há partes que foram completamente descartadas, e outras que foram severamente reduzidas, o que faz sentido já que a função da edição de 1947 é servir como texto de apoio e material didático para aulas de português.

A tradução de 2008 é intrigante por uma gama de fatores, o primeiro fator que chama atenção é o fato de que o texto traduzido não é o texto completo. Ao analisar a tradução, imagina-se que por não ser um texto em sua completude a tradução seja falha, ou ineficaz. Não é o caso. O trabalho editorial de Kasten & Leroy é muito bem curado e entrega ao leitor uma redução do texto de Veríssimo que faz sentido e que produz uma leitura agradável, logo, a tradução deste texto é também agradável e interessante. O fato de que o tradutor retirou as marcações de parágrafos e descartou o glossário descaracteriza, de certo modo, a função primária da edição de 1947, mas, o fato de traduzi-la para o inglês também é uma descaracterização de sua função, é uma nova perspectiva textual.

A situação da tradução inspira a análise dos três textos em conjunto e isso também estabelece algumas perspectivas, por exemplo, imagina-se que exista alguma subtração do texto original, mas não considera-se de imedia-

¹¹ The editors wish to thank Senhor Veríssimo for granting his permission to edit selections from the *Gato Preto em Campo de Neve* (KASTEN; LEROY, 1947, p. v).

to, que haja uma adição de conteúdo no corpo do texto, mas isso aconteceu. Veja-se:

Tabela V: Comparação de trechos entre as três versões de Gato Preto em Campo de Neve

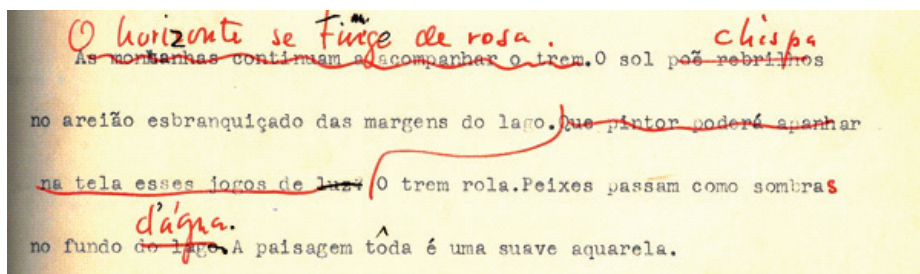
Edição	Trecho
Gato Preto em Campo de Neve (1941)	O horizonte se tinge de rosa. O sol chispa no areião esbranquiçado das margens do lago. O trem rola. A paisagem toda é uma suave aquarela (Veríssimo, 1941, p. 417).
Gato Preto em Campo de Neve (1947)	O horizonte se tinge de rosa. O sol chispa no areião esbranquiçado das margens do lago. O trem rola. <i>Peixes passam como sombras no fundo de água.</i> A paisagem tôda é uma suave aquarela (Veríssimo, 1947, p. 136).
A Black Cat on a Field of Snow (2008)	The western horizon is tinged with red. The sun sparkles on the white sand on the shores of the lake. The train rolls on. <i>The fish seems like shadows deep in the water.</i> The landscape has the appearance of a soft watercolor (Veríssimo, 2008, p. 133).

Como pode-se notar nos trechos separados na Tabela V, a frase *Peixes passam como sombras no fundo de água* (Veríssimo, 1947) não consta nas edições brasileiras do livro. A tradução, que como já mencionado, é feita com base na edição americana de 1947, obviamente, traduz este trecho. Fato curioso sobre esta passagem é que o Salt Lake em Utah é um ambiente extremamente salino, em alguns índices muito mais salino que os oceanos, sendo então um ambiente não propício para vida de peixes. Não há notícia de peixes vivendo no Salt Lake¹². Contudo, o lago tem pequenas moscas e uma espécie de camarão que habitam o espaço, talvez tenham sido estas criaturas e seus movimentos na água que inspiraram a imaginação de Ve-

¹² Desde que comecei esta pesquisa tenho mantido contato com vários pesquisadores e interessados em Érico Veríssimo. Graças à larga rede de contatos de Theodore Young – pesquisador americano e gaúcho de coração com quem tenho trocado longas correspondências – fui copiado em um email de Fred Williams que lembra-se de Veríssimo mencionar, no texto, peixes que saltavam da água no Salt Lake. Fred Williams revela com este comentário que leu, e talvez até estudou, a edição didática de 1947 visto que a edição completa em português nunca fora publicada nos Estados Unidos.

ríssimo, já que os outros organismos que são capazes de viver no lago não são visíveis. Este, e outros pormenores, se explicam através de diferentes fontes, no caso da passagem supracitada a primeira edição do livro em 1941 consta com tal passagem, e tal menção se encontra também no manuscrito do livro:

Imagem II: Facsímelas da passagem analisada na Tabela V



screenshot do facsímelas dos originais disponibilizados pelo Acervo de Literatura, coleção Érico Veríssimo no Instituto Moreira Salles sob o número 067185_468.

Se nota que o autor editou alguns trechos deste capítulo e na triagem acabou preservando tal frase que, cientificamente, não faz sentido. Na edição de 1947 (nos Estados Unidos) a frase continua como parte do texto, já na edição de 1956 (aquela que se entende como a mais completa) a frase foi retirada, não há nota ou comentário sobre tal decisão. Ao decorrer das várias edições deste livro o autor retirou a frase do texto completo e até hoje ele é editado sem ela. Há, provavelmente, outras instâncias em que isso aconteceu, mas foge ao escopo deste estudo.

Além disso, a tradução de 2008 não consta na listagem de obras de Érico Veríssimo e também não consta na coleção do arquivo Érico Veríssimo no Instituto Moreira Salles. O livro apresenta um código de catalogação na Library of Congress (2008925176) que na busca do site oficial do catálogo da Library of Congress, não funciona. O livro oferece ainda um número de ISBN (9781566847049) que no site *ISBN Search* funciona e localiza o artefato. A tradução consta como *copywriting pending*.

Palavras finais

Como mencionado anteriormente, nem todos os capítulos foram selecionados para a edição de 1947, e logo, nem todos foram traduzidos para a tradução de 2008. Mesmo os artigos selecionados não estão em sua completude na versão de 1947, as decisões editoriais também não ficam muito claras. Por exemplo, no capítulo *Washington* o subcapítulo *Pintura Mural* foi completamente removido. Neste subcapítulo, Érico Veríssimo descreve verbalmente como ele imagina uma pintura em estilo mural de Diego Rivera de Washington, em particular sempre gostei deste trecho do texto. Mas é necessário que seja levado em consideração os diferentes níveis de alteridade que são trabalhados na comparação destes três textos. Isso é também notado pelos editores da edição de 1947 no prefácio:

Ainda que nem sempre concordemos com a interpretação de Veríssimo, sem dúvidas, podemos encontrar muito do que nos concerne em seu trabalho. O fato de que somos descritos com simpatia pelo representante de uma outra cultura nos dá uma nova perspectiva naquilo que diz respeito a nós mesmos. Ao passo em vemo-nos através do olhar de um brasileiro, ficamos a par das diferenças que separam nossas respectivas culturas e atitudes de modo geral¹³ (KASTEN; LEROY, 1947, p. iv, tradução minha).

No texto original de 1941 temos a perspectiva de um membro da elite letrada brasileira sobre sua própria visão dos estadunidenses, seus costumes, suas cidades, sua cultura, suas gentes, a forma como relacionam-se, como comem, como conversam, como enxergam-se; na edição de 1947 nos é apresentado um texto editado, curado, por estadunidenses, da visão de um brasileiro sobre estadunidenses, mas é um texto acessado pela pequena parcela de estadunidenses capazes de ler em português; e por fim, na tradução de 2008 é posto em jogo um texto em inglês sobre a visão editada de um brasileiro sobre os estadunidenses, mas trata-se de uma publicação de pouquíssima circulação, com uma tiragem incerta. Então, apresentam-se nesta relação diversos níveis de alteridade. O processo de descrição da alteridade

¹³ Though we may not always agree with Veríssimo's interpretations, we can doubtless find much concerning ourselves in his work. The fact that we are discussed sympathetically by a representative of another culture gives us a new concept concerning ourselves. As we see ourselves through the eyes of a Brazilian, we become aware of differences that separate our respective cultures and general attitudes (KASTEN; LEROY, 1947, p. iv).

é um dos fatores mais recorrentes da literatura de viagem, gênero textual no qual *Gato Preto em Campo de Neve* está inserido, mas não é sempre que acontece a oportunidade para uma integração tão dinâmica entre versões do mesmo texto.

A descoberta desta tradução ainda requer investigação mais avançada e mais profunda que vai além da proposta de pesquisa na qual este artigo inicial aqui apresentado foi produzido. Espero que esta pesquisa sirva como alavanca para mais estudos sobre este e outros textos de Veríssimo, talvez mais tesouros estejam escondidos por aí.

Referências

- BATCHELOR, Kathryn. Translation as a commentary: paratext, hypertext, meta-text. In: BAKER, Mona (org.). *Unsettling Translation*. Nova York: Routledge, 2022.
- BAGGIO, Kátia. Prefácio. In: MINCHILLO, Carlos Cortez. *Érico Veríssimo, escritor do mundo: circulação literária, cosmopolitismo e relações interamericanas*. São Paulo: Ed USP, 2015.
- BENDIXEN, Alfred; HAMERA, Judith. *The Cambridge Companion to American Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- BENJAMIN, Walter. *The Task of the Translator*. Nova York: Schocken Books, 1978 [1923].
- BORDINI, Maria da Glória. A identidade do viajante: Érico Veríssimo nos Estados Unidos. *Antares: Letras e Humanidades*, Caxias, v. 5, n. 10, p. 76-91, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/2546>. Acesso em: 19 maio 2024.
- BORDINI, Maria da Glória. Érico Veríssimo e a vida diplomática na União Pan-Americana. *Nonada, letras em revista*, Porto Alegre, v. 2, n. 27, p. 155-164, set. 2016. Disponível em: <https://seer.uniritter.edu.br/index.php?journal=nonada&page=article&op=view&path%5B%5D=1429>. Acesso em: 19 maio 2024.
- CAYANN, Nicollas. *Érico Veríssimo através do espelho*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, 2022, 169 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/24344>. Acesso em: 19 maio 2024.
- CARVALHAL, Tania. In: BETTIOL, Maria Regina; CUNHA, Patrícia; RODRIGUES, Sara. *Érico Veríssimo, muito além do tempo e o vento*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

ECO, Umberto. *Dire Quasi La Stessa cosa: Esperienze Di Traduzione*. Milão: Bompiani, 2003.

ECO, Umberto. *I limiti dell'interpretazione*. Milão: La nave d'iteceo, 1994.

GENETTE, Gérard. *Para texts: Thres holds of interpretation*, translated. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HULME, Peter; YOUNGS, Tim. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002

KASTEN, Lloyd; LEROY, Claude. Preface. In: VERÍSSIMO, Érico. *A black cat on a field of snow*. Provo: TriQuest, 2008.

KASSIS, Dimitrios. *Representations of the North in Victorian Travel Literature*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2015

LOPES NETO, Simões. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre, Globo, 1949 [1912].

MANSON, Jean-Yves; CHEVREL, Yves. *Histoire des traductions en langue française*. Paris: Verdier, 2019.

MINCHILLO, Carlos Cortez. *Érico Veríssimo, escritor do mundo: cosmopolitismo e relações interamericanas*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2013, 388 p. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-14082013-095744/pt-br.php>.

MINCHILLO, Carlos Cortez. *Érico Veríssimo, escritor do mundo: circulação literária, cosmopolitismo e relações interamericanas*. São Paulo: Ed USP, 2015.

MINCHILLO, Carlos Cortez. Autor, editor e editado: Érico Veríssimo sob o crivo norte-americano. *Opiniões*, v. 1, n. 1, p. 68-75, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/142089/137387>. Acesso em: 15 nov. 2022.

PEIXOTO, Fernanda. Letras y diplomacia en Brasil: una aproximación en tres tiempos. In: ALTAMIRANO, Carlos. *Historia de los intelectuales en América Latina I*. 1. ed. Buenos Aires: Katz, 2010.

RODRIGUES, Sara Viola. Uma nova viagem com o gato preto. In: BETTIOL, Maria Regina; CUNHA, Patrícia; RODRIGUES, Sara. *Érico Veríssimo, muito além do tempo e o vento*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

SARMIENTO, Domingo F. *Viajes por Europa, África y América, 1845-1847*. Buenos Aires: Nabu Press, 2014 [1849].

SPEAK, Jennifer. *Literature of travel and exploration*. Londres: Routledge, 2003.

Veríssimo, Érico. *A black cat on a field snow*. Provo: TriQuest, 2008.

Veríssimo, Érico. *Fantoches*. Porto Alegre: Globo, 1932.

Veríssimo, Érico. *Gato Preto em Campo de Neve*. Porto Alegre: Globo, 1941.

Veríssimo, Érico. *Gato Preto em Campo de Neve*. Nova York: Holt, 1947.

Veríssimo, Érico. *México*. Porto Alegre: Globo, 1957.

A literatura sul-rio-grandense e a questão das elites crioulas¹

Nicollas Cayann

Tomo aqui como inspiração a escrita de Sartre no livro *Qu'est-ce que la littérature* (SARTRE, 1947), que, mesmo com uma quantidade discutível de rodeios acaba, por fim, dando uma resposta direta sobre aquilo que ele acredita ser literatura e sobre aquilo que ele acredita ser literatura engajada. Em razão dessas questões – e da minha ousadia de tomar inspiração em Sartre – quero oferecer já no início deste trecho uma resposta simples, direta e cartesiana: a literatura sul-rio-grandense é um tipo de literatura regional e diz respeito à produção literária feita dentro dos limites geográficos do Rio Grande do Sul – estado brasileiro do extremo sul do país – pelos gaúchos e gaúchas que historicamente ocupam a região.

A afirmação ao final do parágrafo anterior de imediato gera outras perguntas: *literatura gaúcha* e *literatura sul-rio-grandense* são a mesma coisa? Tem que nascer no Rio Grande do Sul para escrever literatura sul-rio-grandense? Se um gaúcho publica fora do estado, é literatura sul-rio-grandense? Se o livro de um gaúcho não expressar o regionalismo do Rio Grande do Sul, esse texto é literatura sul-rio-grandense? – sendo essas apenas algumas dentre várias questões que vão emergir no texto à medida em que formos aprofundando o tópico do ensaio.

Creio que a primeira parada do nosso ensaio jaz no debate entre os termos *gaúcha* e *sul-rio-grandense*. Durante as minhas leituras no processo de construção da disciplina *Literatura Sul-rio-grandense*, me peguei pensando

¹ Este ensaio é uma das produções acadêmica construídas no âmbito do projeto pós-doutoral *Veríssimo e a Tradução Perdida: A black cat on a field of snow*, sob execução de Nicollas Cayann e supervisão do Professor Doutor Anselmo Peres Alós. Financiado pela FAPERGS (edital 07/2022), o projeto é desenvolvido na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras.

muito sobre esses termos. Não me parece natural dizer *sul-rio-grandense*; percebi também que durante as aulas me era necessária forte atenção para não dizer *literatura gaúcha* – aliás, não só a mim, mas também aos alunos, e todos nós na sala de aula muitas vezes nos referimos à *literatura sul-rio-grandense* como *literatura gaúcha*. Eu sabia que isso era um erro, mas meu recurso de vocabulário – e também teórico – naquele momento era mais falho. Vou explorar então alguns fatos que afastam e aproximam estas definições.

A origem do termo *gaúcho* ainda é um debate entre linguistas e filólogos. Ao termo são atribuídas diferentes (mas não necessariamente divergentes) raízes etimológicas. Uma delas é a variação de *gaudério*, vocábulo utilizado pelos hispânicos durante o século XVIII para designar os camponeses das margens do Rio da Prata – embora se imagine que seja uma palavra do espanhol, *gaudério* é também recorrentemente utilizada em português sul-rio-grandense como sinônimo de gaúcho (no sentido de homem do campo, não do gentílico). Ainda se relaciona a palavra *gaúcho* ao vocábulo do português arcaico *garrucho*, que significa desgarrado; se atribui a origem também ao termo advindo de uma variante do quechua *huachu*, que quer dizer órfão, ou abandonado; o termo relaciona-se ainda com a palavra andaluza *chaucho*, que significa aventureiro ou rústico e também se vincula ao termo de origem hispânica/canária *ganches*, que também quer dizer órfão (BERND, 2007). Há também quem declare que o termo é anglófono, advindo de *gawke galway*, usados para descrever a aparência rústica de algo ou alguém (SCARONE, 1921). Como se pode notar, a definição da própria palavra já vem de uma larga rede de complexidade.

Mais do que entender a etimologia dessa palavra, ao ensaio aqui disposto é indispensável entender que durante os séculos XVIII e XIX se atribui à palavra *gaúcho* uma conotação negativa, de ladrão ou de vândalo. Foi só no século XX que se fez um giro na nomenclatura e então se deu início a um processo de adaptação de sentido. Assim, a palavra começa a significar homem forte, bravo, destemido e, mais importante, se torna um gentílico regional para o Rio Grande do Sul. Então, o uso de bravo, heróico² e orgu-

² De acordo com a primeira história literária do Rio Grande do Sul, o estereótipo daquilo que veio a ser conhecido como gaúcho sempre esteve atrelado irremediavelmente, à ideia de guerreiro, de defensor, de cavaleiro (SILVA, 1924); isso já implica também uma enorme ligação com aspectos literários europeus. Porém, a ideia de gaúcho guerreiro não era, em 1924, uma ideia tão difundida como foi após os anos 1940 com a criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG).

lhoso da palavra gaúcho é muito mais recente do que possamos imaginar. A exemplo disso, gosto de pensar em trechos de música nativista, gênero habitual da metade do século XX, fortificado entre os anos 1980 e 1990 – no qual a palavra gaúcho é usada largamente e sempre com conotação positiva. Como por exemplo, na música *A força da mulher gaúcha* de Paulo Rosa, muito frequente em programas gauchescos das rádios. Vejamos como a palavra gaúcho aparecia com conotações distintas em Contos Gauchescos (1912) no conto *Melancia e Coco Verde*:

A moça chorava que se secava, quando caçoavam-na com o primo e o casório. Era mesmo uma pena, lhe digo... casar uma brasileira mimosa com um pé-de-chumbo, como aquele desgraçado daquele ilhéu... só porque ele tinha um boliche em ponto grande!

O caso é que o Costinha gostava da moça e a moça gostava dele: tem, é que não atavam nem desatavam... e o velho Severo puxava a pêra, torcendo as ventas... (LOPES NETO, 1912, p. 42).

O leitor atento vai se lembrar que, ao contrário do Costinha – um dos protagonistas do conto, nascido e criado no Rio Grande do Sul –, o primo com quem a moça iria se casar, o proprietário do bolicho³, era português. Há inclusive uma cena anterior, muito caricata, em que se reclama do cheiro de bacalhau do almoço que está sendo preparado para o português. Logo, pode-se imaginar que se utiliza o gentílico “brasileira” em oposição ao gentílico “português”. Todavia, convido o leitor a fazer um exercício junto à leitura do trecho que grifei e imaginar um gaúcho “da gema” – como é o caso dos peões que estão comendo um churrasco e comentando o causo – adjetivando a moça de brasileira antes que gaúcha. Parece-me pouco provável que o gaúcho estereotípico que se cultiva no RS diria de uma boa moça que é brasileira antes ou ao invés de gaúcha. Porém, quando Simões Lopes Neto escreve esse conto, e quando publica seu livro de contos, a palavra gaúcho é ainda muito vinculada à sua conotação negativa, e certamente não ocupa o espaço de gentílico.

Durante a história do Rio Grande do Sul e, a bem da verdade, da região platina, o termo gaúcho foi sofrendo mudanças socioculturais que foram responsáveis pelos novos matizes atribuídos a ele através de um lon-

³ É assim que se fala “boliche” ou vendinha lá pras beiradas de Lavras do Sul, nas minhas bandas do pampa.

go processo que se intensificou no século XIX e o levaram a ser entendido como gentílico para os nascidos do Rio Grande do Sul graças também ao insistente trabalho dos grupos tradicionalistas que se disseminaram na região com potência na segunda metade do século XX:

Portando, o “*gaúcho-rio-grandense*”, considerado enquanto um ser histórico-social esteve e está sujeito a modificações nos modos como a comunidade pensa a si mesma num determinado momento de sua história, por isso, foi submetido a muitas alternâncias de sentido em sua significação na sociedade rio-grandense e brasileira do século XIX até converter-se, como disse Augusto Meyer, em “*adjetivo gentílico de toda a gente rio-grandense*” (GOMES, 2006, p. 343).

A tradição literária no Rio Grande do Sul é anterior à ideia de gaúcho como gentílico ou com conotação positiva, e é por essas e outras que corriqueiramente pesquisadores, jornalistas e estudiosos da área preferem o termo *literatura sul-rio-grandense*. Contudo, há sim certos pesquisadores que tem preferência pelo uso de *literatura gaúcha* como é o caso de Luís Augusto Fischer em *Literatura Gaúcha* (2004), ou Gustavo Menegusso e Nelci Müller em *A geopoética na literatura gaúcha: uma leitura da paisagem nos romances Ana Terra e Ana Sem Terra* (2011) e como é o caso de Marcelo Backes em *A Literatura Gaúcha pelas beiradas* (2006), no qual o autor inclusive faz uma nota logo na primeira página, que diz: “*Literatura gaúcha* será usada como sinônimo de *literatura sul-rio-grandense* nesta matéria” (BACKES, 2006, p. 1).

Como já mencionei antes neste ensaio, particularmente, penso que o termo *literatura gaúchaseja* mais natural, ao menos em tempos modernos. É como a briga do *americano* e o *estadunidense*: por várias razões geopolíticas e também de marketing, é de certo modo impossível que as pessoas prefiram dizer *estadunidense* – mas isso já é achismo meu neste singelo ensaio que vos apresento. De todo modo, o termo *literatura gaúcha* me remete a outra problemática, à questão da *literatura gauchesca* – termo esse frequentemente usado para exemplificar o tipo de produção literária de aspectos comuns às regiões banhadas pelo Rio da Prata:

De cuánta produccón literaria nos llega de la América Española, nada me haganadoelánimo tanto quanto lo que podría llamar de literatura gauchesca lá que cantá las alegrías y las penas, las fortunas y desgracias de la vida de un tipo social americano curiosísimo por extremo y casi desaparecido ya: el gaucho (UNAMUNO, 1899, p. 1).

O Rio Grande do Sul, a princípio, não é um espaço banhado pelo Rio da Prata. De fato, a *Bacia* do Prata se estende por parte do território brasileiro – inclusive o encontro do Rio Paraná e do Rio Uruguai forma o Rio da Prata, que serve como estuário para os corpos fluviais. Porém, os países que dividem as águas do *Rio* da Prata em suas margens são a Argentina e o Uruguai. E, por óbvio, a literatura gauchesca não foi pensada levando em conta todos os córregos e afluentes hidrográficos do rio. Contudo, o estereótipo que ficou conhecido no Rio Grande do Sul como *gaúcho* é muito similar, se não igual, ao *gaucho* originado nas colônias hispânicas da América Latina. Cunningham Graham ao comparar o *gaucho* argentino e uruguaio ao brasileiro, diz:

Clothes are identical, oral most so; the poncho and the loose trousers stuffed into high patent-leather boots, the hat kept in its place by a black ribbon with two tassels, are to be seen on both sides of. Only in Brazil a sword stuck through the girth replaced the long knife of Uruguay. Perhaps in that one item all the differences between the races manifest themselves, for the sword is, as it were, a symbol, for no one ever saw one drawn or used in any way but as an ornament (CUNNINGHAM GRAHAM, 1978, p. 234).

Há tanto a se comentar sobre a passagem de Cunningham Graham pelo Rio Grande do Sul que seria necessário um outro ensaio, mas sobre o trecho acima gostaria de comentar alguns pontos. Primeiro, chamo atenção à ideia de raça que é implicada pelo autor; é bastante comum a expressão *raça* gaúcha, ainda que categoricamente não faça muito sentido, mas a implicação de Cunningham Graham de que o *gaúcho* do Rio Grande do Sul e o *gaucho* do Prata são raças distintas tem por base a ideia de que portugueses e espanhóis são raças distintas, uma ideia originária das antigas tradições e disputas europeias. Contudo, tratando-se desta região, tal diferenciação fica um pouco fora de contexto. Lembremo-nos que o conto de Cunningham Graham é de uma viagem que o autor havia feito entre o final do século XIX e começo do século XX, ou seja, posterior à anexação do território do Rio Grande do Sul ao Brasil em 1821. Neste momento, as famílias que ocupavam a região já eram formadas por uma mistura de descendentes hispânicos e lusos. Outro ponto que me chama atenção é a ideia de que o *facão* do gaúcho é fortemente ornamental – além de ser muito usado (pelo menos modernamente) para o churrasco, presenciei eu mesmo brigas de facão nos carnavais de Lavras do Sul, por bobagens muito menores do que

uma transgressão fronteiriça. Todavia, esses comentários são periféricos ao ensaio, o que realmente tem apelo à linha de pensamento aqui estabelecida é o quão próximos são os *gaúchos* e os *gauchos* ao menos imagetivamente.

Por essa proximidade é também corriqueiro assemelhar *literatura gaúcha* e *literatura gauchesca*. A última é historicamente bem documentada e frequentemente estudada, tema recorrente em estudos letrados na Argentina e Uruguai, e ainda popular no Brasil no que diz respeito aos estudos feitos sobre o gaúcho sul-rio-grandense:

Muito se tem enfatizado a importância de considerar a literatura gauchesca como uma produção literária de três pátrias: Brasil (especificamente o Rio Grande do Sul) Argentina e Uruguai). De fato, há muita semelhança na cultura desses três países cuja economia é baseada fundamentalmente na atividade pastoril, que gera um tipo regional semelhante e uma literatura regional similar, pois autores como o uruguaio Bartolomé Hidalgo, o argentino José Hernández ou o gaúcho Ramiro Barcelos enfocam um universo comum: o pampa (BERTUSSI, 2011, p. 1-2).

A meu ver, as ideias de *literatura gaúcha* e *literatura gauchesca* estão em constante diálogo. A *literatura gauchesca*, em sua definição, está ligada à região do Rio da Prata, logo, não está ligada exclusivamente ao Uruguai ou exclusivamente à Argentina. Mas se tomamos por correta essa afirmação, o Rio Grande do Sul não pode ser incluído, afinal o Rio da Prata só existe no encontro do Rio Paraná e do Rio Uruguai, e o Brasil não tem terras nessas margens. Talvez caiba revisar o conceito e ampliá-lo se a intenção for de incluir o gaúcho sul-rio-grandense. No entanto, fora a questão geográfica, me parece que a *literatura gauchesca* se preocupa em descrever e discutir exatamente os mesmos tópicos e assuntos que cabem àquilo que se imagina ser a *literatura gaúcha*:

A gauchesca no Rio Grande do Sul, como insistentemente a História e Crítica ressaltaram, teve como ênfase uma visão otimista do universo campeiro, visto como uma espécie de paraíso, habitado pelo herói mitificado em centauro dos pampas e monarca das coxilhas de que temos muitos exemplos desde a literatura oral, passando por poetas do século XIX, como Apolinário Porto Alegre, Bernardo Taveira Júnior ou, mais modernamente, um Jayme Caetano Braun, embora haja exceções, como o próprio Antonio Chimento de Ramiro Barcelos ou a Trilogia do gaúcho a pé de Cyro Martins (BERTUSSI, 2011, p. 2).

Entendo que a pesquisa mencionada na citação acima tem como base as diferenças que podem ser almejadas entre a gauchesca do Prata e a do

RS, e compreendo também que a pesquisa acredita que a visão do universo campeiro no RS é mais pautada em otimismo do que aquela do Prata, mas, de modo geral, me parece que é um otimismo muito falho em vários casos. Penso novamente no pai da literatura sul-rio-grandense, Simões Lopes Neto, em seu conto *Trezentas Onças* (LOPES NETO, 1912), em que o personagem principal quase tira a própria vida em função de manter a sua honra perante seus pares depois de ter perdido uma quantia razoável de dinheiro. Profundamente melancólico, narra:

Há que tempos eu não chorava!... Pois me vieram lágrimas..., devagarinho, como gateando, subiram... tremiam sobre as pestanas, luziam um tempinho... e ainda quentes, no arranco do galope lá caíam elas na polvadeira da estrada, como um pingo d'água perdido, que nem mosca nem formiga daria com ele!... (LOPES NETO, 1912, p. 8).

O conto tem um desfecho feliz – talvez seja esse o otimismo da gauchesca sul-rio-grandense. Contudo, tantos outros contos e tantas outras histórias não possuem um final otimista. Repito, entendo e endosso a lógica aplicada na frase de Bertussi (2011) – mesmo assim, me parece que esse otimismo que existe na “gauchesca” brasileira não é tamanho a ponto de servir como o diferencial entre as variantes lusófona e hispânica do gênero. Tanto a gauchesca uruguaia quanto a argentina compartilham o pessimismo com a gauchesca brasileira. Não estou seguro que a diferença seja tão perceptível, ao meu ver, ambas são escritas melancólicas.

Estamos aos poucos saindo do domínio geográfico-histórico para adentrar as questões de conteúdo, como vimos nos dois últimos parágrafos. Recapitulemos, então, a linha de pensamento do ensaio até agora: parece existir uma preferência por *literatura sul-rio-grandense*, o que faz sentido por duas razões – a primeira é que o vocábulo *gaúcho* com conotação positiva é posterior a criação do espaço literário no Rio Grande do Sul; e a segunda é que o termo *literatura gaúcha* faz pensar na *literatura gauchesca*, que por definição narra a vida e os pormenores do gaúcho (homem do campo) e não do gaúcho (gentílico do Rio Grande do Sul). Então, se assume que a *literatura gauchesca* é limitada à sua história e região, o que é uma afirmação verdadeira, mas há também uma questão de conteúdo que deve ser considerada, o regionalismo:

O romance regionalista surge sob o signo do Romantismo no Brasil, em meados do século XIX, e objetiva construir a identidade nacional ao representar as particularidades das diferentes regiões brasileiras, como exemplifica o projeto estético empreendido, sobretudo, por José de Alencar (1829-1877) (FERREIRA; ROCHA, 2018, p. 404).

José de Alencar é inclusive chamado de o “*patriarca do regionalismo*” (FERREIRA; ROCHA, 2018, p. 410). Entende-se que o autor escreveu quatro grandes romances regionalistas, sendo um deles *O Gaúcho* (ALENCAR, 1870). Nesse romance, o autor narra a história de Manuel Canho, que parte em busca de vingança do assassino de seu pai e no caminho enfrenta vários percalços, sendo um deles domar uma égua (ofício que aprendera com o pai) – tudo muito típico e correspondente à ideia de gaúcho que se cultivava no RS. Todavia, José de Alencar foi também criticado. Pelo fato de não haver visitado o Rio Grande do Sul e de não haver investido pesquisa para entender os personagens que criara, a crítica literária atribuiu ao romance uma qualidade igual àquela conferida às literaturas de viagem de viajantes estáticos – uma escrita de gabinete: “Por que não foi ao Rio Grande do Sul antes de haver escrito *O Gaúcho*?” (TÁVORA, 2011, p. 53). Neste momento, cabem duas análises: 1) o ponto de partida geográfico do texto; 2) o ponto de partida histórico do texto. Ambos acabam por culminar na questão de conteúdo. Começemos pelo ponto histórico.

Insistente, convido o leitor a fazer mais um exercício: imagine que um autor moderno, digamos Daniel Galera, se inspirasse em Olavo Bilac e Raimundo Correia e entregasse um texto com todas as características do parnasianismo, isso é, um texto com impessoalidade, com rigor estético, com rigor métrico quando cabível e toda a dança textual parnasiana através da ideia de arte pela arte. Seria esse um texto parnasiano? Seria esse texto incluído no hall parnasiano? Acredito que a resposta seja não. Os aspectos de estilo dos movimentos literários são obviamente necessários e importantes, eles se tornam aquilo que chamamos de característica literária, mas é inegável que há um compromisso histórico e, como Daniel Galera não faz parte do mesmo período histórico que os outros parnasianos, seria muito difícil de sustentar a inclusão naquele grupo. Mas o que é mais importante ao movimento, o período histórico ou suas características? Não sei a resposta.

Passemos então à questão geográfica. Mais uma vez – e percebo o quão desgastante isto se torna – convido o leitor a pensar junto ao texto, junto a mim: a Guiana Francesa é um território ultramarino francês, categoricamente – por lei – França. Isto é, a Guiana Francesa é parte integral da França. Um texto produzido por um guianense, seguindo os parâmetros literários franceses de sua própria época, faz parte da tradição literária francesa? Uma resposta afirmativa não se sustenta. Existe uma tradição literária guianense que se ocupa em acolher e tratar esse livro, o qual, ao que me parece, não receberia a mesma atenção da esfera francesa. Surge então a pergunta: conteúdo literário e período histórico vencem geografias disparatadas? Nem sempre. O que eu aprendi com esses questionamentos e a minha reflexão sobre eles é que as margens de movimentos literários – assim como de períodos e gêneros literários – são muito voláteis e discutíveis.

Deixemos de lado os exercícios e retornemos ao nosso ensaio: o que vemos então é que *O Gaúcho* (ALENCAR, 1870) é sim literatura regionalista e de certo modo inaugurou muitos clichês sobre o estereótipo de gaúcho. No entanto, não seria correto dizer que o romance é parte da *literatura sul-rio-grandense*⁴. Neste mesmo movimento, retorno à ideia de que a *literatura sul-rio-grandense* deveria ser um corpo literário que acolhe os gaúchos (gentílico) que escrevem literatura. Contudo, o que se observa é que esse grupo literário se preocupa majoritariamente – para não dizer somente – com as narrativas que tratam do estereótipo de gaúcho tal qual o ideal de mito do gaúcho descrito em Simões Lopes Neto. Salvo alguns esforços, como por exemplo da *Antologia da Literatura Rio-grandense Contemporânea*⁵ (HOHLFELDT, 1979), na qual se exploram textos de Érico Veríssimo que não *O Tempo e o Vento*, e se lida com autores como Caio Fernando de Abreu, que narra histórias inclusive situadas em São Paulo. Fora essa coletânea de dois volumes e alguns outros esforços, tudo o que se encontra de *literatura sul-rio-grandense* é sobre regionalismo e gauchismo, o que limita a abordagem das obras escritas pelos gaúchos em geral.

⁴ Ao escrever esta frase fiquei eu mesmo um pouco confuso. Fiquei pensativo, se, por exemplo, a Carta de Pero Vaz de Caminha, considerada o primeiro documento brasileiro e o primeiro artefato literário do Brasil for considerado literatura brasileira, que mal teria José de Alencar ser parte da *literatura sul-rio-grandense*? Deixo essa questão para outro ensaio.

⁵ Aqui o autor opta por não utilizar o termo *sul-rio-grandense*.

No começo deste ensaio – que, recordo o leitor, é muito singelo – expliquei o que, aos meus olhos, parecia ser entendido como *literatura sul-rio-grandense*. Agora me atrevo a contar ao leitor o que eu gostaria que fosse: seria ideal se a *literatura sul-rio-grandense* tomasse como propósito as limitações geográficas do estado, assim como a literatura brasileira é aquela produzida no Brasil; seria ideal que a *literatura sul-rio-grandense* fosse aquela feita nos limites do estado gaúcho. Quanto à *literatura gaúcha*, me parece razoável que essa fosse a nossa *literatura gauchesca*. Não estou seguro de que os termos *literatura sul-rio-grandense* e *literatura gaúcha* devam ser usados como sinônimos – e, a meu ver, esse é o uso geral destes vocábulos. Porém, compreendo que o que faz da *literatura sul-rio-grandense* distante da brasileira como um todo, é, em suma, a aplicação do regionalismo, mas imagino que existam outros caminhos a serem percorridos – eu mesmo pretendo me empenhar em compreendê-los melhor no futuro. Entendo também que qualquer terminologia tem suas limitações e as normas que proponho ou imagino neste ensaio são também falhas. Estou convencido de que é sempre melhor descrever do que definir, mas algumas categorias são bem-vindas a nível analítico.

Por que literatura sul-rio-grandense?

Quando um dos meus alunos me abordou com essa questão, tive que pedir explicações. Não compreendi. Ele se alongou e então me perguntou se existe um nicho literário regional para cada estado do Brasil e a resposta era óbvia: não. Embora existam outros nichos literários como por exemplo a literatura amazônica, não existe uma divisão literária para cada estado do Brasil, tampouco existe uma divisão literária para cada região brasileira. Existe literatura brasileira e algumas outras subdivisões e nomenclaturas, dentre elas, a *literatura sul-rio-grandense*:

Em termos regionais, a literatura do Rio Grande do Sul é, certamente, a melhor estudada de quantas existem no Brasil. Não conheço nenhuma outra que haja despertado um interesse ativo de tantos críticos e historiadores, expresso em um número tão considerável – e em muitos casos qualitativamente elevado – de obras, monografias ou abrangentes (HOHLFELDT, 1982, p. 7).

Mas a tal literatura do Rio Grande do Sul, por que é estudada? O que ela tem de diferente? Há algumas possíveis respostas para essas interroga-

ções. Se tomarmos por exemplo a construção de compêndios literários que se preocupam com a história da literatura brasileira, nos deparamos com a presença frequente dos autores do eixo Rio x São Paulo, assim como muitos escritores nordestinos, e claro, alguns gaúchos, dentre outros. O fato de que existe uma tradição de estudos literários e de escrita da *literatura sul-rio-grandense* é também o que permite esse destaque especial às produções regionais, pois talvez diluídas em meio à crítica da literatura brasileira, essas obras tivessem uma atenção diminuta. Nesse sentido, o trabalho daqueles que se interessam pela produção literária advinda do Rio Grande do Sul é imperativo para a preservação da história de tal comuna literária. Contudo, na minha visão, boa parte da grande influência que permanece ainda nas raízes da *literatura sul-rio-grandense* jaz no trabalho quase que marqueteiro do MTG e dos CTGs.

Tomemos por exemplo o regionalismo de Simões Lopes Neto, que precede as implicações do MTG. O gaúcho criado por Simões Lopes Neto é uma visão, uma ideia, uma perspectiva do que é o gaúcho. Muito do mito do gaúcho fortificado pelo MTG foi informado também pela obra de Simões Lopes Neto. O regionalismo não foi inventado pelo MTG, mas o endossamento e as propriedades tomadas pelos líderes cetegistas – tradicionalistas frequentadores de CTGs – foi oportuno para dar visibilidade à literatura regionalista sul-rio-grandense, ao mesmo tempo que corroborou as ideias e mitos que o movimento venerava. Não tenho pretensões de discutir lugar de fala, foge ao escopo do ensaio, porém acho relevante mencionar que Simões Lopes Neto era filho da nobreza pelotense – uma cidade que cresceu graças ao poder agropecuário das elites da época. É verdade que cresceu em uma fazenda, mas não como peão, mas sim como filho do proprietário. O autor fala de experiências e vivências que não são suas – e isso não é um problema, isso é literatura! Mas é interessante notar que um homem nobre, de estudo, de posses, toma como sua a empreitada de criar um mundo literário para o simples homem do campo (ao contrário do que fizera Machado de Assis).

Não se toma, então, com surpresa que ao criar o MTG esses homens da elite sul-rio-grandense fossem buscar inspiração em Simões Lopes Neto, pois, afinal de contas, a criação daquilo que se entende por gauchismo foi gerida em suma por latifundiários, filhos do “agro”, mas não necessaria-

mente pelo homem do campo. O movimento aparece em um espaço urbano e universitário onde tomava lugar um exercício de tradição, uma forja. Não se pode deixar de frisar que quando Simões Lopes Neto escreve assim como quando publica sua obra, o conceito de tradicionalista não existe, ele é pouco a pouco forjado e só nos anos 1950 que essa concepção toma força, e é então entre 1940 e 1950 que a ideia de tradicionalista é atribuída a autor.

O fenômeno cetegista tem pretensões de ser um clube. Reforço, o perfil dos tradicionalistas é bastante unitário, homogêneo. Trata-se de filhos da elite latifundiária – de fato alguns decadentes, mas não menos inseridos na elite da época – que possuem certas experiências, muitas vezes apenas afetivas, relativas às ideias do rural (trabalho, moradia, modo de vida). A intenção do CTG é proporcionar aos seus associados uma experiência prática (dentro dos centros urbanos) daquilo que se entendia como os usos e os costumes desse passado campesino, ajudando também na preservação dessas práticas que corriam risco de extinção. Fazendo uso de um processo prático bastante normatizado, com cartilha a ser seguida, os sócios dos CTGs têm então um palco para “encarnar” os hábitos ditos gauchescos (ZALLA, 2023).

A adesão vai desde a vestimenta até o léxico: “Desde o primeiro momento encarnamos em nós mesmos a figura do gaúcho, vestindo e falando à moda galponeira, e nos sentíamos donos do mundo quando nos reuníamos, sábado à tarde, em torno do fogo-de-chão” (BARBOSA LESSA, 1985). Essa declaração do historiador e folclorista gaúcho Barbosa Lessa é bastante referencial por duas razões principais. A primeira é o peso de seu nome; em 1948 junto aos colegas Barbosa Lessa foi um dos fundadores do MTG e também do primeiro CTG. A segunda razão que faz a citação importante é o conteúdo e a escolha de vocabulário; por exemplo o verbo *encarnar* que significa tornar-se, indicando então que a mimetização da figura do gaúcho, a vestimenta e a fala galponeira, não eram elementos recorrentes da vida desses estudantes. Repara, não era a celebração de práticas e costumes corriqueiros nos quais estes filhos de latifundiários estavam inseridos, era a fabricação de um costume.

O surgimento do tradicionalismo gaúcho se deu através do MTG e do CTG, ambos produtos diretos do encontro dos estudantes do Colégio

Estadual Júlio de Castilhos com escoteiros e militares, que possuíam relativa influência da maçonaria (ZALLA, 2023). Esses movimentos e esses líderes tinham pretensão de projetar seu clube nos moldes da época, isso é, um clube cívico. O intuito era replicar experiências *à la* Primeira República. Havia um convencimento de que os costumes a serem preservados e revividos eram de fato os costumes do histórico – e mitológico – gaúcho dos campos. Todavia, muito mais do que berço da popularização da figura gaúcha, o CTG era um espaço de celebração da elite de extrato latifundiário e militar instaurada no Rio Grande do Sul. O apelo da militarização na ideia de guerreiro não foi invenção do MTG ou do CTG, é na verdade um atributo muito antigo:

No conjunto das nossas qualidades e defeitos, o que predominou foi o espírito militar. O gaúcho brasileiro é, sobretudo, um soldado. Foi, sem sombra de dúvida, a sua posição de fronteiriço que lhe desenvolveu, soberanamente, o instinto da luta, o ânimo belicoso. O meio físico agiu apenas no sentido de lhe determinar a fórmula específica do exercício da atividade guerreira, obrigando-o, diante das planícies vastas, a procurar a colaboração do cavalo, para vencer, com rapidez, as distâncias ao encontro, ou em perseguição do inimigo (SILVA, 1924, p. 9).

Além do apelo militar, que tinha também o potencial de funcionar como atrativo, a fundamentação estudantil e a base intelectualizada que se formou na perspectiva de construção do MTG e do CTG eram chamarizes, tinham um apelo eficaz no meio estudantil, por exemplo. Muita dessa intelectualização vem do trabalho de normatizar a cultura, e outra parte vem da crença do trabalho folclórico e histórico que se estabelecia no movimento. As fontes das tradições gaúchas não são entendidas de modo geral como fiéis, como os próprios líderes do movimento afirmam:

Quem não quer, manda – diz o ditado – e, quem quer, faz. tivemos de fazer. para saber o que é que o público entenderia como música do Rio Grande, eu fui tentando os ritmos na base da tentativa-e-erro: uma toada (Negrinho do Pastoreio), depois duas milongas (milonga do casamento e milonga do bem-querer), mais tarde até um chamamé (balseiros do Rio Uruguai). mas por paus e por pedras ia nascendo um cancionero do Rio Grande do Sul! (BARBOSA LESSA, 1985, p. 66).

A ideia de que o folclore gaúcho e os costumes campesinos eram escassos e por isso muitas coisas deveriam ser inventadas ou reinterpretadas não é ponto pacífico entre os estudiosos. Esse processo é, na verdade,

uma forma de legitimar ações mais práticas do que investir em investigação adequada e pesquisa de qualidade (OLIVEN, 2006). A despeito da discussão de quais tradições e quais partes do folclore agora preservado e difundido tem de fato bases reais de pesquisa, o movimento tradicionalista continuou firme e forte. Há três diferentes períodos do tradicionalismo que são relevantes ao ensaio, são eles: 1) 1948-1952: militância do 35 CTG, incentivo à proliferação de novos núcleos; 2) 1952-1956: expansão, mídia local, programas de rádio e congressos; 3) 1956-1965: autenticidade, comercialidade, festividade – mais tarde, em 1964 com o início do desfile de 20 de setembro, em 1995 com o acampamento farroupilha (NEDEL, 2005).

A literatura sul-rio-grandense também está implicada nesses períodos (ZALLA, 2023). Na primeira divisão temporal, temos a literatura de Simões Lopes Neto como inspiração de folclores e costumes. Além disso temos a republicação de *Contos Gauchescos* e *Lendas do Sul* dentro da *Coleção Província* que começou a ser publicada em 1950 e teve 15 volumes com grandes nomes da literatura sul-rio-grandense. No segundo período, temos a insurgência do poder de marketing do tradicionalismo e o fenômeno da rádio, quando programas gauchescos se tornaram comuns e começaram a atingir uma massa mais ampla da população, o que gerou também um espaço popular para terminologia regionalista para esse nicho cultural que já havia surgido também com bases literárias. Tomando proveito do forte aparato que havia se construído na Editora Globo de Porto Alegre, por exemplo, vários exemplares narrando histórias regionalistas foram publicados. Por fim, temos o último período, em que a literatura sul-rio-grandense passa a ocupar um espaço de legitimidade intelectual em comparação ao cancionista e às danças – é também neste momento talvez que exista uma aderência mais popular do movimento, deixando de ser um espaço apenas da elite latifundiária.

As fases do cetegismo foram muito importantes para a fortificação da literatura sul-rio-grandense. O crescente desenvolvimento de um mercado livreiro e de um público leitor que levasse em conta os aspectos do regionalismo entendidos como parte central do MTG era iminente. Esse fator acabou também forjando como regionalistas autores gaúchos que não trabalhavam, costumeiramente, com a ideia de homem do campo. Um exem-

plo disso é Érico Veríssimo: “nunca morri de amores pelo regionalismo e, para ser sincero, tinha e ainda tenho para com esse gênero literário as minhas reservas, pois acho-o limitado e, em certos casos, com um certo odor de imobilismo anacrônico de museu” (VERÍSSIMO, 2005, p. 264). O autor, mesmo não sendo um homem do campo ou sequer sendo parte do MTG ou do CTG, escreveu uma das mais icônicas narrativas concernentes ao mito do gaúcho e a sociedade na qual ele está inserido, como nota-se em *O Tempo e o Vento* (VERÍSSIMO, 1949-1961).

Esses aspectos acabaram evoluindo em diferentes direções. O MTG e a ascensão dos CTGs são responsáveis por todo um mercado de bens culturais e artefatos associados, como por exemplo a ideia de “casa gaúcha”, correarias especializadas em artefatos de vestuário para o homem do campo. Também com a influente programação radiofônica e a ideia de construir uma comunidade de pertencimento, a elite latifundiária fundadora do CTG foi aos poucos angariando para a “ideia” tradicionalista – mas não necessariamente para seus clubes – o tal homem do campo a quem tanto prestam homenagem. Isso também gera um tipo de questionamento em função de quem é o público leitor dessa literatura regionalista instaurada como literatura sul-rio-grandense. Eu, por exemplo, sendo de um burgo muito pequeno, conheço vários Blaus Nunes. Não posso afirmar que eles tenham lido Simões Lopes Neto, ou Érico Veríssimo, mas certamente são ouvintes de boa parcela de nativistas e cantores regionalistas – e isso aponta para a insurgência do poder da elite crioula.

Não creio que hoje o CTG seja um espaço apenas de latifundiários. Acho que na verdade é um espaço bem mais popularizado do que era no passado, assim como os desfiles e os piquetes, principalmente em cidades pequenas, não são nutridos apenas pelos latifundiários – embora eles ainda tenham presença forte. Mas o que está sendo celebrado nesta esfera são decisões feitas por filhos de latifundiários que muito tempo atrás gostaram da ideia de “encarnar” o homem do campo. Isso tem ligação direta com a ideia de elites crioulas de Mignolo (2005).

Para Mignolo (2005), as elites crioulas são grupos proeminentes e financeiramente bem afortunados que se construíram na América Latina. Os participantes desse grupo social são os herdeiros e descendentes das

elites europeias – no caso da América Latina, majoritariamente espanhóis e portugueses. Mignolo acredita que a criação da América Latina é um projeto político das elites crioulas: “A matriz colonial mudou de mãos, mas seguiu em pé” (Mignolo, 2007, p. 92). Acredito que as elites crioulas empreenderam, também, em outros tipos de projetos, como, por exemplo, o projeto cultural que se deu no seio do MTG e do CTG. A elite crioula, principalmente pelo acesso financeiro, é em geral bem versada política e economicamente e, em geral, mais intelectualizada e também refinada. Segundo a ideia de Mignolo, a América Latina inteira está sob o poder das elites crioulas – para que um político, por exemplo, não fosse parte da elite crioula ele deveria ser de ascendência negra ou indígena (os habitantes das Américas que não são proeminentemente de origem europeia).

O CTG e o MTG nasceram de filhos da elite crioula sul-rio-grandense e o poder de influência desse grupo é tamanho que foi possível criar, partindo de suas premissas, um gentílico para os habitantes do Rio Grande do Sul e através desse feito se forjou um mecanismo cultural que é alimentado também pelos esforços desse grupo. Semelhante processo também ocorre na criação da literatura sul-rio-grandense. Um dos motivos de ser tão difícil dissociar a literatura sul-rio-grandense da ideia de regionalismo (que também é a premissa da literatura gaúcha) é o fato de que grande parte da ênfase que se dá à literatura sul-rio-grandense está em fazer parte da munificência sociocultural que “documenta” e “celebra” aquilo que se entende por gaúcho, que é, efetivamente, ditado pelos esforços feitos entre 1948 e 1965.

Mignolo (2005) não utiliza o termo elites crioulas apenas para classificar os descendentes de europeus e os mestiços que aqui se formaram, mas o que o autor instiga é que se questione o espaço que têm de fato, por exemplo, os negros e indígenas na construção desses artefatos e nichos culturais latino-americanos. A escrita de Simões Lopes Neto, por exemplo, foi bastante informada pela forma dos contos europeus (se não foi influenciada em vocabulário, em formato certamente foi). Se o constructo que proporciona a existência do gauchismo é feito com bases europeias – não falo só das estruturas literárias, até a *dança do pezinho* é lusitana – e feito também por elites crioulas, qual é o espaço que há nestas esferas culturais para o outro?

Qual o espaço que se disponibiliza para alteridade no gauchismo? Provavelmente um espaço periférico.

Palavras finais

Neste curto ensaio tentei abraçar bem mais do que podia. Pretendo dar continuidade neste estudo em futuros ensaios e artigos. De todo modo, espero ter conseguido guiar o leitor na linha de pensamento que propus nesta escrita. Este ensaio foi feito com base em questionamentos que me foram feitos em sala de aula e é fruto direto da minha interação com meus alunos dentro da universidade e com as linhas de pesquisa com que gosto de trabalhar. Já se é sabido que definir gêneros literários é uma tarefa falha, principalmente depois da virada linguística de 1950/1960, quando ficou claro que descrever era um caminho mais eficaz do que definir (ISOMAA, 2010). Acho que essa é uma verdade também para o tema da *literatura sul-rio-grandense*. Mesmo assim, tentei oferecer neste ensaio uma resposta sobre a definição daquilo que acredito ser a literatura produzida no Rio Grande do Sul, fiz uma abordagem múltipla, mas acabei eu também me limitando a uma definição geográfico-histórica, que é em suma pautada pelo conteúdo regionalista – embora acredite na possibilidade de o nicho ser maior; tentei também discutir o porquê de estudar a literatura sul-rio-grandense e também o porquê de continuar estudando-a – acredito que muito se deve ao MTG e o CTG e o tipo de dinâmica cultural que implementaram (com ou sem projeto), abrindo então espaço para que houvesse uma certa demanda por uma retomada e uma continuidade do que se entende pelo texto regionalista do Rio Grande do Sul. Como mencionei anteriormente, a meu ver, muito disso se deve ao trabalho quase que marqueteiro dos tradicionalistas. Há também a implicação do *status* que a formação tradicionalista tem na sociedade gaúcha, e do espaço ocupado por esse grupo e os efeitos da existência de uma elite crioula que influencia a nível cultural. A grande sacada de Mignolo quando faz uso da expressão elite crioula é questionar o espaço que se pode imaginar para o negro e para o indígena, por exemplo, dentro de uma lógica que, embora não seja a mesma da dicotomia *colônia* vs. *Metrópole*, é ainda, em muitos sentidos, colonial.

Referências

- ALENCAR, José. *O Gaúcho*. São Paulo: Ática, 1998 [1870].
- BACKES, Marcelo. *A literatura gaúcha pelas beiradas*. Porto Alegre: VOX XXI, 2006.
- BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. *Nativismo: um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- BERND, Zilá. “Gaúcho sul-rio-grandense”. In: BERND, Zilá (org.). *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial/UFRGS Editora, 2007. p. 302-5.
- BERTUSSI, Lisana. Martín Fierro: o anti-herói gauchesco da literatura do Prata. *Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC*, Curitiba, 2011. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0185-1.pdf>. Acesso em: 12 maio 2024.
- FERREIRA, Kelly; ROCHA, Denise. Aspectos da nacionalidade e da regionalidade em *O Gaúcho* (1870) e *O Sertanejo* (1875), de José de Alencar. *Revista Interdisciplinar de Estudos Literários*, Fortaleza, p. 404-418, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/39989>. Acesso em: 12 maio 2024.
- FISCHER, Luís Augusto. *Literatura gaúcha*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.
- GOMES, Carla. *De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso*. Dissertação (Mestrado em História) – Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006, 356 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/11154>. Acesso em: 12 maio 2024.
- GRAHAM, Cunninghame. *The South-american sketches*. Norman: University of Oklahoma Press, 1978.
- HOHLFELDT, Antonio. *O Gaúcho: Ficção e Realidade*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1982.
- ISOMAA, Saija. Genre Theory after the Linguistic Turn An Anti-Essentialist, Hermeneutic Approach to Literary Genres. *Genre and Interpretation*, Helsinki, p. 122-139, 2010.
- LOPES NETO, Simões. *Contos Gauchescos*. Pelotas, Livraria Universal, 1912.
- LOPES NETO, Simões. *Lendas do Sul*. Pelotas, Livraria Universal, 1913.
- MENEGUSSO, Gustavo; MÜLLER, Nelci. A geopoética na literatura gaúcha: uma leitura da paisagem nos romances *Ana Terra* e *Ana Sem Terra*. *Língua e Literatura*, Frederico Westphalen, v. 13, n. 20, p. 109-123, 2011. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/155>. Acesso em: 12 maio 2024.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa, 2005. 241 p.

MIGNOLO, Walter. Novas Reflexões sobre a “ideia de América Latina”: a direita, a esquerda e a opção descolonial. *Caderno CR*, Salvador, v. 21, n. 53, p. 239-252, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v21n53/a04v21n53.pdf>. Acesso em: 12 maio 2024.

NEDEL, Letícia. Historiografia, crítica e autocrítica. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 1, p. 161-186, 2005.

OLIVEN, Ruben. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

SCARONE, Arturo. *El Gaucho*. Montevideo: Renacimiento, 1921.

SILVA, João Pinto. *História Literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924.

TÁVORA, Franklin. *Cartas a Cincinato*. São Paulo: Unicamp, 2011.

UNAMUNO, Miguel. *La literatura gauchesca*. Madrid: Casa Museu Unamuno, 1899.

Veríssimo, Érico. *O Tempo e o Vento*. Porto Alegre: Globo, 1949-1961.

Veríssimo, Érico. *Solo de Clarineta*. v. 1. Porto Alegre: Globo, 1973.

ZALLA, Jocelito. *Simões Lopes Neto Modernista*. São Paulo: Letras e Voz, 2023.

PARTE II

Percursos e vivências: ações do PET Letras Laboratório Corpus

2017 – Mas... o que o PET faz? as oficinas, palestras e pesquisa

Ações desenvolvidas pelo grupo PET Letras no ano de 2017

Oficinas PET Letras

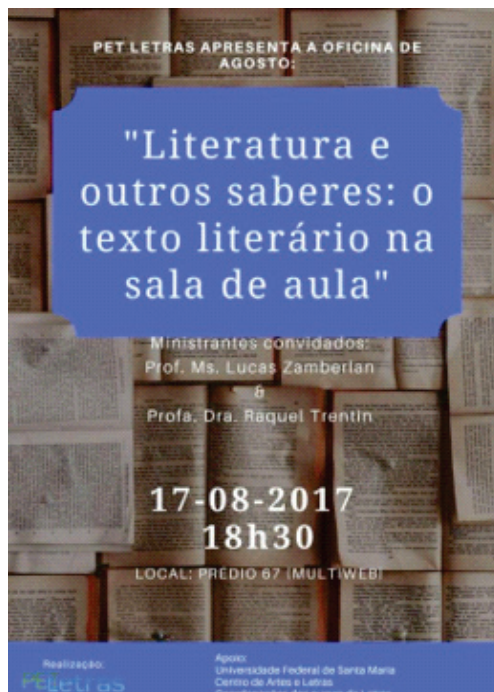
O projeto intitulado “Oficinas PET Letras” surgiu a partir da percepção de que os alunos da graduação em Letras sentiam a necessidade de atividades de cunho mais prático. Com o intuito de atender a essa demanda, os petianos e as petianas organizaram um conjunto de oficinas que foram ministradas por docentes vinculados aos departamentos de Letras (DLEM, DLV, DLCL), sendo que algumas delas contaram também com a colaboração de estudantes, que compartilharam as suas experiências. Nesse contexto, para dar conta da variedade de áreas que interessam aos graduandos e aos pós-graduandos das Letras – o público-alvo das ações –, as oficinas abordaram diferentes temáticas.

Para concretizar o projeto, os petianos e as petianas estruturaram a sua metodologia nas seguintes etapas: a) planejamento; b) divulgação; c) realização das oficinas; d) avaliação periódica das atividades. Em um primeiro momento, buscou-se elencar temas de interesse para a comunidade acadêmica. Após realizar essa seleção, seguiu-se a seguinte logística: o estabelecimento de datas para a realização das oficinas, o envio de um convite formal aos professores oficinairos, a divulgação da atividade, o controle de presença no dia do evento e a emissão de certificados aos presentes. Nesse ano, foram realizadas cinco oficinas.

A primeira oficina, intitulada “A importância dos instrumentos linguísticos: a construção e a desconstrução dos dicionários”, foi ministrada pela ex-tutora do grupo PET, a Profa. Dra. Verli de Fátima Petri da Silveira.

A segunda oficina do ano, intitulada “Literatura e outros saberes: o texto literário na sala de aula”, ocorreu no dia 17 de agosto de 2017, no auditório do prédio 67 da UFSM. Osicineiros foram o Prof.Dr. Lucas Zamberlan e a Profa. Dra. Raquel Trentin

Cartaz do Evento



Fonte: Facebook do Grupo PET Letras.

A terceira oficina, “O uso de tecnologias no ensino e a prática de Letramento Digital na sala de aula de línguas: contribuições teórico-práticas para a formação de professores em pré-serviço”, foi ministrada pelas professoras Dra. Susana Reis e Dra. Tânia Maria Moreira. O evento ocorreu no dia 21 de setembro de 2017, no auditório do prédio 74-C da UFSM.

A Profa. Dra. Célia Della Méia ministrou a quarta oficina, intitulada “Ensino e avaliação da oralidade: trajetória e perspectiva”, no dia 19 de outubro de 2017.

Registro público do evento



Fonte: Imagem extraída do relatório do PET Letras 2017.

A última oficina do ano foi ministrada pelo Prof. Dr. Pablo Ribeiro e pela Profa. Dra. Franciele Matzembacher e contou com a participação de acadêmicos da “Grámmatos Jr.”, empresa júnior de revisão do Curso de Bacharelado em Letras da UFSM.

Atividades de Caráter coletivo e integrador: participação e organização de eventos

A participação em cursos, conferências e palestras é extremamente importante para a formação acadêmica dos petianos e das petianas, uma vez que possibilita a ampliação dos seus conhecimentos científicos e das suas vivências acadêmicas. Desse modo, a presença dos membros do grupo nessas atividades justifica-se pelas possibilidades de divulgar os resultados de trabalhos completos ou em andamento, de conhecer as pesquisas e os estudos que estão sendo desenvolvidos no seu campo de atuação e nas demais áreas das Letras, e de aprender a dinâmica de socialização própria dos eventos acadêmicos. Por conta disso, os integrantes do grupo PET inscreveram-se em diversos eventos como ouvintes e também submeteram trabalhos e pesquisas para a apresentação.

Nesse sentido, cabe destacar a participação dos petianos em eventos gerais dos grupos PET da UFSM. Eles participaram do “III Seminário do Programa de Educação Tutorial da UFSM”, um encontro dos dezenove Grupos PET da instituição, que teve como finalidade a interação entre as equipes e o compartilhamento das atividades desenvolvidas. Diante disso, cada PET apresentou o seu projeto principal, o que proporcionou a troca de ideias sobre projetos e o estabelecimento de parcerias entre os grupos. Além disso, outro evento importante que ocorreu em 2017 foi o “Mobiliza PET UFSM”, o resultado de uma parceria entre os grupos PET, que teve o intuito de proporcionar uma visibilidade maior ao programa na comunidade acadêmica da UFSM e acarretar, por conseguinte, a valorização do Programa de Educação Tutorial. No mais, outro destaque foi a participação de representantes do PET Letras no evento “UFSM por um dia”, que ocorreu na cidade de Candelária, no Rio Grande do Sul. Neste evento, os grupos PET apresentaram os cursos de graduação a que pertencem para os estudantes que estavam concluindo o Ensino Médio, com o objetivo de incentivar o ingresso na instituição e dialogar sobre o seu funcionamento. Dessa forma, os petianos apresentaram os Cursos de Letras e as áreas de atuação dos profissionais formados em Letras, bem como destacaram que a universidade pública é um espaço que acolhe estudantes não só do RS, mas também de outros estados do país.

O grupo também atuou ativamente na organização de eventos, internos e externos ao PET, que contribuíram tanto para a formação dos próprios petianos quanto para a dos demais acadêmicos de Letras e de áreas afins. Nesse contexto, os eventos organizados tinham o intuito de fomentar a troca de conhecimento entre a comunidade acadêmica e o público geral, e contribuir com a formação dos estudantes de Letras, sendo petianos ou não. Ademais, esperava-se também, por meio do planejamento e da execução dessas ações, fomentar o trabalho em equipe com grupos externos ao PET e ampliar a experiência de organização de eventos acadêmicos de pequeno e médio porte pelos petianos.

Entre os eventos organizados, destacou-se o “Seminário Interno do PET Letras”, cujo principal objetivo era que cada petiano pudesse conhecer a pesquisa dos seus colegas de grupo, bem como ter a oportunidade de

apresentar o seu próprio trabalho. Nesse sentido, o seminário possibilitou um crescimento significativo no âmbito dos trabalhos individuais, uma vez que as discussões fomentaram novas perspectivas sobre os objetos de pesquisa, e foi um momento importante para os novos integrantes do grupo que tiveram um primeiro contato com as comunicações orais. Além disso, também se destacou a importante participação dos petianos na XXV Semana de Letras da UFSM, organizada pelas Coordenações dos Cursos de Letras. Nesse evento, que ocorreu no segundo semestre letivo de 2017, o grupo PET atuou ativamente na monitoria das atividades.

Cartaz do Evento



Fonte: Imagem extraída do relatório do PET Letras.

Com efeito, percebe-se que a participação dos petianos em eventos, seja como ouvintes e apresentadores, seja como organizadores e monitores, contribuiu de forma significativa para a sua formação acadêmica e para o desenvolvimento das suas habilidades comunicativas, desenvolvidas a partir da atuação em equipe, da coordenação de ações e discussões, da apresentação de trabalhos acadêmicos e do diálogo com pessoas das mais diversas áreas de atuação em Letras.

Projetos de pesquisa

O envolvimento do petiano em um projeto de pesquisa é obrigatório, uma vez que parte da carga horária semanal é reservada para isso; a atividade pode ser realizada sob a orientação de qualquer docente do Curso de Letras e explorar a área que mais interessar ao petiano. Desse modo, os membros vinculados ao grupo em um período superior a seis meses, já desenvolvem as suas próprias pesquisas, enquanto que os integrantes mais novos iniciam o percurso participando de grupos de pesquisa e de reuniões com seus futuros orientadores. Nesse ano, a partir das pesquisas, os acadêmicos elaboraram relatórios, resumos e artigos científicos, além de apresentações em eventos acadêmicos. Dessa forma, a participação ativa na pesquisa estimulou o fazer científico dos membros do grupo, inserindo-os como futuros pesquisadores, proporcionando uma formação integral.

Pesquisas dos petianos em 2017:

- **“Redes sociais e ideologia(s): uma análise dos discursos de ódio”**. Petiana: Betiane Thais Streek. Orientadora: Profa. Dra. Verli Fátima Petri Silveira.
- **“Discurso do bullying nas tiras do personagem Armandinho: sujeito e alteridade”** Petiano: Cássius Selvero Pazinato. Orientadora: Profa. Dra. Caciane Souza de Medeiros.
- **“História e Memória na/da UFSM”**. Petiana: Evelise Pereira da Silva. Orientadora: Profa. Dra. Taís da Silva Martins.
- **“Uma análise discursiva da questão migratória e sua relação com o regime ditatorial”**. Petiana: Gabriela Gonçalves Ribeiro. Orientadora: Profa. Dra. Verli Fátima Petri Silveira.
- **“Análise discursiva das notícias de feminicídio”**. Petiana: Jennifer Souza Alvares. Orientadora: Profa. Dra. Caciane Souza de Medeiros.
- **“A prática da análise linguística em livros didáticos do Ensino Fundamental”**. Petiana: Letícia Dias da Silva. Orientadora: Profa. Dra. Franciele Marzembacher Pinton.
- **“Interação professor/aluno no processo de produção textual”**. Petiana: Liliane Monteiro. Orientadora: Profa. Dra. Marcia Cristina Corrêa.

- **“O papel do professor/pesquisador na disciplinarização da linguística no Brasil: Aryon Rodrigues”**. Petiana: Luisele Munekata de Castro. Orientadora: Profa. Dra. Taís da Silva Martins.
- **“A memória discursiva sobre a mulher na publicidade”**. Petiana: Thaynara Luíza de Vargas. Orientadora: Profa. Dra. Taís da Silva Martins.

Colaboração para atualização do site

Os petianos contribuíram na atualização das informações sobre o PET e na divulgação dos projetos e das atividades no site www.ufsm.br/corpus/petletras, uma página vinculada ao Laboratório Corpus, que atua como uma ferramenta para arquivar os trabalhos desenvolvidos pelo PET Letras na memória virtual institucional.

O principal objetivo desse projeto é atualizar o *site* com informações sobre os trabalhos desenvolvidos pelo grupo PET e, dessa forma, conscientizar os envolvidos sobre a importância da preservação de uma memória institucional por meio do registro e da divulgação das ações. Ao realizarem essas atividades, os petianos e as petianas envolvidos desenvolveram habilidades de produção, edição e divulgação de material audiovisual no meio digital.

Exemplo de notícia publicada no site



Fonte: site institucional do PET Letras 2017.

Leituras dirigidas e cinema na escola

Este projeto colaborou para a reflexão dos petianos e petianas e também dos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Profa. Naura Teixeira Pinheiro, sobre os gêneros textuais: contos, fábulas e histórias em quadrinhos. Além de interpretação de texto, produção textual e oralidade. Desse modo, o projeto buscou instigar os alunos e alunas a refletirem acerca de questões trabalhadas em vídeos curtos.

Por meio de uma abordagem discursivista, buscou-se estabelecer relações e interlocução entre a escola e a universidade. Para isso, delimitamos três objetivos principais: 1) desenvolver o senso crítico e a capacidade de interpretação de diferentes materialidades; 2) promover discussões acerca de questões concernentes a sociedade e a realidade em que estão inseridos; 3) aprimorar a capacidade escrita desses estudantes.

A atividade foi planejada por petianos e petianas e desenvolvida na escola, em encontros semanais com um grupo de alunos em horário inverso das aulas regulares. Nesses encontros, trabalhou-se com contos, fábulas e histórias em quadrinhos previamente selecionadas, incentivando a objetividade na escrita dos alunos participantes. As discussões procuraram estabelecer relações de aproximação e distanciamento entre as materialidades e promoveram a tomada de posição de crianças/jovens.

Buscava-se como resultado desse projeto alcançar melhorias para o Curso, para a educação, para a sociedade e meios para a socialização dos resultados, publicações, etc. Nesse sentido, a atividade permitiu desenvolver habilidades próprias a formação integral do petiano que sairá da universidade e atuará no âmbito da educação. Convivendo assim, com a realidade do futuro ambiente de trabalho, vivenciando a docência e proporcionando o crescimento não só pessoal, mas também profissional.

Registro da realização da atividade do dia 10/09/2017



Fonte: Imagem extraída do Facebook do grupo PET Letras.

Cine escola

Este projeto promoveu um espaço de debates e reflexões, a partir da exibição de produções cinematográficas com temáticas inerentes à vida em sociedade, da formação da cidadania, da importância dos valores humanos, das relações entre diferentes sujeitos e das práticas sociais em discussão na contemporaneidade. Esse projeto foi desenvolvido na instituição Orchestrarium, da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), localizada na ULBRA Santa Maria. A proposta foi realizar uma sessão de cinema na escola quinzenalmente ou mensalmente, promovendo a discussão no grande grupo, integrado pela comunidade escolar como um todo (pais, estudantes, professores).

Neste ano, o projeto Cine Escola também sofreu alterações, visto que, no primeiro semestre as atividades foram desenvolvidas em parceria com o PET Comunicação Social. Uma colaboração que gerou muitos debates sobre como produzir cinema e suas temáticas, além de dinâmicas de caráter coletivo integrador. Já no segundo semestre, o grupo PET Letras desenvolveu esse projeto sem a parceria do PET Comunicação Social.

Como principal objetivo, o projeto visava promover um espaço de debate e de reflexões, a partir da exibição de produções cinematográficas com temáticas inerentes à vida em sociedade, da formação da cidadania, da importância dos valores humanos e das relações entre diferentes sujeitos.

Esse projeto proporcionou ao público envolvido o contato com a cultura cinematográfica, instigando discussões e questionamentos que desenvolvessem o senso crítico de todos e todas. Também, pelo contato com estudantes da Universidade Federal de Santa Maria, os quais demonstraram motivação aos alunos e alunas que, muitas vezes, não possuem condições de ter acesso à cultura ou condições para o aprendizado.

Como resultados esperados na formação dos petianos e petianas, esse trabalho contribuiu efetivamente no relacionamento dos graduandos com a comunidade externa, proporcionando um crescimento profissional e pessoal, visto que, ao selecionar os filmes, as reflexões e a condução do debate, tiveram contato com realidade externa à universidade, desenvolvendo, assim, o potencial de cada aluno e aluna do projeto. É importante salientar também que, durante os momentos de discussão, os petianos e as petianas desenvolveram as habilidades de mediação considerando as diferentes opiniões e abrindo espaço para debates.

Imagem de atividade realizada em abril de 2017



Fonte: Imagem extraída do relatório do PET Letras.

Membros do Grupo em 2017:

Alexandre da Silva Preto, Betiane Thais Streek, Carolina Piovesan, Cássius Selvero Pazinato, Edegar Pereira Nunes Junior, Ester Nadiesca Giuliani, Evelise Pereira da Silva, Fernanda Dotto de Oliveira, Gabriela Gonçalves Ribeiro, Jennifer Souza Alvares, Letícia Dias da Silva, Liliane Monteiro, Lucas Sauzem Cruz, Luisele Munekata e, Thaynara Luíza de Vargas. Professoras-tutoras: Verli Petri (até julho de 2017) e Taís da Silva Martins (após agosto de 2017).

2018 – Novo ano, novas ideias, novos percursos

Ações desenvolvidas pelo grupo PET Letras no ano de 2018

Memória e história como objetivo de ensino em uma escola municipal de Silveira Martins

Este projeto tinha como objetivo o desenvolvimento de atividades de ensino que recuperassem a história do prédio do antigo colégio das irmãs, Colégio Bom Conselho. Para que os petianos e petianas pudessem desenvolver uma cultura da importância do conhecimento dos dados e de fatos históricos, que a ajudaram a construir o que o referido colégio representa para a comunidade silveirense e região, além de fazer com que os alunos reconhecessem a importância da imigração na constituição da cidade, de suas famílias, de sua experiência, história e memória.

Atividade do projeto na escola



Fonte: drive do grupo PET Letras 2017.

Livro: História e Memória:
Uma experiência com a linguagem – produto final do projeto



Fonte: drive do PET Letras 2017.

Revista Ideias

Este projeto visa a reativação de um importante meio de divulgação e circulação do conhecimento produzido pelos acadêmicos do Cursos de Letras: A Revista Ideias. Esse periódico surgiu em 1987, como uma iniciativa da Coordenação do Curso de Letras da UFSM e com apoio da Pró-Reitoria de Graduação. Na época, estavam à frente da Coordenação da Graduação em Letras as professoras Amanda Eloina Scherer e Loeci Paim de Oliveira Procati, idealizadoras desse periódico. Na primeira década de existência, a periodicidade dessa revista era irregular e seus objetivos iniciais eram documentar e divulgar os trabalhos realizados pelos professores e alunos do curso, estabelecer intercâmbio com outras instituições de ensino superior e facilitar a circulação dos textos produzidos em sala de aula. Já na segunda década (1997 até 2007), a revista tornou-se de periodicidade regular (semestral) e seus objetivos eram a publicação do resultado das atividades acadêmicas, extensivas e de ensino, dos alunos do Curso de Letras, bem como da participação deles em projetos de pesquisa, realizados sob a supervisão de professores orientadores da Instituição. Após uma pausa de

três anos, a revista retornou e teve a publicação de três volumes nos anos de 2010 e 2011, com o objetivo de publicar trabalhos de pesquisa elaborados pelos alunos ao final de cada disciplina, bem como decorrentes de sua participação em projetos desenvolvidos na atividade acadêmica.

Durante o ano de 2018, alguns integrantes do grupo PET Letras, juntamente com as professoras Taís da Silva Martins e Rosaura Albuquerque Leão, trabalharam para estabelecer novas diretrizes para a Revista Ideias e assim retomar sua periodicidade. A primeira ação foi organizar uma Edição Especial da revista para que os atuais graduandos de Letras pudessem conhecê-la. Esta edição especial reeditou uma série de textos publicados na Revista Ideias em números anteriores (desde seu lançamento).

Assim, são 30 anos de história dessa Revista que, as Coordenações do Curso de Letras – Bacharelado e do Curso de Letras – Licenciatura em parceria com o Programa de Educação Tutorial (PET) Letras, buscaram resgatar nesse número especial que apresentava uma seleção de trabalhos já publicados por alguns alunos da graduação em Letras da UFSM, durante o período em que a Revista esteve em circulação. Cabe destacar que, ao final de cada texto reeditado, há informações atualizadas (conforme o currículo Lattes) de cada autor. Salientamos também que as modificações textuais ocorreram somente no âmbito ortográfico, para atender a nova ortografia vigente. A partir dessa edição, buscou-se restabelecer a periodicidade da Revista Ideias, tendo como objetivo principal a publicação de textos inéditos de alunos de graduação em Letras da UFSM, para darmos visibilidade às suas produções acadêmicas e científicas. A revista foi organizada no ano de 2018 e publicada no início de 2019.

Oficinas de Mediação Literária

O objetivo principal deste projeto, coordenado pela Profa. Dra. Andrea do Roccio Souto, foi estabelecer a compreensão da literatura enquanto sistema e suas relações com a cultura em geral, propondo exercitar a leitura literária como fonte lúdica de aprendizagem cultural. O grupo também queria oferecer aos envolvidos a experimentação da leitura literária como arcabouço da cultura ocidental, além disso, propuseram e desenvol-

veram discussões com base em textos crítico-literários nos seminários de capacitação em que o PET ofereceu. No entanto, o subgrupo responsável por esse projeto também buscava desenvolver estratégias de abordagem textual, observando o caráter lúdico/cultural presente nos textos, além de refletir acerca das experiências desenvolvidas durante as oficinas, com vista a estabelecer um paralelo entre “teoria” e “prática”.

Palestra: Mediação de leitura: desafios para sala de aula
– com o prof. Dr. Demétrio Paz



Fonte: drive e Facebook do grupo PET Letras 2017.

Palestra: Perspectiva Didática – ministrada pelo
Prof. Dr. Lucas Zamberlan



Fonte: relatório PET Letras 2017.

Oficina: Culturas Populares e Letramento Literário,
pela Profa. Dra. Vera Medeiros



Fonte: relatório PET Letras 2017.

**Workshop de economia criativa:
um outro olhar para o ensino da literatura**

Este projeto, coordenado pelo Prof. Dr. Enéias Farias Tavares, teve como objetivo a expansão dos conhecimentos da universidade até o ensino básico, bem como a promoção de um ensino de literatura brasileira que desse conta da leitura do texto literário, como um processo de construção de sentidos, reinventando as narrativas e os personagens da nossa literatura canônica em sala de aula. Outro objetivo do projeto era o de desenvolver uma leitura crítica, reflexiva e interativa do grupo PET Letras com os integrantes do projeto, além de tudo, o grupo pensou em aplicar os conhecimentos adquiridos de forma prática, produzindo materiais didáticos que contemplassem a multiplicidade de mídias audiovisuais, a partir disso, seria divulgado a produção resultante deste projeto de pesquisa e extensão em nível local e regional, através das redes sociais do grupo PET Letras.

Atividade: criação de memes, no Colégio Estadual Coronel Pilar



Fonte: relatório PET Letras 2018.

Atividade: exposição das lâminas do projeto Fantástico Brasileiro, no Espaço Multidisciplinar da UFSM em Silveira Martins



Fonte: relatório PET Letras 2018.

Livro PET LETRAS: um percurso e muitas histórias

O Programa de Educação Tutorial do curso de Letras da UFSM, vinculado ao Laboratório Corpus, iniciou suas atividades em dezembro de

2010, apoiando-se na tríade ensino, pesquisa e extensão. Os trabalhos que o grupo desenvolveu desde sua origem já renderam bons resultados e fizeram com que o nome do grupo alcançasse diversas esferas, assim como seus integrantes e ex-integrantes puderam ter valioso aprimoramento acadêmico e social. Sendo assim, com o intuito de preservar a memória do programa, das experiências que proporcionou e proporciona aos discentes que integram as atividades e, principalmente, dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo até esta parte de sua história, foi elaborado um pequeno livro, a maneira certa de fazer valer a relevância das práticas e resultados obtidos. Em formato de e-book e também, alguns exemplares impressos mediante custeio do próprio grupo e instituição de origem.

Imagem 25: Produto final: livro do PET Letras



Fonte: relatório PET Letras 2018.

Projetos de pesquisa

O grupo PET tem como objetivo formar não só profissionais e cidadãos com pensamento crítico, mas também, formar pesquisadores. Além deste objetivo, o programa visa promover maior interação entre professores e petianos, desenvolvendo as habilidades de autossuficiência, e também,

proporcionar a oportunidade de estudos aprofundados em teorias e fomentar o desenvolvimento intelectual dos alunos.

Membros do Grupo em 2018:

Alessandra Stefanello, Alexandre da Silva Preto, Betiane Thaise Streck, Bruno Bortolini Kuhn, Cassius Selvero Pazinato, Carolina Piovesan, Eduarda Figueiredo Rodrigues, Ester Nadiesca Giuliani, Evelise Pereira da Silva, Gabriela Gonçalves Ribeiro, Jennifer Souza Alvares, Juliana Martins Damasceno da Silva, Miguel Ketzer, Letícia Dias da Silva, Liliane Monteiro, Lucas Sauzem Cruz, Verônica Lorensset Padoin. Professora-tutora: Taís da Silva Martins.

2019 – Percorrendo caminhos já conhecidos

Ações desenvolvidas pelo grupo PET Letras no ano de 2019

Calourada Letreira

A atividade consistiu em uma intervenção para esclarecer e apresentar as atividades que ocorrem em grupos de estudos, laboratórios de pesquisa e projetos de professores, aos novos alunos dos quatro cursos de Letras (Letras Espanhol – Licenciatura; Letras Português – Licenciatura; Letras Inglês – Licenciatura e Letras Português – Bacharelado). O objetivo maior desta atividade foi de combater a evasão dos alunos nos cursos de Letras, além de promover uma integração entre calouros e veteranos dos cursos, divulgar projetos e grupos de pesquisa vinculados aos Cursos de Letras. Assim, a atividade buscou proporcionar maior visibilidade ao trabalho desenvolvido por alunos e professores. Esta atividade foi realizada no início do primeiro semestre de 2019, no *hall* do prédio 40A.

Oficinas desenvolvidas pelo grupo PET Letras

As oficinas, que aconteceram durante o ano letivo de 2019, trouxeram para os acadêmicos de Letras, em especial, e demais interessados, atividades práticas que contribuíram para a formação geral do aprendiz, vinculado de forma indissociável à pesquisa, ao ensino e à extensão. Nestas oficinas, o grupo PET Letras optou por abordar temáticas envolvendo os projetos de pesquisa de cada professor convidado. Acerca dos objetivos, estavam incluídos: proporcionar atividades práticas com especialistas em diferentes campos da área de Letras – Licenciatura e Bacharelado, visando a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão; a interlocução entre alunos petianos e demais acadêmicos dos cursos, bem como com professores da instituição e

seus respectivos grupos de estudo; e, por último, combater a evasão acadêmica e estimular a permanência dos alunos nos cursos de Letras.

A atividade foi realizada da seguinte forma: na primeira reunião do grupo responsável por este projeto, foram selecionados o nome de alguns professores que posteriormente foram convidados por meio de uma carta que sugeria a data da oficina. Após o aceite dos professores, o retorno com o tema, apresentação e a solicitação de material que o professor iria utilizar, foram elaborados os cartazes para a divulgação da oficina. As atividades desenvolvidas e a abordagem foram organizadas para acomodar, a partir de sugestões do grupo e solicitações dosicineiros, o público alvo. Após a aplicação da oficina, recolhemos o *feedback* dos envolvidos para avaliação.

Oficina de Análise de Discurso, sociedade e relações de poder:
uma leitura discursiva da série *The Handmaid's Tale*,
com a Profa. Dra. Caciene Medeiros



Fonte: Relatório PET Letras 2019.

Mediação e Letramento Literário

Este projeto de ensino e extensão está vinculado ao Grupo de Estudos Práticas de Letramento Literário (PraLeLit), sob orientação da Profa. Dra. Andrea do Roccio Souto. O projeto deteve-se em discutir, em primeiro momento, as práticas do letramento literário a partir da compreensão teórica desenvolvida por Rildo Cosson, em seu livro “Letramento Literário: teoria e prática”. Posteriormente, o grupo começou a pensar em possibilidades de ensino de literatura com o viés na formação de leitor, e, não propriamente em um ensino pedagógico de literatura. Iniciamos o processo de sequências, tanto básicas quanto expandidas, em pequenos grupos, a partir de contos escolhidos pelo subgrupo responsável por este projeto, para que buscassem articular a teoria com a prática. Após este movimento, começamos a elaborar as sequências em conjunto, primeiro, discutindo o conto e, após, pensando em ideias e em como transformá-las em uma possível atividade, seja para um ambiente escolar, seja para círculos de leitura.

Esse projeto tinha como objetivo proporcionar a interlocução entre petianos e demais acadêmicos da UFSM, interessados pela mesma temática, além de professores da instituição e convidados externos. O grupo procurava estabelecer a compreensão da literatura e suas relações com a cultura em geral, propondo exercitar a leitura literária como fonte de aprendizagem cultural e humana. O grupo responsável propôs e desenvolveu discussões com base em textos crítico-teóricos nos encontros do grupo PraLeLit, e também analisou as questões teóricas aliadas à prática. Outro objetivo do grupo foi o desenvolvimento de sequências didáticas sobre contos da Literatura Brasileira, a fim de aperfeiçoar estratégias de abordagem de ensino literário e de formação de leitores. Além disso, o grupo refletiu acerca das estratégias das experiências desenvolvidas em cada encontro, novas possibilidades do ensino da Literatura nas escolas, a fim de que os alunos desenvolvessem uma leitura crítica e sem preconceitos que os distanciasse da Literatura.

Encontro do grupo em 11 de outubro de 2019



Fonte: Relatório PET Letras 2019.

Oficina de Práticas de Letramento Literário – II Jornada sobre ensino de Linguagem em Contexto Escolar



Fonte: Relatório PET Letras 2019.

Revista Ideias

A partir da necessidade observada no interior do curso de Letras da UFSM, o Grupo PET, sempre atento a novas demandas, recuperou a Revista Ideias. O objetivo da Revista foi promover a divulgação científica como um espaço para os alunos de graduação e pós-graduação dos cursos de Letras. Além disso, outro objetivo da Revista foi a interação acadêmica e divulgação de novas pesquisas entre os estudantes e professores. Contudo, o principal objetivo foi proporcionar o contato dos petianos – alunos do curso de Bacharelado em Letras – com o processo de editoração e organização dos lançamentos dos números da Revista.

Imagem – Lançamento Revista Ideias n° 28



Fonte: relatório PET Letras 2019.

Memória e história como objeto de ensino em uma escola municipal de Silveira Martins – ano 02

Partindo do princípio de que somos sujeitos sociais, os quais se relacionam com outros indivíduos, somos constituídos por um enlace que nos atravessa pelo histórico. Este projeto, coordenado pela professora Dra. Amanda Eloina Scherer, tinha como objetivo recuperar a história e memória da região de Silveira Martins, no Colégio Bom Conselho e outros espa-

ços da região. Para a realização do projeto, os integrantes deste grupo buscaram desenvolver atividades com a comunidade escolar, com o objetivo de recuperar um fragmento da história da Quarta Colônia. Outro dos objetivos, era o resgate cultural e histórico do município de Silveira Martins e da imigração italiana na região, por meio de práticas educacionais que interpelam os alunos em uma posição autoral. Tornando visível, dessa maneira, a importância da imigração na constituição dessa cidade, de suas famílias, da sua memória e da sua linguagem.

Contação de lendas e jogos referentes à cultura de Silveira Martins



Fonte: Relatório PET Letras 2019.

Material produzido pelos alunos da escola ao final do projeto: Folder Gaspar: expressões silveirenses



Fonte: Relatório PET Letras 2019.

Material produzido pelos alunos ao final do projeto: vídeo sobre Silveira Martins, hospedado em sites institucionais da UFSM



Fonte: Relatório PET Letras 2019.

Visita guiada ao Fantástico Brasileiro – UFSM/Silveira Martins – ano 02

Com o objetivo de contribuir com o relacionamento dos graduandos com a comunidade escolar, proporcionando assim, um crescimento profissional/pessoal, ao preparar as atividades os petianos tiveram contato com a realidade externa à instituição. O projeto foi realizado na Escola Estadual Coronel Pilar, onde participaram alunos dos terceiros anos do Ensino Médio. Com apoio do ônibus da UFSM, os petianos e o coordenador do projeto, levaram os professores do Ensino Médio e outra turma até o Espaço Multidisciplinar da UFSM/Silveira Martins para visitar a exposição “Fantástico brasileiro: O Insólito Literário do Romantismo à Contemporaneidade”, fruto do projeto idealizado pelo Prof. Dr. Enéias Tavares e pelo escritor Bruno Anselmi Matangrano.

A exposição compreendia com mais de 90 autores de todo Brasil, desde o século XIX até os dias atuais, passando por mais de 200 obras, divididas em três grandes grupos: Século XIX e Início do XX e, por fim, os autores ultra contemporâneos do século XXI. Durante a visita, os alunos circularam ao redor de 23 painéis historiográficos, em uma viagem pela história da nossa literatura, conhecendo autores e obras que trabalham com os diversos modos narrativos do “insólito”, termo acadêmico que procura abranger os diversos tipos de narrativas voltadas a tudo aquilo que escapa da dita “realidade”.

Visita guiada – Espaço Multidisciplinar da UFSM em Silveira Martins



Fonte: relatório PET Letras 2019.

Atividades de caráter coletivo integrador: participação e organização de eventos

Entre os eventos organizados pelo grupo, destacamos o primeiro seminário “Identidade Petiana: O PET Letras e suas especificidades”, que foi idealizado para que os novos petianos e petianas criassem um vínculo de identificação com o grupo, a partir das histórias e das memórias dos sujeitos que participaram dos primeiros anos do grupo.

Cartaz de divulgação do evento



Fonte: Relatório PET Letras 2019.

Neste ano, também ocorreu o “V Seminário interno de Pesquisa Pet Letras”, seminário em que os petianos e petianas compartilham suas pesquisas científicas com os membros do grupo.

Em maio de 2019, o grupo PET Letras em parceria com o PET Biologia, organizou o INTERPET, evento que reúne mensalmente todos os grupos PET da UFSM. Vejamos abaixo algumas imagens deste evento.



Fonte: Relatório PET Letras 2019.

Os integrantes do Grupo PET Letras apresentaram trabalhos na 34ª *Jornada Acadêmica da UFSM*, tanto os trabalhos de extensão e ensino desenvolvidos pelo grupo, quanto às pesquisas individuais de cada integrante. Vejamos abaixo algumas imagens que registram a participação de algumas petianas neste evento:



Fonte: Relatório PET Letras 2019

Membros do Grupo em 2019:

Alessandra Stefanello, Alexandre da Silva Preto, Betiane Theise Streck, Camilla Machado Cruz, Chrystian Revelles Gatti, Érika Mariana Marques Gonzales, Eduarda Figueiredo Rodrigues, Ester Nadiesca Giuliani, Giovana Medeiros de Paula, Gabriela Gonçalves Ribeiro, Janys Kerolyn Ballejos Cruz, Jaíne de Fátima Machado da Silva, Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos e Vitória Rössler de Abreu. Professora-tutora: Taís da Silva Martins.

2020 – Um ano atípico e a reinvenção e adaptação dos projetos

Ações desenvolvidas pelo grupo PET Letras no ano de 2020

A manualização do saber linguístico: o processo de produção de guias de linguagem inclusiva

Este projeto surgiu a partir da iniciativa do grupo a fim de abrir espaço para a promoção de reflexão sobre uma linguagem menos sexista e mais inclusiva, e posteriormente, propor a elaboração de um guia com orientações para um uso mais consciente da língua. Ao considerar que o uso de uma linguagem inclusiva é fundamental na atualidade, visto que todos os gêneros formam parte da nossa sociedade e, muitas vezes, são invisibilizados pelo uso de uma linguagem majoritariamente masculinizada.

Assim, entendeu-se o conceito de gênero como uma construção social que não se limita à dualidade do feminino e masculino, incluindo também as pessoas que se identificam com outros gêneros. Dessa maneira, considerou-se que, o uso de uma linguagem inclusiva consiste em não ignorar as diversas formas de discriminação que a linguagem pode apresentar, pois o uso do masculino genérico, por exemplo pode discriminar outros gêneros existentes.

Para que fosse possível aprofundarmos mais nesse assunto, iniciamos com leituras teórico-analíticas, dentro da perspectiva de Análise de Discurso de linha francesa em articulação com a História das Ideias Linguísticas, compreendendo a relação da língua com a história e com o sujeito bem como o processo de manualização do saber linguístico. A partir disso, nosso embasamento teórico inscreveu-se na perspectiva discursiva e no entendimento de inclusão sendo resultante de um processo discursivo.

Além das leituras, foi fundamental o aprofundamento nos estudos morfológicos para que fosse possível compreender a noção de “gênero gramatical” e também se fez necessário um olhar-outro sobre a questão dos papéis de gênero e da noção de gênero a partir de um viés das ciências humanas e sociais. Ainda em processo de (des)construção e de aperfeiçoamento na temática foi considerada a importância do projeto na nossa formação acadêmica, petiana, profissional e humana buscando promover cada vez mais a discussão dentro da nossa área da Linguagem.

Como principais objetivos deste projeto estavam: 1) Elaborar a primeira versão de um guia de linguagem inclusiva que pudesse sugerir o uso de uma linguagem não sexista ao grupo PET Letras; 2) Discutir como o uso da linguagem inclusiva poderia contribuir na construção de uma sociedade mais igualitária a partir das leituras teórico-analíticas sobre a relação entre linguagem, gênero e inclusão; 3) Elencar termos de nomeação recorrentes em documentos oficiais do PET Letras; 4) Reunir legislações nacionais que tratam de inclusão e não sexista; 5) Pesquisar sobre guias de linguagem inclusiva de gênero ou não sexistas já publicados na América Latina; 6) Analisar discursos sobre a linguagem inclusiva/ linguagem neutra em diferentes plataformas digitais, como o Twitter, o Facebook, o Instagram, o Spotify, o YouTube, etc.

As atividades foram realizadas a partir de reuniões quinzenais, ressalta-se que o projeto iniciou a partir de leituras teórico-analíticas, como mencionado anteriormente, e discussões sobre a temática da linguagem inclusiva não sexista. A fim de fomentar as nossas discussões, iniciamos com dois textos “a manualização do saber linguístico e a construção de uma linguagem não sexista, (2016)”, de Dantielli Assumpção Garcia d Lucília Abrahão e Sousa, e “Sexismo Linguístico e o processo de manualização: a presença do feminino e da mulher na língua, (2018)”, de Dantielli Assumpção Garcia. Além disso, nesse momento inicial, realizamos: 1) levantamento das legislações que abordavam sobre a questão da linguagem inclusiva e pronome neutro; 2) busca de documentos oficiais próprios do PET com o propósito de observar a recorrência de nomeações que podem se tornar inclusivas; 3) análise de guias de linguagem inclusiva de universidades, principalmente, da América Latina, com o intuito de perceber como

ocorria a inclusão de gênero por meio da língua; 4) Elaboração do designer gráfico do guia, com um esboço inicial e com uma identidade visual já pré-definida; 5) Escrita de um glossário com termos que auxiliarão durante a consulta no guia.

Ao realizar o levantamento das legislações que inserem a linguagem inclusiva e pronome neutro nas discussões, percebe-se o quão importante é a produção do guia, pois se justificou que o sexismo linguístico está fortemente presente no Brasil e a construção do guia possibilitou legitimar o que tínhamos como objetivo principal proposto: a inclusão. Posteriormente, o grupo realizou análises de vários guias de linguagem não sexista de vários países da América Latina. Depois, foram realizados recortes como exemplos de formas de usos de linguagem sexista presentes nos documentos, inclusive documentos oficiais do próprio PET Letras, assim as pessoas integrantes apresentaram as investigações ao restante do grupo, a fim de sugerir exemplos alternativos de uso de linguagem inclusiva de gênero. E foi a partir de textos teóricos sobre a linguagem inclusiva de gênero publicados em revistas de Letras e Ciências Sociais, que foi possível fomentar as discussões relacionadas a essa temática.

Durante o mesmo ano, iniciamos também a leitura da obra intitulada “Discursos Sobre a Inclusão, (2014)” da linguista Eni Orlandi, para refletir coletivamente, a partir da Análise de Discurso de Linha Francesa (AD), como a inclusão e a educação relacionam-se. Já ao adentrar como texto da jornalista e professora Caciane Souza de Medeiros (UFSM), “O Discurso da Inclusão pela Diferença na Relação Mídia e Sociedade” (2014), o grupo refletiu sobre de que modo as campanhas que são produzidas nacionalmente circulam nas mídias, produzem sentido e vinculam-se ao que diz respeito à inclusão.

Também, foi realizada a identidade visual para a materialização do guia para o projeto e, para a elaboração do esboço do manual, visualmente, as integrantes utilizaram as cores: verde e azul, ao considerar que para justificá-las: além de ser as duas cores que mais agrada as pessoas de acordo com a obra “A Psicologia das Cores” (2013), de Eva Heller, são também as cores que caracterizam o grupo PET Letras.

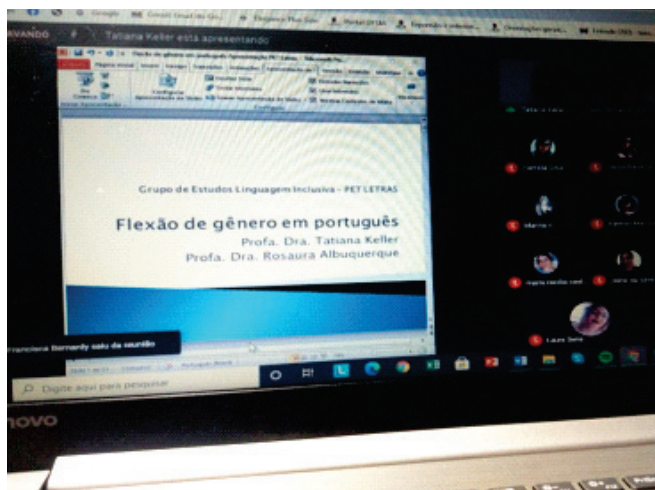
Além disso, aconteceram seminários internos com a presença de pessoas convidadas que estudam sobre a temática para compreender melhor os estudos, interesses e inquietações do grupo. Neste primeiro seminário interno, as convidadas foram as Profa Dra Rosaura Leão (UFSM) e Tatiana Keller (UFSM) e foi discutido sobre a questão do gênero masculino, feminino, neutro e sua herança. Refletimos também sobre algumas propostas de uso da linguagem inclusiva disponíveis no site institucional “Diversity Box”. Já no segundo seminário, a palestrante Francine Martins abordou sobre a ideologia de gênero, a partir de uma perspectiva histórica/social.

As pessoas integrantes do grupo realizaram a construção de um arquivo com os recortes das pesquisas nas mídias digitais como: Spotify, YouTube, Twitter, Facebook, etc, para discutir nas reuniões sobre como a sociedade se posiciona a respeito deste assunto e qual o perfil dessas pessoas. O arquivo em questão auxiliaria na construção de artigos e também na apresentação de eventos internos/externos.

Para finalizar, cada integrante ficou responsável por realizar a definição de um verbete e adicioná-los ao glossário para assim auxiliar durante a leitura e consulta do guia. Sendo eles: diversidade, equidade, gênero, igualdade, inclusão, machismo, sexismo e sexo.

Se ressalta que como resultados dessa atividade, tivemos importantes discussões que fomentaram as reflexões acerca da temática que para a maioria do grupo era algo novo. Foi possível também aprofundar esse assunto por meio de leituras teóricas, bem como palestras de pessoas estudiosas da área. Se destaca que, foram realizadas apresentações na Jornada Acadêmica Integrada (JAI). Além disso, foi realizado um levantamento de termos que são recorrentes em documentos do Programa de Educação Tutorial e que constarão no guia de linguagem inclusiva, sendo esse o produto final. E, ainda sobre o guia, foi construído um esboço visual e estrutural de como ele seria.

Registro do seminário com as professoras Rosaura Leão e Tatiane Keller



Fonte: Relatório de 2020 do PET Letras.

Esboço do Guia sobre/de linguagem inclusiva



Fonte: Relatório de 2020 do PET Letras.

Revista Ideias

A partir da necessidade no interior do curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria, o grupo PET Letras, sempre atento às novas demandas, recuperou a Revista Ideias originalmente instituída no ano de

1987 como uma iniciativa da Coordenação do Curso de Letras da UFSM e com o apoio da Pró-Reitoria de Graduação. Um dos principais objetivos da revista Ideias era promover a divulgação científica como um espaço para os(as) alunos(as) de graduação e pós-graduação dos cursos de Letras da UFSM. O objetivo sempre foi proporcionar uma interação acadêmica e divulgar as novas pesquisas entre esses estudantes e professores ao proporcionar visibilidade aos trabalhos acadêmicos desenvolvidos pelos(as) alunos(as) de Letras não só da UFSM, mas também das demais instituições.

A metodologia consistiu nos seguintes passos: a) planejamento: o grupo PET Letras, em reuniões ordinárias, realizou a distribuição dos textos para a editoração: b) desenvolvimento: os(as) alunos(as) petianos(as), sob orientação da professora tutora, realizaram o processo de editoração, divulgação e também de organização dos lançamentos dos números das revistas.

Como resultados, se destacam o fortalecimento das relações entre o grupo PET Letras e a comunidade acadêmica em geral, o aprendizado dos(as) petianos(as) envolvidos(as) e a possibilidades de divulgar as novas pesquisas desses estudantes. Para terminar, apresentamos a seguir as relações de atividades durante o primeiro semestre letivo de 2020: a) reuniões para a organização e divisão dos textos recebidos durante o período de recesso da universidade b) Os textos passaram pela editoração dos(as) petianos(as), foram formatados e enviados para a diagramação; c) Divulgação do número 29 na versão digital devido a pandemia; d) estudos para alteração nas normas da revista.

Imagem: Capa da Revista Ideias n. 29



Fonte: Relatório de 2020 do PET Letras.

No segundo semestre letivo de 2020, ocorreu a divulgação do edital de chamada para o número 30 da revista/divulgação da chamada nas redes sociais/finalização das adequações das novas normas para publicação na revista. Para esta edição a revista recebeu textos de graduandos da UFSM e também de autores de diferentes instituições do país, como por exemplo, Universidade Estadual do Pará (UEPA), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Universidade Federal de São João del-Rei. Após o recebimento dos textos eles são enviados para os professores pareceristas.

Cabe destacar que neste ano, foi estabelecida uma parceria com a Profa. Dra. Verli Petri, professora da disciplina de Revisão Textual II do Curso de Bacharelado em Letras da UFSM. Os alunos da disciplina formaram uma equipe para a de revisão textual dos textos recebidos sob a supervisão da professora Verli.

É importante destacar que, durante o ano de 2020, iniciou-se os preparativos para a inclusão da revista no SEER/UFSM. Foram contatados professores de diversas IES do país para comporem a equipe científica do periódico e foi fomentada a discussão sobre a política editorial a ser assumida pela Revista Ideias.

PET é Letras: Rodas de Conversa

O projeto intitulado PET é Letras: rodas de conversa que teve início no dia quinze de maio de dois mil e vinte e o término no dia sete de dezembro do mesmo ano, tinha como um dos seus principais objetivos estimular a permanência dos alunos e alunas dos cursos de Letras Licenciatura/Bacharelado, pois buscou construir por meio desse projeto a sensação de pertencimento pelo curso e também pela instituição.

As rodas de conversa tinham caráter coletivo e integrador visavam fortalecer a identificação do grupo PET com os cursos de Letras, além de desenvolver uma identidade de grupo abordando e discutindo temáticas que interessavam aos alunos e alunas e que buscavam elucidar mais sobre a questão de ser/estar no mundo.

As petianas e os petianos encarregados do projeto realizaram reuniões para debater e pensar em possíveis ideias de temáticas para serem abordadas

nas rodas de conversa. Também foram realizadas consultas populares por meio de postagens e enquetes nas redes sociais, que visavam considerar o interesse dos(as) demais estudantes. E, posteriormente, após a escolha do tema, integrantes do grupo entravam em contato com a pessoa mais indicada para a conversa e o tema escolhido. A partir disso, esses integrantes participantes do projeto elaboraram cartazes para divulgar nas redes sociais a fim de promover a divulgação da roda de conversa para a comunidade acadêmica. É importante destacar que, logo após a realização de cada evento, participantes do projeto se reuniram para discutir acerca dos aspectos positivos e negativos do evento.

Como resultado desse trabalho, se destaca que o projeto contribuiu para a formação pessoal e profissional dos(as) estudantes dos cursos de Letras da UFSM. Mas, também é válido considerar que, esse trabalho foi voltado para a comunidade acadêmica em geral, dito isso, demais estudantes da universidade puderam participar das rodas de conversa, assim o projeto contribuiu para a formação do público geral. E também para a formação pessoal de cada um e cada uma, pois os temas debatidos contribuíram para situar esse sujeito no espaço social, refletindo acerca de suas ações. E, para a formação profissional visto que foram debatidos temas acadêmicos centralizados na área de Letras, possibilitando um diálogo significativo. Além disso, os projetos integraram os alunos e alunas dos quatro cursos de Letras da UFSM possibilitando um diálogo que muitas vezes não ocorre devido a demanda curricular. Por fim, é válido também mencionar que o projeto também aproximou o corpo discente e docente propiciando um espaço de troca e de produção de conhecimento.

Os resultados para com a formação dos petianos e petianas contribuíram para a criação de um ambiente saudável para as discussões bem como um ambiente acadêmico crítico e reflexivo. Dessa maneira, estabeleceu aspectos positivos para uma formação pessoal e profissional dos petianos e petianas, uma vez que em cada roda de conversa novas informações eram apresentadas e novas trocas de conhecimento eram estabelecidas a partir do diálogo construído. Dito isso, apresentamos o cronograma das atividades desenvolvidas:

No dia de junho de 2020, foi realizada a primeira roda de conversa, ela contou com o Prof.Dr. Jerônimo Tybusch. Nessa roda de conversa foi discutida a metodologia de ensino adotada pela Universidade Federal de

Santa Maria durante a pandemia. Abaixo apresentamos uma série de cartazes de divulgação dos encontros, que permitem evidenciar as temáticas abordadas nos eventos



PET é Letras: Roda de Conversa

Prof. Dr. Jerônimo Tybusch

Pró-reitor adjunto de graduação,
coordenador de Pós-graduação
Acadêmico da PROGRAD,
e interlocutor PET na UFSM.

OS CURSOS DE LETRAS E O TRABALHO EM REDE NA UFSM

09 DE JUNHO
AS 16 H

Pela plataforma Google Meet






PET E LETRAS ROBÓTIKA DE CONVERSA



Prof. Dr. Rafaeli Friedrich

POLÍTICA DE COTAS E A VALORIZAÇÃO DA DIFERENÇA

Posou graduando em Direito pela Faculdade Metodista de Santa Maria - FAMES (2016);
É mestre e doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria. Ex-Presidente da Comissão de Direitos Humanos da CMB - Subseção Santa Maria, RS. Membro do Grupo de Pesquisa KITANDA (CNPq) Educação e Intercultura.

ENDEREÇO: PRÉDIO ADMINISTRATIVO III
RUA: SÉRGIO BASSO
Cidade: Santa Maria
Estado: RS
CEP: 97090-000



[illegible]

PET É LETRAS: RODAS DE CONVERSA

CONHECENDO AS LETRAS; PAPO COM OS COORDENADORES

INSCRIÇÕES PREENCHER OS FORMULÁRIOS ABAIXO PLATAFORMA: GOOGLE MEET

PRIMEIRA RODA

PROF. DR. BRUNO FARAS TAVARA
COORDENADOR DAS CURSOS DE LETRAS LICENCIATURA – UFPA

SEGUNDA RODA

PROF. DR. VITOR JAVIER SCORREY
COORDENADOR ACADÊMICO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUESA – BACHARELADO – UFPA

TERCEIRA RODA

PROF. DRA. HELLOIS VITALINO MELATO
COORDENADORA ACADÊMICA DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA – UFPA

DIA 26/10 ÀS 18H

DIA 30/10 ÀS 16H30

PETletras
Laboratório Corpus - UFPA



PEIT É LETRAS: RODAS DE CONVERSA
PAPO COM O NDE: CONHECENDO OS
PROJETOS PEDAGÓGICOS DOS CURSOS DE
LETRAS/LICENCIATURA – UFRJ

INSCRIÇÕES: PREENCHER OS
FORMULÁRIOS ABAIXO
PLATAFORMA: GOOGL MEET



PROF. DRA. HELENA VITORINA VELAZCHI
COORDENADORA SUBSTITUTA DOS CURSOS
DE LETRAS LICENCIATURAS – UFRJ



PROF. DRA. MÔNICA STEFANI
PROFESSORA DE MÓDULO INICIANTE
ESTRUTURANTE – NDE.

DIÁ 30/11
ÀS 18H

PEIT **letras**
 e licenciaturas

Vozes do 40A

O podcast “Vozes do 40A” foi um projeto plenamente desenvolvido e foi mais uma produção do PET Letras, iniciado no dia cinco de maio de dois mil e vinte e encerrado no dia vinte e um de dezembro do mesmo ano. O objetivo desse podcast era integrar graduandos(as) e professores dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Letras, por meio de uma conversa informal, não só sobre as produções acadêmicas, mas também sobre os interesses dos professores fora da sala de aula. Esses episódios estão disponíveis nas plataformas digitais: Spotify, YouTube e Anchor. (Para ter acesso ao podcast na íntegra, acesse: <https://open.spotify.com/show/5Rkga14z3a6TJQswfKRwtq?si=62e55901305d45f4>).

O projeto tinha como objetivo geral promover a interação entre docentes e discentes dos Cursos de Letras da UFSM. E, como objetivos específicos: 1) realizar entrevistas com docentes dos cursos de Letras; 2) conhecer os projetos dos(as) professores(as) dos Cursos de Letras; 3) compreender o processo de produção, circulação e divulgação do conhecimento.

Esse projeto alinhado às políticas extensionistas da UFSM tinha como justificativa: a) promover o impacto na formação dos(as) estudantes de Letras, e; b) promover o impacto na transformação social. A partir da produção e da circulação de podcasts com entrevistas realizadas com os professores/pesquisadores da área de Letras e áreas afins. O “Vozes do 40” facilitou o processo de construção e da difusão de conhecimentos ampliando o acesso aos saberes e ao desenvolvimento tecnológico, cultural e artístico da sociedade e, também propiciou aos estudantes, espaços informais de aprofundamento e aperfeiçoamento técnico, profissional e humanístico.

Para a metodologia que foi adotada para o processo de produção do podcast Vozes do 40A, foi necessário consultar os(as) colegas petianos(as) e também colega do curso por meio das redes sociais para saber quais seriam os(as) professores(as) que eles gostariam de escutar nos episódios do Vozes para começar a realizar o contato com as pessoas que seriam entrevistadas. Após, seria realizada a gravação do podcast, em seguida a edição do áudio. E, por fim, a divulgação do podcast. Veja a seguir o planejamento dessas ações:

- 1) Contato com o(a) convidado(a) (extra-oficial) – por meio de redes sociais ou conversa informal em sala de aula.
- 2) Contato com o(a) convidado(a) (oficial) – envio do convite via email, com um texto padrão que visava explicar o projeto e explicar os objetivos, assim como informações práticas como sugestões de data, horário e local de gravação.
- 3) Contato com o(a) convidado(a) para orientações que consistia no envio com no mínimo 48h de antecedência um tutorial explicativo para a pessoa convidada sobre a logística da gravação e a sugestão de uma gravação teste com os equipamentos um pouco antes do horário previsto de gravação para ajustes técnicos.
- 4) A gravação do podcast: previamente o grupo definia quem seriam as duas pessoas participantes da gravação. Após essa definição do(a) entrevistado(a), iniciava-se o processo de preparação da entrevista, com a preparação de uma apresentação sobre a pessoa convidada.
- 5) Edição do podcast: o material passava por um processo de edição com cortes e adição dos efeitos sonoros. Após a edição, o podcast passava pela aprovação do(a) entrevistado(a).
- 6) Divulgação e circulação do podcast: A equipe do projeto ficou responsável pela divulgação de cada episódio nas redes sociais do PET.

Como resultados dessa atividade buscamos integrar professores e alunos(as) dos Cursos de Letras, auxiliando na identificação desse estudante com o curso e diminuindo a evasão. Bem como apresentar os(as) professores(as) e seus respectivos trabalhos na pesquisa fomentando o interesse desses alunos na pesquisa. Para isso, apresentamos a relação de algumas atividades realizadas durante o ano de 2020:

- 1) Reunião inicial (online) para planejamento do formato do podcast e gravação do episódio piloto com a professora-tutora Taís da Silva Martins.
- 2) Entrevista com professores dos Cursos de Letras, planejadas e realizadas (de maneira online), por petianos e petianas. Abaixo, veja-mos alguns os cartazes de divulgação dos episódios divulgados nas redes sociais do PET Letras

VOZES DO 40A
CONVERSA COM:

Profa. Dra. Caciane Medeiros

Professora adjunta do Departamento de Letras Clássicas e Linguísticas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde desenvolve atividade docente e pesquisas sobre a produção de sentidos no discurso midiático, nas redes sociais e no espaço urbano. Possui graduação em Jornalismo (1999) e Doutorado em Letras (2005), pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e pós-doutorado, pela USP (Ribeirão Preto) (2013).

Disponível nas plataformas:  

VOZES DO 40A
CONVERSA COM:

Professor Dr. Anselmo Peres Alós

Professor Associado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde desenvolve pesquisas em literatura comparada, literatura latino-americana, literaturas africanas de língua portuguesa, crítica feminista, estudo de gênero e teoria queer. Possui graduação (2002) e doutorado (2007) em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Disponível nas plataformas:  

VOZES DO 40A
CONVERSA COM:

Professora Dra. Vanessa Fialho

Professora adjunta na Universidade Federal de Santa Maria, onde desenvolve pesquisas em Linguística aplicada, educação a distância, ensino mediado por computador, Internet e tecnologias da Informação e comunicação. Possui graduação em Letras Língua e Literaturas Espanholas (2003), pela Universidade Federal de Santa Maria, mestrado (2005), doutorado (2011) e pós-doutorado, pela Universidade Católica de Pelotas.

Disponível nas plataformas:   

VOZES DO 40A
CONVERSA COM:

Professora Dra. Andrea Reginatto

Professora adjunta e coordenadora do curso de Letras (LAL) na Universidade Federal de Santa Maria. Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa (1996), pela Universidade Franciscana, Mestrado (2000) e Doutorado em Linguística (2013), pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Tem experiência em ensino mediado por tecnologias, discursos de mídia, letramento acadêmico, formação de professores e LAL.

Disponível nas plataformas:   

VOZES DO 40A
CONVERSA COM:

Professora Dra. Susana dos Reis

Professora adjunta da Universidade Federal de Santa Maria. Possui graduação em Letras - habilitação em Língua Inglesa, pela Universidade Federal de Santa Maria, mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (2004) e doutorado em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria, com estágio na Iowa State University (2003). Atualmente é pesquisadora, orientadora e docente no programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional de Tecnologias em L2/L3, da UFPA. Líder do RUPET Grupo de Pesquisas, Ensino e Aprendizagem de Língua e Coordenadora do Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Língua (Lablin).

Disponível nas plataformas:   

VOZES DO 40A
CONVERSA COM:

Professora Dra. Raquel Trentin

Possui graduação, mestrado e doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria. Em 2014, concluiu estágio pós-doutoral na Universidade de Coimbra. Atualmente, é professora adjunta da Universidade Federal de Santa Maria. Seus temas de pesquisas abrangem os temas construídos da narrativa, romance contemporâneo português, estudos pós-coloniais, relação Literatura e memória.

Disponível nas plataformas:   

Fonte: Relatório de 2020 do PET Letras.



Acesse aqui o nosso YouTube!

Ecos dos vozes (*spin-off* do podcast Vozes do 40A)

O Ecos do Vozes surgiu a partir dos meses de setembro e outubro, nos quais o grupo PET Letras projetou uma forma de comemorar os 55 anos do curso de Letras da UFSM. Levando em consideração o momento atípico causado pela pandemia, o PET decidiu, a partir da visibilidade do projeto Vozes do 40A, fazer uma extensão desse mesmo projeto. Isso porque, como já mencionado, o Vozes do 40A é uma série de Podcast em que diversos professores dos cursos de Letras conversam com petianos e petianas. Desse modo, o Ecos do Vozes foi pensado como um projeto além, ou seja, entrevistar professores aposentados, técnicos administrativos na ativa e aposentados, e também professores que ainda estão trabalhando e que são figuras importantes para a história das Letras.

A partir dessa ideia, foram entrevistados 21 profissionais do curso de Letras. Essas entrevistas foram compostas de duas perguntas: a primeira mais geral sobre alguma memória/história no curso; e a segunda mais específica, tratando de algum evento histórico em que o(a) entrevistado(a) estava relacionado(a). As entrevistas duraram, em média, 30 minutos e todas aconteceram pelo Google Meet, com gravação da sala e de áudio pelo celular. Abaixo, a lista de entrevistados(as) e as datas das entrevistas: Enéias Tavares – 09/11; Taís Martins – 03/11; Amanda Scherer – 20/11; Pedro Brum – 13/11; Ceres Bevilacqua – 16/10; Ana Flávia Souto de Oliveira – 16/10; Larissa Montagner Cervo – 30/10; Leila Maraschin – 19/10; Anselmo Peres Alós – 26/10; Evellyne Figueiredo – 22/10; Verli Petri – 03/

11; Raquel Trentin – 23/10; Andrea do Roccio – 11/11; Rosaura Albuquerque – 15/10; Patrícia Marcuzzo – 15/10; Cristiane Fuzer – 16/10; Sara Cabral – 16/10; Graziela de Angelo – 23/10; Fabricio Leão – 06/11; Augusto Souza – 03/11; Eliana Sturza – 23/11.

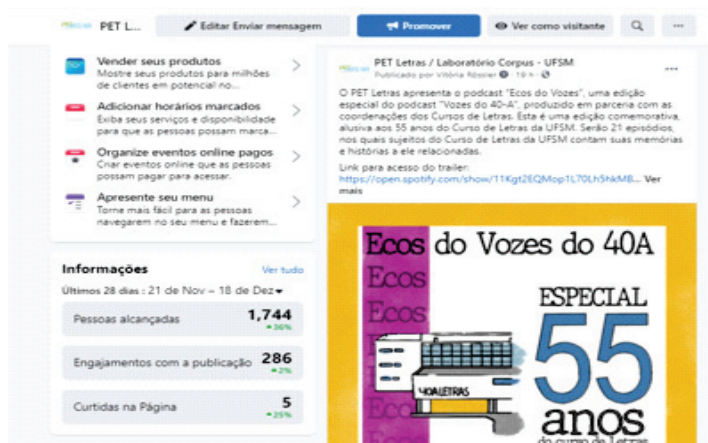
Terminamos o ano com todas as entrevistas realizadas e organizadas para serem editadas e postadas em forma de podcast, a partir do mês de dezembro de 2020. Ainda em dezembro do mesmo ano iniciou-se a divulgação do podcast Ecos do Vozes nas redes sociais:

Imagem: Divulgação no Instagram



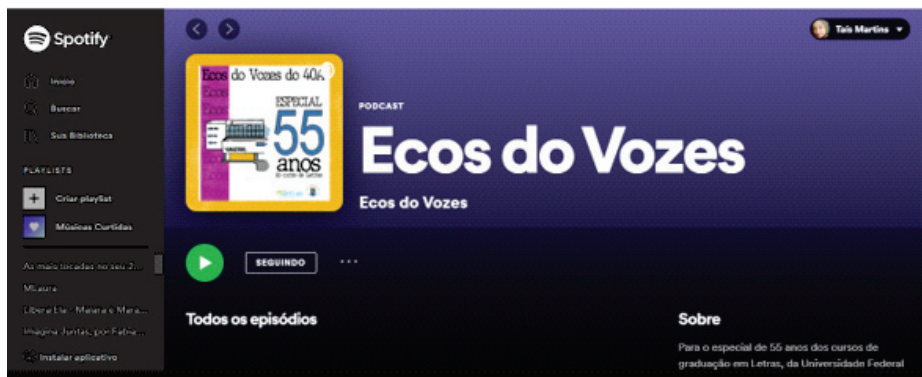
Fonte: Print do relatório de 2020 do PET Letras.

Imagem: Divulgação no Facebook



Fonte: Print do relatório de 2020 do PET Letras.

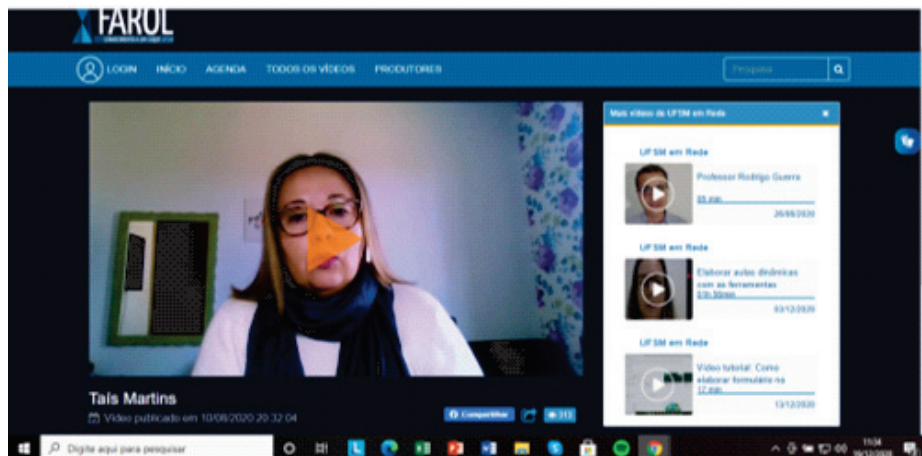
Imagem: Print na plataforma do Spotify



Fonte: Print do relatório de 2020 do PET Letras.

O primeiro episódio do podcast Ecos do Vozes divulgado foi o episódio com a participação do Prof. Dr. Pedro Brum Santos, no dia 21 de dezembro.

Imagem: Print da plataforma Farol



Fonte: MARTINS, Tais. Vozes do 40A. Vídeo publicado no Farol UFSM, Santa Maria, Rio Grande do Sul, agosto de 2020.



Acesse aqui e saiba mais sobre o podcast “Vozes do 40A”.

Atualização de mídias digitais

O grupo PET Letras buscou divulgar suas ações e estreitar os laços com a comunidade acadêmica, por meio da atualização e da circulação, nas redes sociais, de seus projetos e eventos. Dessa forma, as petianas e os petianos encarregados dessa manutenção realizaram postagens sobre os projetos de ensino, pesquisa e extensão do grupo.

Para que houvesse maior vínculo com a comunidade acadêmica, o grupo desenvolveu postagens para comemorar os dez anos do grupo PET Letras, essas postagens serviram para homenagear o PET Letras e para apresentar os petianos e petianas aos seguidores nas redes sociais.

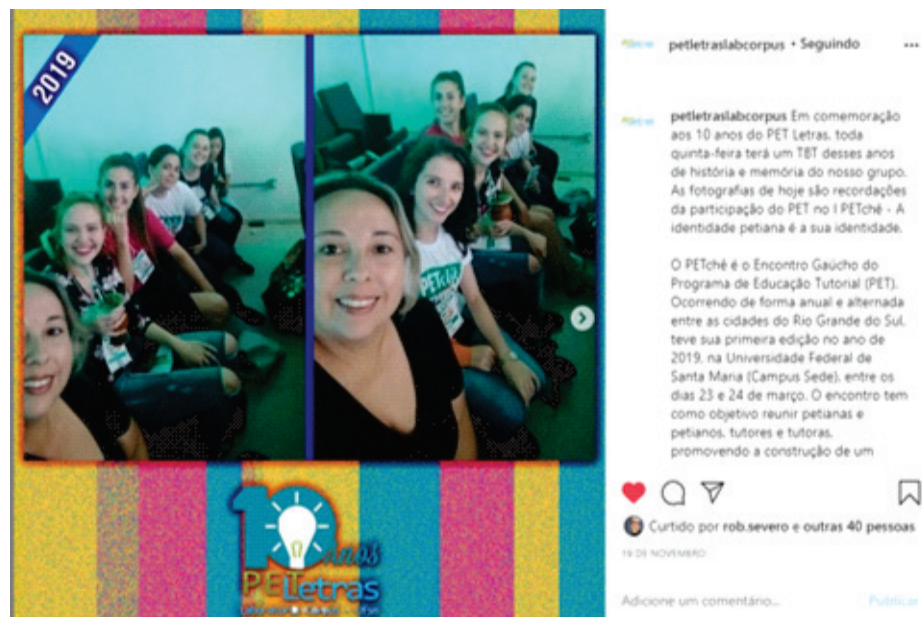
Com o objetivo de divulgar e circular entre a comunidade os projetos que o grupo desenvolveu, tivemos os seguintes objetivos específicos: 1) integrar o grupo com a comunidade em geral; 2) gerar uma interação por meio de indicações de leituras, filmes, documentários, podcasts e demais atividades.

A atividade ocorreu da seguinte forma: as petianas e petianos encarregados e encarregados de ministrar as mídias sociais do grupo PET realizaram um cronograma com escalas para que cada projeto e postagem interativa tivesse seu espaço nas mídias sociais. Como resultado dessas atividades, por meio das mídias, o grupo PET Letras passou a ter um contato maior com a comunidade acadêmica com outros grupos PET e com a comunidade em geral. Pois, por meio das postagens interativas e da divulgação dos projetos, o grupo conseguiu se adaptar e fazer circular o conhecimento em momentos de isolamento social.

1) #PETLetras 10 anos

No ano de 2020, o grupo completou 10 anos e por isso, essa ação teve como característica relembrar momentos e projetos do PET Letras Laboratório Corpus desde sua fundação até o presente momento. A hashtag #PETLetras10anos foi pensada para ser postada toda quinta-feira em forma de TBT, ou seja, fazendo menção a hashtag #TBT, que significa “throwback thursday”: quinta-feira do retorno ou regresso. Em um primeiro momento, foi criada uma logomarca para esses 10 anos e também uma identidade visual para essas postagens, posteriormente, a ação prosseguiu da seguinte maneira: 1) levantamento de todos os projetos de ensino e de extensão que foram realizados nesses 10 anos; 2) seleção dos projetos mais impactantes de cada ano; 3) seleção e eventos que fizeram parte do PET 4) escolha de momentos de comemoração, homenagens, etc. A partir disso, foi elaborado um cronograma, buscando intercalar as postagens nas redes sociais entre os projetos, eventos e postagens mais descontraídas, ademais foi realizado um resumo sobre cada informação que seria postada. Sendo assim, toda quinta-feira, desde agosto de 2020, foram publicadas postagens, relembrando a partir dos registros fotográficos a história do PET Letras. Vejamos abaixo algumas destas publicações:





2) Apresentação dos(as) integrantes do PET Letras

No intuito de aproximar os alunos(as) de Letras e demais cursos que acompanham as redes sociais do PET Letras, as petianas encarregadas das mídias sociais apresentaram os(as) integrantes do grupo, por meio de uma foto do(a) petiano(a) com uma descrição que contemplava as seguintes informações: curso, semestre, quando começou a trajetória no grupo, os projetos inseridos, orientador de pesquisa e título.

Imagem: Postagem dos novos integrantes

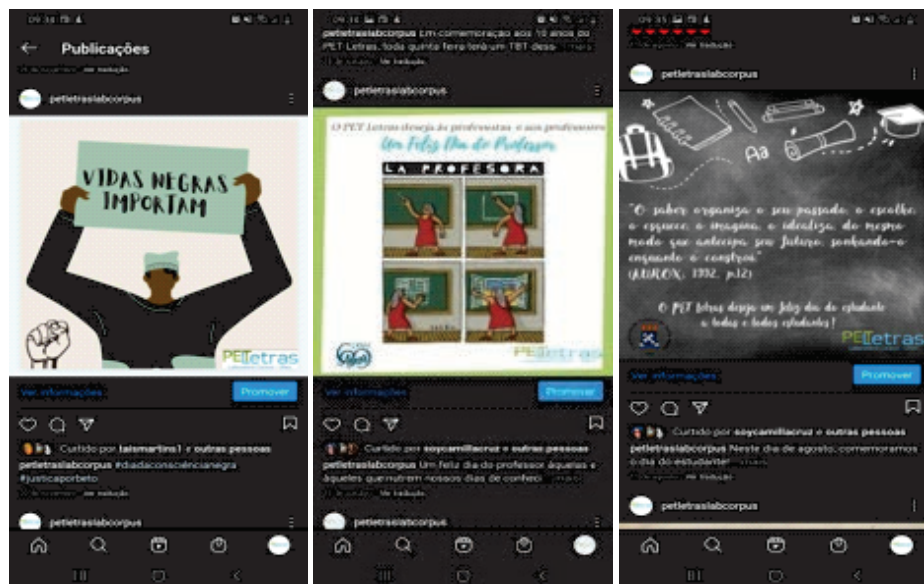


Fonte: Print do relatório de 2020 do PET Letras.

3) Datas comemorativas

Foram feitas três publicações sobre datas comemorativas, sendo elas o Dia do Estudante, Dia do Professor e o Dia da Consciência Negra.

Imagem: Print das postagens das datas comemorativas



Fonte: Print do relatório de 2020 do PET Letras.

Também os(as) integrantes encarregados da manutenção das mídias conseguiram desenvolver maiores habilidades no manuseio de softwares, programas de edições, aprimoramento da escrita, etc.

4) Atualização do site do grupo

Em dezembro de 2020, três integrantes do grupo iniciaram um trabalho de atualização e organização do site institucional do grupo PET Letras. No dia 21 de dezembro ocorreu um treinamento realizado pelo CPD/UFSM via a plataforma Google Meet, no qual participaram 5 integrantes do grupo e a professora.

Imagem: Print de apresentação do site



Fonte: Print do relatório de 2020 do PET Letras.

Organização de eventos

A partir da compreensão da importância do engajamento de petianos e petianas na organização de eventos acadêmicos, foi possível que a realização de muitos eventos pudesse acontecer com o monitoramento e organização do nosso grupo. Além disso, essa organização de eventos promoveu a complementação da formação acadêmica e profissional dos petianos e petianas, uma vez que envolveram em todo o processo de estruturação de um evento acadêmico, bem como os demais eventos acadêmicos das Letras e áreas afins.

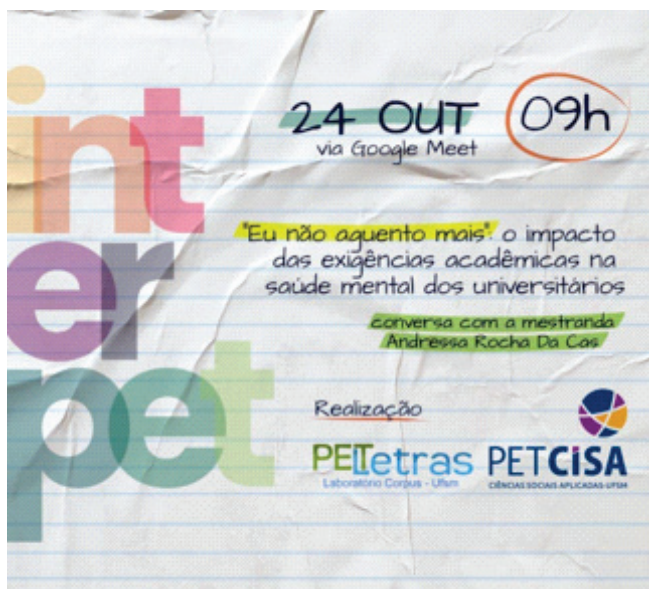
Os eventos tiveram como objetivo geral possibilitar o trabalho em equipe com grupos externos ao PET Letras, organizar eventos de pequeno e médio porte e promover a troca de conhecimentos entre a comunidade acadêmica e o público geral. Além disso, os eventos proporcionaram intercâmbio cultural e científico tanto da área da linguística quanto da literatura. A atividade foi realizada a partir do envolvimento desses integrantes na organização do evento, seja no âmbito do Laboratório Corpus, do Curso de Letras, dos grupos PET e da instituição, desenvolvendo diferentes funções, aprendendo com a prática como são os bastidores dos eventos

O PET Letras participou ativamente da organização de eventos durante o ano de 2020. Todos esses eventos foram realizados de forma remota, respeitando o distanciamento social, devido à pandemia. O primeiro evento realizado foi o seminário interno do grupo, com a participação da Profa. Dra. Juciele Pereira Dias (UFRJ/Museu Nacional), intitulado: “Percurso de Pesquisa e a atualização do currículo Lattes”. O segundo evento organizado foi “VI Seminário Interno de Pesquisas do PET Letras” que ocorreu no dia 17 de junho de 2020, pelo turno da tarde, em que os petianos e petianas puderam apresentar o desenvolvimento das suas pesquisas e também conhecer as pesquisas dos(as) colegas. Além disso, nesse espaço foi destinado um tempo para apresentar os projetos de extensão e tivemos a participação dos(as) orientadores(as) que apreciaram os trabalhos de suas orientandas e demais apresentadores. No mês de setembro, o Laboratório Corpus e o Centro de Documentação e Memória/UFSM deram início à “I Jornada de Formação de Jovens Pesquisadores”. Esse evento contou ativamente com a organização dos(as) participantes envolvidos na atividade desde a efetivação da inscrição, elaboração de certificados até o contato com conferencistas e a mediação no dia do evento. A jornada teve início em setembro e contou com 5 módulos temáticos ao total, sendo um módulo a cada mês. Dentre eles estão: Língua e Tecnologia, com a Prof.Dr.^a Cristiane Dias (Unicamp); Língua e Corpo, com o Prof.Dr. Fabricio Leao Correa (UFSM); e Língua e Criação, com o Prof.Dr. Enéias Tavares (UFSM). E, ainda no mesmo mês, ocorreu “Primavera de Pesquisa do Sul: língua, discurso e resistência”, realizado nos dias 23, 24 e 25 do mesmo mês. Esse evento teve como objetivo reunir pesquisadores e pesquisadoras do sul do país interessados em discutir questões discursivas, por meio das conferências e comunicações sobre temas que perpassam a língua, o discurso e a resistência. Já em outubro, o PET esteve presente em duas organizações de eventos, primeiro nos dias 22 e 23 de outubro, petianos e petianas participaram da organização, enquanto monitores do “4º Encontro Compartilhando Saberes: Processo de Ensino-Aprendizagem Mediados por Tecnologias Educacionais em Rede”, evento promovido pela Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD/UFSM). E, por fim, no dia 24 de outubro de 2020, em parceria com o PET CISA (Ciências Sociais Aplicadas), o PET Letras organizou o

InterPET de outubro. Realizado pela parte da manhã, o evento contou com a palestra sobre saúde mental intitulada “eu não aguento mais: o impacto das exigências acadêmicas na saúde mental dos universitários” pela mestrande em Psicologia Andressa Rocha da Cas. Além da apresentação de novos e novas discentes ingressantes do PET e debate das pautas pertinentes ao futuro do programa.

Como resultados do projeto, destaca-se que os eventos desenvolvidos durante o ano de 2020, como o Semanário Interno de Pesquisa do PET Letras, contribuíram significativamente para a formação dos acadêmicos e acadêmicas mesmo em um ano extremamente atípico. A avaliação se deu quanto à organização dos eventos, seu sucesso e o trabalho desenvolvido. Esses eventos foram avaliados pela participação efetiva do PET, do Curso de Letras, do Laboratório Corpus e de todos os grupos parceiros do PET Letras. Esse trabalho foi realizado de modo contínuo, a cada ação desenvolvida foi destinada uma reflexão e avaliação no grupo, buscando sempre qualificar as atividades desenvolvidas.

Imagem: Cartaz do InterPET de outubro



Fonte: Print do relatório de 2020 do PET Letras.

Imagem: Registro do evento transmitido pelo Farol UFSM



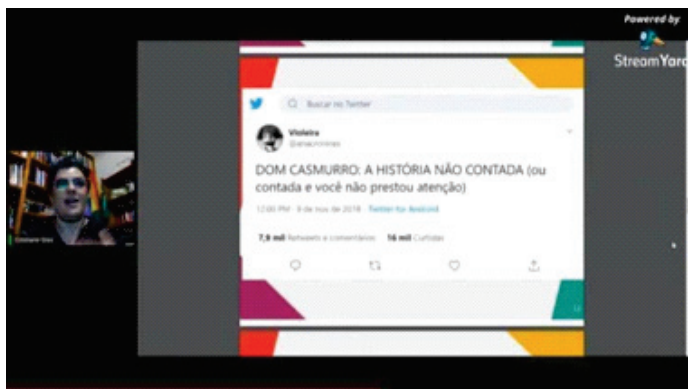
Fonte: Print do relatório de 2020 do PET Letras.

Imagem: Mestranda Andressa Rocha da Cas durante o evento



Fonte: Print do relatório de 2020 do PET Letras.

Imagem: Registro da conferência da Profa. Dra. Cristiane Dias

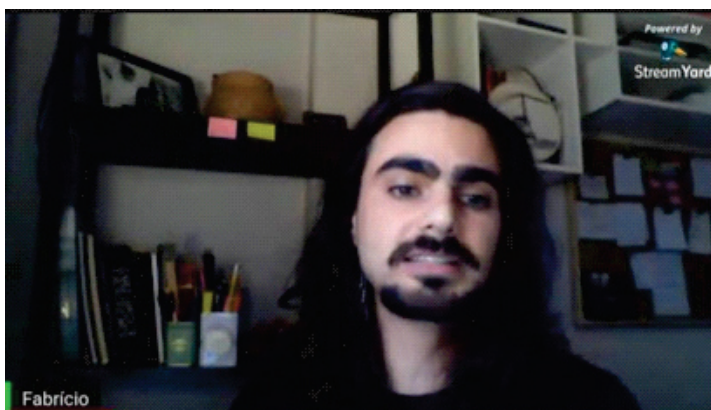


Língua e Tecnologia - Professora Cristiane Dias (UNICAMP)

405 visualizações · 1 mês atrás

Fonte: Print do relatório de 2020 do PET Letras.

Imagem: Registro da conferência com Fabrício Correa

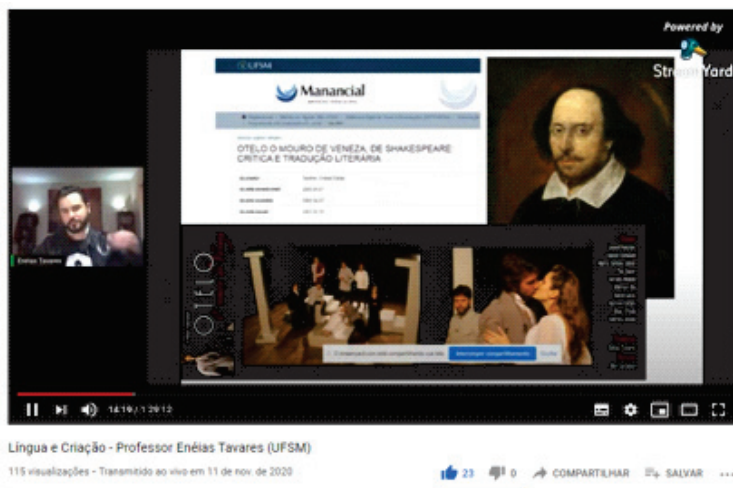


Língua e Corpo - Artista Fabrício Corrêa (UFSM)

154 visualizações · 1 semana atrás

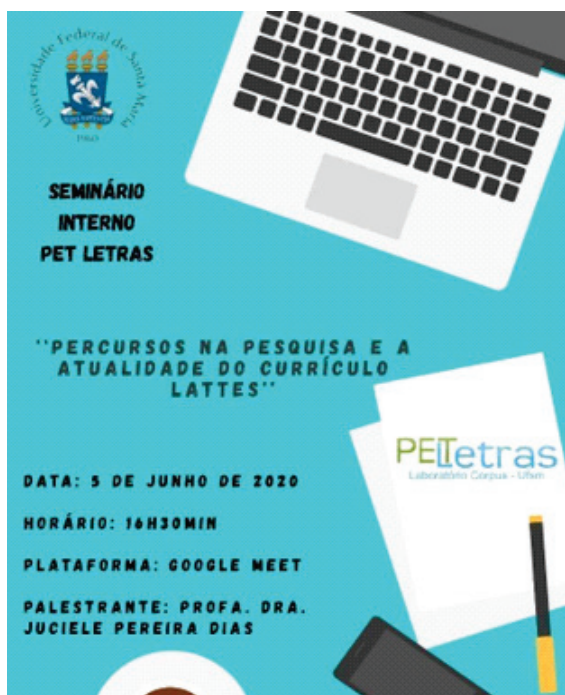
Fonte: Print do relatório de 2020 do PET Letras.

Imagem: Conferência com o Prof.Dr. Enéias Tavares



Fonte: Print do relatório de 2020 do PET Letras.

Imagem: Cartaz do seminário interno



Fonte: Print do relatório de 2020 do PET Letras.

Imagem: Cartaz do VI Seminário Interno



Fonte: Print do relatório de 2020 do PET Letras.

Participação em eventos

Iniciado em 9 de março e finalizada em 22 de dezembro de 2020, a participação em cursos, conferências, seminários, oficinas, palestras no âmbito do PET e também fora dele, esteve prevista e tinha como objetivo a expansão de *locus* de aprendizagem. Dentre os objetivos específicos do projeto estavam: divulgar os resultados dos trabalhos, conhecer os trabalhos desenvolvidos na área e alcançar a socialização própria aos eventos acadêmicos.

Integrantes do projeto inscreviam-se nos eventos e submetiam os trabalhos e, ao serem avaliados, esperavam a carta aceite. Logo, participavam dos eventos e esperavam os certificados de participação após a apresentação dos trabalhos. Essas atividades foram registradas no currículo *lattes* e no relatório do grupo. Como resultados desse projeto, se destaca a atualização de todos e todas frente ao que vinha sendo trabalhado na área de Letras, a possibilidade de reproduzir perante aos colegas o conhecimento ad-

quirido para além da sala de aula, promovendo assim a formação integral dos acadêmicos e acadêmicas envolvidas.

Como metodologia de avaliação do grupo, os alunos e alunas tinham a liberdade de escolha para participar dos eventos de seu interesse, bem como daqueles que contemplavam seus conhecimentos em aspectos específicos, conforme orientações da professora tutora, tendo como obrigatoriedade a participação nas reuniões do PET Letras e o InterPET e apresentação de trabalho na JAI – UFSM, na qual seriam avaliados por representantes da instituição. Houve também a participação do grupo no Seminário Corpus, na Semana Acadêmica de Letras, na Semana de Letras da UFSM, nos eventos do Laboratório Corpus e em eventos nacionais conforme a disponibilidade.

Dentre as atividades, integrantes do PET Letras participaram de diversos eventos ao longo do ano, voltados para a disseminação de conhecimento e produção científica. Se destacam as palestras intituladas: “O historiador e o analista de discurso: uma desconstrução de pressupostos positivistas” ofertado pela UFRGS, a homenagem ao Centenário d’O Dialeto Caipira” organizado pela UFSCAR, a “Jornada Linguística Aplicada” promovida pela ALAB, o “Seminário Estadual de Educação no Século XXI” da UAB/RS e o evento “A Linguística Alcança as Ciências da Linguagem”?. Além da participação no “VI Seminário Interno PET Letras”, na 35ª JAI-UFSM e na “I Jornada de Formação de Jovens Pesquisadores”, promovida pelo Laboratório Corpus.

Membros do grupo em 2020:

Alessandra Stefanello, Ana Cláudia Dias, Camilla Cruz, Chrystian Revelles, Delcy Juneo Fonseca, Eduarda Figueredo, Érika Gonzales, Francisca Bernardy, Laura Valerio Sena, Jaíne de Fátima Machado, Janys Baljeos, Karoline John, Maria Cecília de Castro, Robson Severo, Victoria H. Almeron dos Santos, Vitória Carolini Ferraz Oliveira, Vitória Rössler de Abreu e Yasmin Garcia Marques. Professora-tutora: Taís da Silva Martins.

2021 – E a continuidade de um ano em rede

Ações desenvolvidas pelo grupo PET Letras no ano de 2021

Tertúlia Literária

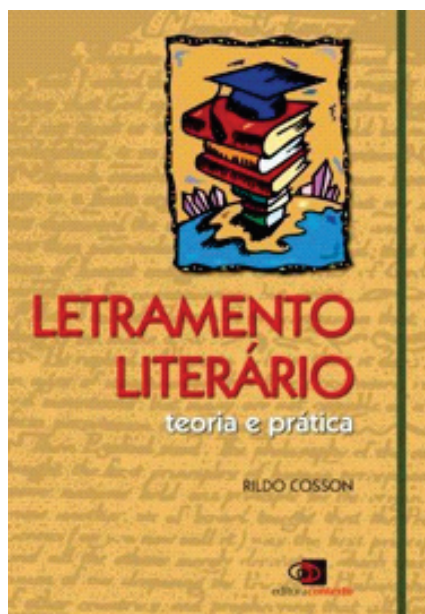
O presente projeto tinha como objetivo inicial integrar o grupo PET Letras com a comunidade de Santa Maria e suscitar o gosto pelo texto literário. Entretanto, isso não foi possível, já que as expectativas de um retorno às atividades presenciais não foram confirmadas. Portanto, foram feitas leituras sobre as práticas de letramento literário, em encontros quinzenais, visando reflexões e discussões com relação a essa temática. Após o conhecimento da teoria, foram realizadas sequências didáticas referentes a dois contos: “Venha ver o pôr do sol” de Lygia Fagundes Telles e “O retrato oval” de Edgar Allan Poe.

Assim, tendo em vista as alterações, o projeto funcionou de maneira a suscitar nos integrantes do grupo o interesse pela literatura e pelo letramento literário, bem como aprender a elaboração de sequências didáticas nesse viés. O projeto contribuiu para a criação de um ambiente para discussões reflexivas. Sendo importante para a formação pessoal e profissional daqueles que fazem parte do PET, uma vez que foram desenvolvidas sequências didáticas que poderão ser utilizadas ao longo de toda a trajetória dos petianos e petianas. Com isso, é possível desenvolver a habilidade de planejamento e gerenciamento, bem como de como fazer uso do letramento literário ao longo das aulas. Ao longo dos meses de maio e junho de 2021, o grupo realizou reuniões reflexivas sobre o livro “Letramento Literário: teoria e prática” de Rildo Cosson. Nos meses de julho e agosto, o grupo iniciou com a leitura do conto “Venha ver o pôr do Sol” de Lygia Fagundes Telles e realizou a primeira sequência didática, referente ao conto em questão.

Por fim, ao longo dos meses de outubro, novembro e dezembro de 2021, o grupo iniciou a leitura e sequência didática do segundo conto “O

retrato oval” de Edgar Allan Poe, sendo realizada as discussões iniciais de como elaborar o material didático deste texto.

Imagem: Capa do livro



Fonte: Relatório de 2021 do PET Letras.

Projetos de pesquisa

O envolvimento dos petianos e petianas na elaboração e no desenvolvimento de projetos de pesquisa é obrigatório, não havendo necessidade de a professora tutora ser a orientadora de todas as pesquisas. É obrigatório, também, que os projetos estabeleçam relação com as temáticas pertinentes ao Curso de Letras. Assim, cada discente esteve envolvido com uma pesquisa e com um orientador, já em processo de desenvolvimento de artigos científicos para apresentação em eventos da área e, conseqüente, publicação. É importante destacar que em 2020 o grupo PET Letras iniciou o desenvolvimento de um projeto de pesquisa intitulado: *“A manualização do saber linguístico: o processo de produção de guias de linguagem inclusiva”* coordenado pela professora tutora do PET Letras em parceria com a Prof^ª. Dr^ª Rosaura Albu-

querque Leão e com o envolvimento de 07 integrantes do grupo.

Como principais objetivos, esse projeto visou promover maior interação entre professores do Curso de Letras e petianos(as) e também fomentar a produção científica no interior dos Cursos de Letras. Esse projeto teve início com a elaboração e o desenvolvimento de projeto de pesquisa, sob orientação de um(a) professor(a) do Curso de Letras, e sob supervisão da professora tutora. Cada petiano(a), bolsista e não-bolsista, que esteve há pelo menos seis meses no grupo PET e esteve envolvido com uma pesquisa, elaborou artigos científicos para apresentação em eventos da área para consequente publicação.

Como resultados da atividade, foram observadas melhorias para o Curso, para a Educação e para a sociedade pelos resultados de publicações, pois as atividades de pesquisa exigiram a publicação de resultados para socialização do conhecimento produzido. Para tanto, os(as) discentes elaboraram relatórios de pesquisa, produziram artigos científicos, resumos e confeccionaram materiais para apresentação dos resultados das pesquisas em eventos, tendo como obrigatoriedade a participação com apresentação de trabalho na Jornada Acadêmica Integrada (JAI), na qual puderam ser avaliados por representantes da instituição.

Como metodologia de avaliação dessa atividade, houve uma avaliação interna periódica, que, depois, foi compartilhada com a tutora Prof^a. Dr^a Tais da Silva Martins. A avaliação também ocorreu a partir da produção individual e do cumprimento das prerrogativas de pesquisa (apresentação de trabalhos e publicação de resumos e artigos científicos). Ao final de cada semestre, ocorreu um evento interno para que todos os petianos e petianas compartilhassem as suas pesquisas, as suas dificuldades e as suas conquistas também como forma de autoavaliação.

PET é Letras: Rodas de Conversa

O projeto intitulado “PET é Letras: rodas de conversa” visou promover a permanência dos(as) alunos(as) nos cursos de Letras Licenciatura e Bacharelado, pois buscou construir o sentimento de pertencimento ao próprio curso e também à instituição. As rodas de caráter coletivo e integrador visaram fortalecer a identificação do grupo PET com os Cursos de Letras, além de desenvolver uma identidade de grupo desses integrantes, abordan-

do temáticas que eram de interesse aos estudantes e que pudessem abordar mais sobre a questão de ser/estar no mundo.

Nesse sentido, ao longo do ano de 2021, o grupo continuou desenvolvendo conversas que auxiliaram de forma significativa na construção dessa identificação dos alunos e alunas dos cursos de Letras, ao realizar trocas que possibilitaram aprender por meio das experiências compartilhadas.

Como principais objetivos desse projeto estava: 1) estimular interesse e por consequência a permanência dos acadêmicos nos Cursos de Letras; 2) fortalecer as relações do Grupo PET Letras e também com a totalidade dos acadêmicos(as) dos Cursos; 3) colaborar de forma significativa na sua construção de identidade individual e também coletiva do aluno(a) do Curso de Letras.

Conforme o planejamento do grupo, as reuniões aconteceram de maneira ordinária, respeitando as prioridades e as necessidades para cada evento, considerando a avaliação e a propriedade de cada participante convidado(a) e as temáticas abordadas. Além disso, o crescimento e a autonomia de cada petiano(a) deveria ser desenvolvida, pois com a orientação do(a) tutor(a), os petianos e petianas realizaram os convites aos palestrantes que iriam conduzir os debates das rodas de conversa. Também realizaram a divulgação com cartazes, e comunicados via e-mail para a concretização do evento de forma abrangente. Após a realização de cada evento, o grupo procurou se reunir para realizar a avaliação da atividade, para assim, desenvolver e qualificar, evolutivamente, o projeto em questão.

Os resultados da atividade proporcionaram o fortalecimento das relações sociais do Grupo PET Letras e a comunidade acadêmica em geral, garantindo o aprendizado para o grupo e, especialmente, para a comunidade acadêmica do curso de Letras, ao estimular a colaboratividade para a construção da identidade e caráter do acadêmico e sua formação no Curso ao realizar trocas com a possibilidade de aprender com as experiências do outro sujeito, durante os eventos que são desenvolvidos e, fortemente vinculados a tríade pesquisa, ensino e extensão.

Assim, durante o ano de 2021, o grupo realizou uma série de reuniões para planejar as Rodas de Conversa e buscou atender a demanda de temáticas considerando o âmbito acadêmico em encontros virtuais bimestrais: a) no dia 12 do mês de maio de 2021, foi realizada a primeira roda de

conversa do ano, intitulada: “Perspectivas discentes sobre o ensino em REDE”, este encontro contou com a participação de discentes e egressos dos cursos de Letras da UFSM que compartilharam sobre as suas experiências e expectativas em relação ao regime de ensino domiciliar especial (REDE); b) no dia 30 do mês de junho de 2021, contamos com a participação da influenciadora digital e Prof.^a Ms. Bruna Martioli, este encontro contou com a participação simultânea de aproximadamente 200 pessoas de diversas instituições de ensino superior do país e contou com mais de 400 visualizações no YouTube; c) no dia 31 de agosto de 2021, contamos com a presença do Prof. Dr. Marco Bonito (UNIPAMPA – Bagé) e de seu grupo de pesquisa, em um encontro intitulado: “Comunicação na era da desinformação: fato sem *fake*”; d) no dia 21 do mês de outubro, a atividade contou com a presença das Profa. Dra. Verli Petri (UFSM/PPGL/DLV) e Prof.^a Dr.^a Ana Flávia Souto de Oliveira (UFSM/DLCL), o tema discutido foi “Perspectivas de pesquisa em Letras sobre o tema da pandemia”; e) no dia 9 do mês de dezembro ocorreu o último encontro virtual do ano, com a presença do Prof. Dr. Enéias Tavares, que foi convidado para dialogar sobre a indicação de um livro de sua à uma premiação nacional. O título deste encontro foi: “Parthenon Místico e a Indicação ao Prêmio Jabuti”.

Imagem: Capa de divulgação das redes sociais do PET Letras



Fonte: Relatório de 2021 do PET Letras

Imagem: Capa de divulgação das redes sociais do PET Letras



Fonte: relatório de 2021 do PET Letras.



Assista aqui o Roda de Conversas.

Revista Ideias

A partir da necessidade observada no interior dos cursos de Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), o Programa de Educação Tutorial (PET Letras/Laboratório Corpus), em parceria com as coordenações dos cursos de Bacharelado e Licenciaturas (Português/Literaturas, Inglês/Literaturas e Espanhol/Literaturas) em Letras, retomou, em 2019,

as atividades da Revista Ideias, originalmente instituída em 1987, a qual, até então, tinha tido seu último número publicado em 2011. O PET Letras/Laboratório Corpus esteve envolvido em todo o processo de produção da revista desde a elaboração e divulgação da chamada de cada número até sua editoração e lançamento. Destaca-se que, até o momento, o PET Letras já foi responsável pela edição de 4 números da revista.

A revista tinha como objetivo, em 2021, divulgar os projetos de pesquisa, ensino e extensão desenvolvidos por docentes e discentes dos cursos de graduação em Letras, além de proporcionar aos discentes da graduação dos cursos de Letras da UFSM e demais instituições de ensino superior do Brasil, um espaço de publicação de textos originais nas áreas de línguas, linguística e/ou literatura. A Revista Ideias também divulgou os trabalhos, artigos e resenhas desenvolvidos nas disciplinas ministradas por docentes dos cursos de Letras, disseminou a produção artístico-cultural dos(as) discentes dos cursos de Letras. O projeto propôs a participação na produção de uma revista científica, nos seguintes aspectos: realização da chamada, organização, submissão de textos, contato com autores, editoração, impressão, publicação e divulgação. Além disso, a equipe da revista iniciou, em 2021, o processo de inserção do periódico no Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER).

Atualizações de mídias digitais

O grupo PET Letras, buscando divulgar suas ações e estreitar os laços com a comunidade acadêmica, realizou, em 2021, a atualização e a circulação nas redes sociais de seus projetos e eventos. Dessa forma, as petianas e os petianos encarregados dessa manutenção, regularmente, realizaram postagens sobre os projetos de ensino, pesquisa e extensão do grupo. Um outro ponto a ser destacado é a criação de um site próprio para o grupo PET Letras/ Laboratório Corpus dentro do domínio institucional da UFSM. Pois, para o grupo, este configura-se como um modo de guardar os trabalhos desenvolvidos pelo PET na memória virtual. Realizou-se um trabalho efetivo para divulgação de notícias sobre as atividades de destaque do grupo no site da UFSM e do Centro de Artes e Letras.

Os objetivos da atualização das mídias sociais eram o de: a) divulgar e fazer circular entre a comunidade os projetos que o grupo PET Letras

vem desenvolvendo; b) integrar o grupo PET Letras com a comunidade em geral; c) gerar uma interação do PET Letras com os demais grupos PET; d) indicar livros, filmes, documentários, podcasts e demais manifestações artísticas; e) realizar postagens específicas em datas comemorativas pré-definidas pelo grupo; f) padronizar a identidade visual das redes sociais; g) elaborar um cronograma de publicação.

Imagem: PET Letras Indica



Fonte: Redes Sociais do PET Letras.

A Manualização do Saber Linguístico: o processo de guias de linguagem inclusiva

Este projeto de pesquisa propôs a elaboração de um guia de linguagem inclusiva destinado, inicialmente, ao Programa de Educação Tutorial (PET Letras/Laboratório Corpus) dos cursos de Bacharelado e Licenciaturas em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), uma vez que a iniciativa da elaboração tem origem em nosso grupo. O subgrupo responsável por este projeto tomou noção de linguagem inclusiva, nesse primeiro momento, ao que tangia à linguagem inclusiva não-sexista, ou seja, uma linguagem que buscasse a inclusão de gêneros, ao invés da exclusão por meio do uso do genérico masculino para se referir a todas as pessoas.

Em vista disso, já com um encaminhamento teórico embasado nos pressupostos da Análise de Discurso de linha francesa, em que o grupo compreendeu a relação língua, sujeito e história, e em articulação com a História das Ideias Linguísticas, que deu base para pensar o guia enquanto instrumento linguístico, buscou-se aprofundar teoricamente em textos que abordassem a questão da linguagem inclusiva, linguagem neutra e linguagem não-binária.

Ao propor uma reflexão acerca da língua e de sua relação com a história, os petianos(as) participantes deste projeto compreenderam que ela não é um sistema fechado que significa por si só, ela carrega marcas sociais, históricas, culturais, políticas e ideológicas e, por isso, marcas que podem reforçar o machismo e a desigualdade de gênero estrutural, evidenciando a exclusão de minorias pela e na língua. Assim, o projeto tinha como objetivo, além de uma vasta reflexão acerca do pensar o lugar da língua no mundo, a elaboração de um guia de linguagem inclusiva não sexista e não discriminatória no âmbito acadêmico da pesquisa, do ensino e da extensão, tríade fundamental e basilar do PET.

Neste guia dispôs como característica principal as orientações (com exemplos) para o uso de uma linguagem que seja mais inclusiva, sendo utilizado tanto em documentos institucionais quanto nas mídias sociais.

Imagem: Esboço da 1ª versão do Manual



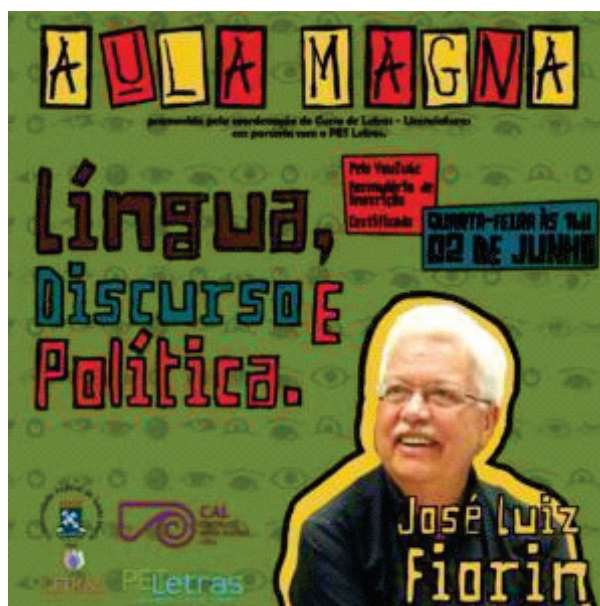
Fonte: Relatório de 2021 do PET Letras.

Participação de eventos

Em 2021, o PET Letras participou de cursos, conferências, seminários, oficinas, palestras e afins, no âmbito do PET ou fora dele. A participação em eventos foi prevista e teve como objetivo a expansão de *lôcus* de aprendizagem, com ou sem apresentações de trabalhos. Este projeto visava a divulgação de resultados de trabalhos em andamento, além de conhecer os trabalhos que estavam sendo desenvolvidos em áreas em que os petianos atuavam e áreas afins, e alcançar a socialização própria aos eventos acadêmicos.

A atividade era realizada de forma em que os petianos inscreviam-se nos eventos, submetiam seus trabalhos, eram avaliados e, ao receberem os aceites, participavam de cada evento efetivamente, devendo, posteriormente, apresentar os certificados de participação e apresentação dos trabalhos, bem como as publicações derivadas dos eventos, que poderiam compor o currículo Lattes do(a) petiano(a).

Imagem: Divulgação da Aula Magna



Fonte: Capa de divulgação das redes sociais.

Imagem: Divulgação Aula Magna



Fonte: Capa de divulgação para as redes sociais.



Acesse aqui o vídeo de lançamento do livro
“Almanaque de fragmentos: ecos do século XIX”

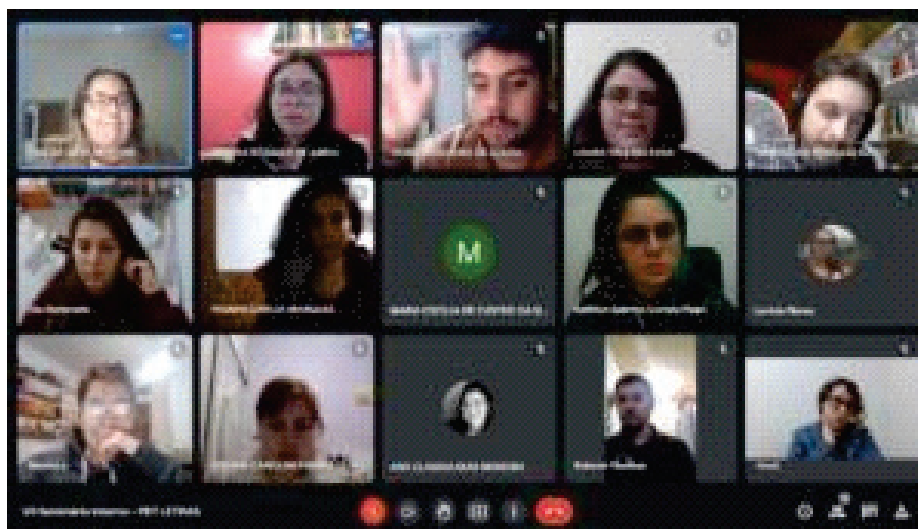
Atividades de caráter coletivo e integrador

No ano de 2021, o Grupo PET Letras desenvolveu algumas atividades coletivas e integradoras, por exemplo: o “Seminário Interno do PET Letras” que teve como objetivo a apresentação interna dos resultados de pes-

quisa dos petianos(as); a colaboração com o PET Enfermagem, que a partir de atividades de revisão textual do material informativo do grupo, foi publicado nas redes sociais e compilado em uma publicação chamada “*Lamparim*”; o grupo também participou dos InterPET de 2021, realizados na UFSM e promoveu também atividades artístico-culturais com alunos e professores do curso de Letras e outros interessados.

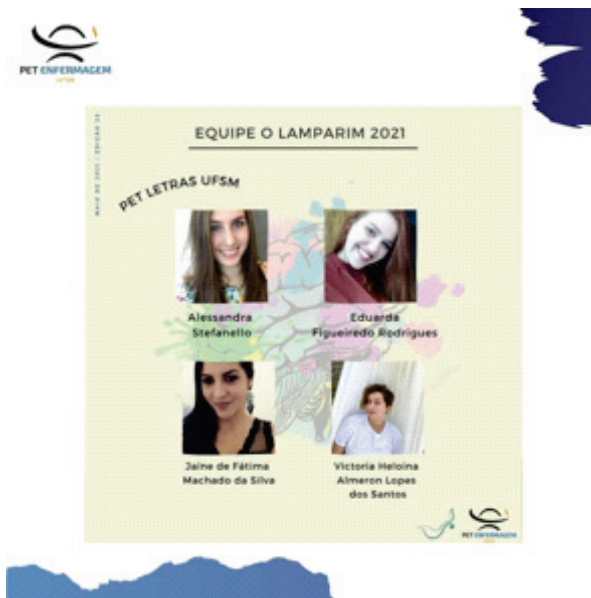
Alguns objetivos das atividades de caráter coletivo e integrador foram: a) promover a integração entre os componentes do Grupo PET Letras, entre os grupos PET da UFSM e a comunidade em geral, beneficiando a coletividade com ações integradas e b) dar visibilidade às ações desenvolvidas pelos petianos. Estas atividades eram realizadas de forma coletiva e integradora, bem como o nome nos remete, sempre levando em consideração suas peculiaridades. Cada atividade era realizada a partir de um planejamento prévio, desenvolvimento efetivo e uma avaliação que visava o crescimento do Grupo.

Imagem: Reunião



Fonte: Print de tela do Google Meet.

Imagem: Cartaz de divulgação do Lamparim



Fonte: Imagem retirada das redes sociais PET Enfermagem UFSM.

Organização de eventos

Este projeto tinha como pilar a complementação da formação dos alunos e alunas do PET e dos demais acadêmicos e acadêmicas de Letras e áreas afins. Além disso, os eventos tinham como objetivo promover a troca de conhecimentos entre a comunidade acadêmica e o público em geral, para além, os eventos proporcionaram intercâmbio cultural e científico tanto da área da linguística quanto da literatura. O grupo organizou eventos de médio e grande porte em parceria com o Laboratório Corpus e com as coordenações dos cursos de Letras.

Os petianos realizavam eventos internos ao grupo e externos, seja no âmbito do Laboratório Corpus, do Curso de Letras, dos grupos PET e da instituição, desenvolvendo diferentes funções: planejando, divulgando, monitorando e confeccionando certificados. Com isso, os petianos poderiam aprender na prática como eram os bastidores dos eventos.

Vozes do 40A – circulação e divulgação do conhecimento

Em 2020, a partir da necessidade de integração e de aproximação dos cursos de Letras (Bacharelado e Licenciaturas) da Universidade Federal de Santa Maria e com o público em geral, o grupo PET Letras criou um Podcast chamado “Vozes do 40A” que, inicialmente, buscou interagir informalmente com os professores dos cursos de Letras. Em 2021, o grupo decidiu dar um novo formato para o projeto e pretendia debater sobre assuntos específicos da área das Letras trazendo convidados especialistas na temática a ser debatida.

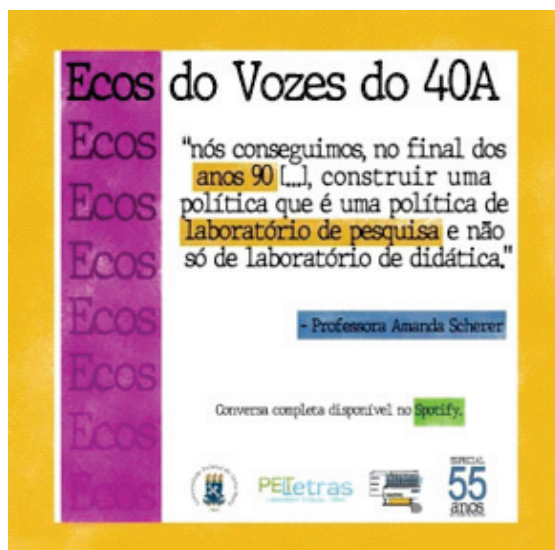
Como vertente deste projeto, foi criado um subprojeto em comemoração aos 55 anos do Cursos de Letras, da UFSM, esta foi uma edição especial deste podcast, intitulada “Eco do Vozes”, na qual ex-alunos, professores e técnicos administrativos ativos ou aposentados, contaram suas histórias e memórias das/nas Letras.

Alguns dos objetivos do “Vozes do 40A” eram de promover a integração/interação entre os discentes e os docentes dos Cursos de Letras da UFSM; a realização de entrevistas com os docentes dos Cursos de Letras, além de, debater sobre temas específicos e relevantes da área de Letras e, o mais importante: compreender o processo de produção/circulação/divulgação do conhecimento.

O projeto foi dividido em dois segmentos: 1) a gravação, edição e divulgação do podcast “Vozes do 40A”; 2) a publicação do especial “Ecos do Vozes”, que foi totalmente gravada no ano de 2020. No programa “Vozes do 40A” seguiu-se uma sequência: 1) decisão da temática do episódio e o professor entrevistado; 2) entrar em contato com o professor para marcar a data da entrevista e esclarecer eventuais dúvidas; 3) realizar a entrevista pelo Google Meet; 4) os petianos encarregados da entrevista enviaram pelo Google Drive a conversa gravada pelo Google Meet, para que tanto os entrevistadores e os entrevistados pudessem sugerir cortes; 5) os arquivos da gravação da entrevista eram enviados para os petianos responsáveis pela edição de áudio que realizavam, tanto a edição do episódio completo, como também o do trailer de divulgação; 6) o episódio era revisado e, em seguida, o arquivo de áudio era anexado ao logotipo do podcast para que o trailer ou episódio pudesse ser distribuído nas plataformas digitais: YouTube, Spotify e Anchor.

O resultado que se esperava e que foi alcançado ao longo de 2021, foi a integração entre os docentes e discentes dos cursos de Letras da UFSM e demais instituições de ensino superior do Brasil, através da prática extensionista. Além disso, o “Especial Vozes do 40A – Ecos do Vozes” divulgou 21 episódios que apresentavam a história e memória sobre o Curso de Letras da UFSM, a fim de comemorar/rememorar os 55 anos do Curso.

Imagem: Cartaz de divulgação Ecos do Vozes do 40A



Fonte: Capa de divulgação das redes sociais.



Acesse aqui e escute as demais entrevistas do “Eco do Vozes”.

Imagem: Cartaz de divulgação Vozes do 40A



Fonte: Capa de divulgação das redes sociais.



Acesse aqui e escute as demais entrevistas do "Vozes do 40A".

Membros do Grupo em 2021:

Alessandra Stefanello, Chrystian Revelles Gatti, Delcy Junio Fonseca, Eduarda Figueiredo Rodrigues, Francisca Rafaela Bernardy, Guilherme Hatwig Piper, Jaíne de Fátima Machado, Janys Ballejos, Karoline John, Kethlyn Sabrina Gomes Pippi, Laura Valerio Sena, Lavínia Neres Feronato, Lucas Paz Trelha, Maria Cecília de Castro da Silva, Marina Boeira Chagas, Robson Severo, Robson Thomas Ribeiro, Vitória Carolini Ferraz Oliveira, Vitória Rössler de Abreu, Victoria H. Almeron dos Santos e Yasmin Garcia Marques. Professora-tutora: Taís da Silva Martins.

2022 – Os desafios do retorno às atividades presenciais: o pós-pandemia

Ações desenvolvidas pelo grupo PET Letras no ano de 2022

De olhos nas Letras

Esse projeto possui um caráter audiovisual, pois é constituído por vídeos curtos – os chamados *Reels* – e são disponibilizados na plataforma do Instagram. O principal objetivo era que os espaços desconhecidos por aqueles estudantes que ingressaram na universidade durante a pandemia, fossem apresentados a eles de forma simples, rápida e dinâmica. Nesse sentido, o projeto De olho nas Letras já obteve mais de 1.000 visualizações, dando um bom retorno ao trabalho desenvolvido pelo grupo responsável.

Imagem: *Reels* do Instagram



Fonte: página do Instagram do PET Letras.

Revista Ideias

Deste projeto foram lançados dois números digitais da revista durante o ano de 2022, além de começar o ano de 2023 com uma nova chamada para publicação. Este projeto tem o objetivo de publicar textos de discentes da área das Letras da própria instituição, e também, de outras instituições.

Imagem: Capas das edições nº 31 e 32 da Revista Ideias



Fonte: Imagem retirada da revista.

Literatura se ensina? Práticas de Letramento Literário

Uma parceria feita com a Profa. Dra. Andrea do Roccio Souto, o projeto de extensão visa trabalhar os conhecimentos teóricos sobre ensino de literatura, com base no letramento literário, além disso, o grupo se propôs a elaborar material didático constituído de sequências didáticas (básicas e expandidas), tendo como aporte teórico o livro “Letramento Literário: Teoria e Prática”, do autor Rildo Cosson. Por conseguinte, as atividades que compõem o caderno didático elaborado seriam aplicadas pelo grupo PET Letras vinculados ao projeto em turmas de escolas da rede pública.

Imagem: Foto do grupo em uma prática na escola EEEM Walter Jobim



Fonte: Foto tirada pelo grupo e autorizada pelos participantes.

Nesse registro, alguns petianos que dinamizaram o encontro estão presentes juntamente com a professora-orientadora e atual vice-coordenadora do curso de Letras Licenciaturas já mencionada, a Profa. Dra. Andrea do Roccio Souto, que foi a responsável por organizar diversas reuniões em grupo para que os integrantes não só do curso de Licenciatura, como também do Bacharelado, pudessem chegar na escola com autonomia e propriedade para dinamizar a atividade.

Informativo PET Letras: Bolo Sem Lei

O projeto foi pensado a partir da necessidade de uma maior divulgação dos eventos que acontecem nos espaços acadêmicos, bem como das oportunidades que aparecem de bolsas, grupos de estudos ou projetos de extensão, porém, com a demanda de trabalho e a dificuldade de encontrar um regime de atuação que pudesse oferecer uma gestão adequada de coleta, redação e publicação, o informativo acabou ficando apenas na versão piloto.

Imagem: Capa da versão piloto do Informativo Bolo sem Lei

INFORMATIVO **BOLO SEM LEI**

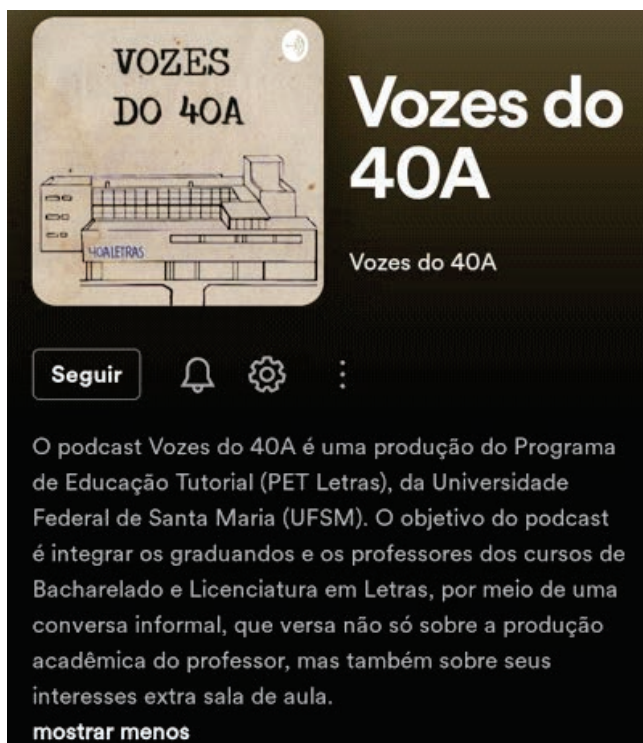


Fonte: Imagem retirada no PDF piloto do informativo.

PET é Letras: Vozes do 40A

O que eram dois projetos tornou-se um só. O projeto resultante tem como objetivo promover maior integração entre estudantes dos cursos de Letras da UFSM, já que devido ao distanciamento ocorrido em razão do período pandêmico, não se obteve a integração devida com o curso. O projeto é constituído por arquivos multimídias veiculados periodicamente em plataformas digitais como o Spotify, YouTube e Anchor. As filmagens dão-se em uma conversa ao vivo em uma mesa redonda, com professores apresentando suas experiências, e logo após, os graduandos podem fazer questionamentos acerca do assunto abordado.

Imagem: Página inicial do projeto na plataforma Spotify

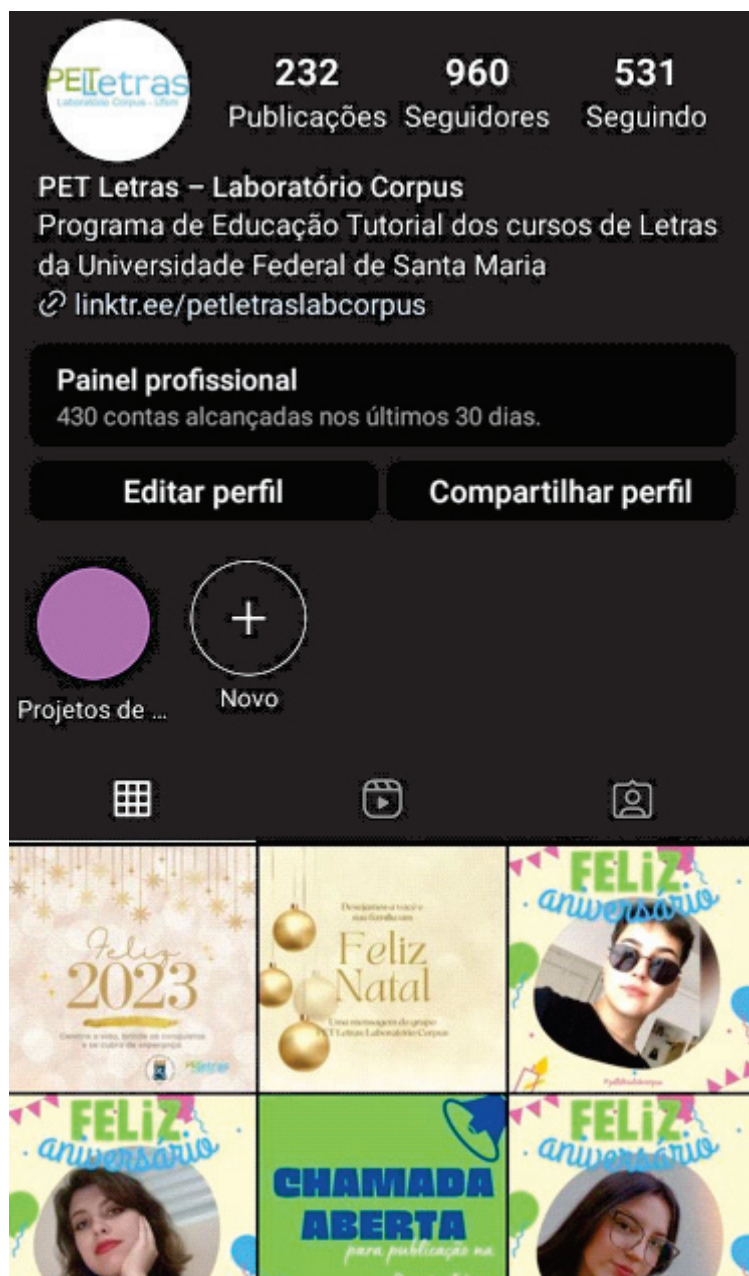


Fonte: Print feito da página do projeto na plataforma Spotify

Atualização de Mídias Digitais

Este projeto abrange não só as redes sociais, mas também, o site institucional do PET Letras, que obteve um grande destaque no ano de 2022. O projeto tende a divulgar as próprias ações dentro do PET Letras e estreitar os laços com a comunidade acadêmica. O subgrupo responsável por este projeto tinha como responsabilidade o desenvolvimento de posts que atingissem o público e deixasse-os atualizados sobre os projetos e eventos aos quais o PET Letras estava inserido. O projeto alcançou muitas curtidas e circulação durante o ano.

Imagem: Instagram PET Letras



Fonte: Imagem feita da página do Instagram do grupo.

Imagem: Site do PET Letras



Fonte: Print da plataforma do site PET Letras.



Acesse o nosso site

Calourada e “CALeidoscópio”

Como já citado anteriormente, em 2022 foi possível que nós realizássemos uma calourada no início do segundo semestre. O objetivo era receber não só os novos graduandos, mas também todos que ali se faziam presentes. Além da recepção, foi organizado um evento intitulado “CALeidoscópio”, onde foi possível integrar não só os alunos do curso de Letras, mas os outros cursos da universidade que compõem o Centro de Artes e Letras (CAL). Na programação tivemos performances da área das artes, do teatro, da dança e também da música, assim os estudantes do Centro puderam interagir e saber mais o que os colegas estão produzindo.

Imagem: Compilado de fotos sobre a calourada e o “Caleidoscópio”



Fonte: Imagens feitas durante o evento.

A programação contou com diversas atividades artísticas que possibilitaram uma maior integração e também o público teve acesso às exposições de trabalhos no prédio.

Como análise do que foi feito pelo grupo durante esse período pós-pandemia, podemos perceber que apesar dos percalços, alcançamos sucesso naquilo que propusemos a planejar e executar. O grupo passou por grandes atualizações durante o ano de 2022, porém, sempre buscou melhorias não só para dentro da instituição, mas também, fora dos muros da universidade.

Membros do grupo em 2022:

Alessandra Soares Farias, Ana Cláudia Dias Moreira, Ana Luyze dos Santos Calegaro, Chrystian Revelles Gatti, Claucio Alberto Rigon, Francisca Rafaela Bernardy, Guilherme Hatwig Piper, Laura Giséli Ceolin Mess, Laura Valerio Sena, Lucas Paz Trelha, Marcelle Rosa de Oliveira, Maria Cecília de Castro da Silva, Marina Boeira Chagas, Pedro Gutierrez Nunes, Robson Severo, Robson Thomas Ribeiro, Vitória Carolini Ferraz Oliveira e Yasmin Garcia Marques.

2023 – O fim do percurso ou um novo percurso?

Um grupo renovado

Ações desenvolvidas pelo grupo PET Letras no ano de 2023

Revista Ideias

A partir da necessidade observada no interior dos cursos de Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), o Programa de Educação Tutorial (PET Letras/Laboratório Corpus), em parceria com as coordenações dos cursos de Bacharelado e Licenciaturas (Português/Literaturas, Inglês/Literaturas e Espanhol/Literaturas) em Letras, retomou, em 2019, as atividades da “Revista Ideias”, originalmente instituída em 1987, a qual, até então, tinha tido seu último número publicado em 2011. O PET Letras/Laboratório Corpus estará envolvido em todo o processo de produção da revista desde a elaboração e divulgação da chamada de cada número até sua editoração e lançamento. Destaca-se que, até o momento, o PET Letras já foi responsável pela edição de 6 números da revista.

Os objetivos da Revista Ideias são: i) divulgar os projetos de pesquisa, ensino e extensão desenvolvidos por docentes e discentes dos cursos de graduação em Letras da UFSM e de outras IES do Brasil; ii) proporcionar, a discentes da graduação dos cursos de Letras da UFSM e demais IES do Brasil, um espaço de publicação de textos originais nas áreas de línguas, linguística e/ou literatura; iii) divulgar os Trabalhos de Conclusão de Curso, artigos científicos e resenhas; iv) propor para integrantes do PET Letras a participação na produção de uma revista científica, que se envolvem em atividades de editoração, como a realização da chamada, organização, submissão de textos, contato com autores e autoras, revisão, impressão, publicação e divulgação; e, por último, v) proporcionar aos estudantes do curso de Letras – Bacharelado uma experiência de aprendizagem no campo de

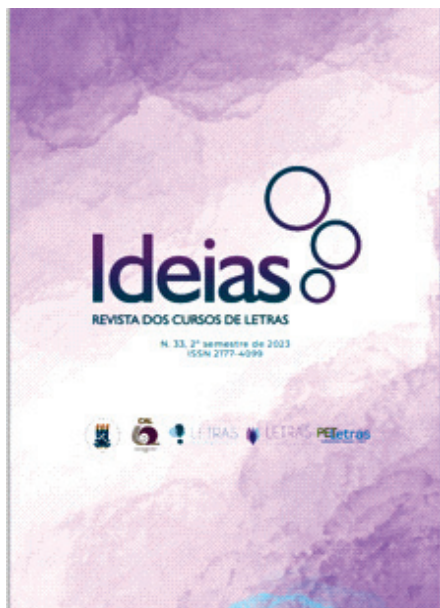
revisão e edição de textos acadêmicos por meio da parceria com docentes e discentes.

A Revista Ideias é um Periódico Científico dos cursos de Letras da UFSM que publica textos de discentes da graduação em Letras da própria e de outras instituições de ensino superior do Brasil divididos nos seguintes gêneros textuais: artigos científicos, ensaios e resenhas. Os números da revista têm livre temática, muito embora possam ser organizadas edições especiais com temáticas específicas. Os textos recebidos atendem às normas da revista e contemplam as seções propostas. É importante destacar que, quanto às produções literárias, não há modelo específico, visto que abrangem gêneros textuais de formatos flexíveis, já as demais seções seguem as normas especificadas em cada chamada do periódico.

Realizadas a editoração e a diagramação do número da revista, o PET Letras/Laboratório Corpus promove o lançamento da versão impressa, porém, essa etapa do evento de lançamento depende do retorno das atividades presenciais na UFSM. Em 2023, o grupo fez o processo de seleção dos textos para a edição de número 33 e lançou o edital para a edição de número 34. Tendo pouca demanda nesta última, optou-se por juntar as duas edições, que ficaram como a edição de número 33. A edição de número 34 será uma compilação de textos que foram apresentados durante a Semana das Letras de 2023.

Espera-se que, com a contínua publicação da revista, assim como a entrada da revista no portal de periódicos da UFSM – processo já iniciado –, seja possível facilitar a publicação do periódico e, conseqüentemente, encorajar a produção e publicação de artigos por acadêmicos de cursos de Letras, especialmente aqueles no início de sua jornada acadêmica. Também se espera que a publicação gere experiência aos acadêmicos que participam de sua edição e preparação.

Imagem: Capa da edição da Revista Ideias números 33



Fonte: Relatório PET Letras 2023.

Atualização de mídias digitais

O grupo PET Letras, buscando divulgar suas ações e estreitar os laços com a comunidade acadêmica, realizou a constante atualização e a circulação de suas ações nas redes sociais. Dessa forma, as petianas encarregadas dessa manutenção foram, regularmente, realizando postagens sobre os projetos de ensino, pesquisa e extensão do grupo. Um outro ponto a ser destacado foi a atualização do site próprio do grupo PET Letras/ Laboratório Corpus dentro do domínio institucional da UFSM. Além disso, buscou-se realizar um trabalho efetivo para divulgação de notícias sobre as atividades de destaque do grupo no site da UFSM e do Centro de Artes e Letras.

O projeto teve como principal objetivo promover e compartilhar os projetos desenvolvidos pelo grupo PET Letras com a comunidade acadêmica estabelecendo assim uma integração com outros grupos PET e a comunidade em geral. Ademais, planejou recomendar livros, (filmes, documentários), podcasts e outras manifestações artísticas, divulgar datas co-

memorativas, manter uma identidade visual consistente nas redes sociais e seguir um cronograma de publicação.

Os membros responsáveis pelo projeto padronizaram a identidade visual das postagens, criando templates que foram utilizados nas redes sociais do grupo, além de elaborar um cronograma de publicações que incluíram eventos e atividades realizadas pelos demais projetos do PET Letras ao longo do ano, assim, cada projeto teve seu trabalho divulgado nas redes sociais, bem como no site institucional, Facebook e principalmente o canal de maior divulgação do PET Letras, o Instagram.

Como resultado do projeto, obtemos:

1) A divulgação de eventos promovidos pelo próprio grupo em parceria e com o apoio da coordenação do curso de Letras. Além da oportunidade de publicação em periódicos científicos como a revista Ideias; a divulgação de resultados obtidos nos projetos do grupo, como cortes do podcast Vozes do 40A; e as oficinas ministradas pelo Impulsionando Saberes.

Imagem: Post de divulgação de evento



Fonte: Print do Instagram.

Imagem: Post de divulgação do VIII Seminário Interno do PET Letras



Fonte: Print do Instagram.

Imagem: Post de divulgação de evento



Fonte: Print do Instagram.

Imagem: Post de divulgação do episódio do podcast “Vozes do 40A”



Fonte: Print do Instagram.

Imagem: Post de divulgação do Seminário de Extensão do PET Letras



Fonte: Print do Instagram.

2) Foram feitas publicações sobre datas comemorativas, sendo elas: “Dia do profissional de letras”, “Dia do Orgulho LGBTQIA +” e “Dia dos professores” e “Dia das crianças”.

Imagem: Post sobre o Dia Internacional do Orgulho LGBRQIA+



Fonte: Print do Instagram.

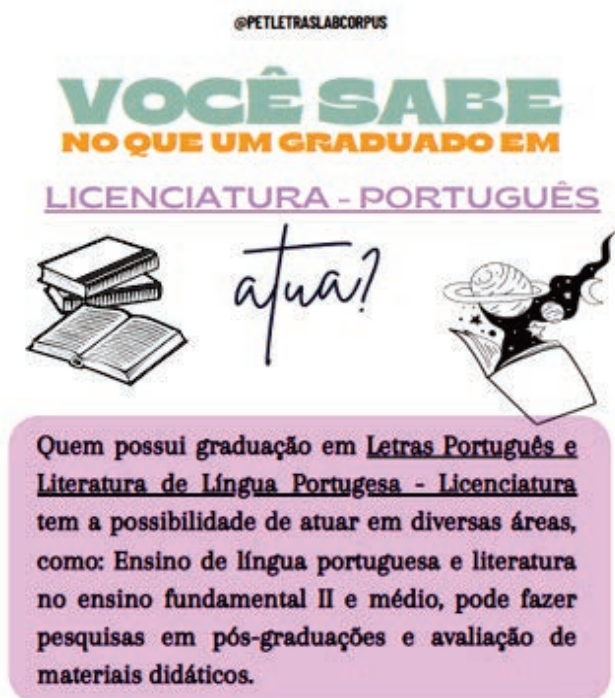
Imagem: Post de homenagem ao dia das crianças



Fonte: Print do Instagram.

3) Produção de cartazes “Você sabia que...”, que foram expostos no prédio 40A Letras para divulgar informações sobre os cursos de letras.

Imagem: Cartaz de divulgação do curso de Letras Licenciatura – Português



Fonte: Produção do grupo.

4) Além disso, o grupo encarregado da manutenção das mídias sociais atualizou constantemente as notícias do site do PET Letras, bem como a lista de integrantes e os projetos. Para isso, o grupo participou de um treinamento oferecido pela instituição.

Imagem: Atualização das notícias no site



Acesse o site do Laboratório Corpus

É importante destacar também que aqueles integrantes encarregados da manutenção das mídias conseguiram desenvolver maiores habilidades no manuseio de softwares, programas de edições como, principalmente, o *Canva* e aprimoramento da escrita no âmbito digital.

5) “PET Indica” é um quadro dentro das mídias sociais do PET Letras. O intuito desse quadro são vídeos, inicialmente dos professores do curso de letras, que recomendaram livros diversos da sua escolha. O primeiro vídeo foi com o Prof. Dr. Enéias Tavares.



Fonte: Print do Instagram.

6) Apresentação do projeto no seminário de extensão interno e externo.



Fonte: Produção do grupo.

Literatura se ensina? Práticas de Letramento Literário

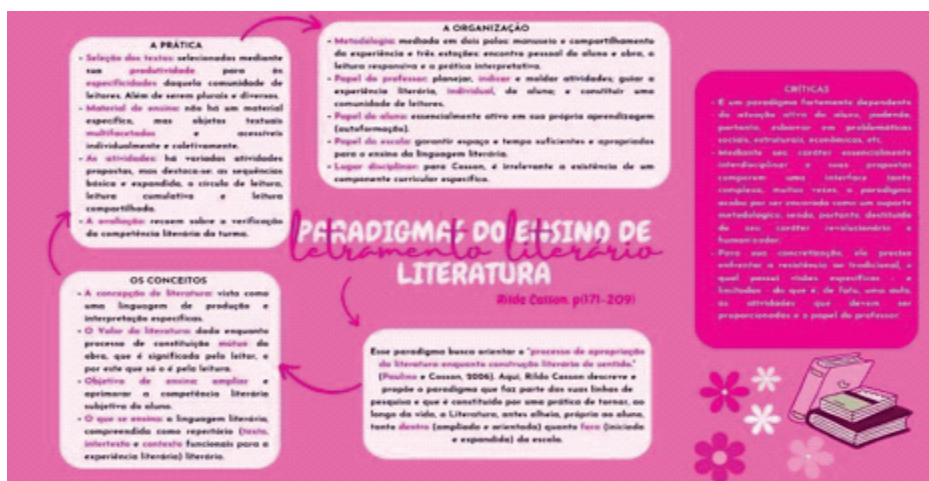
O projeto “Literatura se ensina? Práticas de Letramento Literário” é uma parceria entre o Grupo PET Letras/Laboratório Corpus e o projeto de extensão PraLeLit, coordenado pela Profa. Dra. Andrea do Roccio Souto. O projeto visa a discussão e elaboração de material didático envolvendo Letramento Literário, buscando aprofundar os conhecimentos teóricos sobre as práticas de ensino de literatura. Além disso, pretendendo colocar em prática os aprendizados crítico-teóricos adquiridos no grupo de estudo e os planejamentos constituídos de sequências didáticas (básicas e expandidas), tendo como aporte teórico o livro “Letramento Literário: Teoria e Prática”, do autor Rildo Cosson. O projeto estabelece relações com escolas-parceiras, oportunizando maior integração da UFSM com a comunidade externa. Por fim, pontua-se ainda que o grupo se caracteriza por um fluxo constante de participantes dos mais variados semestres que entram e saem do projeto, dos quais há um grupo fixo que mantém as atividades em funcionamento e, por vezes, adicionam-se alguns, ao passo que outros se retiram.

O projeto tem como objetivos: a) ler e debater textos crítico-teóricos relacionados ao letramento literário e ao ensino de literatura na educação básica; b) convidar participantes externos (professores de escolas básicas e universidades) para debater o ensino de literatura na educação básica e as contribuições do letramento literário à prática docente; c) elaborar sequências didáticas simples e expandidas para o trabalho com textos literários na educação básica; d) elaborar material didático constituído de sequências didáticas que objetivam o letramento literário; e) publicar material didático constituído de sequências didáticas que objetivam o letramento literário; f) aplicar material didático sobre letramento literário em escolas da região; g) avaliar continuamente o material elaborado e aplicado ao longo dos processos de pesquisa e prática de extensão.

O projeto proporcionou discussões reflexivas acerca do letramento literário, constituindo um traço fundamental na formação pessoal e profissional dos petianos participantes. As habilidades de planejamento, gerenciamento e desenvoltura em sala de aula foram amplamente desenvolvidas. Além disso, as sequências didáticas desenvolvidas no projeto poderão ser utilizadas posteriormente pelos professores e petianos envolvidos nas atividades.

As atividades desenvolvidas durante o ano foram realizadas em encontros quinzenais para a discussão de leitura teórica, majoritariamente do livro “Paradigmas do Ensino da Literatura”, de Rildo Cosson. As atividades consistiram em mobilização de ideias para efetivar e modificar algumas atividades das produções já existentes; conclusão dessas adaptações e divisão de capítulos entre os integrantes para a discussão do livro “Paradigmas do Ensino da Literatura” de Rildo Cosson.

Imagem: Mapa conceitual



Fonte: Elaborado pelo petiano Gabriel Dall'agnol.

Impulsionando Saberes: Oficinas de Escrita

O projeto “Impulsionando Saberes: oficinas de escrita” propõe a elaboração de uma oficina de produção textual, destinada aos alunos que pretendem realizar o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), sejam eles alunos de cursos Pré-Vestibulares Populares ou da rede pública de ensino. A iniciativa tem origem no grupo PET Letras/Laboratório Corpus da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), o qual visa elaborar e efetivar atividades relacionadas à leitura e produção textual. O objetivo principal é auxiliar os alunos de grupos ou instituições públicas no aprimoramento de suas produções textuais, promovendo, dessa forma, os pilares de pesquisa, ensino e extensão,

propostos pelo PET, e também contribuindo socialmente para a comunidade externa da UFSM. Para o desenvolvimento desta atividade contamos com a parceria da Profa. Dra. Rosaura Maria Albuquerque Leão (DLV/UFSM).

As ações do projeto foram organizadas por meio de reuniões quinzenais com a duração média de uma hora, que aconteceram, salvo algumas exceções, de forma presencial, na sala do PET Letras Laboratório Corpus. Nesses momentos, os membros do projeto dialogaram sobre o cronograma de datas das oficinas, as temáticas a serem trabalhadas, a metodologia, a elaboração das sequências didáticas e dos materiais complementares, os recursos e materiais necessários, o *feedback* recebido dos educandos, os pontos positivos das atividades realizadas, os aspectos a serem melhorados nas ações posteriores, e a divisão da correção das redações. Ao todo, foram realizadas vinte e duas reuniões.

Para a elaboração das sequências didáticas e dos materiais complementares, os petianos e as bolsistas PROLICEN selecionaram arquivos, disponibilizados pelo Ministério da Educação (MEC), que abarcam as especificidades do gênero redação do ENEM e estabelecem orientações para a correção do texto e o estabelecimento da nota final. Além disso, também foram selecionados exemplos de redações bem pontuadas e de textos com falhas disponibilizados gratuitamente em plataformas educacionais. Para a prática do projeto foram realizadas 5 oficinas, todas em uma sala disponibilizada pelo PUP Alternativa.

Imagem: Apresentação dos petianos



Fonte: Relatório do PET Letras 2023.

O presente projeto contribuiu no aprimoramento das produções textuais dos alunos e, conseqüentemente, potencializou seu acesso aos meios acadêmico e profissional, bem como incita a criatividade, o senso crítico e a busca pelo conhecimento. Além disso, o projeto proporcionou conhecimentos teórico-metodológicos aos membros do grupo e contribuiu na sua formação acadêmica. Também foi obtido como resultado o prêmio de melhor projeto de ensino da área de Artes e Letras. Os petianos Ysadora Rangel e Leonardo Ragagnin apresentaram o trabalho *Impulsionando Saberes: Oficina de Escrita* no Encontro dos PETs da Região Sul – o XXV SULPET –, que ocorreu nos dias 22 e 23 de setembro de forma remota. O evento abordou a relevância do PET para a formação acadêmica e profissional dos estudantes de graduação e para o desenvolvimento de atividades na comunidade externa. Diante disso, durante a apresentação do trabalho, relatou-se a importância das Oficinas de Escritas como uma forma de complementar o que os educandos já estudaram no Alternativa e no Ensino Médio sobre a redação do Enem, as competências, coesão e coerência, projeto de textos entre outros aspectos.

Imagem: Petianos Ysadora e Leonardo com o certificado de participação do XXV SULPET



Fonte: Elaborado pelo grupo.

Membros do Grupo em 2023:

Alessandra Soares Farias, Amanda Louise Berria, Ana Luyze dos Santos Calegari, Bibiana Souza Reis, Caroline Dillenburg Abott, Gabriel Lorenzo Dall’Agnol, Guilherme Afonso da Silva Chaves, Isadora Hoppe-Chielle, Laura Giséli Ceolin Mess, Layara Rodrigues Sarti, Luciane Marques Brito, Marina Pacheco Rocha, Raquel Michels Ilha, Sabrina Franz e Vitoria Carolini Ferraz Oliveira. Professora-tutora: Taís da Silva Martins.

2024 – Ressonâncias de um trabalho coletivo

Ações desenvolvidas pelo grupo PET Letras no ano de 2024

Revista Ideias

A Revista Ideias é um periódico científico dos cursos de Letras da UFSM que publica textos de discentes da graduação em Letras da própria e de outras instituições de ensino superior do Brasil divididos nos seguintes gêneros textuais: artigos científicos, ensaios, resenhas, produções literárias (contos, crônicas e poemas) e entrevistas. Os petianos e petianas envolvidos neste projeto participam de todas as etapas da produção de uma revista (elaboração e divulgação de chamadas, recebimento de textos e envio para pareceristas, revisão textual e diagramação, divulgação da revista). Os números da revista têm livre temática, muito embora possam ser organizadas edições especiais com temáticas específicas. Em 2024, o grupo fez o processo de seleção dos textos para a edição de número 34 e lançou o edital para a edição de número 35. A edição de número 34 é uma compilação de textos que foram apresentados durante a Semana das Letras de 2023. A edição de número 35 será uma edição especial de relatórios de estágio, devendo ser publicada em 2025. Cabe destacar que depois de inúmeras tentativas ocorridas nos últimos anos, para colocar a revista no portal de periódicos da UFSM, o que agregaria tanto para a formação dos petianos quanto para a circulação da revista, não logramos êxito na tarefa. Portanto, após avaliação do grupo, o processo de produção e organização da Revista Ideias, que demanda tempo e formação específica, a partir do segundo semestre letivo de 2025 ficará sob a responsabilidade das coordenações dos Cursos de Letras.

Ler traz prazer: Clube de Leitura PET Letras

O projeto foi desenvolvido plenamente; reuniões de planejamento e organização ocorreram antes de cada encontro do clube de leitura. Ao todo, ocorreram três encontros do clube: a) dia 29 de julho: leitura e discussão do conto “Rendeira de Ossos” da autora brasileira Luisa Montenegro, que participou do encontro; b) dia 18 de agosto: leitura do livro de contos “Os da minha rua”, do autor angolano Ondjaki; c) dia 13 de outubro: leitura e discussão do livro “O testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo”, do autor Germano de Almeida. Cabe destacar que este foi um projeto novo do grupo PET Letras e, com isso, os encontros do ano de 2024 foram considerados encontros piloto, que serviram para avaliação e planejamento das atividades do clube de leitura para o ano de 2025.

O referido projeto teve como proposta principal exercer o letramento literário em estudantes universitários a partir de textos literários, como dramas, contos e novelas, principalmente contemporâneos, como fonte de prazer, a fim de proporcionar hábitos de leitura que oferecessem momentos de lazer – prática que tende a se perder ao longo da graduação pela carga extenuante de leituras de textos científicos. Tanto a organização do projeto quanto os integrantes do clube reuniram-se mensalmente para discutir as leituras realizadas, considerando-se extremamente importante esse momento de socialização para a expansão da compreensão e interpretação dos textos lidos. Ademais, o projeto, em 2024, contou com textos lusófonos a fim de difundir a percepção do que são Literaturas, neste caso, em Língua Portuguesa. Assim, a primeira fase serviu para observar a adesão dos docentes, discentes e dos servidores ao clube e, principalmente, para compreender o público-alvo.

Objetivos:

- Abrir espaço para leitura e debate de obras contemporâneas, através de encontros mensais;
- Valorizar a leitura como fonte de prazer para a comunidade acadêmica;
- Incentivar o hábito da leitura de textos literários;
- Promover o debate em rodas de conversa;

- Desenvolver o pensamento crítico, a oralidade e a interpretação de texto;
- Evoluir habilidades argumentativas e críticas por meio de discussões aprofundadas dos textos lidos a partir de aspectos variados das obras, como temas, personagens e estilos narrativos;
- Desenvolver competências de análise literária através da troca de ideias entre os pares;
- Expandir horizontes culturais ao promover a diversidade literária com a escolha de autores de diversos países;
- Fomentar a expressão pessoal com a partilha das próprias experiências e emoções em relação às leituras;
- Divulgar o PET Letras.

A atividade foi realizada conforme os petianos organizadores do projeto se reuniram mensalmente para definir a leitura e a organização do encontro do mês, destacando objetivos e possíveis encaminhamentos para o intermédio das discussões. A curadoria dos textos foi realizada a partir de pré-requisitos como momento de publicação, gênero textual, gênero narrativo, país de origem e outros critérios considerados importantes. Além disso, foram realizadas campanhas de divulgação para atrair docentes, discentes e servidores interessados em participar do clube de leitura por meio das redes sociais. Os encontros tiveram dia e hora fixos – na penúltima segunda do mês, às 18 horas. A leitura escolhida para o mês foi disponibilizada por um link nas páginas do PET Letras, que encaminhou uma pasta online para que os participantes pudessem acessar o planejamento e os textos escolhidos. Assim, uma semana antes, foi divulgado o local do encontro.

Impulsionando saberes

O projeto “Impulsionando Saberes: Oficinas de Escrita” propôs a elaboração e execução de Oficinas de Produção Textual destinadas a alunos que pretendiam realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), fossem eles de cursos Pré-Vestibulares Populares ou da rede pública de ensino. A iniciativa teve origem no grupo PET Letras/Laboratório Corpus da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com o objetivo de elaborar e efetivar atividades relacionadas à leitura e produção textual.

O projeto auxiliou alunos de grupos ou instituições públicas no aprimoramento de suas produções textuais, promovendo os pilares de pesquisa, ensino e extensão propostos pelo PET e contribuindo socialmente para a comunidade externa da UFSM. Para o desenvolvimento das atividades contou-se com a parceria da Profa. Dra. Rosaura Maria Albuquerque Leão (DLV/UFSM).

Objetivos:

- Auxiliar os alunos de grupos ou instituições públicas no aprimoramento de suas produções textuais.
- Motivar o posicionamento crítico e fundamentado através de atividades dinamizadas;
- Explorar conhecimentos linguísticos vinculando-os a conhecimentos socioculturais nas produções textuais;
- Analisar mecanismos argumentativos e discursivos com os estudantes;
- Discutir como o modo de uso da língua corrobora para a expressividade do autor;
- Contribuir para a entrada dos estudantes no ensino superior e, consequentemente, no âmbito profissional.

As ações do “Impulsionando Saberes: Oficinas de Escrita” aconteceram ao longo de 2024 por meio de seis oficinas mensais. Elas foram organizadas através de reuniões quinzenais e mensais, com duração média de uma hora, nas quais os membros do projeto dialogaram sobre o cronograma de datas, as temáticas a serem trabalhadas, a metodologia, a elaboração das sequências didáticas e dos materiais complementares, os recursos necessários, o feedback dos educandos, os pontos positivos das atividades realizadas, os aspectos a serem melhorados e a divisão da correção das redações.

Foram elaborados materiais didáticos para uso nas oficinas; esses encontros foram dinamizados pelos participantes do projeto, e a avaliação do desenvolvimento foi feita por meio de reuniões mensais.

Primeira oficina: Realizada em 25 de maio, às 14h, no espaço disponibilizado pelo PUP Alternativa (local utilizado em todas as ações posteriores). Planejada para aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre produção textual e redação dissertativa argumentativa.

Segunda oficina: Ocorreu em 15 de junho, às 14h. Planejada para aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre o texto dissertativo-argumentativo. Foram explicadas a estrutura desse tipo de texto (introdução, desenvolvimento e conclusão) e analisadas as competências do ENEM. Ao final, realizou-se uma dinâmica de quebra-cabeça: a turma foi dividida em três grupos e cada um recebeu um parágrafo de uma introdução de texto dissertativo-argumentativo, no qual deveriam encontrar a tese e o repertório e tentar descobrir o tema. Em seguida, receberam mais parágrafos e completaram a redação.

Terceira oficina: Realizada em 20 de julho, às 14h. Planejada para aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre o gênero carta aberta, um dos gêneros textuais cobrados pelo Vestibular da UFSM. No final, os alunos escreveram uma carta aberta conforme os ensinamentos do gênero.

Quarta oficina: Realizada em 17 de agosto, às 14h. Planejada para aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre repertórios para a redação dissertativa-argumentativa do ENEM. Ao final, houve uma dinâmica em que os alunos produziram uma apostila de repertórios para diferentes eixos temáticos. Foram disponibilizados materiais para a produção da apostila e imagens de livros e filmes para colagem.

Quinta oficina: Realizada em 26 de outubro, às 16h. Planejada para que os alunos escrevessem uma redação dissertativa-argumentativa com tema criado pelos petianos do projeto. Os alunos tiveram duas horas de oficina para a produção textual. A correção seguiu os critérios do ENEM e foi disponibilizada corrigida – com notas – por e-mail e também em versão física para retirada na Antiga Reitoria da UFSM.

Sexta oficina: Realizada em 30 de novembro, às 14h. Planejada para trabalhar o gênero textual artigo de opinião, abordando suas características.

Além das oficinas dinamizadas pelos participantes do projeto, o “Impulsionando Saberes” também foi apresentado em eventos acadêmicos, como o ENAPET e a JAI/UFSM.

O projeto consolidou-se como espaço de formação e extensão universitária, alcançando alunos da rede pública e pré-vestibulares populares. Os encontros sistemáticos permitiram aprimorar produções textuais, ex-

plorar gêneros variados e desenvolver habilidades críticas e argumentativas. A experiência possibilitou a troca de saberes entre universidade e comunidade, cumprindo o objetivo de fortalecer o ensino, a pesquisa e a extensão e de promover acesso qualificado ao conhecimento sobre leitura e produção textual.

Atividades de caráter coletivo e integrador

As atividades de caráter coletivo e integrador contemplaram ações realizadas entre os petianos e petianas do grupo, entre o grupo e demais estudantes dos Cursos de Letras e entre grupos PET da UFSM. Também envolveram interações com a coordenação dos Cursos de Letras e com pesquisadores do Laboratório Corpus – Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem.

Grande parte dessas ações esteve alinhada ao projeto “UFSM Integra”, iniciativa da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), Pró-Reitoria de Planejamento (PROPLAN) e Centro de Processamento de Dados (CPD), voltada a reduzir a evasão e estimular a permanência dos estudantes nos cursos de graduação da UFSM.

Objetivos:

- Promover a integração entre os componentes do Grupo PET Letras, entre os grupos PETs da UFSM e a comunidade em geral, beneficiando a coletividade com ações integradas;
- Dar mais visibilidade às ações desenvolvidas pelos petianos e petianas;
- Estimular a permanência dos alunos nos Cursos de Letras da UFSM.

Todas as atividades foram desenvolvidas de modo coletivo e integrado, levando em consideração suas peculiaridades. Cada ação contou com planejamento prévio, desenvolvimento efetivo e avaliação posterior, que estimulou o crescimento do grupo.

Os petianos e petianas envolveram-se na organização de eventos internos e externos ao grupo, seja no âmbito do Laboratório Corpus, do Curso de Letras, dos grupos PETs e da própria instituição, desenvolvendo diferentes funções e aprendendo, na prática, os bastidores da realização de eventos.

- **INTERPET – maio/2024:** Em maio de 2024, o PET Letras, juntamente com o PET Agronomia, organizou o INTERPET, cuja temática principal foi “O uso da tecnologia na educação”. A palestra de abertura, intitulada “*A mulher e suas múltiplas funções*”, foi apresentada pela professora do Departamento de Engenharia Rural, Dra. Francine Damian da Silva.
- **IX Seminário Interno PET Letras – 17/09/2024:** Evento dedicado à apresentação das pesquisas desenvolvidas pelos petianos e petianas do grupo.
- **XXVII Seminário Corpus – 22 a 24/09/2024:** Os petianos e petianas participaram como ouvintes do *XXVII Seminário Corpus: Laboratório Corpus 25 anos – enlaces e perspectivas*, que contou com renomados pesquisadores nacionais. Alguns integrantes apresentaram suas pesquisas e outro grupo atuou ativamente na organização do evento, juntamente com a coordenação do Laboratório Corpus; outros ainda participaram como monitores.
- **Café com PET – 26/11/2024:** Em parceria com o projeto Letras em Formação, ocorreu o “Café com PET”, evento no qual os petianos e petianas confraternizaram com os demais estudantes dos Cursos de Letras, compartilhando saberes, apresentando de maneira informal as atividades desenvolvidas e conversando sobre o PET e o Curso.



Acesse aqui a postagem sobre Café com PET.

- **Demais participações:** Destaca-se o envolvimento dos petianos e petianas nas atividades organizadas e planejadas pelas Coordena-

ções dos Cursos de Letras Licenciatura e Bacharelado, a participação do grupo no OLIMPET (outubro/2024) e a atuação na monitoria das atividades rotineiras do Laboratório Corpus – Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem.

Além disso, muitas das ações realizadas corresponderam ao que antes era planejado, como:

- a) Seminário Interno do PET Letras, voltado à apresentação interna dos resultados de pesquisa;
- b) Atividades com outros grupos PETs da UFSM, como a colaboração com o PET Enfermagem (revisão textual do material informativo do grupo, publicado nas redes sociais e compilado em “Lamparim”) e a parceria com o PET CISA no desenvolvimento do Projeto de Extensão POP Science;
- c) Participação do grupo nos eventos “INTERPET”, realizados mensalmente na UFSM;
- d) Promoção de atividades artístico-culturais com alunos e professores do Curso de Letras e outros interessados;
- e) Participação em atividades planejadas pela Coordenação dos Cursos de Letras, como aulas magnas, aulas inaugurais e recepção aos calouros;
- f) Participação no Descubra UFSM;
- g) Organização de eventos em parceria com o Diretório Acadêmico de Letras, como a Semana Acadêmica de Letras;
- h) Atividades de monitoria no Laboratório Corpus;
- i) Participação na organização de eventos propostos pelos pesquisadores do Laboratório Corpus e professores/pesquisadores vinculados aos Cursos de Letras da UFSM.

As ações realizadas promoveram a interação entre os integrantes do Grupo PET Letras e entre os Grupos PETs da UFSM, fortalecendo as afinidades existentes entre as áreas, tanto no âmbito pessoal quanto acadêmico. As atividades problematizaram questões relevantes do universo universitário e da comunidade em geral, contribuindo para o senso de pertencimento dos alunos aos Cursos de Letras e para a sua permanência.

A avaliação deu-se a partir da organização das atividades, de seu sucesso e do trabalho desenvolvido. Cada evento foi analisado pela participação efetiva dos grupos envolvidos. O trabalho avaliativo foi contínuo: após cada ação, destinou-se um momento de reflexão no grupo, buscando sempre qualificar as atividades em desenvolvimento.

Atualização de mídias sociais

O **Grupo PET Letras**, com o objetivo de divulgar suas ações e estreitar os laços com a comunidade acadêmica, realizou em 2024 um intenso trabalho de atualização de suas redes sociais. As petianas e os petianos responsáveis pela manutenção dessas plataformas publicaram regularmente conteúdos sobre os projetos de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos pelo grupo, favorecendo a aproximação com estudantes dos cursos de Letras da Universidade Federal de Santa Maria e também com pessoas externas à instituição interessadas na área.

Entre as ações realizadas, destacam-se:

- **Indicação** de livros, filmes, documentários e outras produções artísticas, em formato escrito ou de vídeo, com participação de professoras e professores convidados;
- **Apresentação** dos projetos do grupo;
- **Divulgação** de novidades sobre o curso e das atividades realizadas pelas e pelos integrantes do PET Letras, como apresentações de trabalhos e publicações;
- **Promoção**, nos stories do Instagram do PET, de eventos e atividades realizadas nos cursos de Letras.
- **Outro ponto importante foi a atualização do site institucional do grupo**, o PET Letras/Laboratório Corpus, disponível no domínio da UFSM. O site funciona como um repositório de memória virtual, garantindo a preservação dos trabalhos desenvolvidos. Assim como em anos anteriores, manteve-se também um trabalho contínuo de divulgação de notícias no portal da UFSM e no site do Centro de Artes e Letras.

A atividade intitulada **“Mídias Digitais”** tem como propósito fortalecer a presença do grupo PET Letras nas plataformas digitais. Para isso, as petianas e os petianos encarregados realizam postagens semanais sobre as ações e projetos do grupo, ampliando o diálogo com a comunidade acadêmica. O site institucional é constantemente atualizado para, além de divulgar as atividades, **materializar a história e a memória do grupo no âmbito institucional**.

Para 2024, estabeleceu-se ainda a meta de participar de um **workshop sobre letramento digital**, com vistas a potencializar a divulgação das ações para além dos muros da universidade, produzindo postagens mais interativas, como charges, cartazes, vídeos e dicas de livros, aproveitando os recursos disponíveis nas plataformas digitais.

Projetos de pesquisa

Sob orientação de docentes vinculados aos Cursos de Letras da UFSM e sob supervisão da professora tutora, as petianas e os petianos participam ativamente de atividades inerentes à pesquisa acadêmica – como grupos de estudo, leituras dirigidas, elaboração de relatórios, escrita de artigos científicos e apresentações de trabalhos em eventos.

Em 2024, as pesquisas dos integrantes do grupo contaram com orientação de docentes das diferentes áreas do Curso de Letras:

- Prof. Dr. Anselmo Peres Alós (DLV/UFSM);
- Profa. Dra. Taís da Silva Martins (DLCL/UFSM);
- Profa. Dra. Ana Flávia Souto de Oliveira (DLCL/UFSM);
- Profa. Dra. Caciane S. Medeiros (DLCL/UFSM);
- Profa. Dra. Raissa Elsner (FUE/UFSM);
- Prof. Dr. Lucas da Cunha Zamberlan (DLV/UFSM);
- Profa. Dra. Cinthia da Silva Belonia (DLV/UFSM);
- Profa. Dra. Cristiane Salete Florek (DLV/UFSM);
- Profa. Dra. Carolina Fernandes Alves Pastoriza (MEN/UFSM);
- Prof. Dr. Régis Augustus Bars Close (DLEM/UFSM).

As temáticas desenvolvidas contemplam as áreas de Literatura, Linguística e Ensino, garantindo que cada discente esteja envolvido com uma pesquisa articulada às temáticas pertinentes ao Curso de Letras.

Um destaque de 2024 é o projeto de pesquisa coordenado pela professora tutora, intitulado “História do Conhecimento Linguístico: sujeito, arquivo e memória”, que objetiva compreender os processos de institucionalização e disciplinarização dos estudos da linguagem no Brasil. No primeiro semestre, as atividades focaram na digitalização dos documentos do Curso de Letras da UFSM, visando construir um arquivo digital para preservação e organização das informações acadêmicas. No segundo semestre, o grupo se dedicou a encontros de discussão de textos, em que cada petiana ou petiano apresentou e debateu um texto previamente selecionado pela tutora. Essas reuniões fomentaram a análise crítica, o aprofundamento teórico e a troca de conhecimentos entre os participantes, contribuindo para o desenvolvimento intelectual e colaborativo.

As discussões realizadas ao longo do ano resultaram no fortalecimento do pensamento crítico e no avanço das pesquisas individuais e coletivas. Os projetos foram apresentados em eventos científicos, como o XXVII Seminário Corpus – Laboratório Corpus 25 anos: enlaces e perspectivas, o Seminário Interno PET Letras e a 39ª Jornada Acadêmica Integrada, reforçando a visibilidade do trabalho realizado.

Cada petiana e petiano, bolsista ou voluntário, com pelo menos seis meses de atuação no PET Letras, está envolvido na elaboração de artigos científicos para apresentação em eventos da área e posterior publicação. O projeto coordenado pela tutora mantém reuniões quinzenais para discutir textos teóricos e planejar a escrita coletiva de um artigo científico, garantindo que a produção acadêmica seja contínua e articulada.

Literatura se ensina? Práticas de Letramento Literário

O projeto “Literatura se ensina? Práticas de Letramento Literário”, desenvolvido em parceria entre o Grupo PET Letras/Laboratório Corpus e o projeto de extensão PraLeLit, coordenado pela Profa. Dra. Andrea do Roccio Souto, foi plenamente executado ao longo do ano de 2024. Voltado à criação de um grupo de pesquisa focado no Letramento Literário, o projeto buscou aprofundar os conhecimentos teóricos sobre ensino de literatura e, ao mesmo tempo, colocar em prática os aprendizados crítico-teóricos

adquiridos, elaborando material didático constituído de sequências didáticas básicas e expandidas, tendo como aporte teórico a obra *Letramento Literário: Teoria e Prática*, de Rildo Cosson. Essas sequências foram posteriormente dinamizadas em turmas de escolas da rede pública, permitindo avaliar a prática e propor ajustes quando necessário.

Os integrantes reuniram-se quinzenalmente, sempre às 19h, seguindo um cronograma cuidadosamente elaborado e cumprido ao longo do ano. Nessas reuniões, planejaram, estudaram e organizaram materiais didático-pedagógicos, retomaram textos literários já selecionados para produzir novas sequências, criaram um banco de imagens e uma galeria de fotos organizada por escolas e sequências dinamizadas, reativaram as redes sociais do “PraLeLit” – especialmente o Instagram – para compartilhar com a comunidade acadêmica e externa as atividades desenvolvidas e padronizaram as sequências elaboradas com vistas à sua aplicação em escolas parceiras de Santa Maria e região. Também providenciaram camisetas com a logomarca do PraLeLit, fortalecendo a identidade visual do grupo.

Entre as ações que marcaram o ano de 2024, destaca-se a organização da “Jornada de Letramento Literário”, realizada no dia 27 de setembro, que contou com a participação da Profa. Dra. Fabiane Verardi (UPF) e do Prof. Ms. Aylon Dutra. As atividades do projeto foram ainda divulgadas em eventos científicos como o SULPET, a JAI/UFMS e o XXVII Seminário Corpus, reforçando o compromisso do grupo com a socialização dos resultados de seu trabalho.

Assim, o projeto consolidou-se como um espaço coletivo de pesquisa e prática pedagógica voltado ao letramento literário, produziu e padronizou sequências didáticas aplicáveis em escolas públicas, ampliou a visibilidade do PraLeLit nas redes sociais e em eventos científicos e aproximou universidade e escolas parceiras, fortalecendo o diálogo entre formação inicial e educação básica.

Letras em formação

O projeto teve início com reuniões destinadas à curadoria das temáticas dos encontros e à definição dos possíveis ministrantes – especialistas nas áreas selecionadas – que foram convidados em seguida. Em seguida,

organizou-se a logística do evento, envolvendo o planejamento de datas, horários, locais, inscrições e divulgação nas mídias. Durante a execução dos encontros, cuidou-se também da preparação dos espaços, do gerenciamento das listas de presença e da emissão de certificados para os participantes. Todos os encontros foram concluídos com a certificação dos ministrantes, organizadores e ouvintes.

Nos meses de março, abril e junho, realizaram-se a curadoria dos temas a serem trabalhados e o desenvolvimento da identidade visual do projeto. No dia 24 de julho ocorreu a primeira atividade pública, intitulada “Encontro com os Laboratórios dos Cursos de Letras”, que contou com a participação dos coordenadores dos Laboratórios dos Cursos de Letras e/ou seus representantes. Em outubro, aconteceu o segundo encontro, no qual foram apresentadas as linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM – um momento importante que precedeu o período de inscrições na pós-graduação e apresentou oportunidades aos estudantes para participação em projetos de pesquisa. O terceiro encontro, inicialmente planejado para 26 de novembro e transferido por motivo de luto para o dia 3 de dezembro, foi a atividade “Café com Letras”. Esta atividade consistiu em uma confraternização entre os alunos dos Cursos de Letras e os petianos e petianas, promovendo trocas significativas sobre experiências no curso, no desenvolvimento de projetos e na participação nas atividades do PET Letras.

O desenvolvimento do projeto proporcionou: (a) ampliação do leque de conhecimentos acadêmicos e profissionalizantes para os graduandos, com acesso a temáticas inovadoras e especializadas; (b) maior integração entre alunos e professores do curso, fortalecendo o senso de pertencimento e identidade acadêmica; (c) estímulo à cultura de eventos formativos, que tende a se tornar uma prática contínua no curso; (d) disseminação de saberes e metodologias específicas da área de Letras para futuros professores e pesquisadores; (e) contribuição para o fortalecimento e valorização da área de Letras, com impactos na produção cultural e educacional do contexto local e regional; (f) divulgação dos resultados em redes sociais e na página oficial do PET Letras.

A avaliação do projeto vem sendo feita por uma perspectiva qualitativa, por meio de feedbacks dos ministrantes e dos discentes parti-

cipantes. O grupo se reúne após cada oficina para avaliar o processo de organização e realização das atividades, reorganizando e reajustando tarefas sempre que necessário.

Zines na escola

O projeto foi desenvolvido plenamente. Com o intuito de elaborar sequências didáticas que proporcionaram encontros dinâmicos e também almejando contribuir com um processo de aprendizagem participativo e enriquecedor, os petianos envolvidos neste projeto reuniram-se quinzenalmente, discutindo ideias para a realização da oficina seguinte a cada encontro e compartilhando acontecimentos ocorridos durante as aulas com os demais integrantes do projeto. Cabe destacar que, durante o primeiro semestre letivo, foram realizados encontros de estudos visando à fundamentação teórica do projeto e das oficinas desenvolvidas, além do contato com a escola parceira e o planejamento da oficina piloto.

Durante o segundo semestre letivo, foram planejadas e executadas as seguintes atividades:

a) **Oficina 1:** ocorreram dinâmicas e leituras que possibilitaram reflexões acerca do tema “preconceito linguístico”.

b) **Oficina 2::** apresentou-se o gênero fanzine por meio de vídeos explicativos, destacando a produção independente, a origem do termo (*fannatic + magazine*) e sua importância social e política; ademais, os docentes contextualizaram o conceito de “gírias”, mediando a reflexão dos alunos sobre sua função no âmbito social e como atuam como formas de expressão de diferentes grupos sociais, preparando-os para o estudo das variações.

c) **Oficina 3:** iniciou-se o estudo da variação diastrática, por meio de comparações entre entrevistas com indivíduos de grupos distantes, destacando a diversidade linguística entre diferentes grupos sociais.

d) **Oficina 4:** o estudo da variação diacrônica foi exposto e debatido por meio de textos jornalísticos, analisando diferenças no campo semântico, na composição e nas mudanças fonéticas que hoje diferem da nossa linguagem, demonstrando concretamente a constante mudança da língua e a naturalidade desse processo.

e) **Oficinas 5 e 6:** deu-se continuidade ao estudo da variação diacrônica e iniciaram-se os estudos sobre a variação diatópica, por meio de suas diferenças fonéticas e, posteriormente, lexicais.

f) **Oficina 7:** com o intuito de contextualizar a variação estilística, conteúdo temático desta oficina, foram apresentados aos alunos vídeos retirados da rede social TikTok que tratavam de situações nas quais o contexto era abordado de maneira diferenciada.

g) **Oficina 8:** tendo em vista o encaminhamento para o início da elaboração do produto final deste projeto (uma zine contendo os conteúdos trabalhados ao longo das atividades), o grupo realizou uma revisão geral com os estudantes.

h) **Oficina 9:** esta oficina foi destinada majoritariamente ao início da produção das zines, sendo disponibilizados aos estudantes os materiais necessários para tal tarefa.

i) **Oficina 10:** finalização da confecção da capa e continuação da elaboração do rascunho.

j) **Oficina 11:** os alunos iniciaram a transcrição do rascunho para a zine, apresentando aos docentes suas ideias e organizando as informações referentes a seu grupo e às análises dentro do material.

k) **Oficinas 12 e 13:** nestes encontros, o objetivo principal foi a finalização definitiva das fanzines produzidas pelos alunos. Durante as sessões, os estudantes deram continuidade ao desenvolvimento de seus materiais, com foco na conclusão das zines. O trabalho teve como propósito não apenas a finalização dos projetos individuais, mas também a escolha de uma das produções de cada grupo para exposição.

l) **Encerramento:** no último encontro, ocorreu uma confraternização com os discentes, bem como a avaliação do projeto e das oficinas. Houve ainda a escolha dos melhores zines para serem expostos na escola.

O projeto contribuiu tanto para o desenvolvimento da expressão literária dos estudantes da educação básica da rede pública, aprimorando suas produções criativas por meio da produção de *fanzines* (doravante “zines”), como para o reconhecimento e a valorização da diversidade linguística existente na Língua Portuguesa. A partir disso, uma fanzine é uma publicação

não profissional e não oficial, produzida por entusiastas de uma cultura particular. A palavra fanzine vem da contração de *fanatic magazine*, que significa revista de fãs. Os *fanzines* são feitos por pessoas que gostam de um determinado tema em comum, sejam elas amadoras ou profissionais, e normalmente são publicados segundo parâmetros empíricos e com recursos financeiros limitados.

Além disso, o projeto proporcionou conhecimentos teórico-metodológicos aos estudantes dos Cursos de Letras – Licenciatura envolvidos, contribuindo para sua formação pedagógica enquanto futuros professores.

Objetivo geral: dinamizar oficinas criativas, em uma escola da educação básica da rede pública, abordando as variações linguísticas do Português Brasileiro e incentivando as diferentes formas de expressão, gerando como produto final a criação de um fanzine.

Objetivos específicos: (a) refletir sobre o preconceito linguístico; incentivar a expressão criativa por meio da escrita literária e da produção audiovisual; (b) aprimorar as competências de leitura e produção textual dos estudantes; (c) fomentar a produção autoral; (d) contribuir no desenvolvimento de sua autonomia no processo criativo; (e) construir/elaborar fanzines sobre as variações linguísticas do Português Brasileiro.

Para concretizar na prática os objetivos desejados, os petianos e a coordenadora do projeto organizaram reuniões quinzenais para estabelecer o cronograma de atividades e estudar o aporte teórico para a construção do planejamento das oficinas. Essas oficinas foram realizadas em escolas básicas da rede pública de forma mensal, de março a dezembro, contabilizando quatro oficinas no primeiro semestre e oito no segundo semestre. Essas oficinas foram trabalhadas a partir de temáticas variadas, como preconceito linguístico, gírias, variação diastrática e diacrônica, além da variação estilística e a importância de entender o contexto interacional.

As avaliações deram-se por meio de feedback, no caso, bilhetes orientadores, cujo objetivo foi demonstrar aos alunos incentivo e possíveis adequações às zines e ao projeto. Após a realização de cada oficina, o grupo reuniu-se para a avaliação das atividades e, sempre que necessário, reelaborou suas práticas.

Os resultados obtidos com a atividade, desenvolveram-se habilidades artísticas, de comunicação e de pensamento crítico, uma vez que esse gênero textual, por demandar criações de textos não convencionais, proporcionou espaço para a expressão autêntica das diferentes formas de linguagem presentes na turma e na comunidade, sendo elas variações regionais, geracionais, gírias e diferentes estilos de escrita. As oficinas abriram espaço para a valorização e a compreensão da riqueza da variação linguística entre discentes. Por fim, a partir dessas propostas, produziu-se efetivamente zines pelos alunos, que posteriormente poderão ser divulgadas em eventos culturais.

Participação em eventos

Ao longo do ano de 2024, os integrantes do PET Letras participaram de diversos eventos e palestras voltados à disseminação de conhecimento e à produção científica. Entre esses eventos, destacaram-se a 39ª JAI/UFSM, o XXIX ENAPET, o XXVII Seminário Corpus: *Laboratório Corpus 25 anos – enlaces e perspectivas* (PPGL/UFSM), o 10º Seminário Nacional e 4º Seminário Internacional de Língua e Literatura *Linguagem e Humanidades: Modos de Pertenc(S)er*, o V Congresso Nacional de Estudos Lispectorianos (UFPB), a 31ª Jornadas de Jóvenes Investigadores AUGM – UDELAR 2024, o 4º *Academic Exchange* (SAE – UFSM) e o 6º *Mulheres com a Palavra* (PPGL – PUCRS).

Membros do Grupo em 2024:

Alessandra Soares Farias, Amanda Louise Berria, Ana Luyze dos Santos Calegari, Bibiana Souza Reis, Caroline Dillenburg Abott, Gabriel Lorenzo Dall’Agnol, Guilherme Afonso da Silva Chaves, Isadora Hoppe Chielle, Laura Gisele Ceolin Mess, Layara Rodrigues Sarti, Luciane Marques Brito, Mariana Pacheco Rocha, Raquel Michels Ilha, Sabrina Franz, Vitória Carolini Ferraz Oliveira. Professora-tutora: Taís da Silva Martins.

PARTE III

Percursos e memórias: identidades petianas

Encontros, percursos e permanências: o papel do PET na construção do *eu* e do *nós*

*Alessandra Stefanello
Eduarda Figueiredo Rodrigues*

Encontros

Em março de 2018, ano de ingresso na Universidade Federal de Santa Maria, primeiro semestre letivo na graduação em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa – Licenciatura, encontramos: Alessandra, Eduarda e o Programa de Educação Tutorial dos Cursos de Letras. Foi com esse encontro que nossos percursos petianos começaram.

Durante quatro longos e significativos anos como integrantes do PET Letras, tivemos a oportunidade de participar de muitos projetos uma ao lado da outra. O primeiro deles foi *Oficinas PET Letras*, em que organizamos oficinas com a participação de diversos professores/pesquisadores da área das Letras, o que possibilitou aos alunos e demais integrantes do grupo adquirir conhecimentos das distintas áreas de estudos do nosso curso. Adorávamos organizar os cronogramas, dialogar com os palestrantes e adquirir conhecimentos a partir da escuta e troca de experiências. No ano de 2020, abraçamos mais um lindo projeto juntas, uma parceria entre o PET Letras e PET Enfermagem. No informativo *Lamparim*, os graduandos do curso de Enfermagem eram responsáveis pela produção escrita e nós pela revisão textual. A partir do projeto, foi possível ampliar nossos conhecimentos sobre a gramática da Língua Portuguesa e sobre o trabalho com os gêneros do discurso.

Em contexto pandêmico, em que estávamos separadas por telas do computador, pela necessidade e responsabilidade que o momento exigia, encaramos de frente um projeto muito representativo na história do PET Letras. Ano em que o curso de Letras completava 55 anos, organizamos o *Ecos do Vozes do 40A*, que foi uma edição especial do podcast Vozes do 40A.

O projeto possuía como objetivo resgatar memórias e histórias de professores e funcionários que estiveram à frente do curso durante todos aqueles anos. Entre uma aula e outra, no formato remoto, elaborávamos as perguntas para os entrevistados, fazíamos os contatos por e-mail e os agendamentos de horários para as entrevistas. Foram vinte e uma entrevistas que organizamos juntas; experiências e escutas incríveis que colaboraram para entendermos sobre o percurso de formação do nosso próprio curso. Sem dúvidas, foi um projeto que nos aproximou, apesar da distância física e do medo que nos acompanhava diariamente pela desconhecida e temida Covid-19.

Além dos projetos acima citados, nossa amizade e formação petiana foi sendo moldada a partir das demais atividades gerais proporcionadas pelo PET Letras. Afinal, foram vários InterPETs que organizamos juntas com os demais petianos da UFSM, bem como encontros semanais para reuniões e ajustes de cada uma das atividades que estavam sendo realizadas naqueles semestres. Ademais, semanalmente, tínhamos a responsabilidade de realizar a monitoria no Laboratório Corpus, uma vez que éramos vinculadas ao laboratório devido às pesquisas de Iniciação Científica. Nossas manhãs no Corpus eram preenchidas de muitos estudos e partilhas científicas com os mestrandos e doutorandos que passavam pelo laboratório.

Ainda juntas, lembramo-nos das organizações do *Seminários Internos – PET Letras*, em que se constituíam trocas significativas e importantes sobre a pesquisa de cada petiano; momentos regados de muitos aprendizados, cafés e bolos. Após alguns anos de experiências na vida acadêmica e petiana, integramos várias bancas de seleção, onde era realizada a entrevista com os acadêmicos dos cursos de Letras que estavam inscritos, no edital vigente, para ingressar no PET Letras. Foi muito interessante conhecer e escutar cada um dos candidatos, desde suas expectativas até os anseios para integrar o nosso grande grupo. Por fim, mas não menos importante, destacamos a *Semana da Calourada*, que organizamos com os demais petianos: uma semana de atividades que buscava integrar e mostrar aos novos alunos das Letras todas as oportunidades e atividades que o curso possibilita na formação acadêmica.

Imagem: Petianas Alessandra e Eduarda na Semana da Calourada em 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Percursos

Petiana: Alessandra Stefanello

Ao longo de quatro anos no PET Letras, incontáveis foram as atividades realizadas, envolvendo ensino, pesquisa e extensão. Para além do que fiz em parceria com minha colega Eduarda, participei de projetos importantíssimos não só para a comunidade acadêmica, mas também para a comunidade escolar. Em 2018 e 2019, desenvolvemos o projeto *Memória e História como objeto de ensino em uma escola municipal de Silveira Martins*, em parceria com a Professora Amanda Eloina Scherer. Para além de um resgate da memória local, nosso intuito também foi trabalhar, junto aos estudantes, acerca da valorização de fatos históricos que ajudaram a constituir o que o Colégio Bom Conselho representa para o município e região. Neste projeto, pude me colocar no lugar de professora, ainda nos primeiros semestres do curso, o que contribuiu para a experiência em sala de aula e me preparou para os futuros estágios.

Imagem: Petiana Alessandra apresentando o trabalho
“Memória e História por meio de um projeto de ensino e extensão”,
no evento PETchê – Encontro Gaúcho dos Grupos PET



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em 2019, em parceria com a Professora Andrea do Roccio Souto, criamos o projeto *Pralelit – Práticas de Letramento Literário*, no qual fazíamos reuniões semanais a fim de discutir e produzir materiais didáticos para subsidiar o Letramento Literário no ensino básico, a partir do livro de Rildo Cosson, *Letramento Literário: Teoria e Prática* (2010). Além disso, o projeto era voltado para petianos e alunos que desejavam ter contato maior com a literatura, como foi o meu caso, já que minha pesquisa, ao longo da graduação, foi na linguística.

Com o início da pandemia, precisamos adequar nossos projetos ao ambiente virtual. Diante disso, em 2020 e 2021, o projeto *Rodas de Conversa* ganhou espaço. Em resumo, todo mês era realizada uma roda de conversa, transmitida pelo YouTube, com uma temática diferente. O projeto foi importante para estreitar relações com a comunidade acadêmica dos Cursos

de Letras, a partir de temas importantes para a formação do estudante e do profissional em Letras. No projeto, além de organizar, eu mediava rodas de conversa, o que me possibilitou aprimorar habilidades de comunicação e oratória, bem como de liderança ao organizar as temáticas e selecionar os palestrantes.

No que diz respeito ao meu percurso individual, dentro do PET, integrei, como representante titular docente, o Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação (CLAA) dos Grupos PET – UFSM, de 2020 a 2022. O CLAA tem as atribuições de acompanhar o desempenho de cada grupo, organizar, elaborar e homologar planos de trabalho e relatórios, além de analisar os processos de seleção e de desligamento de petianos e de tutores. Foi como representante docente, no CLAA, que desenvolvi minha autonomia e parte de minha consciência política como sujeito acadêmico em uma universidade pública. Ressalto, também, que representar o PET Letras em um lugar ocupado geralmente por PET's de outras áreas do conhecimento me proporcionou uma enorme satisfação, bem como a consciência da necessidade de as Letras ocuparem lugares sociais e políticos a que, muitas vezes, não lhe são incumbidos.

Quanto à pesquisa, participei, em 2018 e 2019, do projeto *O discurso midiático e a produção de sentidos: linguagem e tecnologia*, sob orientação da Professora Cassiane Souza de Medeiros. A partir de 2020, passei a ser bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), no projeto *A produção de sentidos a partir da relação língua, sujeito e história na circulação do conhecimento linguístico*, sob orientação da professora Amanda Eloina Scherer. Em ambas as pesquisas, participei de eventos regionais, nacionais e internacionais, além de produzir artigos, capítulos de livros e demais produções acadêmicas. Foram essas produções que me possibilitaram ingressar no mestrado, na Universidade Estadual de Campinas, e ganhar o 4º Prêmio *Carolina Bori: Ciência & Mulher*, como pesquisadora na área das Humanidades, na modalidade graduação, em fevereiro de 2023.

Petiana: Eduarda Figueiredo Rodrigues

Tornei-me discente do PET Letras já no primeiro semestre do curso e só fui desligada no momento em que concluí minha graduação. Durante todo esse período, foram várias atividades e projetos dos quais participei que envolviam a tríade: ensino, pesquisa e extensão. A partir disso, inicio destacando o projeto que encarei desde a minha entrada no PET, a *Revista Ideias*. Esse projeto foi/é muito grandioso e importante na minha vida. No ano de 2018, obteve-se a ideia de resgatar o periódico da revista do Curso de Letras, a Ideias. Sendo assim, nesse mesmo ano, nós começamos diversos preparativos para que isso acontecesse. A edição especial que marcaria o retorno das atividades do periódico seria publicada no primeiro semestre de 2019, por isso, tínhamos muito trabalho pela frente. Com o intuito de resgatar as memórias e histórias do curso, a edição especial contou com o resgate de textos já publicados pelos atuais professores do curso de Letras, enquanto ainda estavam na graduação, uma vez que a revista era voltada para a publicação dos acadêmicos do curso.

Recordo-me de todo o envolvimento e preparativos para conseguir resgatar a importância do período. Outro detalhe bem importante que ficou sob minha responsabilidade, foi a capa da edição especial. Para dar seguimento na ideia de resgate dos 30 anos de história da Revista Ideias, fizemos um compilado das artes das capas dos anos anteriores, antes de ela ser desativada. Então, de 2018 a 2022, eu integrei o corpo de editoração do periódico, trabalhando durante todos os semestres para que tudo ocorresse de forma impecável nas publicações dos números. O trabalho envolvia estar sempre em contato com a Comissão Editorial e os autores, realizar todo o processo de editoração do texto, solicitando adequações quando necessário. Por fim, cabe destacar que todo o trabalho, cursos e envolvimento foram extremamente válidos e significativos em meu percurso de formação pessoal e profissional.

Por conseguinte, é extremamente relevante dar destaque ao projeto das *Mídias Sociais*. Afinal, tratava-se de resgatar fotos, vídeos, registros de todos os anos de história PET Letras para montar o site institucional com todas essas informações, divididas por seus respectivos anos. Além disso, no site, tínhamos a tarefa de manter sempre atualizado e com notícias refe-

rentes às atividades que estavam sendo realizadas mensalmente e semanalmente. Para além do site institucional, criamos também o Instagram, espaço midiático de grande relevância para a divulgação dos projetos desenvolvidos. Durante dois anos, fui a responsável também pela confecção e registros de certificados, pode até parecer um trabalho bem simples, mas demandava muito tempo e atenção. No trabalho de confecção de certificados, pude desenvolver meus conhecimentos em aplicativos/sites de design de documentos, aprendizados que são extremamente úteis atualmente em minha vida profissional.

Quanto à pesquisa, participei de 2018 a 2022 do projeto intitulado *Banco de Políticas Públicas sobre Línguas no Brasil (BPL)* sob orientação da professora Larissa Montagner Cervo. Nesse mesmo projeto, fui bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPQ), durante dois anos. O projeto a que estive vinculada durante quatro anos de graduação tinha como objetivo a criação de um banco online que reunisse diversas legislações em relação às Políticas de Línguas existentes no território brasileiro.

No ano de 2018, começamos a busca incansável pelas legislações, após a seleção e organização dos documentos da esfera jurídica, começamos o trabalho para a criação e configuração do site institucional da Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente, as legislações estão disponíveis no site¹ para acesso de estudiosos e pesquisadores da área. Abracei esse projeto durante a minha graduação com toda dedicação e fascínio pela temática. A pesquisa também possibilitou apresentações e participações em eventos regionais, nacionais e internacionais. Além disso, serviu como objeto de análise do meu Trabalho de Conclusão de Curso “A construção do arquivo do Banco de Políticas Públicas sobre Línguas no Brasil (BPL): a organização cronológica em perspectiva”.

Finalizo, salientando que todas as vivências e experiências adquiridas durante o percurso como discente do PET Letras foram relevantes para minha formação profissional, conhecimentos que utilizo em minhas práticas como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II e professora/gestora do EDUCA+ Centro Educacional.

¹ Link para acesso ao BPL <https://www.ufsm.br/projetos/pesquisa/bpl>.

Imagem: Petiana Eduarda apresentando o trabalho “Quero a língua de volta: análise das questões de promoção, proteção e defesa da língua nacional com base em legislações que tratam de estrangeirismos”, na Jornada Acadêmica Integrada (JAI)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Permanências

Como moradoras de casa do estudante, durante a graduação, cotistas de escola pública, atravessadas pelas origens de crescer em cidades pequenas do interior do estado, além de um percurso sólido em nossas vidas acadêmicas, o PET Letras foi, para nós, a permanência em uma universidade pública. Nunca entendemos as tarefas como obrigação; sempre vimos o Programa como um elo à oportunidade de crescer acadêmica, pessoal e profissionalmente. As bolsas mensais possibilitaram a compra de livros, a inscrição em eventos e, basicamente, a nossa vida universitária. Muito se fala no quanto uma bolsa é essencial para pesquisa, ensino e/ou extensão, mas pouco se fala no quanto a mesma se torna essencial, sobretudo, para quem é de baixa renda concluir uma graduação.

O PET também foi permanência porque não nos vemos concluindo uma graduação sem as relações que criamos. A nossa, em especial. Na pandemia,

foram os encontros online, as reuniões semanais e os planejamentos mensais que não permitiram nos isolarmos uma da outra e do restante do grupo. A pandemia significou muitos sentimentos ruins em nossas vidas, mas graças ao PET muito também foi ressignificado: organizar eventos, gravar *podcasts* e entrevistas e encontrar-se de forma virtual passaram a ser o momento de troca e carinho em meio ao caos. Não estávamos apenas sendo produtivas, estávamos produzindo outras formas de se relacionar com o conhecimento sem cobranças e com mais empatia. A partir disso, percebemos que mais importante que um percurso individual é o que nos faz permanecer juntas no percurso.

Mesmo seguindo nossas vidas, agora graduadas, o PET permanece no modo como vemos ensino, pesquisa e extensão; na relação que temos com o lecionar e o pesquisar; em se relacionar com o grupo, com o social e o político, estando numa universidade pública ou fora dela. A autonomia, a liderança, o respeito e a empatia fazem mais parte de nós que antes de sermos petianas. Por isso, ainda que algum tempo já tenha se passado desde o fim desses percursos no início de 2022, ser PET, apenas uma vez, já é o suficiente para (permanecer) ser petiana na vida e no resto dela.

Imagem: Petianas Alessandra e Eduarda no evento Jornada de Estudos da Linguagem, em Pelotas, custeado pelo PET Letras



Fonte: Acervo pessoal da autora.

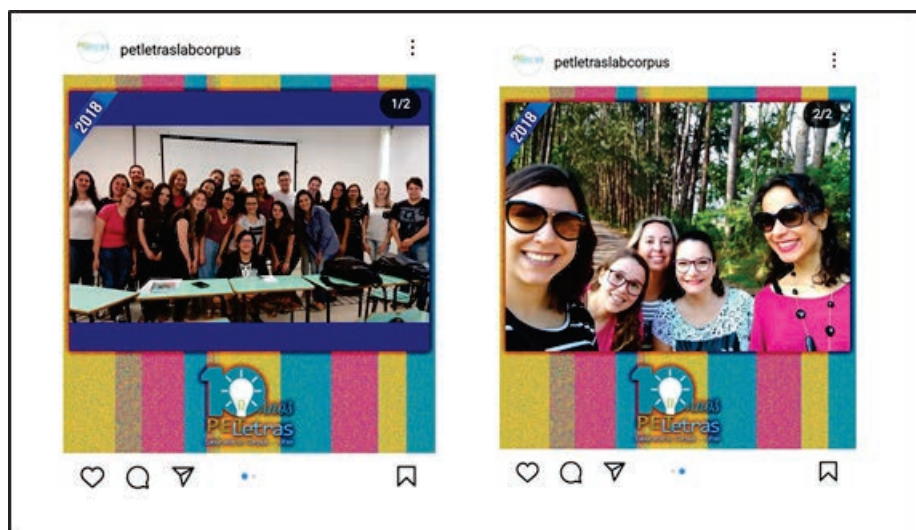
A identidade petiana e a construção de um percurso ativo na universidade pública: experiências de uma ex-petiana do PET Letras da UFSM

Camilla Machado Cruz

Me recordo perfeitamente de quando compareci, numa manhã ensolarada, à entrevista de seleção para participar do Programa de Educação Tutorial – PET Letras – Laboratório Corpus dos cursos de Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no prédio 40-A, em 2019. Eu era graduanda do curso de Letras – Habilitação em Espanhol e Literaturas da Língua Espanhola, um curso noturno de licenciatura.

Ademais, eu já conhecia a importância da atuação do Programa, pois já havia participado de algumas atividades organizadas pelo PET, como o dia em que conversamos com a Profa. Dra. Dantielli Assumpção Garcia, da Universidade do Oeste do Paraná/Campus Cascavel, sobre feminismo(s) e linguística, temas que muito me interessam. Cinco anos depois desse encontro, é emocionante perceber que a professora Dantielli esteve em minha banca de defesa de mestrado recentemente, sendo, desde a graduação, grande inspiração para minhas pesquisas acadêmicas.

Imagem: Encontro do PET Letras com a
Profa. Dra. Dantielli Assumpção Garcia (UNIOESTE), em 2018



Fonte: Instagram.

Na ocasião da entrevista, eu não fazia ideia de que alguns anos depois, assim como os alunos que me entrevistaram, eu participaria de uma banca de seleção do programa, ainda que online, devido à pandemia. Após ser questionada se precisaria da bolsa para me manter na faculdade estudando e eu ter dito que ela não era primordial, lembro que aguardei ansiosamente até o período da tarde para saber que havia sido aprovada. Felizmente, fui aprovada com bolsa, o que me ajudaria a manter os custos de estudo, como, por exemplo: livros, transporte de ônibus e refeições. Depois disso, foi uma experiência fundadora, ir à primeira reunião do grupo, conhecer estudantes bolsistas, dado que o programa é financiado pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC), além de voluntárias e voluntários que já participavam do programa e ingressantes, como era o meu caso. Nesse primeiro momento foi possível perceber que o trabalho era intenso e havia demandas específicas em cada projeto do programa.

Durante o período que participei do PET (2019-2021), os projetos independentes desenvolvidos que se destacaram, foram os seguintes: “Oficinas do PET Letras”, “Memória e história como objeto de ensino em uma

escola municipal de Silveira Martins”, Podcast “Vozes do 40A”, Podcast “Ecos do Vozes do 40A”, “A manualização do saber linguístico: o processo de produção de guias de linguagem inclusiva”, “Práticas de Letramento Literário (Praelit)”, “PET é Letras – Rodas de Conversa” e “Revista Ideias” (na qual tive a oportunidade de publicar).

Éramos cerca de quinze participantes, divididos em projetos, coordenados por professores convidados da área de Letras. Tais projetos foram criados em reuniões do grupo, os quais eram renovados ou substituídos a cada ano, sendo vinculados ao programa em atividades acadêmicas que articulavam ensino e pesquisa, tanto internas (na própria UFSM), quanto externas (atividades de extensão), direcionadas à comunidade não-acadêmica.

Nesse ínterim, não demorou muito para que nos sentíssemos muito à vontade com nossa tutora, a Professora Taís da Silva Martins, também minha orientadora de pesquisas desde 2015, seguindo até o mestrado, que defendi recentemente, em 2023. Conquista que, sem dúvida, ocorreu por meio da propulsão do PET na minha vida acadêmica, conforme será possível perceber neste breve relato de experiência.

Nossa tutora, a professora Taís, pessoa bastante compreensiva e receptiva, sempre soube exercer a tutoria que necessitávamos para tomar nossas próprias decisões como grupo e encarar as consequências depois, deixando visível a importância do programa para a universidade e seu legado, resultado de muito esforço e dedicação, especialmente em meio às dificuldades econômicas governamentais de incentivo aos projetos do Brasil, em diferentes épocas, desde a criação do programa no Brasil (2005) e do surgimento do PET Letras na UFSM (2010).

As reuniões do grupo geral eram semanais e ocorriam, até mesmo, ao meio-dia, dada a dificuldade de estabelecer um horário para que todos nos encontrássemos. Nós sempre trabalhamos em um ritmo intenso, que contagiava os corredores da universidade. Já as reuniões específicas de cada projeto eram quinzenais, conforme a demanda de cada atividade desenvolvida no momento. Lembro que era ótimo conviver com estudantes como eu, naquele ambiente com cheirinho de café, de livros e de trabalho a ser feito.

Estávamos constantemente exaustas e exaustos das aulas, visto que estudávamos em diferentes cursos de Letras (Licenciatura em Espanhol,

Inglês, Português ou Bacharelado em Português) e nossas aulas ocorriam em turnos distintos. Nos encontrávamos, nos divertíamos organizando a sala do PET, ficávamos ansiosos nos eventos promovidos pelo programa, tudo isso sempre obtendo sucesso, precedido de muito esforço. A sala do PET, no prédio 40A, o prédio onde funcionam os cursos de Letras, era um espaço de trabalho intenso, de muito afeto e de construção de memórias afetivas. Era aquele espaço no qual, nós, enquanto petianas e petianos, sabíamos que encontraríamos paz para estudar e trabalhar, assim como pessoas queridas para conversar, o que sempre faz falta na velocidade acelerada do âmbito acadêmico.

Mensalmente, participávamos do INTERPET, um encontro aos sábados, em que os participantes dos cursos PET da UFSM tinham a oportunidade de divulgar os projetos e de confraternizar, o que, certamente, contribui para a identidade petiana, de ser uma ou um estudante de excelência. No primeiro INTERPET que compareci, foi motivador ver um dos auditórios da UFSM cheio de jovens (principalmente), de tantos cursos diferentes, tratando de questões tão pertinentes para a comunidade de nossa cidade, Santa Maria, visando a oferecer o que a universidade pública brasileira tem de melhor: conhecimento e perseverança para mudar, características que fazem parte da identidade petiana. Lembro vivamente que nosso grupo, o PET Letras, era o PET responsável por aquele marcante INTERPET, minha estreia.

No final do evento, em ricordo que houve a recepção das novatas e dos novatos, bem como a despedida de quem estava saindo do programa, na qual desfilamos e dançamos, sem ter a mínima ideia de que a alegria que estávamos sentindo fazia parte de uma participação momentânea e fugaz, embora intensa, do nosso tempo de permanência no programa. Era emocionante observar essa movência a cada edição: estudantes chegando e outros se desvinculando, levando sempre as marcas que participar do PET deixa, como trabalhar em grupo e saber que sempre podemos pensar melhor se trabalharmos em equipe.

Essa cooperação necessária era perceptível a cada final de ano, quando precisávamos elaborar em conjunto o relatório das atividades de cada projeto, com fotos e informações detalhadas da contribuição social exerci-

da pelo programa. Era uma tarefa exaustiva, mas que nos permitia visualizar a grandiosidade do que construímos ao longo do ano. Sempre sabíamos que havia mais pelo caminho se a atividade constasse como “parcialmente concluída”. No PET, trabalhávamos muito, mas, seguramente, nos divertíamos como poucos programas.

Algumas das dificuldades que enfrentamos enquanto grupo, foi o período de pandemia do perigoso vírus Covid-19. Nesse momento delicado, em que tudo mudou globalmente e muitas pessoas ficaram doentes e/ou perderam pessoas queridas, tenho certeza que o PET perseverou, representando ser um eficiente programa governamental, apesar de todos os percalços. Ao realizarmos nossas atividades, precisamos repensar muitas coisas, adaptando os projetos já criados no início do ano de 2020, incluindo novos projetos, bem como renunciando outros, a fim de viabilizar o contato não presencial.

Na pandemia, para os grupos PET, foi bastante complicado realizar as atividades virtualmente. Sempre dependendo da tecnologia e da conexão de internet, em todas as reuniões, até mesmo nos seminários internos de pesquisa, em que nós compartilhamos tanto conhecimento sobre nossas pesquisas individuais (além de saborosos cafés e prazerosas conversas), nos eventos das oficinas do PET Letras, bem como nos eventos do INTERPET, passamos a depender da união de um grupo de pessoas que partilhavam o PET como ideal e se complementavam em diferentes perfis para a realização de tarefas necessárias.

Entre tantas lembranças, é preciso ressaltar que, academicamente, o PET é importante no sentido de tratar-se de um programa nacional que incentiva as participantes e os participantes, discentes de graduação, a aprovarem nas disciplinas, terem um orientador para desenvolverem suas pesquisas e terem muita disciplina para participarem das inúmeras atividades do programa, como as oficinas oferecidas e apresentadas pelos docentes da UFSM, por exemplo, que possibilitaram que discentes, em geral, conhecessem um pouco mais sobre a área de Letras.

Além das participações em projetos, era comum e obrigatório que participássemos de eventos na universidade (bem como fora dela), como a Jornada Acadêmica Integrada (JAI) da UFSM, da qual sempre participei,

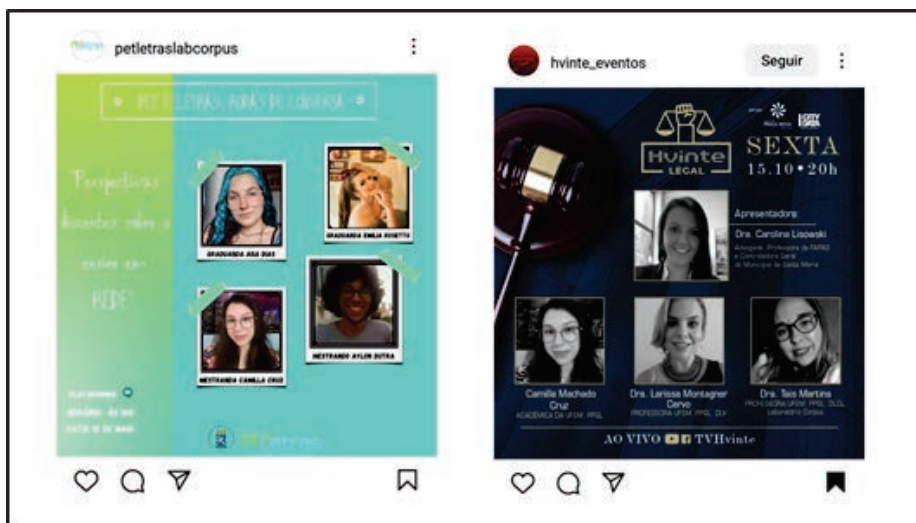
tanto divulgando minhas pesquisas, como os projetos do PET. Outras ações memoráveis foram as vezes que participei do Descubra UFSM, evento anual que visa disponibilizar informações sobre os cursos oferecidos pela UFSM e sobre aquilo que a universidade produz, explicando acerca dos cursos de Letras da UFSM, contribuindo para a escolha acadêmica futura de jovens estudantes. No PET, aprendemos diariamente a falar de quem somos e a quais nichos pertencemos, enquanto sujeitos na universidade que pertencem a um grupo com interesses comuns.

Em 2020, tive a grandiosa oportunidade de participar de um evento online, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (PPGL/UFSM), intitulado “A formação do Pesquisador em Letras: o papel do Programa de Educação Tutorial”, parte da série de eventos “Reflexões em tempos de pandemia”. Naquele encontro emocionante, eu, juntamente com ex-petianas e ex-petianos, assim como petianas e petianos, pudemos contar acerca de nossa participação no PET e como isso influenciou em nossa vida acadêmica. É perceptível que, ao participar do PET, futuramente, muitas pessoas fazem curso de pós-graduação, além de obterem o tão almejado sucesso profissional.

Ainda no auge da pandemia, em 2020, lembro de um episódio bem específico que me marcou. Eu havia me organizado para fazer uma viagem à Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), a fim de participar do evento PETchê, o qual acabou não ocorrendo, o que me frustrou, pois eu estava ansiosa para divulgar nossos projetos e conhecer petianas e petianos de outra universidade, em outra cidade, ficando hospedada na própria universidade. No PET, também aprendemos que nem sempre as coisas saem como planejamos. É preciso encontrar outras alternativas, novas formas de alcançarmos nossos objetivos.

Em 2021, participei de outros eventos muito importantes para mim enquanto petiana, como os que seguem: “Perspectivas discentes sobre o ensino em rede” (um convite do projeto “PET é Letras: Rodas de Conversa”) e “Hvinte Legal” (para tratar do projeto “A manualização do saber linguístico: o processo de produção de guias de linguagem inclusiva”).

Imagem: Eventos no ano de 2021



Fonte: Instagram.

Para explicitar melhor meu intenso percurso no PET, desde o segundo semestre do ano de 2019 ao segundo semestre do ano de 2022, tratarei de duas de algumas de minhas participações mais significativas no programa, como os seguintes projetos, intitulados: “Memória e história como objeto de ensino em uma escola municipal de Silveira Martins” e “A manualização do saber linguístico: o processo de produção de guias de linguagem inclusiva”.

Primeiramente, participei do projeto “Memória e história como objeto de ensino em uma escola municipal de Silveira Martins”, coordenado pela Profª. Dra.Amanda Eloina Scherer (DLCL/PPGL/UFSM), entre os anos 2018 e 2019, que resultou em um dicionário de expressões oriundas da colonização italiana, representando um vocabulário que faz parte da cultura silveirense, além de um belo vídeo das crianças usando essas expressões e explicando-as e tratando de outros temas culturais do município, como as festas típicas e as lendas populares.

Para o desenvolvimento desse projeto tão especial e rico culturalmente, viajávamos quinzenalmente de Santa Maria à Silveira Martins, pequena cidade próxima a Santa Maria, dispondo do transporte da UFSM. Nosso trabalho era desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental

Frederico Savegnago, na Vila Cattani. Nosso objetivo de elaborar uma espécie de acervo material que fosse capaz de representar um pouco da memória e da história da região foi alcançado com sucesso, o que foi possível ver no olhar brilhante de cada estudante participante.

Em um segundo momento, no período da pandemia de Covid-19, também participei do projeto “A manualização do saber linguístico: o processo de produção de guias de linguagem inclusiva”, coordenado pela Profa. Dra. Taís Martins (UFSM/DLCL/PPGL), desenvolvido entre os anos de 2020 e 2022, que resultou em um *podcast* publicado no “PET é Letras”.

Imagem: Episódio 15 do Podcast “Vozes de 40A”, sobre linguagem inclusiva, em 2022



Fonte: Instagram.

O projeto surgiu em 2020, no momento em que necessitamos remodelar os projetos pensados inicialmente, em nossa primeira reunião, devido à pandemia de Covid-19. Dessa forma, foi essencial criar um projeto que desse conta de desenvolver atividades virtuais que pudessem contribuir para a conscientização linguística de algum tema relevante. Sendo a linguagem inclusiva um tema bastante discutido na atualidade (tanto no âmbito acadêmico, como nas mídias sociais, nas produções audiovisuais, nas leis, nos

manuais, entre muitos outros), bem como considerando que a universidade é um lugar de diversidade, tivemos essa ideia de discutir questões de gênero relacionadas à língua e à linguagem.

Vale dizer que, ainda enquanto graduanda, em 2019, eu já havia trabalhado com esse tema em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvido sob orientação da Profa. Dra. Eliana Sturza (DLEM/PPGL/UFSM). Após minha significativa participação no projeto, eu segui trabalhando com o tema no mestrado. Nesse sentido, o PET foi essencial para mim, para que eu pudesse traçar um caminho depois da graduação, descobrindo quais eram meus maiores interesses, o que, de fato, era capaz de me mobilizar enquanto pesquisadora.

Em nossos encontros, discutimos com especialistas em Letras e em Ciências Sociais, lemos diversos artigos sobre o tema, bem como pesquisamos acerca do uso da linguagem inclusiva em documentos da UFSM, sempre preocupados com a intervenção da área de Letras nessa discussão social que parte da língua para expressar uma posição política. O objetivo do projeto consistiu em propor um manual de linguagem inclusiva não sexista direcionado aos programas PET da UFSM, a fim de propagar o uso de uma linguagem não discriminatória que visibilize as mulheres.

É importante sinalizar que, no PET, através do exercício da disciplina e da proatividade, aprendemos, diariamente, que não há fronteiras para (re)pensar nossa sociedade quando atuamos em conjunto, buscando aprimorá-la para uma melhor convivência, em um mundo melhor, mais preocupado com a comunidade em geral. Dessa forma, com base em muito trabalho e no cultivo do afeto em meios às adversidades, comprovamos que é possível, embora não seja simples, obter sucesso ao aliar a comunidade acadêmica e a comunidade externa.

Finalmente, em meio a inúmeras memórias, percebo que é impossível lembrar de tudo que vivi, mas é essencial destacar que minha permanência no PET foi extremamente significativa para minha vida, assim como certamente ocorreu com colegas, amigas e amigos que fiz durante minha participação no programa, porque me incentivou a realizar atividades de ensino, pesquisa e extensão, sempre acreditando que a universidade precisa e deve ser um lugar de circulação de conhecimento, o qual não deve limitar-se aos muros da universidade.

Como o PET Letras colaborou para o desenvolvimento da nossa vida acadêmica? Ser petiano é ser inspiração!

Gabriela Gonçalves Ribeiro

Jaíne da Silva

Acreditamos que escrever sobre o Programa de Educação Tutorial (PET) não é uma tarefa fácil. É difícil selecionar algumas das muitas possibilidades que esse grupo nos oportunizou e continua irradiando em nossa caminhada, tanto acadêmica quanto pessoal. Dessa forma, decidimos organizar nosso texto com as seguintes partes: nossa apresentação; apresentação dos projetos nos quais cada uma de nós participou durante o tempo em que permanecemos no grupo e uma experiência marcante; e o que o PET nos proporcionou que levamos conosco para nossa trajetória, agora, como mestrandas em Letras.

Eu, Gabriela Gonçalves Ribeiro, iniciei minha trajetória no curso de Letras Bacharelado – Português e Literaturas (UFSM) em março de 2016, e lembro claramente quando ainda na primeira semana de aula, alguns colegas que já participavam do PET Letras pediram licença para adentrar a sala e convidar os novos alunos para conhecer o grupo, comparecer a alguma reunião e conversar sobre os projetos que eles desenvolviam.

Já de início me interessei pelos projetos que eram desenvolvidos, e quando o processo de seleção para novos integrantes do grupo foi publicado, não hesitei em me inscrever. Fui integrante do grupo de 2016 a 2019, durante os quatro anos de graduação e, durante esse período, aprendi muito sobre o que é ser uma aluna de excelência, transformar o que aprendemos em sala de aula em novos aprendizados para os projetos de extensão e em muita dedicação para a pesquisa.

Ao longo dos anos que estive no PET pude experienciar meu primeiro contato com a pesquisa acadêmica, colocando em prática o que me des-

pertou interesse de pesquisar, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Verli Petri. Minha pesquisa, nomeada *“Reflexões introdutórias sobre o discurso de um regime ditatorial e suas relações com a imigração na Coreia do Norte”* foi o que deu início ao meu verdadeiro interesse pelo mundo acadêmico. Aos poucos, graças a essa possibilidade oferecida pelo PET Letras, fui aprendendo como funcionava a escrita de um artigo científico, as apresentações em evento, as discussões sobre a teoria com os colegas nos eventos, que nos proporcionava aprimorar as pesquisas, aprofundar determinados assuntos e conhecer outros.

Ao longo dos três anos e meio em que fui petiana, participei de diversos projetos, conheci escolas da cidade de Santa Maria, auxiliei colegas em ciclos de palestras oferecidos à comunidade acadêmica, aprendi a organizar eventos junto aos colegas petianos e às coordenações dos cursos de Letras da UFSM, experiências muito enriquecedoras que eu jamais teria aceso em outro lugar. Mas, das muitas experiências proporcionadas pelos projetos criados pelo grupo, o primeiro que participei me marcou para sempre e até hoje me traz boas reflexões e lembranças.

Ao entrar no PET Letras, o primeiro projeto do qual participei foi o “CINE ARTE”, desenvolvido na ONG “Orchestrarium” que se localiza na ULBRA, pólo de Santa Maria. A ONG em questão trabalhava com crianças em situação de vulnerabilidade, ensinando-os a tocar instrumentos de orquestra, e foi nesse lugar que levamos o CINE ARTE, o projeto que tinha o propósito de levar curtas que carregassem mensagens educativas e de cidadania para essas crianças, juntamente com alguma atividade que os fizesse expressar a criatividade.

Aquele foi meu primeiro contato com crianças, e confesso que senti medo de não estar preparada, mas como o PET é união, confiei nos colegas veteranos de grupo que me ajudaram e ensinaram tudo que também aprenderam como petianos. Proporcionar uma reflexão para aquelas crianças e ajudá-los a se desenvolver por meio das atividades que eram propostas foi maravilhoso, ver na prática a teoria que se estuda na Universidade é gratificante. Essa primeira experiência me cativou, e fez de mim uma petiana de verdade, me ensinou a trabalhar em grupo, a dialogar com mais de dezoito pessoas em uma conversa na qual todos sejam ouvidos, e isso não é algo que se limite somente ao meio acadêmico, são aprendizados que levarei para a vida. O saber compartilhado é inesquecível e nunca é demais.

Imagem: Encontro do projeto “CINE ARTE”



Fonte: Grupo de Facebook do PET Letras.

Eu, Jaíne da Silva, ingressei no PET dos cursos de Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em abril de 2019, quando estava no terceiro semestre do curso de Letras Português e Literaturas em Língua Portuguesa – Licenciatura, e permaneci no grupo até um pouco antes de concluir o curso, em abril de 2022. Foram quase três anos de envolvimento em reuniões, planejamentos, desenvolvimentos e relatórios de projetos, atividades de pesquisa, dentre outros.

Durante o tempo em que estive no PET, participei dos projetos “*Projeto de pesquisa com Livros Didáticos e com Dicionários – lexicografia*” e do “*Acervo Documental de Livros Didáticos*”, coordenados pela Prof^a. Dr^a Rosaura Albuquerque Leão, os quais foram fundamentais para a escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso, que também teve o livro didático e o dicionário como objetos de pesquisa e também foi orientado pela mesma professora. Minha pesquisa, nos anos em que fui petiana, teve por objetivo verificar se há ou não, relação de sentidos entre dicionário e glossário (presentes em livro didático), recursos linguísticos que legitimam a disciplina de Língua Portuguesa, o que contribui para o ensino do léxico e a compreensão do papel que cada um desses instrumentos desempenha em sala de aula.

Além desses, participei do Projeto de extensão “*Memória e história como objeto de ensino em uma escola municipal de Silveira Martins*”, em que

participei das atividades me deslocando, juntamente de outros colegas, até Silveira Martins; projeto de pesquisa *“A manualização do saber linguístico: o processo de produção de guias de linguagem inclusiva”*, coordenado pela Prof^a. Dr^a Taís da Silva Martins, no qual propomos um manual não sexista, para o registro de documentos comuns a todos os PETs, a partir da utilização de palavras disponíveis e registradas na Língua Portuguesa.

Dos projetos citados, posso destacar a experiência que tive com o trabalho desenvolvido no projeto de extensão na Escola Municipal João Frederico Savegnago, de Silveira Martins, pois foi uma das primeiras inserções minhas em escolas, desde que havia entrado no curso, e a primeira inserção minha em uma escola de uma cidade que não fosse minha cidade natal e nem de Santa Maria. Esse período de projeto me oportunizou conhecer uma realidade diferente, tanto da escola, que se localizava no meio rural, quanto da cultura dos próprios alunos, que foi um pouco demonstrada no vídeo, materialidade produzida a partir dos encontros que tivemos com eles.

Imagem: Alunos da Escola João Frederico Savegnago
em uma das atividades propostas



Fonte: Grupo de Facebook do PET Letras.

Dessa forma, podemos elencar o que o PET representou e continua representando tanto em nossas memórias quanto em nossos projetos, em três pontos muito importantes para a nossa formação profissional e pessoal: o

primeiro é a relação interpessoal, já que foi a partir da nossa inserção no grupo que conhecemos pessoas dos demais cursos do prédio 40 A, como acadêmicos, professores e, ainda, integrantes de outros PET's, quando ocorriam os InterPETs ou atividades em que os grupos se integravam; o segundo é o desenvolvimento de habilidades e competências que não só foram válidas durante o período em que participei do PET, como também, são úteis até hoje, porque durante a participação no grupo, nos envolvemos em diferentes atividades de planejamentos, de desenvolvimentos de relatórios de projetos; o terceiro é o fato de que os conhecimentos obtidos enquanto fomos petianas, foram de suma importância para a participação e posterior aprovação na seleção de Mestrado em Letras, no primeiro semestre do ano de 2022, destacando que foi a partir do PET que adentramos no universo da pesquisa.

Contudo, o PET Letras é um grupo que proporciona as mais diversas experiências que um aluno pode ter durante o curso de graduação, seja no que diz respeito às atividades acadêmicas ou nas relações interpessoais. É o conjunto dos petianos(as) juntamente com a tutora que faz a força desse grupo que transformou nossas trajetórias para sempre. Aos petianos que virão: não desperdicem essa chance de aprendizado, ela é única, e passa muito rápido! Ser petiano, é ser exemplar, é ser a inspiração para os outros alunos que ainda terão o privilégio de ocupar esse lugar!

Imagem: Grupo PET no ano de 2019



Fonte: Grupo de Facebook do PET Letras.

Evolução e contribuição

Guilherme Hatwig Piper

Eu ainda lembro hoje quando foi o dia que eu decidi com certeza que entraria para o PET-Letras. Não lembro exatamente que dia foi, ou como estava o clima, mas lembro da sensação, não vou dizer que estava em êxtase ao contemplar a proposta de me juntar a um grupo de pesquisa e extensão da universidade pois era 2020, auge da pandemia de coronavírus; eu já estava na metade do curso de Bacharelado em Letras e a capacidade natural do meu cérebro de produzir dopamina o suficiente para entrar em êxtase tinha sumido em algum ponto em meados de 2019.

Não, esse já era um ponto na minha formação acadêmica na qual eu era movido a base de café e um temperamento teimoso e obstinado que vem sendo transmitido de geração a geração desde que meus antepassados vieram para cá do leste alemão cerca de 100 anos atrás. A decisão de me juntar ao PET-letras veio para mim durante uma das minhas últimas aulas remotas com a Prof^ª Dr.^a Verli Petri, mais especificamente, realizando a disciplina de Revisão de Textos II.

Aconteceu, bem especificamente, numa das últimas aulas da disciplina. Logo no início, havíamos recebido a notícia de que, como atividade final da disciplina, realizaríamos a revisão de um artigo que seria publicado na próxima edição da Revista Ideias. A ideia era de que nós, como estudantes de Letras, aprenderíamos como realizar um dos trabalhos para os quais deveríamos estar capacitados até o final do curso, por meio da realização prática dele, sob a supervisão de uma pessoa que fosse realmente qualificada para isso.

Pessoalmente pensei que fosse uma ideia não incrivelmente sensata. Afinal de contas, eu era (na minha opinião, é claro) um acadêmico iniciante com mais entusiasmo que talento, também era menos sensato do que eu deveria ser nesse ponto da minha vida. Para completar a trifecta da incompetência, ao contrário de meus colegas, meus hábitos de leitura não haviam mudado muito

desde o ensino médio, como consequência, minhas leituras de artigos acadêmicos não eram realizadas com frequência. Devido a tudo isso, minha confiança de que eu conseguiria revisar um artigo científico de algum nível de seriedade, com algum grau de competência era, justificavelmente, zero.

Ainda assim, quando realizamos a revisão, algo abriu na minha mente, entre as dificuldades para entender as diferenças entre o emprego dos vocábulos “deste” e “desse”, e as minúcias de como manter a polidez no diálogo com o autor, algo fez sentido, alguma coisa primordial no meu cérebro liberava uma quantia descomunal de neurotransmissores quando realizava um comentário. Sentia um pouco de dopamina quando corrigia um erro de digitação, doses de endorfinas quando realizava um comentário que poderia beneficiar a clareza do texto, e enchentes de serotonina quando eu conseguia ajudar o autor com uma questão gramatical. Toda aquela tarefa me deu uma sensação que eu não tinha há muito tempo, me senti útil, parte de algo maior que eu mesmo, que servia um fim além da produção de algum texto cujo objetivo era provar que eu havia compreendido algum conteúdo específico ou outro.

Seja o que for que me levou a ter essa reação ao ofício da revisão textual, uma predisposição genética que vem com ter uma mãe que corrige a ortografia e gramática de pessoas via WhatsApp, ou algo no fundo das minhas memórias infantis, revendo meu pai, professor de escola pública, sentado na mesa da sala de jantar corrigindo atividades de alunos do ensino fundamental; uma coisa ficou clara, eu precisava de mais. Por isso, nem mesmo acabada a atividade decidi tentar entrar no PET-Letras, o que me levaria para caminhos que não poderia ter previsto com base nos eventos que levaram à minha candidatura.

Essa decisão me levaria a trabalhar, nos próximos dois anos, em uma série de trabalhos e atividades que me fariam apreciar mais, não só minha área de estudos, mas também a minha formação como estudante de letras. Porém, o que mais me marcou nesses dois anos foi minha atuação na Revista Ideias, algo que, como eu falei para nossa orientadora, Prof^a Dr.^a Taís Martins, enquanto eu vestia um pijama em uma chamada de vídeo de 10 minutos e tomava um café com leite gelado no início da manhã, era meu objetivo original.

Foi assim que eu me tornei o faz-tudo extra-oficial da Revista Ideias, com a admirável tarefa de aparecer em reuniões, concordar com o que foi

dito por alguém mais competente, e ajudar no processo de revisão da edição seguinte. Confesso que concluí a primeira tarefa com mais entusiasmo que as demais, mas isso não me impediu de ser um membro produtivo do processo de criação da edição que produzimos naquele semestre. Não me limitei a apenas ser um membro da equipe de edição, também me juntei à equipe de revisores da Grámmatosjr. (a empresa júnior de revisão do curso de bacharelado), assim como me tornei monitor da disciplina de Revisão de Textos II para aquele semestre, que, novamente, participou no processo de preparação dos textos a serem publicados.

Claro, na época em que entrei no grupo, teria gostado que minhas atividades no PET-Letras se limitassem a uma confortável incursão no mundo da revisão textual. Felizmente, o grupo gentilmente me forçou a participar de uma série de diferentes atividades que permitiram a expansão dos meus, até então perfeitamente familiares, horizontes.

O primeiro desses foi minha entrada como locutor da continuação da série de podcast que o PET vem realizando faz alguns semestres, no qual conversam com professores e funcionários da UFSM. Eu havia me juntado ao grupo responsável pela formulação das entrevistas assim como a realização, edição e publicação das gravações resultantes. Em uma das primeiras reuniões, decidi, impulsivamente, me voluntariar para atuar como o interlocutor da gravação. Tive que, no processo de conversar com os professores, de alguma forma ou outra, aprender a ignorar a meia dúzia de problemas de ansiedade que outrora me levariam a nunca procurar uma tarefa como essa.

Também tive meu período como monitor responsável pela supervisão do Laboratório Corpus do Programa de Pós Graduação em Letras da UFSM, associado ao PET Letras desde a criação do grupo. Quando fiz parte dessa gloriosa tradição do PET (que envolvia muitas horas de sentar em um laboratório vazio, porque me foi designado um horário no qual o laboratório não era normalmente utilizado) tive a oportunidade de aproveitar a vasta coleção de livros situada no acervo do laboratório, escondida dos olhos de meus colegas estudantes. Tinha em minhas mãos, uma coletânea de livros de linguística e literatura, prosa e poesia, fotografia e quadri-nhos, escritos em ao menos 4 línguas diferentes. Entre atender quem aparecia na sala e oferecer café para os professores e alunos que visitavam o labo-

ratório durante meu horário, sempre fazia questão de ler algumas páginas de algo que me chamava atenção no acervo, desde quadrinhos belgas obscuros, e uma carta detalhando a natureza da felicidade segundo Epicuro, até uma cópia de uma linda impressão antiga do Curso de Linguística Geral de Saussure, em francês e com as páginas ainda não cortadas.

Claro, nem tudo foi uma série de maravilhas, depois dos dois anos que passei como parte do grupo PET Letras, carreguei alguns arrependimentos, o único deles que é de alguma forma sério é não ter completado talvez os trabalhos com os quais mais me envolvi de maneira emocional. De alguma forma, consegui me enfiar no processo de reorganização do acervo do Laboratório Corpus, e, simultaneamente, no processo de resgate das edições da Revista Ideias que haviam se perdido nas aproximadamente 3 décadas que a revista vem sendo publicada. Sendo talvez o mais envolvido em ambas essas tarefas, meio que comecei a me ver como o arquivista extra-oficial do PET, e me apeguei um pouco ao trabalho. Porém, o trabalho de arquivar uma biblioteca com (acredito eu) mais de mil livros, enquanto procurava exemplares de uma revista cuja circulação começou antes de eu nascer, enquanto, ainda por cima, tentava escrever um Trabalho de Conclusão de Curso decente, provou ser um desafio grande demais. Fui, portanto, forçado a tomar a infeliz decisão de ser adulto e escolher focar no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), deixando incompletos aqueles dois trabalhos que via como minhas obras principais dentro do grupo.

Adotando esse olhar retrospectivo, a única conclusão a qual posso chegar é que a minha estadia no PET foi, sem dúvida alguma, uma experiência positiva. A questão que, às vezes, pergunto a mim mesmo e que, acredito eu, tem um peso muito maior, é se minha estadia no PET teve algum efeito positivo no grupo. Às vezes me pego pensando algo como “bah, mas se eu e o Chrystian tivéssemos insistido mais na ideia de um grupo de conversação em inglês, daria pra tirar algo maneiro da ideia”, ou “se eu tivesse passado algumas tardes a mais no acervo catalogando, talvez dava pra terminar mais uma estante ou duas”, mas a realidade é que não tenho respostas, nem acho que tenho como ter respostas. Sei que fiz o meu melhor, e posso apenas esperar que minha contribuição foi ao menos igualmente benéfica ao PET quanto para mim.

Programa de Educação Tutorial: um espaço de formação acadêmica e profissional dos discentes dos cursos de Letras

Laura Valerio Sena

Introdução

Iniciei meu percurso acadêmico em 2015, ingressando no curso de Bacharelado em Produção Editorial – Comunicação Social, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Porém, é a partir da segunda graduação que minha história se entrecruza com a do Programa de Educação Tutorial dos cursos de Letras, PET Letras – Laboratório Corpus.

Após terminar a graduação em Produção Editorial, comecei a cursar Bacharelado em Letras, em 2020, também pela UFSM. Devido ao momento pandêmico em que iniciei minha segunda graduação e à restrição de circulação de pessoas no campus, percebi que haveria mais tempo para eu me dedicar a encontrar meu lugar no campo das Letras. Então, dei início a esse objetivo ingressando no PET Letras. Assim, participei durante dois anos, entre 2020 e 2022, das atividades do grupo, contribuindo com a tríade Pesquisa, Ensino e Extensão, nos projetos dos quais fui membro.

Projetos do PET Letras

Durante minha passagem pelo grupo, fiz parte do projeto de extensão *Vozes do 40A – circulação e divulgação do conhecimento*, no qual criamos um *podcast* que objetivava integrar discentes e docentes dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Letras, por meio de uma conversa na qual se discutiam interesses profissionais e pessoais das pessoas que integram o campo das Letras.

Participei também, durante dois anos, do grupo da *Revista Ideias* (ISSN 2177-4099), envolvida com as chamadas de submissão de textos, a editoração e o lançamento dos números 30, 31 e 32 do periódico. A revista busca proporcionar um espaço para publicação de textos de discentes em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria e de demais Instituições de Ensino Superior do país.

Nessa equipe, aprendi a manter contato com autores, revisores e pareceristas da revista, funcionando como intermediária da comunicação entre os participantes do processo editorial de cada número. O processo de revisão, em especial, foi muito benéfico para a integração do grupo responsável pela revista com demais discentes da disciplina de Revisão Textual e com a própria empresa júnior do curso de Bacharelado, a *Grámmatos Júnior*, responsável pelo ensino do trabalho de um revisor na prática.

Além disso, em 2021, juntamente com o PET, organizei eventos importantes para construção dos nossos cursos de Letras da UFSM, sobretudo em um momento de encontros remotos, como a “*Aula Magna do Laboratório Corpus — Laboratório Fontes de Estudos da Linguagem*” ministrada pela Profa. Dra. Vanise Gomes de Medeiros (UFF), e a “*Aula Magna do Curso de Licenciatura em Letras: Língua, Discurso e Política*”, ministrada pelo Professor Doutor José Luiz Fiorin (USP).

Parcerias do PET Letras

Em 2021, nossa equipe do *podcast* publicou um capítulo sobre as atividades realizadas durante a execução do projeto no livro *Communications and Innovations Gazette – Grupos PET: ComInG 2021 – Número 1*, organizado pelo Professor Giovani Rubert Librelotto, tutor do PET Ciências da Computação, da UFSM. Discorreremos sobre todo o processo envolvido na produção do *podcast*, desde o contato com os professores a serem entrevistados, a gravação das entrevistas, o tratamento do áudio na prática, até a divulgação de cada episódio nas mídias sociais.

Imagem: Página inicial do capítulo publicado no livro *Communications and Innovations Gazette – Grupos PET: ComInG 2021 – Número 1*



Outra parceira do grupo que muito enriqueceu meu trabalho enquanto futura bacharela foi a participação, durante três meses, da equipe de revisão textual do periódico “O Lamparim”. Uma parceria com o PET Enfermagem, na qual a equipe do PET Letras realizava a revisão textual e fazia uma leitura crítica das matérias semanais do jornal, buscando adequar a linguagem utilizada para um público leigo à área da saúde.

Imagem: Equipe do PET Letras, colaboradora de “O Lamparim”



Em 2022, participei, durante alguns meses, do grupo de monitoria do Laboratório Corpus, como uma das últimas atividades que realizei com o grupo PET. Auxiliei acadêmicos e professores que buscavam acesar o espaço do laboratório, contribuindo com a manutenção e o cuidado do acervo de livros presente no laboratório, bem como, com o maquinário (computadores e impressoras) à disposição dos sujeitos que compõem o campo das Letras na UFSM. Ser responsável, ainda que temporariamente, pelo resguardo desse espaço, ensinou-me muito sobre o que a universidade pública proporciona aos seus acadêmicos e como ela pode sempre melhorar a formação de cada discente.

Centro de Documentação e Memória (CDM)

No mesmo período que ingressei no PET Letras, passei a atuar como bolsista no Centro de Documentação e Memória (CDM) da UFSM. Fui uma das responsáveis, junto a outros colegas do PET e demais bolsistas, pela organização da *“I Jornada de Formação de Jovens Pesquisadores”*, promovida pelos Programas de Extensão do Laboratório Corpus e do CDM – evento que ocorreu entre setembro de 2020 e fevereiro de 2021. Durante o evento, colaborei com: a construção da Jornada, o contato com os conferencistas, a divulgação dos módulos, a realização de cada encontro e sua gravação simultânea, além da realização e envio dos certificados, posteriormente, aos participantes.

Imagem: Programação da I Jornada de Formação de Jovens Pesquisadores



Fonte: Instagram.

Iniciação científica

Devido aos requisitos para ingressar no grupo PET Letras, iniciei também a minha participação em um grupo de pesquisa. Conversando com demais colegas, conhecendo as pesquisas de outros participantes e com apoio da Professora Tutora Taís Martins, encontrei o grupo de pesquisa do Professor Anselmo Peres Alós, intitulado “*Trânsitos teóricos e deslocamentos epistêmicos: feminismo(s), estudos de gênero e teoria queer*”(UFSM/CNPq). As várias pesquisas do grupo buscam, através de um enfoque interdisciplinar, trabalhar as relações entre literatura, artes e cultura, investigando a construção de representações identitárias a partir de categorias analíticas como gênero, raça, classe e sexualidade.

Desse modo, com base na linha de pesquisa “Literatura, Cultura e Interdisciplinaridade”, meu primeiro projeto desenvolvido na Iniciação Científica foi sobre o romance “*Onde andar Dulce Veiga?*”, de Caio Fernando Abreu. Busquei analisar como a voz narrativa annima do romance nos conta sua vivência durante a pandemia de hiv/aids enquanto um sujeito de sexualidade dissidente, que não se enquadra em uma matriz heteronormativa. O projeto trabalhou as relações entre indivíduos que viveram a década de 1980 e personagens da obra de Abreu, ambos soropositivos e de uma postura queer, confrontando a hegemonia heterossexual simplesmente por existirem ou por representarem tais existências. Apontando como acontece a (des)construção entre “aids – grupo de risco – homossexualidade” no plano diegético, durante o período pandmico, perpasssei as relações de poder e a representação da alteridade dentro da obra; bem como, no campo esttico, identifiquei como o narrador, a focalização, o tempo e o espaço apresentam a soropositividade a partir da sua não-nomeação na maior parte do romance.

Formação complementar

Durante a participação no PET, somos incentivados a realizar cursos relacionados a nossa atuação enquanto futuros profissionais da área de Letras. Assim, gostaria de destacar alguns que realizei no meu período como bolsista, como: *Normas e Dicas para Produção Acadêmica*, promovido na Universidade Federal de Santa Maria; *Introdução  Revisão Textual em Língua Portuguesa*, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e, *Formação em Revisão de Textos: métodos de editoração textual*, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Além disso, outra questão na qual a formação como petiana auxiliou-me bastante foi no desenvolvimento e na apresentação oral dos meus trabalhos. A seguir, listo, respectivamente, as apresentações referentes: aos projetos do PET, que apresentei ou fui coautora na 35^a e na 36^a Jornada Acadêmica Integrada (JAI/UFSM); a minha bolsa no CDM, que apresentei no 12^o Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão (UNIPAMPA); e ao meu projeto de pesquisa, apresentado na 37^a JAI e no VII Seminário Interno PET Letras:

- PET Letras/Laboratório Corpus e os percursos entre pesquisa, ensino e extensão;
- A manualização do saber linguístico: o processo de produção de guias de linguagem inclusiva;
- Ecos do Vozes do 40A: Reconstruindo 55 anos de memórias;
- Vozes do 40A: Circulação e divulgação do conhecimento: Sujeitos, histórias e memórias;
- O Centro de Documentação e Memória e a Política de Fundos: Reflexos do trabalho com acervo e fundos documentais;
- Epidemia discursiva: Homossexualidade e a aids em Caio Fernando Abreu;
- A segunda saída do armário: masculinidades outras e a soropositividade em Caio Fernando Abreu.

Considerações finais

Acredito que o PET Letras me fez crescer como profissional, à medida que me abriu portas tanto em relação às bolsas de extensão além das atividades petianas, bem como, em relação ao meu percurso na Iniciação Científica que resultou, neste ano de 2023, no meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, como mestranda de Estudos Literários. Se hoje dou mais esse passo em direção à minha construção acadêmica, é porque passei pelo PET e aprendi muito com o grupo e a tutora Taís Martins. Agradeço à professora, especialmente, por ter sido a primeira pessoa a me encorajar a escrever meu projeto de mestrado e me inscrever no processo seletivo. Sem um incentivo inicial, eu não estaria ingressando na pós-graduação e realizando o que hoje entendo como minha vocação, mergulhando na Literatura Brasileira e buscando resgatar vozes antes esquecidas, ou talvez, não encorajadas como a minha era.

Práticas coletivas no PET Letras: o trabalho e conhecimento compartilhados entre o individual e para coletivo

Robson Severo

Antes, umas palavrinhas, começando de trás para frente:

Ao começar esse texto nem sei onde faço o primeiro corte na minha memória. No período de dezembro de 2019 a maio de 2022 estive no Programa de Educação Tutorial de Letras – Laboratório Corpus/UFSM. Em algum momento o nome também tinha “Conexão de Saberes” também. O conhecido PET Letras. Esse movimento entre passado-presente e às vezes mais passado ainda é complexo e cheio de furos. Há alguns documentos e algumas coisas... materialidades linguísticas... que podem ajudar e até mesmo surpreender. É nelas que me amparo para fazer esse gesto que é resultado de muito trabalho e muito conhecimento trocados e compartilhados. É “produto final” também de muito carinho guardado e que agora estará materializado. Entre essas materialidades está o certificado. Um certificado do Ministério da Educação, Secretaria de Educação Superior. Nele diz:

Certificamos que Robson Severo de Souza, acadêmico do curso de Letras – Licenciatura, participou como Não Bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET, na Universidade Federal de Santa Maria – RS, desenvolvendo projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão, com carga horária total de 2.400 horas, no período de dezembro de 2019 a Maio de 2022.

Santa Maria, 17 de janeiro de 2023:

Me parece divertido começar um texto por um certificado porque ele mostra exatamente um perfeito, e inexistente, início-fim. Também mostra como a instituição Estado enxerga o PET. A partir do certificado eu faço algumas perguntas que, na prática, são fundamentais. Que absurdo são duas mil e quatrocentas horas? O que eu fiz nesse tempo todo? Ou então, por que não aparece em nenhum momento a menção ao PET Letras no meu certifi-

cado? Não importa para o Ministério da Educação a área dos projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão desenvolvidos? São perguntas complexas e que vão para dois caminhos diferentes, mas que passam pelas práticas coletivas e pelo trabalho e conhecimento compartilhados entre o individual e para coletivo.

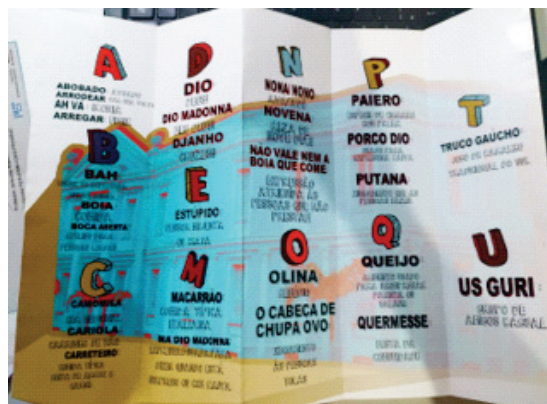
É dessas complexidades que quero dizer. Um dizer cheio de furos e memórias incompletas, justamente pelo período em que estive no PET. Período de catástrofes nacionais, pois a internacional ainda está acontecendo.

Que absurdo são duas mil e quatrocentas horas? O que eu fiz nesse tempo todo?

Sobre esse início-fim é possível falar sobre dois projetos que participei ativamente. Em momentos diferentes e com objetivos também diferentes. O primeiro projeto que participei enquanto petiano foi o *“Memória e história como objeto de ensino em uma escola municipal de Silveira Martins”*; o segundo foi *“Vozes do 40A – circulação e divulgação do conhecimento”*. Cada projeto uma experiência com situações únicas.

Sobre o primeiro projeto, realizado em 2019, antes da pandemia do Covid-19, vale pontuar que foram realizadas atividades com uma turma do 7º ano da Escola João Frederico Savegnago. Tais atividades, em formato de oficinas, tinham como objetivo principal resgatar e valorizar as práticas sociais e linguageiras na região da Quarta Colônia do Rio Grande do Sul. Foram realizadas oficinas de fotografia, gravação de documentário, entrevistas, cinema, todas voltadas para a reflexão das regionalidades.

Imagem: O vocabulário Gaspar: expressões silveirenses



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Lembro que ao entrar no projeto já haviam sido realizadas algumas ações em relação a esse projeto, mas ainda assim pude contribuir na produção de um mini vocabulário chamado “Gaspar: expressões silveirenses”. O projeto em si, como um dos projetos realizados naquele ano pelo grupo PET Letras, foi fundamental para mim, pois foi nesse contato com os estudantes, com a escola e com o trabalho sobre/com a língua e a linguagem que pude perceber e validar o possível futuro como professor. Também foi esse projeto que trouxe um estalo e muitas reflexões sobre sala de aula e a própria aula, afinal de contas na minha pouca compreensão seria impossível uma aula com “mais de um professor e ao mesmo tempo sem professor nenhum”.

O PET foi fundamental para questionar justamente esse “mais de um professor e ao mesmo tempo sem professor nenhum” e essas relações entre o indivíduo e o coletivo. Eu, como indivíduo, estava acostumando com um pensamento cômodo e longe de qualquer “programa do Governo Federal que trabalha sobre a tríade pesquisa, ensino e extensão”. Foram as reuniões do grupo PET Letras, os InterPETs e, depois, o Mobiliza PET Sul que foram capazes de materializar melhor o espaço do PET Letras em relação à sociedade e ao Estado, mas falaremos sobre isso depois. Por agora é interessante pensar, a partir do meu primeiro imaginário de sala de aula, como fazer tais práticas coletivas, organizadas e programadas foram essenciais para formação além das disciplinas.

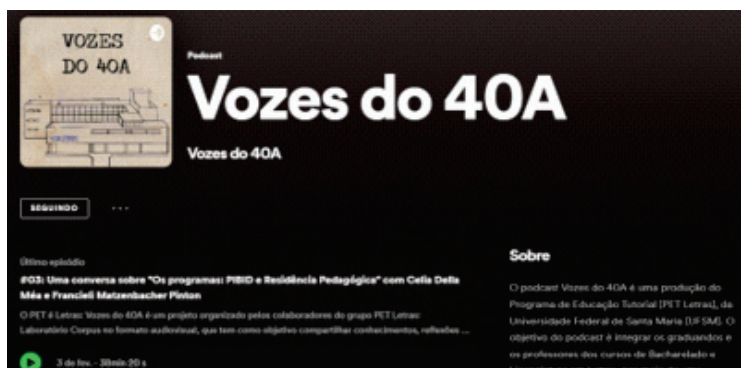
Ainda, na tríade pesquisa-ensino-extensão, em silêncio tentava medir os 33% de cada um dos itens em cada projeto, um pensamento um tanto cartesiano. Todavia, essas fronteiras, na prática, não estão bem definidas e eu pude ver isso com o tempo. Claro, alguns projetos têm propriedades maiores em item X ou Y, ou Z, todavia foi outro estalo dar-me conta disso porque de certa forma voltamos ao conceito de “aula”. Hoje não existe um projeto que não pense pelo menos em dois “objetivos específicos” para o que eu entendi como pesquisa, ensino e extensão.

Aliás, o próprio saber-fazer projetos foi o PET Letras que me ensinou. Entrando no segundo projeto, esse participei desde sua construção, que foi, pelo menos, uma loucura. É tradição do grupo reunir, no final de cada ano, para fazer o relatório final com os resultados e os projetos para o próximo ano. Em 2019 não foi diferente, mas em 2020 sim. Na segunda

semana de aula estávamos com os projetos planejados e os grupos definidos, mas a pandemia do Covid-19 chegou junto com a volta às aulas. Não lembro exatamente das primeiras semanas, mas em determinado momento precisamos pensar em projetos que pudessem ser realizados em formato remoto. Lembro também que alguns projetos sofreram pequenas alterações, mais logísticas. Contudo, o projeto do podcast Vozes do 40A surge de várias cabeças. Novamente o coletivo atravessando as questões individuais. Estávamos todos isolados e limitados ao Google Meet, WhatsApp e Email.

O projeto “Vozes do 40A” foi pensado com o objetivo de aproximar pessoas em meio ao distanciamento social. Aproximar grandes amigos em um episódio, ou aproximar os professores dos estudantes nesse momento historicamente devastador. Foram uma série de episódios no estilo talk show que eram produzidos por uma verdadeira equipe. Nossa equipe de projeto, inclusive teve a oportunidade de contar um pouco do processo de produção dos episódios para a Revista ComInG¹ do PET Ciências da Computação da UFSM. A pandemia acabou e o projeto, em 2023, continua firme.

Imagem: O podcast Vozes do 40A no Spotify



Fonte: Spotify.

Esse movimento em rede entre os diversos PETs da UFSM também foram algo de contraste para justamente desenvolver observações, e agora reflexões, sobre as práticas coletivas e o compartilhamento de conhecimen-

¹ <https://periodicos.ufsm.br/coming/article/view/62036>.

to. Outrora chamado por “conexão de saberes”. Essas parcerias entre estudantes do mesmo curso, e depois entre estudantes da mesma Universidade mostra um pouco do quero trazer com práticas coletivas. O Programa de Educação Tutorial foi para mim justamente o que se propõe a ser: um projeto institucional voltado ao desenvolvimento de atividades diversas de Ensino, Pesquisa e Extensão, que qualificam a formação em Letras e contribuem para a formação cidadã da comunidade em geral.

Por que não aparece em nenhum momento a menção ao PET Letras no meu certificado? Não importa para o Ministério da Educação a área dos projetos desenvolvidos?

Ainda nessa formação petiana, que, de fato, é única, e em meio a pandemia do Covid-19 pensei que seria interessante participar do Mobiliza PET Sul. Não fazia a menor ideia do que significava isso tudo, só sabia que existia uma Mobilização Nacional dos Grupos PET que funcionava, mas que ainda assim era muito pequena para suprir as necessidades e divulgar os projetos de todos os grupos PET do Brasil. Daí a ideia de criar as mobilizações por região. Em linhas gerais, em um recorte da segunda publicação do Instagram² do Mobiliza PET Sul:

Compartilhamos os princípios do Mobiliza PET Nacional de reverter o cenário de fragilidade e ameaças vivenciado pelo Programa, buscando disseminar a educação tutorial em todo o Brasil, ampliando sua visibilidade dentro do contexto acadêmico, colaborando para o desenvolvimento da educação pública de qualidade, crítica, inclusiva e participativa!

E sobre as outras complexidades das práticas coletivas e essenciais ao Programa de Educação Tutorial?

- Participar dos eventos ativamente;
- Relatar e expor;
- Fazer e acontecer e *coisarada*.

² <https://www.Instagram.com/mobilizapetsul/>.

Cinco anos de PET Letras: contribuições do Programa de Educação Tutorial à formação acadêmico-profissional discente

Vitória Carolini Ferraz Oliveira

Introdução

O Programa de Educação Tutorial (PET) é uma iniciativa do Ministério da Educação que articula ensino, pesquisa e extensão como forma de enriquecer a formação de estudantes de graduação. Segundo a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2022a), o PET tem como objetivo principal proporcionar uma formação acadêmica diferenciada aos estudantes, ampliando sua vivência universitária e possibilitando a integração entre ensino, pesquisa e extensão. Além disso, o PET Letras foi criado em dezembro de 2010, sob a tutoria da Profa. Dra. Verli Petri, constituindo-se como um espaço de formação coletiva para estudantes dos cursos de Letras (UFSM, 2022b).

Desde sua criação, o grupo promove atividades diversas, como oficinas formativas voltadas a graduandos e professores da rede básica, como a publicação da Revista Ideias (até 2025) e a produção de conteúdo de divulgação científica, entre eles o podcast Vozes do 40A (UFSM, 2022b).

Dessa maneira, descobri o PET Letras já no meu primeiro semestre de graduação, em 2020, quando ainda cursava o Bacharelado em Letras – Português. Nesse período, participei da minha primeira seleção para ingresso no programa, mas não fui aprovada. Apesar da frustração inicial, colegas próximos que haviam sido selecionados incentivaram-me a não desistir, ressaltando que a experiência de participar de um processo seletivo já representava um aprendizado importante. Essa vivência tornou-se ainda mais significativa considerando o contexto em que estava inserida: fazia parte da primeira turma a iniciar a graduação em meio à pandemia de Covid-19 e ao ensino remoto, sendo circunstâncias que impuseram desafios adicionais ao percurso acadêmico.

Logo, a impossibilidade de viver plenamente a experiência universitária, somada às dificuldades de adaptação ao ensino remoto e ao isolamento social, tornava cada oportunidade de engajamento em projetos institucionais ainda mais valiosa. Nesse sentido, a primeira tentativa de ingresso no PET Letras foi também um ponto de partida para a construção da minha trajetória acadêmica, pois me motivou a buscar maior envolvimento com atividades extracurriculares e a compreender o quanto a participação em grupos, como o PET, poderia ampliar a formação para além do espaço da sala de aula.

Esse momento inicial, marcado pela negativa e pela persistência, constituiu-se como um exercício de resiliência e amadurecimento. A experiência revelou a importância de compreender os processos seletivos não como barreiras, e sim como etapas de aprendizagem, em que o contato com o próprio programa, suas demandas e propostas já oferecia subsídios para refletir sobre meu papel como estudante e futura profissional. Além disso, minha principal motivação para ingressar no PET Letras sempre esteve relacionada aos projetos em andamento, especialmente o Vozes do 40A e a Revista Ideias; pois, desde cedo, percebi afinidade com atividades ligadas à área audiovisual e editorial, e reconheci no programa a oportunidade de atuar em projetos que integrassem ensino, pesquisa e extensão, ampliando minha experiência acadêmica e fortalecendo meu percurso formativo de maneira prática e reflexiva.

Então, o presente relato tem como objetivo refletir sobre as contribuições da vivência no PET Letras para minha formação acadêmico-profissional, destacando como a participação ativa em projetos, atividades de ensino, pesquisa e extensão, bem como a atuação em processos de gestão e comunicação, contribuíram para o desenvolvimento de competências essenciais para minha trajetória enquanto estudante e futura profissional.

Mais do que relatar atividades realizadas, este texto busca analisar como cada experiência vivida no Programa impactou meu crescimento intelectual, ético e prático durante estes 5 anos como bolsista, evidenciando a articulação entre conhecimento teórico e aplicação concreta em contextos educativos e culturais. Ao refletir sobre momentos de desafio, aprendizado e conquista, pretende-se mostrar de que maneira o PET Letras favoreceu não apenas a consolidação de habilidades técnicas e acadêmicas – como produção de conteúdo editoriais e audiovisuais, participação em eventos e projetos de pesquisa –, mas também o fortalecimento de competências trans-

versais, como autonomia, trabalho coletivo, pensamento crítico, responsabilidade e organização.

Além disso, o relato visa demonstrar a relevância do programa para a formação de profissionais de Letras, ao proporcionar experiências que ultrapassam o espaço da sala de aula, aproximando o estudante da realidade das práticas docentes, da pesquisa aplicada e da extensão universitária. Ao compartilhar essas vivências, busca-se oferecer uma perspectiva sobre como a participação em programas de educação tutorial pode contribuir para a formação integral de discentes, estimulando a reflexão sobre o papel do acadêmico enquanto agente ativo na construção e disseminação do conhecimento.

Percurso de experiência

Minha trajetória no Programa de Educação Tutorial começou em 2020, quando ainda cursava o Bacharelado em Letras – Português e atuei como voluntária. Esse primeiro contato foi decisivo para minha formação, pois me inseriu em um espaço de convivência, diálogo e experimentação coletiva que ampliou meu olhar sobre o que significa ser estudante e pesquisadora dentro da universidade. Quando, em 2021, realizei a transição para a Licenciatura em Letras – Português e passei a atuar como bolsista, pude aprofundar meu envolvimento com o programa e compreender de forma mais ampla a proposta formativa do PET.

Durante esse período, participei de diferentes projetos que marcaram minha trajetória, como o Vozes do 40A e o Ecos do 40A, especial do podcast Vozes, em que pude exercitar a escuta, a escrita e a oralidade em contextos de divulgação científica e de valorização das experiências estudantis. Também acompanhei meus colegas no projeto Rodas de Conversa, o que me permitiu observar como se estruturava a organização de eventos online – desde a logística, a transmissão ao vivo, até o uso de ferramentas digitais e colaborativas. Foi uma experiência que me fez compreender o quanto o trabalho coletivo e o planejamento são fundamentais em qualquer ação educativa.

Ainda em 2021, já como bolsista e ciente de que o PET incentiva a iniciação científica, comecei a buscar um tema de pesquisa que se relacionasse às minhas inquietações sobre o ensino e as políticas educacionais. Foi a partir da disciplina Políticas Públicas e Gestão na Educação Básica A,

cursada no segundo semestre, que surgiu meu interesse pelo Novo Ensino Médio e o Ensino de Língua Portuguesa, sob orientação da Profa. Dra. Glades Tereza Félix, neste momento já aposentada. A pesquisa me permitiu compreender o funcionamento das políticas públicas, a construção das matrizes curriculares e, principalmente, o impacto que essas decisões têm sobre a prática docente e a formação dos estudantes.

Esse também foi o ano em que tive a oportunidade de participar ativamente do planejamento e da elaboração dos relatórios dos projetos, vivência que me permitiu compreender os bastidores do PET e a importância da organização e da escrita coletiva para o registro das ações desenvolvidas. Tudo isso ainda ocorria em formato remoto, o que acrescentava novos desafios – como a necessidade de aprender a coordenar tarefas, construir diálogos e manter o vínculo com o grupo à distância –, mas também possibilitava o desenvolvimento de uma autonomia diferente, mais atenta à escuta e à colaboração virtual.

Ao longo dessa trajetória, também vivenciei momentos de tensão e aprendizado coletivo, como os períodos em que as bolsas estiveram atrasadas, situação que mobilizou petianos de todo o Brasil em defesa da continuidade e valorização do programa. Essas experiências me fizeram entender que a vida universitária não se restringe à sala de aula: ela é feita de resistências, afetos, mobilizações e da construção constante de um senso de pertencimento e compromisso com a educação pública.

Já em 2022, foi o período em que vivenciamos o retorno gradual ao presencial, após o longo período de isolamento e das incertezas provocadas pela pandemia. Esse momento, que muitos de nós reconhecíamos como um processo coletivo de cura e reconstrução, trouxe novos desafios e afetos à dinâmica do grupo. Pois, estar novamente juntos no espaço físico do campus significava reaprender a conviver, a reorganizar o tempo e a energia e a criar vínculos que haviam sido formados apenas pelas telas. O meu encontro – enquanto reencontro presencial de muitos colegas – foi (re)acendendo a potência do trabalho coletivo, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a dimensão afetiva que sempre foi central no PET. Essa transição marcou um ponto de virada: o grupo voltou a respirar junto, e a universidade voltou a pulsar com as presenças, as conversas e os projetos retomados com renovado entusiasmo.

Imagem: Meu primeiro interpet presencial



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Nesse mesmo ano, passei a integrar a equipe de Mídias Sociais do programa, o que representou um novo campo de aprendizado e expressão criativa. A partir dessa função, pude explorar diferentes linguagens e formatos para comunicar as ações do grupo, desenvolvendo minhas habilidades em edição de imagens, escrita de postagens e elaboração de materiais gráficos. Com o tempo, percebi que a comunicação visual não se limitava a divulgar informações: ela também constituía uma forma de educação, capaz de traduzir visualmente os princípios do PET, como a horizontalidade, a coletividade e o compromisso social. Cada card, texto ou publicação se tornava um exercício de autoria compartilhada e de escuta das vozes que compõem o programa.

Além disso, 2022 também foi o ano em que tive meu primeiro contato com a divulgação científica, ao apresentar, em formato de pôster na Jornada Acadêmica Integrada (JAI), o projeto PET é Letras: Vozes do 40A. Essa experiência me fez compreender a importância de comunicar o conhecimento produzido dentro do programa de forma acessível e sensível, aproximando a pesquisa da comunidade acadêmica e do público em geral. Participar da JAI foi também um momento de amadurecimento, pois pude perceber como cada ação cotidiana do PET – uma reunião, um episódio de podcast, uma atividade de extensão – se insere em um processo maior de produção e circulação do conhecimento, reafirmando o papel do estudante como sujeito ativo da universidade.

Imagem: 37ª Jornada Acadêmica Integrada



Fonte: Acervo Pessoal da autora.

Em 2023, o grupo PET passava por um processo de renovação gradual. Muitos dos colegas que estavam presentes quando ingressei já haviam concluído seus ciclos, e, aos poucos, percebi que me tornava uma das petianas mais antigas do projeto. Essa constatação veio acompanhada de um sentimento de pertencimento e responsabilidade: ao mesmo tempo em que reconhecia minha trajetória, também entendia que me cabia ajudar na integração dos novos membros, compartilhando a história e o espírito coletivo que sempre definiram o grupo.

Também retomamos os projetos de ensino, com a criação do Impulsionando Saberes, voltado à produção de textos dissertativo-argumentativos com foco no ENEM e nos vestibulares. O projeto, planejado ainda em 2022 com meu grupo de trabalho, ganhou vida em 2023 ao ser aplicado no Pré-Universitário Popular Alternativa – espaço do qual faço parte como educadora popular desde 2021. Essa vivência se tornou uma ponte simbólica entre dois campos que me formam profundamente: o PET e a educa-

ção popular. Participar da construção e execução do Impulsionando Saberes foi compreender, na prática, que a universidade e os espaços de formação popular se fortalecem mutuamente quando se encontram.

Nesse mesmo ano, tentamos reformular o projeto Vozes do 40A, buscando adaptar sua proposta às novas dinâmicas da vida universitária pós-pandemia. No entanto, a partir da experiência de 2022, percebemos que o formato original já não dialogava com as demandas e o ritmo dos acadêmicos naquele contexto de readaptação. Assim, optamos por encerrar o ciclo do projeto, reconhecendo que, no PET, o aprendizado também se dá quando sabemos respeitar o tempo das coisas e permitir que novas ideias possam nascer dos encerramentos.

Além disso, o grupo também passou por momentos de tentativa e erro, vivenciando o encerramento de algumas atividades e o aprendizado advindo de projetos que não alcançaram o resultado esperado – como o caso do Bolo Sem Lei. Ainda assim, essas experiências foram compreendidas como parte do processo formativo, pois nos mostraram que até os projetos que “não dão certo” têm um valor pedagógico essencial. A partir dessas reflexões nasceu o Zines nas Escolas, um novo projeto que retomava com mais força a tríade universitária – ensino, pesquisa e extensão – e que teve a alegria de ajudar a construir desde sua concepção. Ao longo de 2023, dedicamo-nos à pesquisa e à estruturação das oficinas, baseadas em estudos de Sociolinguística e voltadas à diversidade linguística. A proposta prevê que o produto final das atividades com os estudantes seja a criação de fanzines, fortalecendo o protagonismo juvenil e o olhar criativo sobre a linguagem.

Esse foi um ano de transformações também na minha trajetória de pesquisa. O contato mais próximo com a literatura e a participação no grupo de estudos Um Continente Literário: Cartografias do Horror nos Romances Brasileiro e Hispano-Americanos Contemporâneos, coordenado pela Profa. Dra. Renata Farias de Felipe, despertaram em mim o desejo de investigar o cenário da literatura de horror escrita por mulheres brasileiras contemporâneas. A partir daí, reorientei minha pesquisa, mergulhando em uma área que unia minhas inquietações estéticas e políticas por meio do horror. Assim, em 2023, apresentei pela primeira vez um recorte dessa pesquisa na 38ª Jornada Acadêmica Integrada (JAI), o que representou um marco importante na consolidação da minha identidade enquanto pesquisadora.

Também não posso deixar de destacar a alegria de ter sido uma das primeiras pessoas a acompanhar a primeira edição do OlimPET, evento que simbolizou a integração entre diferentes grupos PET da UFSM. Participar desse momento foi testemunhar a força das trocas interdisciplinares e do espírito coletivo que une o programa em nível institucional. Além disso, pude acompanhar de perto outras conquistas importantes, como o aumento das bolsas, que representou não apenas uma vitória material, mas o reconhecimento do valor do trabalho desenvolvido pelos petianos e petianas.

Em 2024, vivi um novo ciclo dentro do PET Letras, marcado por transformações pessoais e pela necessidade de me renovar como petiana. Decidi me afastar dos projetos que vinha desenvolvendo desde 2021 para buscar novas experiências e desafios. Assim, passei a integrar o projeto Letras em Formação – planejado no ano anterior – e também a Revista Ideias, que há tempos eu sonhava em compor.

A participação na Revista Ideias foi um marco na minha trajetória. Durante os meus quatro anos como integrante do PET, sempre admirei o projeto pela sua relevância acadêmica e pela dedicação de quem o constrói. Em 2024, tive, enfim, a oportunidade de atuar na organização da 34ª edição, contribuindo com a diagramação, a criação da capa e o processo editorial como um todo. Essa experiência me fez compreender de forma mais concreta o que significa construir uma publicação coletiva: um espaço onde o cuidado estético, a ética acadêmica e o trabalho em equipe se entrelaçam.

Ainda nesse ano, participei da organização do grupo de leitura PET Letras: Ler Traz Prazer, um projeto que retomou a essência da convivência entre leitura, escuta e diálogo – dimensões que sempre senti como centrais no PET. Essas rodas literárias fortaleceram o vínculo entre os membros do grupo e criaram um espaço de partilha afetiva, onde ler era também um modo de se encontrar e se curar após o período de isolamento pandêmico.

Entre 2023 e 2024, também tive a oportunidade de atuar como monitora do Laboratório Corpus, vivenciando sua transição física – primeiro no antigo espaço, no prédio 16 do Centro de Educação, e depois na nova sede, no prédio 74E, em frente ao nosso querido 40A. Essa mudança não foi apenas estrutural, mas simbólica: acompanhar o crescimento e o recomeço do laboratório foi perceber como os espaços acadêmicos também são corpos vivos, que se transformam junto conosco.

Por motivos pessoais e contratempos, precisei adiar meu período de formatura, mas esse adiamento acabou se tornando um tempo fértil. Com o apoio do PET, pude dedicar-me com mais profundidade à minha formação como pesquisadora, tendo a oportunidade inesquecível de realizar minha primeira viagem internacional acadêmica. Em outubro de 2024, participei da 39ª Jornada de Jovens Investigadores, realizada em Montevideu, na Universidade da República (Udelar), onde apresentei uma comunicação sobre a pesquisa que iniciei em 2023, agora desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Lucas da Cunha Zamberlan.

Essa experiência foi transformadora. Representar o PET e a UFSM em outro país me fez compreender o alcance daquilo que produzimos dentro da universidade pública brasileira: uma pesquisa comprometida com a crítica, a sensibilidade e o diálogo intercultural. Além desse evento, também participei de outros encontros acadêmicos igualmente significativos – ora em nome do PET, ora como pesquisadora independente apoiada pelo programa –, reafirmando o quanto esse espaço foi fundamental para que eu me reconhecesse enquanto educadora, pesquisadora e autora em formação.

Imagem: Apresentação na 39ª Jornada de Jovens Investigadores



Em 2025, sendo o meu último ano como petiana, percebo que o trabalho não diminuiu – muito pelo contrário. Cresceu junto comigo. A vontade de deixar o meu melhor para que os próximos petianos possam dar continuidade aos projetos que iniciei, ao lado de colegas que também encerram essa jornada comigo, foi o que guiou todo o meu percurso nesse período.

Neste ano, tive a oportunidade de participar do SULPET, realizado em Curitiba, na UFPR, onde apresentei o projeto Ler Traz Prazer. Foram três dias intensos de trocas, diálogos e descobertas, em que pude conhecer outros PETs e refletir sobre a importância das nossas pautas não apenas como um direito estudantil, mas também como um dever coletivo – afinal, o PET é, antes de tudo, uma política de permanência e resistência dentro da universidade pública.

Além disso, pude colaborar em diversos eventos que marcaram meu último ano na graduação, como a Festa Literária de Santa Maria, na qual ministrei uma oficina de escrita criativa de microcontos e nanocontos, posteriormente repetida no Descubra UFSM. Também participei da comemoração de parceria entre a CESMA e o Instituto Cultural Brasileiro Alemão (ICBA-SM), com uma oficina de escrita criativa e leitura crítica das cartas pessoais de Franz Kafka – uma experiência que uniu minha trajetória com a literatura e minha paixão pelo ensino.

Tive ainda a oportunidade de atuar como monitora durante a Semana de Letras da UFSM, na produção do Catálogo de 60 anos da Semana de Letras, por meio do Estúdio Editorial. Foi um dos trabalhos mais gratificantes que realizei, unindo revisão e diagramação – áreas em que encontrei uma forma de expressar cuidado e atenção estética com o texto alheio, algo que sempre me acompanhou no percurso como petiana e educadora popular.

Encerrando este ciclo, apresento na JAI a trajetória da minha pesquisa, fruto de um percurso que o PET Letras ajudou a consolidar e sustentar. Através dele, vivi plenamente a tríade universitária – ensino, pesquisa e extensão – que hoje reconheço como mais do que uma estrutura acadêmica: uma ética de trabalho, um modo de estar no mundo e um compromisso com o conhecimento que transforma.

Contribuições para formação acadêmico-profissional

Minha trajetória como petiana foi decisiva para a construção da profissional e pesquisadora que venho me tornando. O PET Letras representou, ao longo desses anos, um espaço de formação integral, onde pude articular teoria e prática, ensino e extensão, pesquisa e sensibilidade.

Considero, assim, que foi dentro do grupo que aprendi a trabalhar coletivamente, a compreender a universidade como um território de partilha e a desenvolver um olhar mais ético e político sobre o papel da educação. A vivência nos projetos me possibilitou não apenas o aprimoramento técnico – com experiências em revisão, diagramação, escrita científica e docência –, mas também o amadurecimento humano e acadêmico. Aprendendo a lidar com diferentes ritmos, ideias e personalidades, exercitando o diálogo e a escuta ativa como pilares da convivência e do aprendizado.

Também não posso desconsiderar a participação minha em eventos, oficinas, jornadas e viagens acadêmicas como o principal fator que consolidou minha autonomia como pesquisadora e fortaleceu minha confiança na potência transformadora da educação pública.

Além disso, a intersecção entre o PET Letras e o Pré-Universitário Popular Alternativa, projetos que integrei desde o início da graduação, me mostrou que o conhecimento só ganha sentido quando retorna à comunidade, ou seja, quando é colocado a serviço do outro. Essa experiência me ensinou que ser educadora é, acima de tudo, construir pontes entre mundos: entre o saber acadêmico e o popular, entre a teoria e a prática, entre o eu e o coletivo, reafirmando os meus objetivos enquanto docente.

Considerações finais

Encerrar esse ciclo como petiana é também reconhecer que o PET não foi apenas um projeto de graduação, mas uma parte fundamental da minha formação enquanto sujeito crítico, sensível e comprometido com o ensino público.

O grupo me proporcionou um espaço de pertencimento e resistência, em meio a tempos de incerteza e reconstrução após a pandemia, reafirmando a importância da coletividade e da esperança como práticas cotidianas.

Ao longo dos anos, vi o PET mudar e também me vi mudar junto com ele – amadurecendo, reformulando projetos, enfrentando desafios e celebrando conquistas. Cada experiência vivida, seja na sala de aula, nos eventos, nas oficinas ou nas reuniões de planejamento, contribuiu para que eu compreendesse que a formação acadêmica não se resume às disciplinas, mas se constrói nas relações e nos compromissos que assumimos dentro e fora da universidade.

Finalizo essa trajetória com o sentimento de gratidão e responsabilidade: gratidão por ter vivido o PET Letras em sua essência e responsabilidade por seguir levando adiante os princípios de uma educação crítica, dialógica e transformadora. Ser petiana é, para mim, um gesto contínuo de aprender e ensinar, de reconhecer-se parte de um projeto maior – aquele que acredita na universidade como espaço de transformação social. Uma vez petiano, para sempre petiano.

Referências

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Programa de Educação Tutorial – PET. Santa Maria: UFSM, 2022a. Disponível em: <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/prograd/pet/sobre>. Acesso em: 28 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. PET Letras. Santa Maria: UFSM, 2022b. Disponível em: <https://www.ufsm.br/pet/letras>. Acesso em: 28 set. 2025.

PARTE IV

Percursos e projetos: relatos de experiências

Os fazeres de pesquisa, ensino e extensão (entre)laçados na/pela iniciação científica: vivências acadêmicas de impacto

Caciane Souza de Medeiros¹

A incompletude, a divisão, o político, o inconsciente, a ideologia, as diferenças são uma constante para quem aprende análise de discurso. Daí a teorizar a leitura e afirmar que o sentido pode ser outro é só um passo. O que sempre me atraiu, me seduziu na análise de discurso é que ela ensina a pensar, é que ela nos tira as certezas e o mundo fica mais amplo, menos sabido, mais desafiador.²

As relações de pesquisa nascem de uma aproximação fundante e necessária para o desenvolvimento das universidades públicas e que, na atualidade, estão entrelaçadas ao tripé Ensino, Pesquisa e Extensão que é motor de formação e realização não apenas da comunidade acadêmica de forma direta, mas da nossa sociedade como um todo. Quando ingressei na Universidade Federal de Santa Maria, em 2015, como funcionária pública concursada e docente do nível superior nos Cursos de Letras, a minha relação com a Instituição já tinha uma história de pelo menos uma década³ entre a formação discente como bacharel em Comunicação Social, Jornalismo, e a pós-graduação em Letras, Estudos Linguísticos, divididas entre o percurso de titulações como Mestra e Doutora na área.

Meu retorno à Instituição como docente e pesquisadora ganhou um tom identitário que representa traços de minha formação transdisciplinar edificados durante a pós-graduação e vividos até o presente momento: o do trabalho com os discursos midiáticos e a imagem sob o viés da Análise de

¹ Professora Doutora do Departamento de Letras Clássicas e Linguística (UFSM) e pesquisadora do Laboratório Corpus (UFSM).

² Palavras da pesquisadora Eni Orlandi concedidas em uma entrevista no ano de 2006 à revista Teias. Bibliografia: BARRETO, Raquel Goulart. Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 7, n° 13-14, jan./dez. 2006.

³ A graduação em Jornalismo sucedeu-se entre os anos de 1995 e 1998; o mestrado foi realizado entre 2002 e 2004 e o doutorado transcorreu entre os anos de 2007 e 2010.

Discurso. É deste momento que são inaugurados os laços potentes entre mim (meus interesses de pesquisa) e o PET Letras. Laços de partilha na pesquisa e em outras atividades do espaço acadêmico que me trouxeram oportunidades singulares e afetivas de trabalhar com sujeitos comprometidos em saber, em fazer e em ocupar espaços nas ações de pesquisa de modo inspirado e contínuo, já que a pesquisa só pode ser construída mediante um exercício disciplinado de tomadas e retomadas de teorias, ideias, objetivos e realizações.

Como docente e pesquisadora, coordenei dois projetos de pesquisa que contaram com orientandos petianos. As pesquisas foram intituladas: “O discurso midiático e a produção de sentidos: linguagem e tecnologia” (de 2015 a 2019) e “Sociedade e discurso: os sentidos em circulação no espaço midiático, digital e urbano” (em andamento desde 2019). O primeiro projeto foi elaborado com o propósito de analisar os modos de discursivizar a imagem em diferentes possibilidades de sentidos, no espaço informativo e estruturado das mídias informativas, para dar visibilidade aos sentidos postos em circulação e problematizar o imperativo do espetáculo e da sensação já naturalizados na sociedade contemporânea. Eu entendia que a observação dos modos de significar através do manuseio tecnológico da imagem para além do trato fotográfico fosse uma pista para a compreensão da relação mídia e sociedade e, portanto, um mote “vivo” de pesquisa em estudos da linguagem, em especial, em Análise de Discurso.

Dentro dos objetivos e metas dos projetos que tenho desenvolvido há, prioritariamente, o protagonismo na formação de jovens pesquisadores. Sendo assim, o investimento em iniciação científica foi e é um fio condutor de meu trajeto e, não aleatoriamente, um dos fundamentos do Programa de Educação Tutorial do Curso de Letras (PET). Sendo assim, os objetivos comuns nos aproximaram e renderam uma parceria que nos atravessa e movimenta historicamente.

Entre 2015 e 2019, três discentes petianos⁴ tornaram-se meus orientandos de iniciação científica e trabalharam comigo no projeto. Em con-

⁴ A discente Jennifer Sousa Alvares, atualmente professora de Letras (UFSM) e Mestre em Letras – Estudos Linguísticos (PPGL-UFSM), Cássius Selvero Pazinato, atualmente professor de Letras (UFSM) e Mestre em Letras – Estudos Linguísticos (PPGL – UFSM) e Alessandra Stefanello, atualmente professora de Letras (UFSM) e mestranda em Linguística da UNICAMP (Programa de Pós-Graduação em Linguística).

junto com outros discentes do Curso de Letras, construímos um grupo de pesquisa e estudos, o MiDis (Grupo de Estudos Mídia e Discurso) e nos reuníamos regularmente para estudar e debater as teorias e os objetos de estudo que cada aluno desenvolvia junto à proposta do projeto. Ao mesmo tempo em que a vivência na pesquisa me possibilitava avançar na minha produção e repensar os caminhos a seguir, produzia efeitos no impulso a jovens pesquisadores dedicados e, cada vez mais, maduros e atuantes, já que todos tinham envolvimento com outras atividades de ensino e extensão projetadas e promovidas pelo PET. Neste sentido, manifesto orgulho em afirmar⁵ que a formação “polvo”⁶, como eu costumo dizer informalmente, tem se mostrado salutar para o desenvolvimento acadêmico e profissional dos estudantes que, durante o curso, mostram-se engajados e estimulados a realizarem atividades variadas e a vislumbrarem seus próprios projetos futuros, seus espaços, suas ações e seu lugar na sociedade. A construção coletiva que a pesquisa proporciona, indubitavelmente, se faz um recurso poderoso no ensejo da autoestima intelectual dos nossos alunos.

Inseridos em um contexto de partilha, os trabalhos junto ao nosso grupo de pesquisa mantiveram-se como um momento de mergulho teórico e de análise das etapas prospectadas, ao mesmo tempo que alavancaram uma experiência reflexiva motivadora e afetiva. Os temas de estudo no projeto, como o discurso sobre o crime de feminicídio em notícias jornalísticas, o discurso sobre o *bullying* nas tiras de Armandinho e o discurso midiático sobre a posição-sujeito mulher no Facebook e em *blogs*, desenrolaram-se em trabalhos que ecoaram nas apresentações em congressos nacionais, nas participações anuais na Jornada Acadêmica Integrada (JAI) da UFSM e nas publicações em revistas acadêmicas.

Em 2017, para nosso contentamento, uma das participantes⁷ do projeto foi premiada na JAI como um dos 40 melhores trabalhos de pesquisa. Ao final de 2018, já prestes a concluírem a graduação e após encerrarem de forma brilhante e comprometida suas atividades junto ao projeto, dois des-

⁵ Em meu nome e em nome da Instituição que represento.

⁶ Me refiro ao tripé Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSM, que se complementam como formadoras, e que proporciona uma gama de possibilidades de desenvolvimento ao aluno.

⁷ A, então, petiana Jennifer Alvares.

ses meus orientandos petianos⁸ foram aprovados no processo seletivo e tornaram-se mestrandos em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM em março de 2019. Tais exemplos reforçam minha convicção sobre a relevância da iniciação de base científica para fins de efetiva preparação de futuros pesquisadores.

Já em agosto de 2019, poucos meses após o encerramento do projeto anterior, inauguro uma outra empreitada de pesquisa, buscando avançar em relação aos objetos e questões propostas anteriormente. O novo projeto renovou o objetivo de refletir sobre os discursos que circulam nas mídias em suas diferentes plataformas e materialidades, tendo em vista a produção discursiva que é materializada e que produz sentidos no/pelo social em publicações que vão da informação eletrônica (jornalística, publicitária, entre outras) até textualidades em funcionamento em mídias sociais (textos, imagens, memes, gifs, etc.) e do próprio espaço urbano (escrita em muros, fachadas, manifestações de rua, artísticas, etc.). O objetivo de orientar e investir na iniciação científica prosseguiu norteando minha prática, tendo como referencial o trabalho com a análise de discurso que “deve *mostrar* os mecanismos dos processos de significação que presidem a textualização da discursividade” (ORLANDI, 2001, p. 23).

De 2019 até o presente momento, o que inclui o desafiador período de pandemia do novo Coronavírus, o grupo de pesquisa já contou com seis participantes, discentes de graduação e de pós-graduação, entre eles, duas petianas. A realidade pandêmica não enfraqueceu nosso coletivo de estudos. O MiDis permaneceu atuante, porém, a conexão de estudos deu-se pela via das plataformas digitais, outra forma de existir e resistir a partir da mediação tecnológica que nos viabilizava o encontro e a continuidade do trabalho. Sendo assim, resistimos e tivemos momentos produtivos, apesar dos desafios do confinamento e da insegurança de saúde pública a que todos estávamos expostos.

Uma de minhas orientandas no tempo presente, a petiana⁹ que ingressou na pesquisa em 2022, ensaia seus primeiros passos como estudiosa

⁸ Jennifer Alvares e Cássius Pazinato.

⁹ A discente do Curso de Letras e petiana Ana Luyze dos Santos Calegaro.

do discurso preparando sua primeira exposição para a Jornada Integrada de Pesquisa (JAI) de 2023. A caminhada que constrói a apropriação teórica está sendo organizada, as reuniões de orientação regulam o batimento leitura e produção escrita e outro trajeto singular vai sendo labutado. Assim é: o nascimento da pesquisa se dá em concomitância com o do pesquisador e não está desvinculado da lapidação do sujeito-cidadão que, na universidade pública e de qualidade, descobre-se um articulador de transformação e impacto do/no social do qual é parte.

Referências

BARRETO, Raquel Goulart. Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi. *Teias*, Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan./dez. 2006.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

Uma parceria de sucesso: muitos projetos e muitos afetos

Rosaura Albuquerque Leão

O Programa de Educação Tutorial visa contribuir para o aumento da qualidade da formação acadêmica dos alunos de graduação, estimular a formação de profissionais e docentes de elevada qualificação, formular novas estratégias de desenvolvimento e modernização do ensino superior no País e instigar o espírito crítico, bem como a atuação profissional pautada pela cidadania e pela função social da educação superior.

O PET busca propiciar aos alunos condições para a realização de atividades extracurriculares que complementem sua formação acadêmica, procurando atender mais plenamente as necessidades do Curso de Letras bem como ampliar e aprofundar os objetivos e os conteúdos que integram a estrutura curricular dessa graduação. Espera-se que o aluno vivencie novas experiências, visando sua formação acadêmica global e interdisciplinar, integrando a tríade universitária: ensino, pesquisa e extensão.

Nesse contexto, como professora colaboradora e parceira do PET Letras desenvolvi alguns projetos de ensino e de pesquisa orientando bolsistas do programa para complementar a formação acadêmica deles.

O primeiro projeto cujo título é Livro Didático e Dicionário – Lexicografia, registrado no GAP nº 050526, que tem como objetivos:

- criar grupo de estudos para discussão sobre literalidade e sentidos outros;
- fomentar estudos sobre os conceitos presentes nos Livros Didáticos sobre leitura, interpretação e gramatização (LDs precisam oferecer textos e atividades capazes de colaborar com os objetivos estabelecidos para cada um dos quatro eixos de ensino em Língua Portuguesa: leitura, produção de textos escritos, oralidade e conhecimentos linguísticos, PCN, (BRASIL, 1999).

Justifica-se esse Projeto de Ensino com Dicionários no sentido denotativo do léxico e com o Livro Didático – nossa gramática –, pois é importante considerar o LD em seu aspecto político e cultural, na medida em que reproduz e representa os valores da sociedade em relação à sua própria visão de ciência, de história, de interpretação dos fatos e do próprio processo de constituição do conhecimento, preparando o aluno para o exercício da cidadania e qualificando-o para o trabalho.

Nesse trabalho, a aluna Jaíne de Fátima Machado Silva, pesquisou a relação de sentido entre livro didático e dicionário, ferramentas importantes ao trabalho de professor de língua materna no fazer docente, em sala de aula. Além disso, outro tópico que justifica a realização desta investigação é possibilitar a produção de mais subsídios para o ensino do léxico em sala de aula.

Outro Projeto é a Revista Ideias, que sou editora junto com a Profa. Dra. Taís da Silva Martins, Tutora do Grupo PET Letras e também Editora da Revista, em que formamos uma parceria com o objetivo principal de publicar e de divulgar textos dos alunos de Graduação em Letras da UFSM (Curso de Licenciatura e Curso de Bacharelado) e de outras IES para dar maior visibilidade a produção acadêmico científica destes. A Revista Ideias conta com o trabalho da equipe de editoração e de revisão composta por alunos do grupo PET Letras. Já realizamos a publicação dos seguintes números da Revista com ISSN 2177-4099:

- Edição Especial – 2º Semestre de 2020
- Nº 30, 1º SEMESTRE DE 2021;
- Nº 31, 2º SEMESTRE DE 2021;
- Nº 32, 1º SEMESTRE DE 2022;
- Nº 33, 1º SEMESTRE DE 2022;

O trabalho mais recente desenvolvido em parceria com o PET Letras é o Projeto de Ensino “Impulsionando Saberes: Oficina de Escrita”, registro GAP nº 059353, que tem como objetivo auxiliar os alunos de grupos ou instituições públicas no aprimoramento de suas produções textuais; motivar o posicionamento crítico e fundamentado através de atividades dinâmicas; explorar conhecimentos linguísticos de forma que sejam vinculados

a conhecimentos socioculturais em suas produções; analisar mecanismos argumentativos e discursivos com os estudantes; discutir como o modo de uso da língua corrobora para a expressividade do autor; contribuir para a entrada dos estudantes no ensino superior e, conseqüentemente, no âmbito profissional.

Este projeto propõe a elaboração de uma oficina de produção textual, destinada aos alunos que pretendem realizar o Exame Nacional de Ensino Médio – ENEM – sejam eles alunos de cursos Pré-Vestibulares Populares ou de ensino público a nível médio. A iniciativa tem origem no grupo PET Letras e visa elaborar e efetivar atividades relacionadas à Leitura e Produção Textual.

É esperado que a pesquisa contribua no aprimoramento das produções textuais dos alunos e, conseqüentemente, potencialize seu acesso aos meios acadêmico e profissional, bem como incite a criatividade, o senso crítico e a busca pelo conhecimento. Além disso, espera-se que o projeto proporcione conhecimentos teórico-metodológicos aos membros do grupo e contribua na sua formação acadêmica. Destaco que, além dos petianos e petianas envolvidos neste projeto, há também a contribuição de duas discentes bolsistas PROLICEN/UFSM 2023.

Em suma, estes são os Projetos em que eu atuo como parceira do Grupo PET Letras com o objetivo de contribuir para a formação acadêmica e para a formação de novos pesquisadores, integrando a tríade universitária: ensino, pesquisa e extensão. Cabe destacar que essa relação com o PET Letras é uma relação pautada não só pelo trabalho acadêmico, mas também pelos afetos construídos diariamente.

As literaturas africanas ao longo do século XX: um olhar panorâmico e comparatista¹

Anselmo Peres Alós

Laura Valerio Sena

Marina Boeira Chagas

Sabrina Franz

Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos

É praticamente impossível discutir a produção literária dos países africanos que adotaram a língua portuguesa como sua língua oficial sem antes falar do processo colonial português nas colônias africanas. Para se falar em colonialismo português no continente africano, é fundamental, de partida, discernir entre duas siglas: PALOP e CPLP. PALOP designa o conjunto de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, e é constituído por Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe (además da República da Guiné Equatorial², admitida nos PALOP em 2014). Tratam-se de nações africanas que outrora foram territórios ultramarinos sob o domínio colonial português, e que alcançaram independên-

¹ Este trabalho apresenta a sistematização de notas de aula originalmente utilizadas pelo primeiro autor para as disciplinas Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (da grade do curso de Português-Licenciatura/UFSM) e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (da grade curricular do curso de Português-Bacharelado/UFSM). Tais notas foram amplamente discutidas, complementadas e revisadas pelas coautoras, que foram bolsistas do PET-Letras UFSM. São o resultado de um trabalho simultâneo de pesquisa e de ensino, com vistas a produzir uma discussão introdutória, sistemática e consistente para os alunos que ainda não foram devidamente apresentados para as questões básicas e contextuais discutidas no campo das Literaturas Africanas das nações pertencentes aos PALOP e à CPLP.

² Em 23 de julho de 2015, a República da Guiné Equatorial (ex-colônia espanhola na costa ocidental africana) foi aceita na CPLP, com a condição de que abolisse a pena de morte. Teodoro Obiang é o presidente (“ditador” é a palavra que expressaria melhor o papel político que ele ocupa na Guiné Equatorial) que se encontra no poder desde 1979; 80% das terras que compõem o território nacional são propriedade da família de Obiang.

cia política e soberania nacional apenas em 1975, após a queda do regime salazarista em Portugal. A CPLP, por sua vez, é a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, constituída não apenas pelos já mencionados PALOP, mas também por Portugal, Brasil e Timor Leste. Guiné Equatorial, uma nação africana que também tem um histórico de presença portuguesa em seu período colonial, recentemente foi aceita como membro da CPLP. Guiné Equatorial tem como línguas oficiais mais faladas o francês e o espanhol, mas recentemente adotou o português como terceira língua oficial, evocando o período de presença portuguesa em seu território para ingressar na CPLP³.

Ademais dos países que compõem a CPLP, há pelo menos mais dois territórios onde houve a presença do colonialismo português que merecem destaque. O primeiro deles é Goa, colônia no sudeste asiático que, a partir de 1975, foi anexada como província da Índia, e Macau, que foi anexada como província da China. Caberia também mencionar brevemente a presença dos agudás na República do Benim. A capital constitucional do Benim situa-se em Porto Novo (cidade com nome português), que se constituiu como o mais importante porto de exportação de mão-de-obra escravizada para as Américas, sob domínio português. Os agudás são descendentes de africanos escravizados e crioulos brasileiros que retornaram para a África. Muitos deles mantêm tradições herdadas do Brasil, em especial as festividades religiosas de matriz católica e canções populares em língua portuguesa⁴.

Diferentemente do que aconteceu em outros espaços africanos sob o domínio colonial (como nas colônias britânicas, francesas, italianas e belgas), uma das marcas do colonialismo português foi a sua abertura à miscigenação racial. Sobre essa questão, o pesquisador José Carlos Venâncio afirma o seguinte:

A miscigenação biológica e cultural constitui-se, desde os primeiros tempos, como característica fundamental da presença portuguesa em África [...]. Ela surgiu como o único meio de sobrevivência desse mesmo colonialismo, fus-

³ “A Guiné Equatorial devia sair da CPLP”, artigo de Alexandre Guerra, que pode ser lido aqui: <https://www.publico.pt/2019/04/18/politica/opiniao/guine-equatorial-sair-cplp-1869629>.

⁴ Para saber mais sobre os agudás, conferir: GURAN, Milton. *Agudás: os “brasileiros” do Benin* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira/EGF, 2000); CUNHA, Marianno Carneiro da. *Da senzala ao sobrado: a arquitetura brasileira na África Ocidental* (São Paulo, Nobel/Edusp, 1985); CUNHA, Manuela Carneiro. *Negros, estrangeiros: os escravos brasileiros e sua volta à África* (São Paulo, Brasiliense, 1985).

tigado, por um lado, pela resistência dos potentados africanos e, por outro, pela concorrência das outras potências coloniais (VENÂNCIO, 1992, p. 10).

Embora a visão de Venâncio acerca da questão da miscigenação em África não seja nem de longe um consenso, ela lembra muito a visão de Gilberto Freyre em **Casa-grande & senzala**⁵, um dos primeiros sociólogos a discutir a questão das teses étnico-raciais da sociedade brasileira.

Só é possível efetivamente falar de literaturas nacionais africanas de língua portuguesa após 1975, pois é nesse ano que as antigas colônias portuguesas em África, até então consideradas territórios ultramarinos portugueses, passam a ter o status de Estados-Nação soberanos. Ainda que seja possível falar de um sentimento nacionalista nascente e de manifestações literárias nesses espaços anteriores à 1975 (e que não raro são reivindicadas como antecessoras das tradições nacionais angolana, moçambicana, cabo-verdiana, são tomense e guineense), a grande maioria dos escritos produzidos nos territórios ultramarinos em África sob o domínio português entre fins do século XIX e meados de 1970 foram chamados de literatura colonial. Chama-se *literatura colonial*, no contexto dos PALOP, àqueles textos escritos por portugueses que migraram para os territórios portugueses ultramarinos em África ainda no período colonial, ou pelos filhos desses primeiros portugueses que nasceram em solo africano.

Essa literatura está caracterizada pela preocupação de descrever as terras e as gentes dos territórios portugueses em África. Trata-se de uma literatura que fala dos povos autóctones de modo muitas vezes estereotipado e preconceituoso, e celebra a presença portuguesa em África como uma missão de caráter salvacionista de retirar os selvagens africanos das trevas da ignorância e do paganismo. É fundamental distinguir entre as profundas diferenças entre o que se entende como literatura colonial no contexto dos estudos de literatura brasileira e o que se entende como literatura colonial no contexto dos estudos de literaturas africanas de língua portuguesa:

O conceito de literatura colonial é diferente do indicado pela mesma expressão no Brasil. Em África, significa a literatura escrita e publicada, na maioria esmagadora, em uma perspectiva de exotismo, evasionismo, preconceito racial e reiteração colonial e colonialista, em que a visão de mundo, o foco

⁵ FREYRE, Gilberto (1933). *Casa-grande & senzala*. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

narrativo e as personagens principais eram de brancos, colonos ou viajantes, e, quando integravam os negros, eram estes avaliados superficialmente, de modo exógeno, folclórico e etnocêntrico, sem profundidade cultural, psicológica, sentimental e intelectual⁶.

A introdução da imprensa nos territórios portugueses ultramarinos ocorreu ao longo do século XIX. Em Cabo Verde, isso ocorre em 1842; em Angola, em 1845; em Moçambique, em 1854; em São Tomé e Príncipe, em 1857, e em Guiné-Bissau, em 1879 (Cf. PIRES LARANJEIRA, 1995). Os primeiros artefatos impressos produzidos nos territórios ultramarinos foram o **Boletim Oficial** de cada colônia. Ademais de informações oficiais e obituários, esses boletins eventualmente publicavam poemas, contos ou crônicas.

Os movimentos de libertação nacional tiveram importante papel no desenvolvimento do ensino e da alfabetização nas ex-colônias portuguesas em África. De acordo com o pesquisador Pires Laranjeira, “MPLA (1956), PAIGC (1956) e FRELIMO (1962) tinham essencialmente preocupações políticas e militares, mas dedicavam atenção especial às questões culturais” (1995, p. 21). Em Angola, os três principais movimentos são os seguintes:

- **MPLA** (Movimento Popular pela Libertação de Angola). Trata-se de um movimento nacionalista, de caráter multirracial, multiétnico, anticolonialista e representativo;
- **FNLA** (Frente Nacional de Libertação de Angola). Considerado um movimento nacionalista dissidente, que reunia basicamente os bakongos (etnia do norte de Angola), fortemente apoiada por Mobuto Sese Seko (o ditador que ocupou a presidência do Zaire – atual Congo Belga – entre 1965 e 1997).
- **UNITA** (União Nacional para a Independência Total de Angola). Dissidência da etnia umbundo, com ligações com o exército português, com os madeireiros que exploraram (lícita e/ou ilícitamente) as florestas angolanas, bem como com a PIDE (a polícia política portuguesa). Após a independência, em 1974-1975, UNITA e FNLA juntam-se para combater o MPLA, que assume o comando

⁶ PIRES LARANJEIRA. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995. p. 26.

político de Angola independente, o que leva a jovem nação a uma longa guerra civil que se estende de meados dos anos 1970 até o início da década de 1990. A UNITA recebeu apoio tanto dos Estados Unidos quanto da África do Sul ao longo do período de guerra civil pós-independência, enquanto o MPLA foi amplamente apoiado por Cuba e pela antiga URSS.

Em Moçambique, houveram basicamente duas frentes pró-independência (que, atualmente, configuram-se como os dois principais partidos políticos do país):

- **FRELIMO** (Frente de Libertação de Moçambique). Tal como o MPLA, caracteriza-se como um movimento nacionalista, de caráter multirracial, multiétnico, anticolonialista e representativo.
- **RENAMO** (Resistência Nacional Moçambicana). Movimento pós-independência de oposição à FRELIMO, formado basicamente por moçambicanos, sul-africanos, rodesianos e portugueses colonialistas. Após a FRELIMO assumir a condução política de Moçambique, em 1975, a RENAMO insurge-se como resistência anticomunista, e se inicia um longo período de conflito civil no país (1976-1992).

Na participação popular na luta anticolonial, Cabo Verde e Guiné-Bissau destacam-se, sob a figura e a liderança de Amílcar Cabral, o PAIGC (Partido Africano da Independência de Guiné e Cabo Verde). Após a Revolução dos Cravos e a concretização da independência, o PAIGC assume o papel de único partido político em Guiné-Bissau e Cabo Verde. Apesar dos esforços do PAIGC para a manutenção da unidade nacional entre Guiné-Bissau e Cabo Verde, ocorre uma cisão irreversível em 1980, após o golpe militar (relativamente pacífico) comandado por Nino Vieira contra Luís Cabral, à época presidente (de origem cabo-verdiana). Em seguida, o braço cabo-verdiano do PAIGC desvincula-se, formando o PAICV (Partido Africano da Independência de Cabo Verde). Finalmente, em São Tomé e Príncipe, o MLSTP (Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe) é criado apenas uns poucos anos antes da crise do governo colonial português e da Revolução dos Cravos, tendo um papel não muito relevante na luta anticolonial.

Na década de 1960, ainda eram muito incipientes os níveis de alfabetização nas colônias portuguesas em África: em Cabo Verde, os índices de analfabetismo eram os mais baixos, girando em torno de 78,5%; em Angola, os níveis de analfabetismo alcançavam os 97%; em Moçambique, cerca de 98%; e em Guiné-Bissau e São-Tomé e Príncipe, os índices de analfabetismo eram quase absolutos, chegando a quase 100% (Cf. PIRES LARANJEIRA, 1995).

As literaturas africanas de língua portuguesa, tanto no Brasil quanto em Portugal, costumam ser estudadas em conjunto, como se fossem um bloco relativamente homogêneo. Os antigos territórios ultramarinos sob domínio português no continente africano, após o período de resistência anticolonial, deram origem às cinco nações que hoje integram os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP): Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Se é verdade que o trabalho em perspectiva comparatista⁷ permite colocar em relevo aquilo que essas literaturas nacionais possuem em comum, tal como o substrato colonial e a experiência da dominação portuguesa, por outro impede o leitor, o crítico e o pesquisador de salientar as singularidades de cada uma dessas tradições literárias.

É importante destacar três pontos fundamentais para quem está nos momentos iniciais de aproximação às literaturas africanas de língua portuguesa:

- É impensável situar a consolidação das literaturas africanas de língua portuguesa fora do quadro do colonialismo e do pós-colonialismo, com especial destaque para a questão da busca e da problemati-

⁷ A Literatura Comparada é um importante campo de estudos do fenômeno literário, e possui uma longa trajetória. Para saber mais sobre essa questão, vale a pena conferir os artigos abaixo, disponíveis *on-line*: ALÓS, Anselmo Peres. “A literatura comparada neste início de milênio: tendências e perspectivas”. *Ângulo* (FATEA, Impresso), v. 130, p. 7-12, 2012. Disponível em: https://issuu.com/vanialuciadias/docs/_texto_1_a_literatura_comparada_ne_abaf7854ea797. Acesso em: 01 jul. 2020; ALÓS, Anselmo Peres. “Literatura comparada ontem e hoje: campo epistemológico de ansiedades e incertezas”. *Organon* (UFRGS), v. 27, n. 52, p. 17-42, 2012. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/33469/21342>. Acesso em: 01 jul. 2020; ALÓS, Anselmo Peres; SCHMIDT, Rita Terezinha. “Margens da poética/poéticas da margem: o comparatismo planetário como prática de resistência”. *Organon* (UFRGS), v. 23, n. 47, p. 129-145, 2009. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29514/18199>. Acesso em: 01 jul. 2020; ALÓS, Anselmo Peres. “Do universal ao plural: transformações teóricas no campo da Literatura Comparada”. *Sociopoética* (ONLINE), v. 21, p. 114-126, 2019. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/REVISOCIOPOETICA/article/view/4889/3001>. Acesso em: 01 jul. 2020.

zação da construção de identidades nacionais ao longo do final do século XX (processo, aliás, que não se encontra finalizado e que continua em processo ao longo do século XXI nessas literaturas);

- A compreensão dos processos literários nos PALOP é indissociável da história das lutas por soberania e pela consolidação desses Estados Nacionais;
- As literaturas africanas de língua portuguesa são ininteligíveis fora de um contexto que articule, relacione e confronte texto literário, história e política cultural.

A Conferência de Berlim é o ponto histórico fundamental em que as potências colonialistas europeias sancionam simultaneamente a partilha e a ocupação efetiva da África. A Conferência de Berlim foi, de início, um projeto diplomático idealizado por Portugal. Entretanto, ela foi levada a cabo pelo chanceler alemão Otto von Bismarck, que a realizou entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885. Esse evento reuniu catorze das mais importantes potências europeias da época, com a intenção de debater e oficializar a ocupação colonial da África pelas metrópoles europeias. De início, Portugal realizou a proposta que posteriormente ficou conhecida como o “mapa cor-de-rosa”, e que sugeria a criação de um domínio que unificasse, de leste a oeste, os dois territórios coloniais ocupados pelos portugueses: Angola (no Ocidente, às margens do Atlântico) e Moçambique (no Oriente, às margens do Pacífico). A proposta foi de imediato rejeitada pelo Reino Unido, que passou a pressionar Portugal imediatamente a abandonar a ideia (o que terminou por acontecer)⁸.

Ngugi Wa Thiong’o, romancista queniano, foi um dos primeiros intelectuais africanos a defender que o colonialismo europeu em África apenas poderia ser efetivamente derrotado no momento em que os africanos abandonassem o uso das línguas europeias (entendidas como instrumentos de dominação colonial) e resgatassem do esquecimento as línguas autóctones dos povos africanos. Thiong’o foi um dos primeiros escritores a utilizar uma forma moderna (o gênero literário “romance”) para escrever literatu-

⁸ SILVA, Daniel Neves. “Conferência de Berlim”. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/conferencia-berlim.htm>. Acesso em: 17 ago. 2020.

ra em *gikuyu*, sua língua materna. Seu romance, em razão disso, alcança um público muito pequeno, uma vez que os falantes de *gikuyu* no Quênia eram, em sua grande maioria, analfabetos e/ou iletrados. Em função disso, pouco tempo depois do lançamento de sua novela, ele termina por traduzir seu próprio livro para o inglês⁹, de maneira a assegurar que seu romance atingisse um público mais amplo, tanto no Quênia quanto na comunidade internacional. Nessa mesma perspectiva, o português José Carlos Venâncio afirma que “é impossível conceber a formação do que geralmente designamos de literatura africana (*i. e.*, literatura africana em línguas europeias) desligada do fenômeno do colonialismo” (1992, p. 6).

Durante o processo colonialista de ocupação da África pelas potências europeias, era oferecido o acesso à educação formal às lideranças tradicionais dos povos africanos; criou-se assim uma elite cultural autóctone que atuava como intermediária entre os colonos europeus e as populações autóctones. Em certo sentido, essas lideranças terminavam por se configurar como sujeitos (ainda que precariamente) interculturais, que atuavam como mediadores ou tradutores nas relações travadas entre europeus e africanos autóctones. Com o passar do tempo, essas elites alfabetizadas/letradas passaram a funcionar como uma espécie de “extensão local” do poder colonial metropolitano nas colônias africanas, e por isso passam a ser vistas com desconfiança pelas populações locais. Esta ambivalência cultural foi tematizada e discutida várias vezes nas literaturas africanas de diferentes línguas, e não foi diferente com as literaturas africanas de língua portuguesa.

Poder-se-ia mencionar, a título de exemplo, o romance **Mayombe** (publicado em 1980)¹⁰, de autoria de Pepetela, um dos mais importantes romancistas angolanos. Em **Mayombe**, o personagem Teoria – um mestiço alfabetizado que se junta aos guerrilheiros do MPLA¹¹ na luta contra o colonialismo português – é sempre visto com desconfiança, seja pelos seus parentes negros da família materna, seja pelos parentes brancos da família paterna. Alegoricamente, a família materna, negra e autóctone, representa as populações africanas sob o jugo colonial, enquanto a família branca pa-

⁹ *Devil on the cross* (1982). *Caitani mitharaba-In* (edição em *gikuyu*, publicada em 1980).

¹⁰ Citado a partir da segunda edição brasileira: PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo: Leya, 2013.

¹¹ Movimento Popular de Libertação de Angola.

terna representa os brancos colonialistas portugueses que se estabeleceram em Angola.

No seio dessa elite colonial autóctone, consideravelmente letrada, que se identificava mais com os brancos europeus do que com as populações negras africanas, algumas famílias conseguem juntar consideráveis recursos econômicos, de maneira a enviar seus filhos (brancos “de segunda”¹² ou mestiços) para estudar nos liceus e universidades da Europa, especialmente em Portugal. Nas colônias portuguesas no continente africano, haviam apenas escolas secundárias (os liceus, equivalentes às escolas de Ensino Médio brasileiras), e absoluta inexistência de universidades, faculdades ou instituições de educação superior. Com relação a essa pequena elite educada nas universidades europeias, José Carlos Venâncio afirma que:

Alienaram-se culturalmente, constituindo então o que geralmente se designa de elites coloniais. Contudo, olhados com desconfiança pelos africanos das sociedades tradicionais e sem serem aceites na sua plenitude de homens livres e pensantes pelas sociedades colonial e metropolitana, apercebem-se em um segundo momento, da inautenticidade cultural e humana em que tinham caído (1992, p. 7).

Um dos primeiros trabalhos desenvolvendo que essa questão da ambivalência do sujeito colonial, comparável a uma espécie de “esquizofrenia identitária”, foi desenvolvido por um pensador negro nascido na Martinica: o psiquiatra Franz Fanon. Em **Peles negras, máscaras brancas**¹³, Fanon desenvolve a noção de esquizofrenia colonial, a partir de seus estudos sobre a psique coletiva das populações negras da Martinica. Segundo Fanon, os negros da Martinica são *aculturados* (isto é, não se percebem mais como negros, mas sim como franceses brancos). Uma importante releitura do trabalho de Fanon, feita no contexto dos estudos pós-coloniais, foi realizada pelo crítico indo-britânico Homi Bhabha. Em seu livro, intitulado **O local da cultura**¹⁴, Bhabha retoma a discussão de Fanon e chega à formula-

¹² “Branco de segunda” era a designação pejorativa dada, ao longo do período colonial, aos brancos portugueses que nasciam nos territórios ultramarinos portugueses em África. Há uma ambiguidade na utilização do numeral ordinal “segunda”, que pode tanto ser lido como “segunda geração” quanto “segunda classe” ou “segunda categoria”.

¹³ Publicado em francês, pela primeira vez, em 1952. Citado aqui a partir da edição brasileira: FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad.: Renato da Silveira. Salvador: Editora EdUFBA, 2008.

¹⁴ Publicado em inglês, pela primeira vez, em 1994. Citado a partir da primeira edição brasileira (Belo Horizonte: UFMG, 1998).

ção do que chama de *ambivalência pós-colonial*: uma vez que o regime colonial finda e as antigas colônias transformam-se em nações soberanas e (supostamente) independentes, esses sujeitos pós-coloniais são caracterizados pela ambivalência, uma vez que essas novas identidades nacionais emergentes estruturam suas subjetividades a partir de relações tensas e conflitivas tanto com os valores culturais autóctones (tradição, língua, religiosidade, mitologia) quanto com os valores culturais metropolitanos (modernidade, progresso, direitos humanos, capitalismo de mercado, propriedade privada).

Bhabha discute, a partir da noção de ambivalência pós-colonial, a de mímica pós-colonial: uma vez que, não raro, o sujeito pós-colonial perde o contato com a tradição e os valores culturais autóctones anteriores à chegada dos colonialistas europeus, com o fim do colonialismo as elites pós-coloniais mimetizam e imitam os valores, os comportamentos e a estruturas sociais e econômicas do período colonial. Tais dinâmicas culturais são particularmente perceptíveis nas nações africanas que outrora foram colônias sob o domínio francês (bem como em suas respectivas literaturas). José Carlos Venâncio afirma que “os intelectuais que estiveram por detrás delas viram-se a braços com uma política assimilacionista que os fazia franceses de segunda classe” (1992, p. 7 – grifo meu).

Para ilustrar a dinâmica da ambivalência e da mímica pós-coloniais, vale a pena mencionar aqui dois importantes romances africanos: cito aqui **Things fall apart**¹⁵ (de autoria do nigeriano Chinua Achebe, e publicado pela primeira vez em 1958), e **L’aventure ambiguë**¹⁶ (escrito por Cheik Hamidou Kane, escritor senegalês, e publicado pela primeira vez em 1961). Em **Things fall apart** [“O mundo se despedaça”], o protagonista Okonkwo vê o sistema de valores tradicionais de sua comunidade ruir, uma vez que a maior parte da comunidade está se convertendo ao cristianismo, abandonando suas crenças e valores espirituais. Desesperado ao ver o seu mundo despedaçar-se, Okonkwo assassina um dos líderes tradicionais locais, convertido ao cristianismo. Pouco tempo depois, não conseguindo suportar a culpa por ter assassinado um membro de sua própria comunidade, Okonkwo suicida-se.

¹⁵ New York: Anchor Books, 1994.

¹⁶ Paris: 10/18, 2003.

Já em **L'aventure ambiguë** ["A aventura ambígua"], narra-se o dilema do intelectual africano que diz respeito à questão da ambivalência pós-colonial da qual Bhabha fala. O protagonista do romance, Samba Diallo, é um senegalês que migra para a Europa, para fazer seus estudos universitários na França. Terminada a sua formação, Diallo retorna ao Senegal, onde passa a se sentir um "estrangeiro" em sua própria terra, uma vez que ele assimilou os valores culturais europeus e esqueceu os valores culturais de seu próprio povo. Em ambos os romances, a alienação cultural do homem africano é o fator chave a estruturar o enredo. Desvinculada dos valores culturais e das diretrizes éticas da cultura de sua comunidade, a vida do africano alienado torna-se insustentável. O resultado, como desfecho para os dois romances, termina sendo a morte, seja ela simbólica (como é a de Samba Diallo em **L'aventure ambiguë**) ou literal (como a de Okonkwe, em **Things fall apart**).

A partir da década de 1960, inicia-se o fim do colonialismo europeu na África e o surgimento das primeiras nações independentes nos antigos territórios coloniais sob domínio francês e britânico. É precisamente entre os intelectuais "deslocados" que se inicia a emersão de um sentimento nacionalista. Um número considerável dos primeiros escritores africanos também esteve vinculado a movimentos nacionalistas. Pode-se destacar, entre os mais proeminentes, os nomes de Agostinho Neto (primeiro presidente angolano), Pepetela (primeiro Ministro da Educação angolano), ambos vinculados ao MPLA; Amílcar Cabral (importante nome no PAIGC, assassinado em 1973) e Leopold Sédar Senghor (poeta e primeiro presidente do Senegal).

Uma parte considerável das antigas elites coloniais, entretanto, logo se vê desiludida com os rumos que a independência tomou na história de suas respectivas nações. Essa desilusão das elites nacionalistas pós-coloniais pode ser lida, por exemplo, em romances tais como **Le mandat**¹⁷ (1965) **The gab boys**¹⁸ (1967), **Le bel immonde**¹⁹ (1976), **Sans tam-tam**²⁰ (1977) e **A man of the people**²¹ (1988). **Le mandat** ["O mandato"], romance do

¹⁷ SEMBÈNE, Ousmane. *Le mandat*. Paris: Présence Africaine, 1965.

¹⁸ DUODU, Martin Cameron. *The gab boys*. London: Andre Deutsch, 1967.

¹⁹ MUDIMBE, Valentin-Yves. *Le bel immonde*. Paris: Présence Africaine, 1976.

²⁰ LOPES, Henri. *Sans tam-tam*. Yaoundé: CLF, 1977.

²¹ ACHEBE, Chinua. *A man of the people*. London: Heinemann, 1988.

escritor senegalês Ousmane Sembène publicado em 1965, traz como protagonista Ibrahima Dieng, chefe de família pobre e desempregado. O enredo é construído no contexto de um pequeno povoado africano, na fronteira ambígua que separa a África tradicional do burocrático mundo da administração pública pós-independência. Cabe acrescentar, a título de curiosidade, que o romance foi transformado em filme pelo próprio autor, e lançado em 1968.

Escrito pelo ganhês Martin Cameron Duodu e publicado pela primeira vez em Londres, em 1967, **The gab boys** [“Os meninos de gabardine”] é protagonizado por Kwasi Asamoah. *Gab* é uma contração utilizada no inglês falado em Gana para *gabardine*, uma alusão ao tecido utilizado na confecção das caras calças utilizadas pelos *gab boys*. Kwasi Asamoah, tal como os outros *gab boys*, é um daqueles jovens que foram educados ao longo dos primeiros anos da independência de Gana, mas que, poucos anos depois de terem terminados a escola, encontram-se desocupados e desempregados, em um momento histórico no qual a economia ganesa vagava rumo a uma cleptocracia²². **The gab boys** retrata também o conflito cultural dessa jovem geração, educada de acordo com parâmetros ocidentais de escolarização, e as gerações tradicionais mais velhas, que vê nos *gab boys* não mais do que delinquentes que romperam com os laços culturais tradicionais das comunidades africanas.

A corrupção dos valores tradicionais, representada pelas jovens gerações que crescem no contexto dos primeiros anos de independência das nações africanas, pode ser também lida em **Le bel immonde** [“O belo imundo”], romance de Valentin-Yves Mudimbe, escritor nascido no Congo Belga (atual República Democrática do Congo²³), e publicado em 1976. O romance narra a trajetória de Ya, uma jovem nascida em um vilarejo congo-

²² *Cleptocracia*: esse termo é um neologismo, e significa, literalmente, “governo de ladrões”; utiliza-se para descrever os governos que têm como único objetivo o roubo de capital financeiro de um determinado país. A cleptocracia ocorre quando uma nação deixa de ser governada por um Estado de Direito imparcial, e passa a ser governada por pessoas que, direta ou indiretamente, alcançaram o poder e conseguiram transformar esse poder político em meio de ganho econômico, não raro através de meios ilícitos, tais como o nepotismo e a corrupção.

²³ Não confundir a República do Congo (cuja capital é Brazaville, e foi uma colônia francesa antes de sua independência política) com a República Democrática do Congo (cuja capital é Kinshasa, e foi uma colônia belga antes de sua independência política). Importante também ressaltar que, à época da publicação do romance, a República Democrática do Congo chamava-se República do Zaire.

lês, que se muda para a capital para frequentar a universidade. Todavia, Ya acaba despendendo mais tempo nas *boîtes* da cidade do que nas aulas da universidade. Nesse meio tempo, Ya torna-se amante de um importante ministro, que termina por abandonar sua esposa pouco depois de acusá-la de prática de feitiçaria. O ministro acaba sendo assassinado, e Ya se vê obrigada a prostituir-se para poder manter-se vivendo em Accra.

A corrupção nos bastidores das grandes esferas do poder também é retratada na literatura do Congo Francês (atual República do Congo). Em **Sans tam-tam** [“Sem *tân-tâns*²⁴”], romance epistolar de autoria de Henry Lopes, o protagonista (um professor lotado em uma escola no interior do Congo Francês) troca correspondência com seu amigo, um alto funcionário residente na capital e membro do partido que se encontra no poder. Nessa troca de cartas, o professor explica a seu amigo suas motivações ao recusar o convite para assumir o posto de Conselheiro Cultural no Exterior, que lhe é proposto pelo governo congolês. Já em **A man of the people**, publicado pelo nigeriano Chinua Achebe em 1980 (romance satírico, o quarto publicado pelo seu autor), conta a história de Odili, o jovem e bem-educado narrador, e seus conflitos com seu antigo professor, Chefe Nanga, que se transforma em um político de carreira. Ambientado em uma nação africana cujo nome não é mencionado ao longo do livro, a narrativa constitui-se como alegoria política. Enquanto Odili representa a nova geração de intelectuais africanos pós-independência, Chefe Nanga encarna a liderança tradicional, os costumes e tradições anteriores à chegada dos colonialistas europeus. O romance termina com um Golpe de Estado, justamente no momento em que Odili concorda em assumir a liderança de um partido oposicionista que faria oposição ao partido de Chefe Nanga.

Os romances anteriormente mencionados são hoje considerados textos canônicos das literaturas africanas em línguas europeias. Nas literaturas africanas de língua portuguesa, os temas abordados pelos escritores, especialmente pelos romancistas, são muito semelhantes ao dos romances comentados até aqui: os embates coloniais entre autóctones africanos e for-

²⁴ Em francês, *tam-tam* é uma palavra de origem onomatopaica, usada para descrever o som dos tambores.

ças colonialistas e imperialistas da Europa, a luta pela independência das nações africanas e a formação da identidade nacional das nações africanas.

Referências

- ABDALA JR, B. *De voos e de ilhas: literaturas e comunitarismos*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.
- ABDALA JR, B. *Literatura, história e política*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- ABDALA JR, B.; SCARPELLI, M. F. (orgs.). *Portos flutuantes: trânsitos Ibero-afro-americanos*. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.
- ABDALA JR, B.; SILVA, R. V. R. e (orgs.). *Literatura e memória política: Angola, Brasil, Moçambique, Portugal*. Cotia: Ateliê Editorial, 2015.
- CANIATO, B. J. *Percursos pela África e por Macau*. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.
- CHAVES, R.; MACEDO, T. (orgs.). *Portanto, Pepetela*. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.
- COELHO, N. N. *Escritores portugueses*. São Paulo: Quíron, 1973.
- GOMES, S. C. *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.
- REMÉDIOS, M. L. R. *O romance português contemporâneo*. Santa Maria: Ed. Universidade Federal de Santa Maria, 1986.
- SANTILI, M. A. *Estórias africanas*. São Paulo: Ática, 1985.
- ALÓS, Anselmo Peres. “A literatura comparada neste início de milênio: tendências e perspectivas”. *Ângulo* (FATEA, Impresso), v. 130, p. 7-12, 2012.
- ALÓS, Anselmo Peres. “Literatura comparada ontem e hoje: campo epistemológico de ansiedades e incertezas”. *Organon* (UFRGS), v. 27, n. 52, p. 17-42, 2012.
- ALÓS, Anselmo Peres; SCHMIDT, Rita Terezinha. “Margens da poética/poéticas da margem: o comparatismo planetário como prática de resistência”. *Organon* (UFRGS), v. 23, n. 47, p. 129-145, 2009.
- ANDRADE, Mário Pinto de; TENREIRO, Francisco José (orgs.). *Caderno de poesia negra de expressão portuguesa*. Lisboa: CEI, 1953.
- ANDRADE, Mário Pinto de; TENREIRO, Francisco José (orgs.). *Antologia da poesia negra de expressão portuguesa*. Paris: Pierre Jean Oswald, 1958.
- ANDRADE, Mário Pinto de (org.). *Antologia temática de poesia africana*. Vol. I: Na noite grávida dos punhais. Lisboa: Sá da Costa, 1975.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CARGNELUTTI, C. M.; ALÓS, Anselmo Peres. “Do universal ao plural: transformações teóricas no campo da Literatura Comparada”. *Sociopoética* (on-line), v. 21, p. 114-126, 2019.

ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura angolana*. 3. ed. Luanda: UEA, 1985.

FANON, Franz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador, Bahia: Editora EdUFBA, 2008.

FERREIRA, Manuel (orgs.). *No reino de Caliban I: antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa*. Lisboa: Seara Nova, 1975.

FERREIRA, Manuel (org.). *No reino de Caliban II: antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa*. Lisboa: Seara Nova, 1976.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa – I*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977. (Biblioteca Breve, vol. 6).

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa – II*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977. (Biblioteca Breve, vol. 7).

FERREIRA, Manuel (org.). *No reino de Caliban III*. Lisboa: Plátano, 1985.

FERREIRA, Manuel (org.). *50 poetas africanos*. Lisboa: Plátano, 1989.

FERREIRA, Manuel. *O discurso no percurso africano I*. Lisboa: Plátano, 1989.

FREUDENTHAL, A. et al. (orgs.). *Antologias de poesia da Casa dos Estudantes do Império: 1951-1963*. Lisboa: CEI, 1994. (Dois volumes).

HAMILTON, Russel. *Literatura africana, literatura necessária*. Lisboa, Ed. 70, 1981.

LABAN, Michel. *Angola: encontro com escritores*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1991.

LABAN, M. S. *Tomé e Príncipe: encontro com escritores*. Porto: Fundação Eng. António Almeida, 2002.

LEMOS, J. de. *Almas negras*. Lisboa: Livraria Clássica, 1937.

MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

MENDONÇA, Fátima; SAÚTE, Nelson (orgs.). *Antologia da nova poesia moçambicana*. Maputo: AEMO, 1993.

MENDONÇA, Fátima; SAÚTE, Nelson. Moçambique, lugar para poesia. In: SOUSA, Noémia. *Sangue negro*. Maputo: AEMO, 2001. p. 161-174.

MOURÃO, Fernando. *A sociedade angolana através da literatura*. São Paulo: Ática, 1978.

PIRES LARANJEIRA. *Literatura calibanesca*. Porto: Afrontamento, 1985.

- SARMENTO, A. de. *Os sertões d'África*. Lisboa: Francisco Arthur da Silva, 1880.
- SOUSA, N. de. *Sangue negro*. Organização e fixação do texto realizada por Nelson Saúte, Francisco Noa e Fátima Mendonça. Maputo: Aemo, 2001.
- TENREIRO, F. J. *Coração em África*. Lisboa: África, 1982.
- TENREIRO, F. J. *A ilha de São Tomé: estudo geográfico*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1961.
- VENÂNCIO, José Carlos. *Uma perspectiva etnológica da literatura angolana*. Lisboa: Ulmeiro, 1987.
- VENÂNCIO, José Carlos. *Literatura e poder na África lusófona*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.
- VENÂNCIO, José Carlos. *Literatura versus sociedade*. Lisboa: Vega, 1992.
- WA THIONG'O, Ngugi. *Decolonising the mind: the politics of language in African literature*. James Currey: London, 1986.

Arquivo e memória na construção de um projeto coletivo: História do Conhecimento Linguístico

*Bibiana Souza Reis
Isadora Hoppe Chielle
Raquel Michels Ilha
Taís da Silva Martins
Ysadora Pereira Rangel*

Introdução

Neste texto, objetivamos apresentar um recorte do trabalho desenvolvido a partir das atividades realizadas no âmbito do projeto “História do Conhecimento Linguístico”, coordenado pela professora Dra. Taís da Silva Martins, tutora do grupo PET Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O projeto conta com a participação de integrantes do grupo PET, bem como de ex-participantes que atualmente estão integrados no Programa de Pós-Graduação em Letras na UFSM.

A metodologia adotada no desenvolvimento do projeto incluiu encontros quinzenais para leitura e discussão de textos teóricos, construção colaborativa de um arquivo documental e participação em eventos acadêmicos.

No ano de 2023, a atualmente mestranda e integrante do projeto, na época participante do PET Letras, Ysadora Pereira Rangel, desenvolveu seu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “O perfil do docente formado nos cursos de Letras da Universidade Federal De Santa Maria nos anos 1980”, com base nas leituras que realizava enquanto participante do projeto de pesquisa, ensino e extensão: PET Letras.

No primeiro semestre de 2024, os integrantes do grupo reuniram-se com a coordenadora para organizar e planejar o andamento das atividades, definindo as leituras teóricas que subsidiaram as reflexões do grupo ao longo do ano. Também foi estruturada a divisão de tarefas relacionadas à digi-

talização dos documentos, estabelecendo-se quais integrantes seriam responsáveis por cada material.

Ao longo de dois semestres, os membros do projeto realizaram leituras individuais previamente definidas – que posteriormente foram discutidas coletivamente nas reuniões. Paralelamente, o grupo dedicou-se à organização do acervo de pesquisa, por meio da digitalização e catalogação de documentos relevantes à história dos Cursos de Letras da UFSM, com o intuito de disponibilizá-los digitalmente para futuras investigações acadêmicas. No segundo semestre, além da continuidade das atividades de leitura e organização do arquivo, foi realizada uma leitura interpretativa e crítica dos documentos, com ênfase na reflexão sobre os sentidos atribuídos ao arquivo e seu papel na constituição da memória institucional.

Ainda em 2024, os resultados parciais da pesquisa foram apresentados em dois eventos acadêmicos: o XXVII Seminário Corpus – *Laboratório Corpus 25 anos: enlaces e perspectivas* e a 39ª Jornada Acadêmica Integrada (JAI). O Seminário Corpus reuniu pesquisadores em formação e especialistas vinculados a laboratórios parceiros, com o objetivo de promover a troca de experiências e a socialização de pesquisas. A JAI, promovida pela UFSM, tem como propósito incentivar a iniciação científica e a divulgação de trabalhos desenvolvidos por estudantes da graduação e pós-graduação, assegurando o reconhecimento institucional das ações de ensino, pesquisa, extensão e inovação.

Dispositivo teórico-analítico

A constituição da base teórica não só do projeto de pesquisa “História do Conhecimento Linguístico”, como também do Trabalho de Conclusão de Curso de Rangel (2023), integrante do projeto, fundamentam-se na *Análise de Discurso materialista* (AD), que tem em destaque Michel Pêcheux, em entremeio com a *História das Ideias Linguísticas* (HIL), que Sylvain Auroux recebe destaque. No Brasil, as contribuições da pesquisadora Eni Orlandi são significativas para o aprofundamento e consolidação dessas duas áreas do conhecimento.

A *História das Ideias Linguísticas* foi inicialmente desenvolvida na França, nos anos 1970, por um grupo liderado por Sylvain Auroux, e, no Brasil,

chegou na década de 1980, por meio de um grupo de pesquisa em *Análise de Discurso* coordenado por Eni Orlandi. A *Análise de Discurso* é localizada no entremeio da linguística com a psicanálise e o marxismo. De acordo com Martins (2012), no Brasil, esta perspectiva teórica passou por um processo de ressignificação e reinterpretação, buscando atender aos discursos produzidos no país.

Consoante a Pêcheux (2009, p. 77), “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”. Essa compreensão orienta não só o desenvolvimento do projeto “História do Conhecimento Linguístico”, mas também o Trabalho de Conclusão de Curso de Rangel (2023). Dessa forma, compreendemos que a análise dos documentos oficiais relacionados à educação brasileira, bem como os arquivos dos Cursos de Letras da UFSM, requer atenção cuidadosa às condições de produção que permeiam, bem como às legislações e diretrizes vigentes na época.

A constituição de um arquivo

O projeto “História do Conhecimento Linguístico” dedica-se à digitalização de documentos dos Cursos de Letras da UFSM, com o objetivo de construir um arquivo, que, de acordo com Pêcheux, refere-se ao “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (2010, p. 51), acessível para consultas e pesquisas futuras. Como desdobramento dessa iniciativa, Rangel (2023) selecionou um conjunto específico de documentos para desenvolver seu Trabalho de Conclusão de Curso. O arquivo utilizado nesta pesquisa é composto por documentos oficiais, entre os quais se destacam: (I) o “Currículo do Curso de Letras – Habilitação Português – Literaturas de Língua Portuguesa – Manual de Orientação” (1986); (II) o “Currículo do Curso de Letras – Habilitação Português-Francês com respectivas Literaturas e Português-Inglês com respectivas Literaturas – Manual de Orientação” (1986); além de legislações e diretrizes educacionais vigentes à época, relacionadas ao ensino no Brasil.

A leitura e análise dos documentos selecionados neste trabalho vai muito além de uma abordagem descritiva ou mesmo cronológica. Esta pesquisa busca mais do que listar nomes, datas ou estruturas curriculares, a

proposta é analisar os sentidos que estão inscritos nas formulações de textos oficiais, sempre levando em consideração as produções discursivas que são atravessadas por determinadas condições de produção.

A perspectiva adotada pelo projeto de pesquisa na análise de documentos e por Rangel (2023) em seu trabalho, foi ancorada na *Análise de Discurso materialista*, que permite observar como determinadas concepções de língua, sujeito e formação docente são materializadas nesses documentos e atravessam a construção de um perfil profissional específico para os licenciandos em Letras da UFSM dos anos 1980.

Entendemos que a constituição de um arquivo não deve ser compreendida como uma etapa preparatória da pesquisa; ela faz parte do próprio processo investigativo. Nessa mesma direção, Martins (2012) afirma que a tarefa do analista é construir dispositivos de análise de arquivo que permitam a leitura dos modos de produção de sentidos que atravessam o arquivo. Logo, a construção do arquivo é muito importante, assim como a construção de dispositivos de análise. Além disso, na organização da materialidade documental, organizamos, delimitamos e damos densidade à questão de pesquisa. Desse modo, o gesto de reunir, selecionar e classificar os documentos permite à pesquisa se consolidar como um recorte possível e significativo.

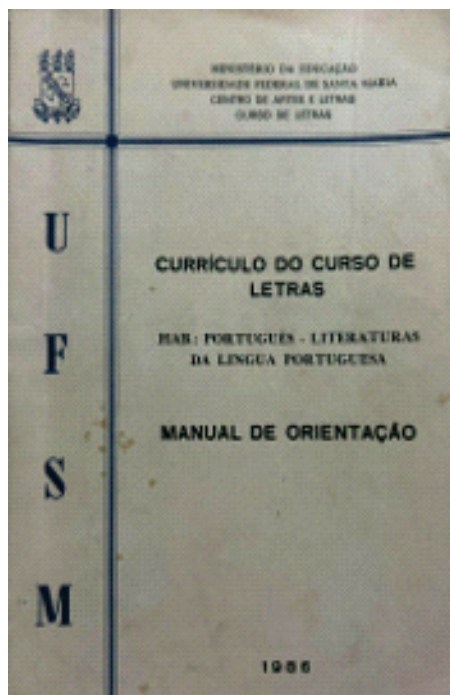
Com isso, consideramos que no gesto de organizar um arquivo, também realizamos o gesto de interpretar, pois nesse movimento que a pesquisa adquire uma direção, são articuladas às condições de produção e tornam o dizer possível.

3.1 Um possível recorte

Rangel (2023) construiu o recorte discursivo ao longo do processo de leitura e interpretação de documentos oficiais que regulamentavam a educação durante a década de 1980. Esse corpus foi composto, em especial, pelos *Manuais de Orientação dos Cursos de Letras* das habilitações em Português-Francês com suas respectivas literaturas, Português-Inglês com suas respectivas literaturas, e Português com Literaturas da Língua Portuguesa.

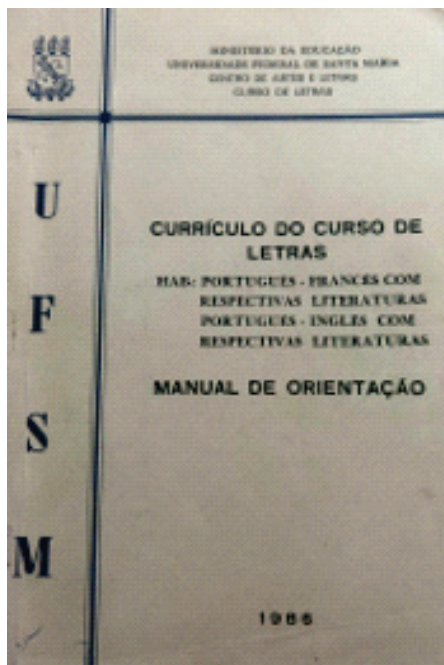
Vejamos esses documentos a seguir:

Imagem 1: Capa Currículo do
Curso de Letras – Hab.: Português
– Literaturas da Língua
Portuguesa



Fonte: Rangel (2023).

Imagem 2: Capa – Currículo do
Curso de Letras – Hab.: Português
– Francês com Respectivas Litera-
turas Português – Inglês com
Respectivas Literatura



Fonte: Rangel (2023).

Percebemos que embora existam dois documentos distintos, um voltado para as orientações do Curso de Letras com habilitação em Português e outro para os Cursos de Letras com habilitações em Português-Inglês e Português-Francês, ambos apresentam a mesma descrição para o perfil do profissional egresso. Rangel (2023), afirma em sua pesquisa, que essa uniformidade está relacionada ao fato de que, historicamente, desde a federalização da UFSM, em 1965, a formação em Letras Licenciatura na instituição tem se estruturado sobre uma base curricular comum, especialmente no que se refere aos conteúdos programáticos desenvolvidos nos primeiros semestres. As particularidades de cada habilitação passam a ser contempladas apenas na segunda metade do curso, como é possível observar nos quadros 01, 02 e 03,

em que são apresentadas as grades curriculares dos cursos de Português, Português-Inglês e Português-Francês referentes ao ano de 1986. Observemos:

Quadro 1: Currículo do Curso de Letras Hab.: Português – Literaturas da Língua Portuguesa 1986 – UFSM

Currículo do Curso de Letras Hab.: Português – Literaturas da Língua Portuguesa	
1º Semestre CEF 100 – Educação Física EPS 101 – Estudo de Problemas Brasileiros A LTC 104 – Linguística I LCT 201 – Literatura Latina I LTE 120 – Conteúdos Básicos de Língua Inglesa LTE 121 – Alemão I LTE 123 – Espanhol I LTE 125 – Francês I LTE 127 – Inglês I LTE 129 – Estratégias de Leitura em Língua Estrangeira LTV 109 – Português I	2º Semestre CEF 100 – Educação Física LTC 105 – Linguística II LTC 107 – Latim I LTC 207 – Técnicas de Pesquisa em Letras LTE 122 – Alemão II LTE 124 – Espanhol II LTE 126 – Francês II LTE 128 – Inglês II LTV 110 – Português II LTV 111 – Teoria da Literatura I – A

Fonte: Adaptado de Rangel (2023).

Quadro 2: Currículo do Curso de Letras Hab.: Português – Francês com Respectivas Literaturas 1986 – UFSM

Currículo do Curso de Letras Hab.: Português – Francês com Respectivas Literaturas	
1º Semestre CEF 100 – Educação Física EPS 101 – Estudos de Problemas Brasileiros A LTC 104 – Linguística I LCT 201 – Literatura Latina I LTE 120 – Conteúdos Básicos de Língua Inglesa LTE 121 – Alemão I LTE 123 – Espanhol I LTE 125 – Francês I LTE 127 – Inglês I LTE 129 – Estratégias de Leitura em Língua Estrangeira LTV 109 – Português I	2º Semestre CEF 100 – Educação Física EPS 102 – Estudos de Problemas Brasileiros B LTC 105 – Linguística II LTC 107 – Latim I LTC 207 – Técnicas de Pesquisa em Letras LTE 122 – Alemão LTE 124 – Espanhol II LTE 126 – Francês II LTE 128 – Inglês II LTV 110 – Português II LTV 111 – Teoria da Literatura I – A

Fonte: Adaptado de Rangel (2023).

Quadro 3: Currículo do Curso de Letras Hab.: Português – Inglês com Respectivas Literaturas 1986 – UFSM

Currículo do Curso de Letras Hab.: Português – Inglês com Respectivas Literaturas	
1º Semestre	2º Semestre
CEF 100 – Educação Física	CEF 100 – Educação Física
EPS 101 – Estudo de Problemas	EPS 101 – Estudo de Problemas
Brasileiros A LTC 104 – Linguística I	Brasileiros B LTC 105 – Linguística II
LCT 201 – Literatura Latina I	LTC 107 – Latim I
LTE 120 – Conteúdos Básicos de Língua	LTC 207 – Técnicas de Pesquisa em
Inglesa LTE 121 – Alemão I	Letras LTE 122 – Alemão
LTE 123 – Espanhol I	LTE 124 – Espanhol II
LTE 125 – Francês I	LTE 126 – Francês II
LTE 127 – Inglês I	LTE 128 – Inglês II
LTE 129 – Estratégias de Leitura em	LTV 110 – Português II
Língua Estrangeira	LTV 111 – Teoria da Literatura I – A
LTV 109 – Português I	

Fonte: Adaptado de Rangel (2023).

A análise das grades curriculares possibilitou a interpretação de que os cursos mantinham uma estrutura comum até o quarto semestre. A partir do quinto semestre, observa-se que os cursos de Letras com habilitação em Português-Inglês e Português-Francês incluíam disciplinas compartilhadas com o curso de Letras Português, como “Português V”, “Didática do Português e Literatura Brasileira e Portuguesa”. No entanto, o curso de Letras com habilitação apenas em Português não contemplava disciplinas específicas das outras habilitações, como “Linguística Aplicada ao Francês ou ao Inglês”. Essa diferenciação curricular, perceptível a partir da segunda metade do curso, nos leva a compreender a existência de dois manuais de orientação distintos para os cursos de Letras da UFSM. Dessa forma,

Entendemos ser importante destacar este fato, pois ao nos propormos analisar o perfil do profissional em Letras da UFSM nos anos 1980, inicialmente nos causou estranheza termos um mesmo perfil almejado para as três habilitações. Entretanto, foi fundamental para o desenvolvimento de nosso trabalho compreendermos que estamos tratando, neste momento, de um Curso (o Curso de Letras Licenciaturas) com diferentes habilitações, mas com uma base comum (RANGEL, 2023, p. 12).

Quadro 4: Definição da Profissão – Currículo do
Curso de Letras 1986 – UFSM

1 Definição da Profissão
Licenciado em Letras é o profissional que pode ministrar aulas de línguas e/ou literaturas em escolas públicas ou particulares de 1º, 2º ou 3º graus.

Fonte: Rangel (2023).

Quadro 5: Descrição dos Requisitos Psicofísicos – Currículo do
Curso de Letras 1986 – UFSM

2 Descrição dos Requisitos Psicofísicos
O licenciado em Letras deve possuir 1. boa audição e dicção; 2. interesse por leituras e por redação; 3. raciocínio coerente, capacidade de sistematização, fluência verbal e uso correto da língua; 4. tendência para a pesquisa da linguagem verbal e escrita; 5. conhecimento profundo dos idiomas que irá lecionar, e das modernas técnicas de trabalho da profissão que se dedica; 6. memória, desembaraço e liderança; 7. senso estético, imaginação e criatividade; 8. interesse por atividades humanas e sociais junto a crianças, adolescentes e adultos.

Fonte: Rangel (2023).

Quadro 6: Atribuições Profissionais – Currículo do
Curso de Letras 1986 – UFSM

3 Atribuições Profissionais
O licenciado em Letras está apto a: 1. ministrar aulas de línguas e literatura em escolas de 1º e 2º graus; 2. contribuir para o desenvolvimento intelectual, psíquico, físico e emocional do educando; 3. atuar junto a uma ampla faixa etária; 4. selecionar técnicas de trabalho individual e em grupo, adequadamente; 5. utilizar recursos audiovisuais e tecnológicos motivadores e instrutivos; 6. transmitir conteúdo específico de sua disciplina ou área de estudos, em um nível de profundidade acessível aos alunos; 7. avaliar o grau de rendimento da aprendizagem; 8. participar de reuniões de planejamento e avaliação das atividades escolares, visando a ajustar seu trabalho ao dos demais professores e ao trabalho global da escola, em função dos objetivos propostos; 9. cooperar com os responsáveis por Associações de Pais e Mestres, procurando atrair e incentivar a participação da família no processo educativo; 10. auxiliar os organizadores de comemorações cívicas, na preparação de trabalhos alusivos às mesmas; 11. investigar e utilizar a linguagem e a literatura, sejam elas nacional ou estrangeiras.

Fonte: Rangel (2023).

Rangel (2023) observou que, conforme apresentado nos quadros acima, a seção intitulada “Perfil do Profissional Professor de Letras” está organizada em tópicos que visam delinear as características do egresso desejado à época. Essa seção contempla, entre outros aspectos, a definição da profissão, a descrição dos requisitos psicofísicos e as atribuições profissionais, compondo um conjunto que contribui para formar o perfil do docente formado nos cursos de Letras da UFSM naquele período.

É possível notar ainda que a concepção de professor de línguas nos currículos analisados não distinguia, em termos de função, o licenciado em Língua Portuguesa daquele formado em Língua Estrangeira (Francês ou In-

glês). Em ambos os casos, os egressos eram considerados aptos para atuar no ensino de línguas, indicando uma visão unificada da prática docente nesse campo. Um elemento específico desta seção diz respeito à “Descrição dos Requisitos Psicofísicos”, que compreende critérios voltados à avaliação da aptidão física e psicológica dos futuros docentes. Tais critérios buscavam assegurar que os profissionais possuísem as condições necessárias – como saúde mental e física, capacidades sensoriais e habilidades cognitivas – para exercer suas funções de forma segura, eficiente e adequada ao ambiente educacional.

A seção intitulada “Atribuições Profissionais” detalha as competências e as habilidades que se esperam de um licenciado em Letras. Trata-se de uma parte do currículo dedicada a explicitar as funções que esse profissional está apto a exercer a partir da formação recebida. Nessa descrição, delineiam-se as responsabilidades e os campos de atuação possíveis, trazendo a concepção de docência e de profissional de Letras sustentada pela instituição naquele período.

Na esteira de Scherer (2008, p. 133), quando esta afirma que “Produzir ciência é produzir conhecimento em uma certa ordem, em uma certa época, em certas condições de produção” entendemos que podemos parafrasear a autora afirmando que “normatizar o que deve e pode ser incluído em um documento que pauta um Curso de Graduação (Currículos, PPCs, etc.) é produzir um documento em uma certa ordem, uma certa época e em certas condições de produção. Por isso, que entendemos ser necessário, para o desenvolvimento deste trabalho, buscamos conhecer as leis e diretrizes sobre educação vigentes nos anos 80, com o intuito de colaborar com nossa compreensão sobre o perfil que era desejado para o professor de Letras (RANGEL, 2023, p. 15).

Ou seja, tais documentos não são neutros; eles são atravessados por disputas e silenciamentos que apresentam como era concebida a formação docente e o lugar do ensino de línguas da época. Dessa forma, ao olharmos para a década de 1980, é fundamental compreendermos as leis e diretrizes educacionais que estavam funcionando nesse período, pois elas compõem as condições de produção dos discursos sobre o perfil do profissional de Letras.

Um gesto de interpretação: o ensino de língua

Rangel (2023) analisou como os saberes linguísticos foram mobilizados na organização curricular dos cursos de Letras da UFSM, e destacou que, mesmo que a Linguística tenha sido introduzida no Brasil na década

de 1960, os efeitos só começaram a aparecer nos anos 1980. De acordo com a autora, esse movimento se torna mais intenso diante da percepção de um enfraquecimento educacional, que exigia respostas aos desafios enfrentados nas escolas.

No que se relaciona aos Cursos de Letras da UFSM, nos currículos de 1986, o componente curricular de Língua Portuguesa atravessava todas as habilitações, seja em articulação com o ensino de Francês, seja em articulação com o Inglês. Antes do Parecer nº 283, de 19 de outubro de 1962, os Cursos de Letras eram organizados em habilitações extensas, o que acabava por defasagens no processo de aprendizagem. A partir disso, começou a ser priorizada a formação em Língua Portuguesa e uma única língua estrangeira, buscando trazer uma maior objetividade na trajetória de formação dos futuros professores.

É essencial destacar que o momento de reorganização curricular se deu em meio a uma transição política no Brasil, em que o país saía de um regime militar e avançava para um processo de redemocratização. Após a promulgação da Constituição de 1988, foram consolidadas as bases legais para a consolidação da nova Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aprovada em 1996, por meio da Lei nº 9.394. Com essa legislação foram redefinidos os princípios fundamentais da educação e foram instituídas mudanças fundamentais nos currículos e nas políticas de formação docente.

Dessa forma, a pesquisa realizada por Rangel (2023) indica que a formação de professores de línguas, em 1986, encontrava-se inserida em um momento de transição política, em que o Brasil saía de um período de ditadura indo em direção a uma democratização do ensino, abrindo caminhos para as décadas que viriam depois.

Considerações finais

A relevância do projeto “História do Conhecimento Linguístico”, especialmente no que tange à digitalização de documentos e à criação do arquivo documental dos Cursos de Letras da UFSM, reside na possibilidade de preservar e de tornar acessível a memória e o arquivo, o que ao nosso ver é fundamental para a compreensão da formação docente e do desenvolvimento sobre a produção e circulação do conhecimento linguístico.

Destacamos que esse arquivo digitalizado não apenas facilita o acesso a documentos oficiais históricos, mas também oferece a materialidade para análises críticas e interpretativas, permitindo que pesquisadores investiguem as condições sócio-históricas que moldaram os discursos e as práticas educacionais ao longo do tempo. Dessa forma, o projeto contribui para a constituição de uma memória institucional e para o aprofundamento dos estudos sobre a história da linguística e da educação no Brasil.

A integração entre a AD e a HIL, adotada no projeto, reforça a importância do arquivo como um espaço de produção e disputa de sentidos, em que os documentos oficiais são compreendidos não só como registros estáticos, mas também como textos atravessados por contextos políticos, sociais e ideológicos. Enquanto a digitalização e organização sistemática desses documentos possibilitam uma leitura crítica e interpretativa, que considera as múltiplas possibilidades de sentidos e as condições de produção dos discursos que formam o perfil do professor formado nos cursos de Letras da UFSM na década de 1980. Assim, o arquivo não é apenas um repositório, e sim um dispositivo analítico que sustenta a construção de conhecimento assim como a reflexão sobre a linguagem e a política na formação docente.

Por fim, o projeto promove a socialização do conhecimento produzido por meio da participação em eventos acadêmicos e da colaboração entre estudantes e pesquisadores, fortalecendo o campo da linguística e da formação em Letras. Além disso, a digitalização e o acesso facilitado aos documentos históricos ampliam as possibilidades de investigação e fomentam novas pesquisas, garantindo que a história do conhecimento linguístico seja continuamente revisitada e atualizada. Dessa maneira, o projeto não só recupera e preserva um patrimônio documental essencial, como também estimula o diálogo entre passado e presente, contribuindo para a construção de uma formação docente mais consciente e crítica

Referências

BRASIL. [Lei nº 4.024 (1961)]. *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 27 dez. 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-3537-22-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 15 out. 2023.

BRASIL. [Lei nº 5.692 (1971)]. *Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 ago. 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 15 out. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília: Presidência da República, [2020].1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 15 out. 2023.

BRASIL. [Lei nº 9.394 (1996)]. *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 15 out. 2023.

BRAUDEL, Fernand. *Gramática das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARTINS, Taís da Silva. *Efeitos de sentido na disciplinarização de uma teoria*, Santa Maria, RS, 2012.

ORLANDI, Eni Lourdes Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Traduzido por Eni P. Orlandi et al. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009. (Edição original, 1975).

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso:atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 163-252.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje [1982]. In: ORLANDI, E. (org.). et al. *Gestos de leitura: da história no discurso*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. p. 55-66.

RANGEL, Ysadora Pereira. *O perfil do docente formado nos cursos de letras da Universidade Federal de Santa Maria nos anos 1980*. Universidade Federal de Santa Maria, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/31146/TCC_VF_Ysadora%20Pereira%20Rangel.pdf?sequence=1. Acesso em: 08 out. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. *Currículo do Curso de Letras: hab.: Português – com Respectivas Literaturas da Língua Portuguesa – Manual de Orientação*. Santa Maria, RS: UFSM – Universidade Federal de Santa Maria, 1986.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. *Currículo do Curso de Letras: hab.: Português – Francês com Respectivas Literaturas Português – Inglês com Respectivas Literaturas – Manual de Orientação*. Santa Maria, RS: UFSM, 1986.

Ensino de Literatura: práticas de letramento literário

*Andrea do Roccio
Gabriel Dall’Agnol
Paloma Stein*

1 O Grupo: PraLeLit

O Grupo de Estudos sobre Práticas de Letramento Literário (ou carinhosamente apenas PraLeLit), pretende contribuir para a formação de leitores na região de Santa Maria por meio das práticas de letramento literário, na medida em que visa à elaboração, ao desenvolvimento e à dinamização de atividades envolvendo formação de leitores e produção de leitura a partir de textos literários. As sequências didáticas e práticas propostas podem ser realizadas tanto em situações formais como não formais de ensino: turmas regulares da Educação Básica, oficinas de formação docente, oficinas de produção de material didático e jogos literários, grupos de leitura... Em outras palavras, o projeto busca abranger os acadêmicos das Letras, mas não só, bem como os profissionais da área já em atuação e os alunos desses profissionais, além da comunidade leitora santa-mariense em sua generalidade.

As origens do PraLeLit remontam às orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) dos Cursos de Letras da UFSM – seja na modalidade presencial, seja na modalidade a distância –, à atividade de professora parceira nas orientações de propostas envolvendo a Literatura junto à Residência Pedagógica, no ano de 2015, e ao cotidiano em sala de aula. Não havia um grupo formado e registrado nessa época ainda, mas as experiências realizadas nesse período eram já uma inquietação oriunda da atuação no curso de licenciatura em Letras, no sentido de discutir, junto aos estudantes, a necessidade de que as aulas de Literatura na Educação

Básica partissem efetivamente do texto literário. Aliado a isso, geralmente a discussão elencava outro questionamento, mais abrangente: como contribuir de fato para a formação de leitores, tanto no âmbito escolar/acadêmico como fora dele?

Nessa esteira, nos variados currículos e nas mais diferentes disciplinas ministradas – Fundamentos de Literatura Portuguesa, Literatura Portuguesa: Lírica, Núcleo de Estudos de Literatura, Produção e Análise de Material Didático em Literatura, Estudos Pessoanos, Introdução aos Estudos Literários: Lírica, Literatura Brasileira Lírica, entre outras –, recorrentemente os alunos levantavam questões envolvendo o ensino de Literatura. No mais das vezes, a preocupação girava em torno da escolha do elemento que devia prevalecer nas aulas de Literatura: o foco deveria estar no texto literário, nas particularidades do autor ou no estilo de época?

Invariavelmente, as respostas para tais indagações precisavam ser elaboradas ao longo do semestre em conjunto com os acadêmicos e não raramente resultavam em roteiros de atividades ou sequências didáticas que tinham por intuito o desenvolver práticas de letramento literário e por objetivo realmente contribuir para a formação do leitor. Diante disso e do crescente interesse de alguns alunos acerca do tema, no ano de 2018, em parceria com o PET/Letras, várias palestras e oficinas sobre Letramento Literário foram proporcionadas, contando inclusive com a participação de professores de outras IES cuja prática se afinava aos nossos anseios. E, desde então, o PraLeLit segue atuando por meio do estudo crítico-teórico pertinente e da criação, dinamização e validação de sequências didáticas. Somos, portanto, um grupo de estudos sobre o ensino de Literatura, que atua nas frentes da pesquisa, do ensino e da extensão.

Resumindo, o PraLeLit busca ser um facilitador no processo de formação de leitores via práticas de letramento literário. Conhecer, compreender e questionar o lugar que a leitura literária tem ocupado na escola e fora dela motiva nosso desejo de ampliá-la para além da sala de aula e dos âmbitos informais de ensino. A escola tem muito a ganhar com as práticas de letramento literário – e não só ela, mas a sociedade como um todo.

2 A ideia: letramento literário

De acordo com Graça Paulino e Rildo Cosson, o letramento literário se constitui como o processo de apropriação da Literatura enquanto linguagem. Está ligado à educação básica, na medida em que a Literatura foi escolarizada, isto é, passou-se a ensiná-la na escola – e, especialmente, quando se criou a disciplina que se ocupa dela. Nessa perspectiva, desenvolver a competência literária é compreender a Literatura como prática social. Mas não é na sala de aula que esse processo de apropriação começa; nem é aí que ele termina. Isso porque o texto literário integra (ou deveria integrar) nosso cotidiano; deveria estar presente em nossas vidas desde que nascemos e seguir conosco até o momento derradeiro.

Assim, a escola pode auxiliar o aluno nesse processo, possibilitando-lhe perceber o lugar da Literatura em sua jornada cotidiana, para além da fase escolar. No verbete *Letramento Literário* do Glossário Ceale¹, Cosson esclarece que, para efetivar o letramento literário, quatro aspectos são indispensáveis: [1] o contato direto do leitor com a obra, [2] a construção de uma comunidade de leitores (compartilhamento de leituras), [3] a ampliação do repertório literário (incluindo a diversidade de manifestações culturais, dado que a literatura está presente em variados suportes e meios, não apenas nos textos escritos) e [4] atividades sistematizadas e contínuas que desenvolvam a competência literária (formação do leitor, papel que a escola tomou para si).

Em *Letramento literário: teoria e prática*, cuja primeira edição data de 2006, Cosson propõe uma metodologia que pode ser desenvolvida por meio de uma sequência básica ou de uma sequência expandida, cujas etapas comuns são motivação, introdução, leitura e interpretação, como ilustra o quadro comparativo a seguir:

¹ Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>. Acesso em: 12 maio 2025.

Sequência Básica		Sequência Expandida	
Motivação	Motivação		
Introdução	Introdução		
Leitura	Leitura	Extraclasse	
		Leituras de intervalo (temática relacionada)	
Interpretação	1ª Interpretação (apreensão global)		
	Contextualização	Teórica	Diretamente ligadas, funcionam como se fossem uma única atividade, isto é, as etapas devem ser integradas
		Histórica	
		Estilística	
		Poética	
		Crítica	
		Presentificadora	
		Temática	
		Etc	
	2ª Interpretação (leitura aprofundada de um dos aspectos da contextualização – ex.: tema, personagem, traço estilístico, questões históricas ou contemporâneas...)		
-	Expansão (relações extra e intertextuais)		

Quadro baseado em: COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

Importa destacar que sendo a formação do leitor, de acordo com a BNCC, um objetivo primordial da educação básica, o PraLeLit acrescenta às sequências didáticas elaboradas a etapa da produção, que pode ser oral, escrita, gráfica, visual. A seguir, apresentamos uma sequência didática básica elaborada para trabalhar o conto “Continuidade dos Parques”, de Julio Cortázar, a ser dinamizada com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental ou com alunos do Ensino Médio.

3 As Práticas de Letramento Literário: um exemplo

As Práticas de Letramento Literário desenvolvem-se a partir de sequências didáticas discutidas, elaboradas, validadas e revisadas/ajustadas coletivamente, ao longo dos encontros quinzenais. A seguir, apresentamos uma proposta envolvendo o conto “Continuidade dos Parques”, contido no livro **Final do jogo**, de Julio Cortázar, publicado originalmente em 1956. A sequência didática básica contém as quatro etapas previstas por Cosson (2016), Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação, seguidas de uma etapa que denominamos Produção (o momento que o autor refere como registro), em que o aluno sintetiza os saberes mobilizados e reforça-se a sua contribuição para o fortalecimento da comunidade de leitores. Ao exemplo (que é apenas uma possibilidade de abordagem), portanto!

Motivação

Para despertar o interesse da turma sobre o autor e o texto a ser lido, propor uma dinâmica com a canção “Escravos de Jó”, em que 5 caixas serão passadas, mas uma de cada vez. Ao fim da música, quem tiver a caixa 1, a abre e lê o seu conteúdo, e assim sucessivamente, pela ordem, até a última caixa. As caixas contêm informações que, gradativamente, vão ampliando o conhecimento sobre Júlio Cortázar e sua obra. Na medida em que elas vão sendo abertas, solicitar aos alunos que leiam e comentem sobre o seu conteúdo.

Conteúdo da Caixa 1

Olá, em breve você me conhecerá e saberá meu nome! Mas, por enquanto, vou ocultar essa informação. Sou um escritor franco-argentino e a dupla nacionalidade contribuiu para a minha escrita... Fui professor, tradutor e escritor. Sabe, a prosa e o teatro me acompanharam por muito tempo. Fiquei conhecido, no entanto, pela escrita de narrativas. E os meus **contos** têm sido muito lidos e apreciados.

Conteúdo da Caixa 2

Você sabe o que é um conto? Além de ter como característica a curta extensão, geralmente apresenta um final inesperado. Os meus contos são assim, mas trazem algo mais: um quê de fantástico, absurdo, assombroso, talvez... Bem, isso tudo aparece no conto que você vai ler hoje e que está no meu livro *Final do jogo*.

Conteúdo da Caixa 3

Vou contar a você algo interessante: minha marca registrada é o insólito. Sabe, os críticos dizem que minhas narrativas têm uma característica particular, o Realismo Mágico. Pense sobre isso... O que esse nome sugere? Coisas estranhas? Acontecimentos mirabolantes? Ficou curioso, meu amigo, eu sei... Então, embarque no conto e pague para ver! Garanto que a viagem será alucinadamente fantástica!

Conteúdo da Caixa 4

Escrevi um texto muito interessante, vou contar a vocês! Nele, eu convindo o leitor (que eu chamo de “meu cúmplice”) para jogar. Na minha língua materna, o nome desse romance é *Rayuela*. No Brasil, o título foi traduzido como *O jogo da amarelinha*. E olhe só, você não precisa ler o livro na sequência, do início ao fim. É, você pode pular capítulos, mudar a ordem, começar pelo céu ou pelo inferno... Sim, dependendo de como você lê, a história pode ser diferente a cada “jogada”. E aí, topa ser um leitor cúmplice? Desafio lançado!

Conteúdo da Caixa 5



Finalmente chegamos até aqui. Agora que você já sabe alguma coisa a meu respeito, meu nome revelarei. Enfim... Ah ahahah! Sou o terror do leitor certinho... Desafio a lógica...
Meu nome é Julio Cortázar, muito prazer! Que tal um passeio pela “Continuidade dos parques”? Vem comigo!

Introdução

Para apresentar o autor franco argentino², projetar o vídeo disponível na plataforma YouTube com a reportagem da TV Brasil sobre o centenário de nascimento do autor: *Argentina celebra o centenário de Júlio Cortázar, um dos grandes escritores do país*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AcdIQzwyffE>.

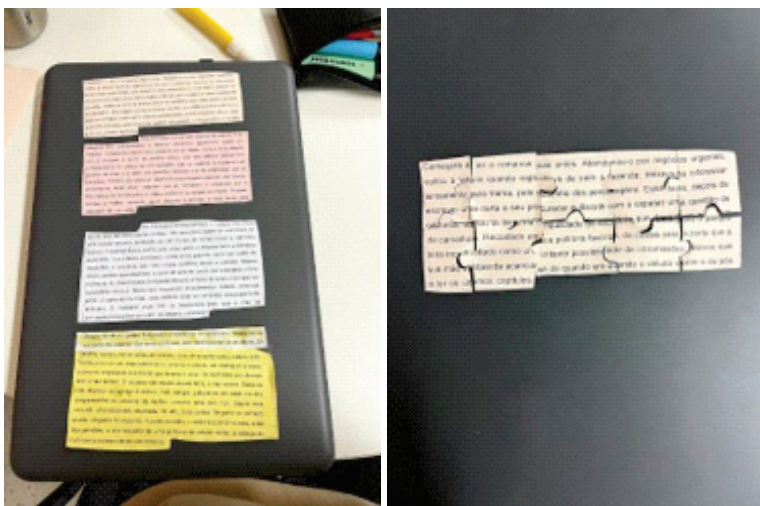
Após, numa roda de conversa, relacionar a dinâmica das caixas com o vídeo, delineando uma noção sobre o autor e sua produção, e encaminhar a etapa da leitura. É interessante, aqui, levantar hipóteses sobre o tipo de texto com que os leitores terão contato, a partir das pistas da dinâmica.

² Para saber mais sobre o autor, sugerimos que você leia seus textos, obviamente! Mas também indicamos estes dois vídeos, que contemplam a curiosidade inicial: METEORO Brasil. Julio Cortázar: um gênio, um duelo e um apelo e BONS livros para ler. A fascinação das palavras – Julio Cortázar.

Leitura

Para a atividade de leitura, propomos que os alunos montem um quebra-cabeça literário cujas peças formarão o conto “Continuidade dos parques”. Para isso, apresentamos um passo-a-passo:

- [a] Dividir a turma em 4 grupos e entregar-lhes um conjunto de peças que formarão parte do quebra-cabeça do conto. Para isso, cada conjunto deve ser impresso em cor diferente, sendo cada cor correspondente a um número, o qual indica a ordem do trecho na montagem do conto (observe-se a imagem abaixo). É importante deixar que eles descubram isso no passo [c].



Trecho 1 De Tinha começado a os últimos capítulos

Trecho 2 De Sua memória a açoitado de um galho

Trecho 3 De Admiravelmente estancava a Começava a anoitecer

Trecho 4 De Já sem olhar a lendo um romance

- [b] Após a montagem do seu conjunto de peças, cada grupo realiza a leitura em voz alta do seu trecho para a turma.

- [c] O professor pergunta se têm uma ideia sobre qual deve ser a ordem dos trechos. Esperamos que refiram a numeração do verso das peças, já que cada cor tem um número correspondente à sua

ordem. Estendido um pedaço de papel pardo, os grupos são convidados a montar o quebra-cabeça do conto, colando as peças.

[d] Montado o quebra-cabeça (texto completo), cada grupo recebe um envelope contendo o nome de uma categoria narrativa para, a partir dela, dinamizar a compreensão textual no passo [g]. Sugerimos que a categoria narrador fique a cargo do professor e sejam distribuídas nos envelopes as demais: personagem, enredo, tempo e espaço.

[e] O professor faz a mediação de leitura.

[f] Feita a leitura, propõe “rodadas” de comentários sobre o conto, a partir das questões do envelope, seguindo a ordem dos trechos colados no papel pardo.

[g] Cada grupo, seguindo a ordenação dos trechos, vai lendo suas questões e comentando suas impressões.

[h] Ao final, em uma grande roda de conversa, o professor convida os alunos a compartilharem sua experiência de leitura de “Continuidade dos parques”, de Julio Cortázar, e suas impressões sobre o conto.

Interpretação

A atividade de interpretação busca mobilizar o repertório de leitura dos alunos e seus conhecimentos literários pré-existentes aos adquiridos nas etapas 1, 2 e 3 da Sequência Básica, Motivação, Introdução e Leitura. Note-se que ao propor a roda de conversa final e convidar os alunos a compartilharem sua experiência da leitura, em que se mobilizam saberes prévios e os então adquiridos, o professor propicia a construção de uma comunidade de leitores, ponto básico para que se processe o letramento literário. Nessa etapa, a discussão do texto a partir das categorias narrativas busca evocar a ideia de **simultaneidade** que perpassa o conto e como isso contribui para que se efetivem os aspectos e características elencados nas “caixas” da Motivação.

Como finalização da etapa de Interpretação, o professor solicita que três estudantes (voluntários) encenem “Continuidade dos Parques”, na medida em que ele lê novamente o conto enquanto os alunos atuam, de modo simultâneo. Na sequência, outra roda de conversa, relacionando as

etapas da sequência à dramatização, pedindo que a turma se manifeste. Ainda, para fechar essa etapa, vale discutir com a turma a perspectiva do jogo literário abordada por Cortázar em suas obras. Nesse momento, é possível fazer referência à narrativa *O jogo da amarelinha*, trazendo mais detalhes. Também se pode discutir outras obras de Cortázar, em que a Literatura conversa com outras linguagens artísticas, como o conto “Instruções a John Howell” e sua relação com o teatro, e o conto “As babas do Diabo” e sua relação com a fotografia. A partir disso, cabe enfocar o aspecto metaficcional presente em “Continuidade dos Parques” e convidá-los a refletir sobre como a noção de que “Um conto tem que dar conta” (embora curto, o conto é uma narrativa completa) é percebida na obra.

Produção (ou registro)

A etapa a que chamamos Produção corresponde a proposta(s) de atividade(s) de registro das informações e saberes mobilizados na etapa da Interpretação. Objetiva desenvolver o senso crítico literário nos alunos por meio do compartilhamento das experiências de leitura; demonstrar aos discentes possíveis relações entre a Literatura e as outras artes, como o teatro e a fotografia; aprimorar os conhecimentos de análise literária; promover a leitura e a escrita.

Como registro da Interpretação, propomos algumas atividades a seguir:

- [a] Escrita de bilhetes, como se os alunos estivessem orquestrando a situação final da história do conto (a mulher e o amante), podendo ser realizada em grupos ou individualmente. Nesse sentido, os alunos podem se reunir em grupos e imaginar uma situação como a final do conto – cometer um assassinato – e que bilhetes eles escreveriam, bem como para quem, com a finalidade de orquestrar o crime.
- [b] Elaboração de um esquema do plano de crime, levando em conta ações, tempo e espaço descritos no conto.
- [c] Produção de manchetes/reportagens que saíram nas mídias relatando o crime, variando o tipo de veículo e suporte (jornal, revista, tevê, podcast, Instagram, Facebook, Wikipedia...).

[d] Em vez de escrever o que teria acontecido antes ou depois do crime, os alunos também poderiam se colocar na história, a partir do seguinte comando:

Reescreva o conto como se você fosse o leitor. Como são os cenários da sua casa? O livro que você lê é físico ou é digital? Como e onde você está sentado enquanto lê? O que você lê? Quais são suas impressões de leitura? O que o personagem do livro que você lê vem fazer em sua casa?

Considerações finais

Os estudos e ações do PraLeLit são, como dissemos, oriundos de inquietações e questionamentos recorrentes quanto à formação de leitores e ao ensino de Literatura. Dentre as principais questões que nos moveram desde o princípio, as indagações abaixo seguem pedindo um exame mais detido:

- se o foco dos estudos literários na escola básica deve ser no texto, por que se tem priorizado o estilo de época atrelado à biografia do autor para demonstrar uma espécie de “cartilha” ou aparato histórico-literário?
- Por que se parte do contexto histórico-literário para “explicá-lo” por intermédio do texto?
- De que modo as aulas de Literatura podem realmente se tornar significativas para os estudantes da educação básica?
- Como contribuir para a formação de leitores no cotidiano escolar – e para além dele?

Essas perguntas não tinham respostas imediatas. Continuam não tendo. As possíveis alternativas para respondê-las exigem estudo, reflexão, experimentos didático-metodológicos, intervenções. E sua elaboração também continua sendo fruto do estudo e do trabalho colaborativo. Nessa perspectiva, o PraLeLit, tal como os leitores, vai se construindo a cada nova possibilidade de leitura, e a cada leitura compartilhada.

Referências

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad.: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BONS livros para ler. A fascinação das palavras – Julio Cortázar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fxdhU9mfCJ8>. Acesso em: 19 jul. 2025.
- BRASIL. *Ministério da Educação*. Base Nacional Comum Curricular [BNCC]. Brasília, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 18 maio 2025.
- CORTÁZAR, Julio. “Continuidade dos parques”. In: CORTÁZAR, Julio. *Final do jogo*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971.
- COSSON, Rildo. *Como criar círculos de leitura na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2024.
- COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2023.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2016.
- COSSON, Rildo. *Paradigmas do ensino de literatura*. São Paulo: Contexto, 2020.
- LETRAMENTO literário. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>. Acesso em: 12 maio 2025.
- METEORO Brasil. *Julio Cortázar: um gênio, um duelo e um apelo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W3md386nuu0>. Acesso em: 12 jul. 2025.



Apoio:

